

CURSO PRATICO
DE
PEDAGOGIA.

Luís
CURSO PRÁTICO

DE

PEDAGOGIA

DESTINADO

aos alumnos das Escolas normaes primarias, Aspirantes ao Magisterio, e aos Professores em exercicio

PELO SR. DALIGUALT,

DIRECTOR DA ESCOLA NORMAL PRIMARIA D'ALENÇON.

TRADUZIDO DO FRANCEZ

POR FRANC DE PAULISCEÁ MARQUES DE CARVALHO, APPROVADO PELA IMPERIAL ESCOLA MILITAR EM MATHEMATICAS ELEMENTARES, GEOGRAPHIA, & MEMBRO HONORARIO E CORRESPONDENTE DE ALGUMAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS, MAJOR AJUDANTE DE ORDENS DO COMMANDO SUPERIOR DA GUARDA NACIONAL, DEPUTADO A' ASSEMBLÊA LEGISLATIVA DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA, CHEFE DA 1.ª SECÇÃO DA DIRECTORIA GERAL DA FAZENDA PROVINCIAL, 1.º SUBSTITUO DO DIRECTOR GERAL, INSPECTOR DA INSTRUÇÃO DO DISTRICTO DA CAPITAL, MEMBRO DO CONSELHO DIRECTOR DA INTRUÇÃO DA MESMA PROVINCIA, SUBSTITUTO ORDINARIO DO INSPECTOR GERAL & . . .

SANTA CATHARINA.

Typographia de Ribeiro & Caminha.

1870.

Empréstimo Proibido

CERC

373.3

C977

Biblioteca Central - UFSC

140.299

Data 14 12 184

Ao Illm. e Exm. Snr.

**Doutor Manoel do Nascimento da
Fonseca Galvão,**

DIGNISSIMO DEPUTADO Á ASSEMBLÉA GERAL LE-
GISLATIVA PELA PROVINCIA DE SANTA CATHARI-
NA, VICE PRESIDENTE DA MESMA PROVINCIA,
DEPUTADO ELEITO Á RESPECTIVA ASSEMBLÉA
LEGISLATIVA, JUIZ DE DIREITO NOMEADO PARA
A COMARCA DE LAGES, &, &, &.

O. D. C.

a presente traducção em testemunho de mais
profundo respeito, veneração, estima, consi-
deração e reconhecimento eterno

seu humilde apreciador e grato servo

O traductor Franc de Paulicéa M. de Carvalho

Director Geral interino da Fazenda Provincial.

Desterro, 2 de Dezembro de 1869.,

ACTO DE 18 DE DEZEMBRO DE 1869, renovando como credito supplementar ao § 6.º do art. 3.º da lei n. 627 de 11 de Junho ultimo, o credito especial de 700\$000 réis para impressão do curso pratico de pedagogia escripto por Daligault.

PROVINCIA DE SANTA CATHARINA.

Palacio do governo, 18 de Dezembro de 1869

O Vice presidente da provincia, para o fim de tornar proficua a reforma ultimamente feita na Instrucção Publica, reconhecendo sêr da maior urgencia e necessidade se imprimir e distribuir sem demora pelas Escolas Publicas da provincia o *Curso pratico de pedagogia* escripto em francez por Daligault, e traduzido pelo cidadão Franc de Pauliscéa Marques de Carvalhos em lingua vernacula: resolve renovar, como credito supplementar ao § 6.º do art. 3.º da lei n. 627 de 11 de Junho ultimo, o credito especial de 700\$ réis, que para a impressão da dita traducção foi votado na 6.ª verba do § 4.º do art. 2.º da lei n. 424 de 15 de Maio de 1856; e ordena que com a dita quantia seja paga a assignatura de 400 exemplares, que, pela metade do preço estipulado de 3\$500 réis cada um offereceu o traductor, sob condição de ser este pagamento adiantado na occasião da assignatura.

Manoel do Nascimento da Fonseca Galvão.

Conforme.

João Cesario dos Santos

Secretario do governo.

PREFACIO DA 2.^a EDICÇÃO.

Pouco differa da precedente a nova edição, que hoje publicamos.

Será isto porque estejamos inteiramente satisfeito com o nosso primeiro trabalho? Não nos falta o bom discernimento até o ponto de assim pensarmos. Reconhecemos aliás, que muitos logares do nosso *Curso* poderião ser vantajosamente modificados. Esperavamos, para começarmos esse melhoramento, obtermos um certo numero de observações, mas a primeira edição ficou exgotada antes que tivéssemos podido reunir os elementos de uma correccção rigorosa. Quasi a totalidade de nossos collegas, e dos Srs. Inspectores primarios, a quem havemos consultado, simplesmente nos tem respondido, que, depois de haver lido nosso livro, o tinham immediatamente passado aos seus discipulos, ou havião feito toda a diligencia por divulgar-o e derramá-lo pelos Professores confiados á sua inspecção. Desde então tivemos receio, de que aos olhos des es illustres funcionarios, parecessem deploraveis mudanças quaesquer addições ou suppressões feitas com o fim de o aperfeioar. Deviamos mesmo obrar a respeito com a maior circumspecção, porque o *Curso Pratico de Pedagogia* ou do ensino primario—eficazmente recommendado pelo Conselho Academico do Orne, tinha igualmente recebido

a honrosa approvação de muitos outros altos funcionarios da Instrução Publica. (1)

O motivo porém, que sobre tudo nos determinou a fazer apparecer esta segunda edicção, sem correcção alguma importante, foi a propria critica, que ultimamente nos fez um jornal de educação. (2) Esta critica, além de não tocar em ponto algum, que julgamos dever modificar, apresenta observações, que precisão ainda ser desculpadas, quando não sejam evidentemente erroneas. Assim pois, lamentando não achar em nosso livro um exame philosophico das diversas faculdades intellectuaes, assignala ella como uma lacuna lastimavel esta voluntaria omiissão, a cujo respeito nos havemos claramente explicado (pag. 56 da 1.ª edicção), tendo sido plenamente approvada a nossa opinião por muitos dos nossos collegas; do mesmo modo nos nota como confusão de materias, a approximação no mesmo capitulo das seguintes questões: — *bõa distribuição do tempo e do trabalho — preceitos — registros — vigilantes ou inspectores — castigos — recompensas* — ; questões e-las, que evidentemente pôdem ser tratadas debaixo de um mesmo fim, a *disciplina material da escola*, isto é, a *disciplina considerada como meio de instrucção* (pag. 6, 57 e 72 da 1.ª edic.); igualmente nos censura como perigoso luxo de recompensas os meios de animação por nós apontados, que se achão todos indicados pelo novo regulamento das escolas primarias (art. 37) (a); finalmente qualifica de antiquado o methodo que em-

(1) Especialmente a de um membro do Conselho Superior, e de dous Inspectores Gerais.

(2) Seja-nos permittido dizer que mais cinco folhas diversas que a apreciarão, d'ella fallarão vantajosamente.

(a) Final dos artigos 40, 41, 42, 43, 44, 57, 58, 59 e 62 do Regulamento interno das escolas de Santa Catharina.

prega para o ensino do portuguez (a), a soletração, as e-cryptas ditadas graduaes; a espicção da grammatica, os exercicios de orthographia grammatical, e a analyse, meios igualmente indicados pelo art. 29 do citado regulamento, e pelo art. 1.º n. 4 do programma do ensino das escolas primarias normaes. (b)

Estas observações sem criterio, bem como o completo silencio em qualificáção sobre as passagens de nosso *Curso*, de que estavamos menos satisfeito, nos levarão a pensar, como ingenuamente confessamos, que talvez nos houvessemos julgado moi severamente a este respeito.

Taes são os diversos motivos, que nos determinarão a não fazer em nosso livro senão mui ligeiras modificações. Esperamos que os Srs. Professores as apreciarão devidamente, e acolherão esta nova edicção, como a precedente. Qualquer que seja porém o successo d'ella, declaramos com toda a franqueza, que se houvessem os seguido a nossa particular inspiração, não teria havido para o humilde *Curso Pratico de Pedagogia* ou do Ensino primario nem 1.ª, nem 2.ª edicção; e que este modesto trabalho seria unicamente degnado aos nossos discipulos; por quanto, a esperança de prestar algum serviço, fundada na opinião de nossos superiores, foi unicamente o que nos fez affrontar os perigos da publicidade.

(a) Substitua a palavra francez por portuguez.

(b) Leit francezas que por nós devem ser adoptadas, por serem de reconhecida proficiência. (Notas do Traductor em Novembro de 1839.)

Prólogo.

O principal objecto da missão do Professor é conduzir á virtude os meninos, que lhe são confiados. Achando-se elle obrigado a despertar e fecundar sua intelligencia, e devendo, tanto quanto estiver em seu alcance, favorecer o desenvolvimento de suas entidades phisicas, não pôde comtudo limitar á isto sómente os seus esforços, sem confundir, por um erro funesto e culpavel negligencia, os meios com o fim. Conhecer a Deus e observar os seus preceitos, tal é a destinação para que o homem foi creado, tal o objecto que a consciencia e a religião proclamão como a unica coisa necessaria.

O sentimento d'esta verdade constantemente nos tem dirigida no trabalho que nos decidimos á publicar. Não se mêça pois a importancia, que assignamos á educação moral e religiosa dos meninos, pelo diminuto numero de paginas que consagramos a este assumpto. Não sómente o plano, que havíamos traçado, nos tolhia longos desenvolvimentos á respeito, como tambem fomos forçado á ceder a duas considerações, encerrando-nos em tão estreitos limites. A primeira consiste, em que a instrucção, dada conforme as regras e condições por nós prescriptas, deve inteiramente reverter em favor dos bons costu-

mes. A segunda basea-se em não ser a educação moral e religiosa dos meninos transmittida pelo Professor exclusivamente; com effeito a familia do alumno se associa mais ou menos nesta obra, e o Pastor a dirige, inspeciona e completa.

Não aconteca o mesmo com a educação intellectual: o Mestre é o unico encarregado d'ella, e sómente elle assegura, ou compromette o seu bom exito, segundo os recursos que possui, o zelo que o anima, e os meios que emprega. Por este motivo havemos descido a algumas minuciosidades tratando deste ramo da educação; temos ligado a elle questões, puramente materiaes, como as que se referem a disposição e mobilia das aulas; dado um distincto logar á disciplina e aos methodos; e finalmente comprehendido aqui tudo o que nos pareceu poder contribuir para a boa conservação e prosperidade da escola. Concluido, sobre este ponto havemo-nos limitado bastante; pois no capitulo em que passamos a mencionar os diversos objectos de estudo, para estabelecer os principios de ensino proprios de cada um, omittimos de proposito todos aquelles, que a lei declarou facultativos.

O nosso tratado, em falta de outro merito, terá portanto, o de ser *breve*, sem ficar incompleto. Si a esta vantagem reunisse a de ser *claro* e pratico, possuiria qualidades, que não havemos encontrado reunidas em obra alguma, das especiaes, que temos consultado. Como quer que seja declaramos, que foi unicamente por necessidade que o emprendemos. Encarregado, como estavamos de preparar para a difficil carreira do ensino, muitos jovens, que apenas passão dous annos junto de nós, deviamos, primeiro

que ludo, tratar de pôr as nossas lições em relação com o pouco tempo de que dispomos; e em segundo logar, prevenir, quanto nos fosse possível, pela boa ordem das materias, e clareza da exposição, a fadiga que ordinariamente acompanha o estudo das questões serias, ou aridas, que tinhamos a tratar.

Conforme o que se deverá já ter conjecturado, divide-se esta obra em tres partes: *Educação physica*, *Educação intellectual*, e *Educação moral e religiosa*. Antes porém de entrar em materia, e de ensinar aos aspirantes ao magisterio, o que devião fazer, julgamos conveniente dizer-lhes, o que devião elles ser.

Além d'isto, pareceu-nos, que o melhor meio de os dispôr para estudarem conscienciosamente o que respeita á sua futura profissão, era fazer-lhes sentir a importancia e dignidade d'ella. Este é o fim á que nos temos proposto nos dous capitulos preliminares, que servem de introdução ao nosso curso.

CURSO PRATICO

DE

PEDAGOGIA

OU DE ENSINO PRIMARIO.

PRELIMINARES.

CAPITULO 1.º

Dignidade das funcções do professor primario.

As instituições que actualmente regem nossa patria tem ennobrecido as funcções de Preceptor; as leis do Estado hão reconhecido a sua importancia e utilidade. Depois de haverem estabelecido a instrução primaria sobre sólidas bases, protegem-na, e d'ella fazem o objecto de uma justa solicitude. O Preceptor communal (1) recebe da authoridade pu-

(1) Municipal em França. Os nossos Preceptores particulares tambem recebem da authoridade uma investidura que lhes dá o character de funcionarios publicos. (Nota do Traductor em 1856).

blica esse caracter com que está revestido, e por este titulo é um verdadeiro funcionario publico.

O que eleva porém, sobretudo o magisterio, é a magnitude dos interesses, que lhe são confiados. Encarregado de educar as gerações novas, o Preceptor completa, por assim dizer, a obra de Deos. Elle é o depositario dessa authoridade soberana, conferida ao pai de familia pela Providencia, a natureza, e as leis. Influe da maneira mais efficaz no destino temporal e eterno dos meninos, que em torno d'elle se reúnem. Segundo o modo porque preenche o seu ministerio sagrado, torna-se para a Sociedade um poderoso instrumento de civilização e prosperidade, ou um flagello destructor, derramando por toda a parte os germens de corrupção e de morte.

Para ainda apreciar melhor a importancia da sua missão, vejamos qual é precisamente o seu objecto.

I. A *força physica* é evidentemente uma das mais preciosas vantagens da vida para as classes laboriosas da sociedade, condemnadas a procurarem nos mais rudes trabalhos o seu pão quotidiano. Com quanto o vigor do corpo seja principalmente um dom da natureza, e tambem um dos resultados da educação, o Professor pôde até certo ponto fazer conseguir, ou garantir a seus jovens discipulos esta riqueza do pobre, quer preservando-os, por uma continua vigilancia, de toda a influencia prejudicial á saúde, quer obrigando-os á contrahir habitos de asseio, moderação e sobriedade; quer, enfim, desenvolvendo seus órgãos por meio de movimentos e exercícos sabiamente combinados.

II. A creatura racional porém, apenas alcançaria uma insignificante vantagem na força physica se ignorasse o valor de sua mais nobre prerogativa, a razão, ou d'ella não soubesse tirar o conveniente par-

tido. Aqui pois, o Preceptor vê engrandecer-se, e elevar-se o seu importante papel: é elle realmente quem põe os meninos na posse das faculdades intellectuaes, com que a natureza os dotára: é elle quem lhes ensina a pensar, reflectir, raciocinar; é elle quem orna o seu espirito com esses conhecimentos, cuja applicação as diversas necessidades da vida reclamão a cada passo: é elle enfim quem lhes abre os umbraes do palacio da razão, para as maravilhas da natureza, e para os prodigios da industria humana.

III. Trabalha mais ainda o Professor, ou faz mais para a felicidade de seus discipulos; se é verdade, como se não poderá negar, que a felicidade consiste sobretudo na virtude. Recebendo a infancia ao sahir do berço, toda radiante ainda de innocencia e candura, tem o singular privilegio de lhe despertar as primeiras idéas, e de imprimir-lhes os primeiros sentimentos. Se comprehender sua missão, lançará neste solo virgem uma preciosa semente, que produzirá os mais felizes fructos. Desenvolverá n'aquelles corações simples e ingenuos, o amor do bem, e o horror do mal. Alli suffocará desde o seu nascimento esses vicios, cujos germens desgraçadamente todos os homens tem recebido, e estabelecerá as virtudes contrarias. Sob sua poderosa influencia será desterrada a preguiça, ou vencida por uma nobre emulação, a dissimulação pela franqueza, a baixa e vil inveja pela amavel benevolencia, a aspereza de costumes e a grosseria de linguagem pela affabilidade da polidez e dos bons modos, a sensualidade pela moderação nos desejos, a orgulhosa insubordinação por uma respeitosa docilidade. Por meio de fortes convicções alcançará tornar impotentes essas paixões vergonhosas e tyrannicas, que nas felicidades

da mocidade tem feito tantas victimas desgraçadas. Ainda se não encerrão aqui as suas nobres prerogativas: apóstolo da Religião e simultaneamente da civilização, o Preceptor concorre com o Sacerdote na sublime missão, que lhe está confiada, de conduzir suas ovelhas ao supremo fim de todos os homens neste mundo. Como o Sacerdote elle narra á seus discipulos, ou jovens alumnos, as infinitas grandezas de Deus, e a magnificencia de suas recompensas; como o Sacerdote faz-lhes apreciar o immenso beneficio da Redempção, e amar a doutrina Sancta do Divino Redemptor; como o Sacerdote os inicia, mais ainda pelo exemplo do que com as lições, na pratica de todas as virtudes christãs; e como o Sacerdote emfim lhes mostra o Céu, e abre o caminho que á elle conduz.

— « O Mestre Christão, diz Rollin, é um homem, « em cujas mãos entregou Jesus Christo um certo « numero de meninos, que resgatou com seu sangue, « pelos quaes deu sua vida, e nos quaes habita como « n'um Templo; que os contempla como membros « seus, como seus filhos, e seus herdeiros E « para que fim lh'os tem confiado? Será para fazer « poetas, philosophos, sabios? Quem o ousaria « dizer, ou ainda pensar? Ninguem. Confiou-lh'os « para conservar n'elles o precioso e inestimavel « deposito da innocencia, que imprimiu em suas al- « mas pelo baptismo, e para fazel-os verdadeiros « Christãos. Eis o fim e o intuito da educação. Que « grandeza e nobreza não liga á todas as funções « dos Mestres uma tão honorifica missão?!.. »—

Pode-se pois affirmar sem exaggeração que o Preceptor verdadeiramente digno d'este nome, dá ás familias meninos laboriosos, instruidos e dedicados, ao Estado cidadãos virtuosos e uteis, á Egreja fieis,

e Sanctos ao Céu; porque trabalha igualmente para o temporal e para a eternidade; seu ministerio por tanto é apéz o do Sacerdocio o mais augusto, que o homem póde exercer e o qual nem uma recompensa poderia jámais remunerar dignamente. (1)

CAPITULO 2.º

Qualidades necessarias ao professor primario.

Ao expor no Capitulo precedente a importancia das funções confiadas ao Professor, temos já feito presentir toda a extensão das condições que estas funções exigem; porque é evidente que quanto mais são graves e numerosos os deveres que se tem de cumprir, tanto mais qualidades são proprias para bem os desempenhar. Não cuidamos em fallar aqui d'essas disposições naturaes, sem as quaes razoavelmente não póde alguém aspirar ao exercicio de ensinar meninos; supponmos pois, que os jovens, á quem nos dirigimos, tem a necessaria aptidão intellectual para adquirirem aquelles conhecimentos, que um dia serão encarregados de distribuir á outrem; supponmos que nem uma enfermidade physica tem, que os torne incapazes para o preenchimento d'essa missão; e alem d'isto que elles tem vocação, ou sentem em gosto mui decidido para a honrosa, mas austera profissão de Preceptor.

(1) Este Capitulo foi publicado no *Mensageiro* n. 65 de 3 de Maio de 1856 em Santa Catharina, onde devião seguir-lhe as outras partes d'esta obra, que então se tratava de imprimir, o que infelizmente não se levou a effecto por motivo alheio á vontade do Traductor, que já a tinha vertido até um terço; concluindo-a treze annos e meio depois em Novembro de 1869, satisfizes o reclamo existente.

As qualidades, cuja necessidade queremos demonstrar, são essas virtudes moraes e religiosas, que qualquer homem, que tenha boa vontade, pôde adquirir pela reflexão, a experiencia, a vigilancia sobre si mesmo, e principalmente recorrendo para Deus. Uma d'estas qualidades referem-se directamente ás funções do Professor, e outras indirectamente.

Artigo 1.º

Qualidades do Professor, que se referem directamente ás suas funções.

Estas qualidades são em numero de sete principaes, a saber: Bondade, Firmeza, Paciencia, Regularidade, Zelo, Pureza de costumes, e Piedade christã.

I

BONDADE.

O grande segredo para alcançar bom exito na educação dos meninos consiste em ganhar o seu affecto, porque, por meio d'este sentimento o Mestre obtem d'elles tudo o que quer; a saber: a *confiança*, que lhe dá entrada nos corações, e que lhe permite modificar estes á sua vontade; a *docilidade*, que é tão necessaria para a boa ordem e a boa manutenção da escola; e a *applicação*, que é condição essencial de todos os progressos. Para ser amado dos meninos é myster verdadeira mente amal-os. Amar os meninos é imprazer-se no meio d'elles, achar encantos nessa graça ingenua, que brilha em suas frentes, animar sua timidez, proteger sua fraqueza, tomar parte em seus prazeres, preoccupar-se com o futuro, que os espera, tanto n'esta vida, como na outra;

em uma palavra, é ser dedicado inteiramente á todos os seus interesses.

Não ama por tanto os meninos aquelle a quem causa a sua travessura, á quem suas perguntas importunão, sua ignorancia desanima, e sua rusticidade offenda. Ainda menos os amaria aquelle, que sentisse antipathia a respeito dos pobres. Estes infelizes meninos, desherdados da fortuna, e condemnados a mil privações são pelo contrario, os que merecem mais *sympathia*. O homem de bom coração, o verdadeiro Professor desenvolverá todo o seu zelo em reparar acerca delles, tanto quanto esteja em seu poder, os rigores da sorte; elle os consolará por uma linguagem affectuosa, e por obsequiosos procedimentos; armal-os-ha com a coragem contra a miseria, e instruindo-os bem, alcançalhes-ha o meio de se livrarem d'ella. Não sómente não se affligirá por ter taes deveres a cumprir, mas até nisso mesmo achará infelizes gosos.

Na verdade, que poderá haver mais agradavel da que servir de pai áquelles, que o não tem, do que ser o apoio das viúvas, e o bemfeitor dos orphãos, enchendo as lagrimas da indigencia, ou pelo menos, diminuindo a sua amargura?!

O Professor que d'este modo amar seus discipulos, não poderá deixar de possuir tambem o seu affecto, porque esses corações ternos e sensiveis, são naturalmente inclinados ao reconhecimento. Com effeito, elles notão facilmente a benevolencia de que são objecto; distinguem-na átravez da discreção, ou comedido exigido pela dignidade, e a sentem como por uma especie de instincto.

II.

FIRMEZA.

Não basta ser o Professor amado por seus discipulos, é mister além d'isso, que seja por elles respeitado. Pela firmeza, e sendo preciso, por uma justa severidade, é que elle estabelecerá nelles este ultimo sentimento. Commetter-se-hia um erro mui grosseiro se se julgasse, para bem conduzir a infancia, que fosse sempre sufficiente o emprego da linguagem da razão. Ninguém deve ignorar que esta idade é incapaz de reflexão e raciocínio. O que a caracteriza é uma travessura extrema, uma leviandade quasi invencivel, e uma mobilidade continua. Os meninos, por facilmente impressionaveis, mudão a cada momento de humor, pois os vereis successivamente commovidos até a cólera, chorando até derramar lagrimas, e rindo até as gargalhadas. É indispensavel que o Professor submetta esta turbulencia, si não quizer exaurir-se em vão esforços, e passar sua vida no meio da desordem e da confusão. Custará pouco o bom exito, para aquelle, que dotado de uma alma energica, é ainda ajudado por uma certa influencia do olhar, gesto vivo e palavra denodada. E' verdade que taes vantagens são antes o resultado da organização, do que da reflexão, mas ellas se podem produzir até um certo gráo pelo influxo de uma vontade firme. Demais ellas não são de indispensavel necessidade, e por si só não seriam sufficientes. Ninguém triumphará completamente a este respeito, se não por meio da dignidade de character, isto é, por essa bem mantida gravidade, que impõe aos meninos, sem amedrontal-os, e que faz refulgir a razão em toda a conducta do Mestre.

O bom Mestre deverá sempre usar de equanimidade no meio dos seus discipulos. Jámais fará em sua presença cousa alguma, que possa expol-o á suspeita de mesquinhez de ideias. Evitará familiarizar-se com elles, entretel-os com o que lhe é pessoal, e fazer-lhes pueris caricias. Se entretanto algumas vezes, para dar repouso á sua attenção, e para assegurar, ou animar a sua timidez, ousar sorrir-lhes, sua alegria, ou jovialidade calma e discreta regulará a que houver provocado, e a impedirá de degenerar em viva hilaridade.

Esta dignidade de character ou seriedade, por mais efficaz que seja para manter a boa ordem não prevenirá entretanto todos os desvios. Algumas vezes pois, o bom Professor será obrigado á recorrer aos meios de rigor. Sem duvida elle poderá usar indulgencia á respeito das faltas, que provêm de pura leviandade, mas não assim com as que tiverem o character de malicia, as quaes deverá punir severamente. Não se inquietará por motivo das reclamações de mães cegas ou obsecadas, nem pelas lagrimas de meninos, em vez de atrepellidos, apenas contrariados: seja qual for a causa da impunidade, ella será sempre attribuida á fraqueza, e isto só servirá para animar mais a audacia do culpado. Deverá porém o Mestre cuidadosamente, como ainda lhe recommendaremos em outro tópico, abster-se de punir com cólera, e jámais usará a respeito de um alumno rebelde expressão alguma injuriosa, ou palavra offensiva; por quanto, isto, em vez de o fazer submisso, o exasperará arruinando sua autoridade.

III.

PACIENCIA.

Para conservar sempre a serenidade, e a calma das

sentidos, tem o Professor necessidade de uma terceira virtude, a Paciência, essa virtude generosa, pela qual o homem a si mesmo se domina. Entre os meninos, que frequentarem sua escola, haverá sem dúvida alguns, naturalmente amáveis e interessantes que o indemnizarão dos cuidados que lhes dêr. Achará porém outros, que da infancia terão apenas os defeitos. Uns serão grosseiros nos modos, no vestir e na linguagem; outros terão já contrahido o habito má da mentira; outros opporão ao trabalho do Mestre a preguiça e apathia desesperadora; estes nascidos com um character rebelde dobrar-se-hão mui difficilmente ao jugo da disciplina; aquelles a comprometterão por uma levandade e dissipação continuas.

Ainda que fossem todos isemptos do defeito, o homem encarregado de os instruir teria sempre de expôr á uma custosa prova a sua paciencia. Não vão elle ensinar a estes meninos os aridos elementos dos conhecimentos humanos? Não terá de encontrar nisto intelligencias infelizes, a quem seja preciso repetir mil vezes a mesma coisa sem ser comprehendido?

Qual será o seu apoio em presença de todas estas difficuldades? A paciencia. Pela paciencia lutarão contra a ignorancia e os vicios; pela paciencia perseverará nesta luta tão penosa; e pela paciencia e a fim sabirá d'ella triumphante.

Mas, onde irá elle buscar este thesouro de paciencia? Em seu coração primeiro que tudo: ensinando os meninos, como é de esperar, reconhecêrã sua tardança, que estas pobres creaturas são mais para lastimar, do que para censurar; e que a maior parte de seus defeitos são resultados da condição humana, ou da má educação recebida no lar domestico. — Em sua consciencia, que lhe patenteará o bem que faz;

e lembrar-se-ha que um serviço prestado se avalla pelo sacrificio que custa. — Enfim, e sobre qualquer outra cousa, no auxilio Divino: Daos, que nos dá a vocação, nos dá igualmente os meios de lhe sermos fieis.

O Professor Christão (pois não consideramos outro) deverá por tanto implorar muitas vezes esse precioso auxilio, ou a assistência de Daos. Quando sentir, que a coragem lhe fallece, ou que a paciencia lhe escapa, bastará uma aspiração para o céu, e um movimento de olhos para o Crucifixo, (a) para calmar o sustello. Achará nestes impulsos de fé as mais nobres e generosas inspirações. Ainda ali encontrará mais o segredo de dar a suas obras um character sobrenatural, e de as tornar meritorias para a Eternidade.

IV

REGULARIDADE.

A quarta qualidade necessaria ao Professor é a *regularidade*, id est, uma escrupulosa exactidão em preencher todos os seus deveres, no tempo prescripto, e de um modo conforme á regra. O homem encarregado de ministrar á uma multidão de meninos diversos e numerosos cuidados não tem probabilidade de obter seu fim nesta laboriosa tarefa, senão pelo bom emprego do tempo. Um regulamento devia prover, e com effeito tem provido, ao menos em parte, sobre tão grave negocio, determinando os dias de descanso

(a) Em França é costume mui digno de ser por nós imitado, collocar-se um crucifixo nas Escolas, por cima da sêda do Professor, bem como nos Tribunaes sobre a do Presidente (Nota do Traductor em 1836). Veja-se o art. 6.º do Regimento das Escolas da Provincia, que consagra tão venerando e religioso meio de culto, e de respeito nas nossas aulas.

e de trabalho, as horas de começo e duração das lições, a ordem e a importância relativa dos exercícios, (a) & Si este regulamento porém não existe, ou si é mal executado, marcha tudo em confusão, e tudo se afrouxa e definha. O Professor não tendo outra regra de conducta além de sua commodidade, ou do seu commodo, ou seus caprichos, emprehenderá temerariamente muitos estudos ao mesmo tempo, e não concluirá um só d'elles; ora omittirá uma coisa, ora outra; fará esta com precipitação, aquella com molleza ou negligencia; consagrará um tempo consideravel a um exercicio de utilidade secundaria, para o qual tenha mais gosto; e descuidar-se-ha do que deveria ser o objecto principal do seu ensino. Animar-se-ha mesmo talvez á occupar-se durante as classes, ou as lições com os seus negocios particulares, á fechar a escola muitos dias na semana, ou ao menos a transferir seu dia de sucto, (b) sem estar para isso autorizado. Não se póde negar que uma tal conducta seja fatal a escola, nem que deixe de trazer,

(a) Esta disposição falta infelizmente nos nossos Regulamentos Provinciais, ao menos em parte. (Nota do Traductor em 1856). Pelo Regulamento Provincial de 5 de Maio de 1859 começou a ser supprida esta lacuna. Hoje felizmente as instrucções, que deve dar o Illm. Sr. Inspector Geral conforme os ns. 2.º e 3.º do § 9.º do art. 3.º do Regulamento de 28 de Abril de 1868, tendo em vista os *exercícios escolares e horarios*, de que trata o art. 70, devem satisfazer cabalmente esta necessidade. S. S. nos fez a honra de dizer que a distribuição do tempo e do trabalho que adopta é a deste curso de Pedagogia, que se acha adiante nos respectivos quadros, que acompanham o Art. 1.º do cap. 3.º da 2.ª parte. (Nota do Traductor em 1869).

(b) Pelo Regulamento e o Regimento Interno das Escolas não ha mais um sucto ou feria semanal em Santa Catharina. (Do Traductor).

como necessaria consequencia, a diminuição dos progressos.

Além d'isto os discipulos percebendo, que o Mestre não toma ao serio as suas funcções, não deixarão de imitar a sua incuria. Serão menos assiduos em vir á escola, ou virão sem prazer, e trabalharão sem ardor. Em uma palavra, perderão todo o seu tempo, por se lhes não fazer sentir o seu valor.

A inexactidão produz ainda mais funestos effeitos, quando, compromette a segurança ou moralidade dos meninos. Este é o perigo á que se expõem os Mestres, que pelos motivos mais frivolos se ausentão da aula no meio dos exercicios, ou que habitando fóra da casa da escola, não chegam senão quando os estudantes estão já reunidos. Estes tempos de ausencia quasi sempre são perniciosos á boa ordem, e á disciplina. Muitas vezes os meninos d'elles se aproveitam para fazerem travessuras, injuriarem-se e mesmo brigarem. Algumas vezes chega a acontecer trabalhos, ou penosos accidentes. Finalmente contraem-se o propagação-se detestaveis habitos favorecidos por esta falta de vigilancia. Quem se capacitará de que o Mestre nada tem que expobrar-se d'esta desordem? Pelo contrario é elle o verdadeiro culpado, porque é responsavel por tudo o que se passa na escola; e se os meninos, que lhe estão confiados, tem faltado ao seu dever, não é por outro motivo senão porque o Mestre descuidou-se de cumprir o seu. Fica pois evidente que o Professor não póde, sem assumir uma terrivel responsabilidade, faltar em materia de assiduidade e pontualidade. Os regulamentos univertitarios (a) impoem-lhe, além disto, uma rigorosa obrigação de jámais deixar sem vigilancia, ou inspecção os seus discipulos.

(a) Veja-se o art. 3.º do Regimento interno, 63, 64, e 35 do Reg. de 28 de Abril de 1868.

V.

ZELO.

Conforme acabamos de vêr, é a regularidade indispensavel ao Professor. Entretanto esta boa qualidade nem um valor tem, senão em virtude do zelo, que a deve sempre acompanhar. Zelo é aquelle ardor constante e reflectido que o homem emprega no cumprimento de seus deveres, á fim de os preencher constantemente, e do melhor modo possível. Reconhece-se esta virtude por diversos caracteres.

Em primeiro lugar não entrará jámais na aula, sem haver preparado suas lições o Professor que fôr animado pelo zelo. Não podemos conceber como possa um Mestre, por mais habilitado que seja, ensinar com fructo, e sem perda de tempo, se não estiver preparado. Esta preparação consiste sobretudo em compôr, ou ao menos escolher os diversos assumptos em que deve ser exercitada cada divisão da escola, em procurar descobrir as principaes difficuldades, que elles encerrão; em indagar os meios de vencel-as, em assegurar-se pelo exame das notas, e das obrigações ou deveres satisfeitos, se convem proseguir em determinado e certo ramo da instrução, ou se será mais vantajoso demoral-o por algum tempo; em modificar um proceder, que não tem dado todos os resultados que d'elle se esperava; em tomar certas precauções contra uma infracção de regra, que muitas vezes se renova; em prever a conducta, que deve ter em qualquer conjunctura delicada, que possa offerecer-se, tudo isto além de pôr em ordem os differentes objectos materiaes necessarios ao ensino. (a) Um

quarto de hora (ou meia hora (a)) de preparação, feita por este modo, certamente aproveitará mais para os meninos do que muitas horas de trabalho, sem preparação, e sem criterio.

Começada a lição, o Professor zeloso occupar-se-há sem interrupção com os seus discipulos. Esforçar-se-há por tornar-lhes o estudo apreciavel e attrahente, ou cheio de attractivos, dando com discrição algumas animações, respondendo á suas perguntas sem mostrar enfado, nem de-gosto, evitando-lhes as lutas com difficuldades, que possão trazer o inconveniente de fatigal-os em demazia; dando a suas explicações toda a nitidez possível; repetindo por muitas vezes o que não houver sido bem comprehendido; exprimindo-se ora de um modo, ora de outro — Jamais gritará, sabendo que o homem que grita, perde toda a gravidade; mas dará convenientemente ás suas palavras, olhares e gestos es-ê calor e vida, que captivão constantemente a attenção. Isempto de vaidade, fugirá de imitar aquelles mestres, que segundo os interesses de sua reputação, cultivão exclusivamente as intelligencias felizes: todos os discipulos tem igual direito a sua sollicitudo, e por isso elle lhes dará ou ministrará iguaes cuidados. — Emfim seu zelo será perseverante. Se perceber que seus esforços são coroados por bom successo, olhará mais para o que lhe restar a fazer, do que para aquillo, que houver feito. Pelo contrario, si somente obtiver insignificantes resultados, lembrar-se-há que um trabalho pertinaz vence todos os obstaculos; que um homem magnanimo sente crescer sua coragem ao par das difficuldades; e que o Mestre Christão n'ellas encontra

(a) Das 8 ás 8 1/2 da manhã, no inverno, das 7 1/2 ás 8 no verão, e de tarde sempre das 2 1/2 ás 3 horas ou melhor das 2 as 2 1/2 para haver tres horas de lição de tarde, como de manhã.

(a) Regimento interno art. 23.

um meio de se empregar dignamente, de santificar seus dias.

Tal será entre seus discipulos o Professor animado por um verdadeiro zelo. Acabada porém a lição, não lhe restará mais nada á fazer? Seria um grande erro pensar d'este modo. Não basta que haja cumprido bem os seus deveres durante o dia, que acaba, è mister ainda, que, pelo estudo, se conserve sempre em estado de os puder satisfazer meritoriamente. Com effeito, sem o estudo não tardará em descer muito abaixo de suas funções o Mestre mais capaz no começo de sua carreira.

— « O tempo, diz o Senr. Barrau, faz-nos uma guerra incessante, e nos arrebatá insensivelmente uma grande parte do que havemos adquirido; pertence ao trabalho prevenir os effeitos de seus estragos. Quem não adquire, perde. Nossas faculdades intellectuaes, assim—como nossa instrução declinam rapidamente, sem d'isso termos consciencia, se a leitura não desse diariamente algum alimento novo ao nosso espirito. Estudar um pouco em cada dia é o unico meio, não só de proseguir na carreira, como tambem de não retrogradar. » (1)

O Professor zeloso consagrará pois ao estudo uma parte de suas horas vagas. Sobretudo terá de meditar muito as obras, que se referem á sua profissão. Não pretendemos todavia prival-os de ler aquellas que tratão de materias estranhas, com tanto que sejam bem escriptas, serias e uteis. A leitura d'estas obras ampliará o circulo de suas ideias, desenvolverá sua razão, fortalecerá seu juizo, apurará sua linguagem, e consequentemente contribuirá mui poderosamente,

(1) Direcção moral para os Professores. Os conselhos de grande sabedoria, contidos nesta obra, a recommendão e attenção e meditação de todos os mestres.

ainda que de um modo menos directo, para o bom successo, o bom resultado do seu ensino.

VI.

PUREZA DE COSTUMES.

A pureza de costumes é uma qualidade tão essencial, e de tão evidente necessidade, que parece superfluo recommendar-se aqui.

Com effeito a missão do Professor não se limita somente á cultura da intelligencia dos meninos; a sciencia, que se lhes ministra, é certamente um precioso beneficio; convém porém, que sirva tambem para os tornar melhores; sem isto não passa de um funesto dom. Formar o coração de seus discipulos, eis o principal objecto do Professor, e o grande assumpto de sua solicitude. Mas formar o coração dos meninos é vigal-os em suas paixões nascentes, e reprimil-os em seus primeiros desvios, de envolver nelles o horror do vicio pela pintura de sua fealdade, e a manifestação de seus perigos; desportar e entreter todos os sentimentos honestos, estabelecer o imperio da virtude, tanto pela influencia e ascendente do exemplo, como pela sabedoria dos preceitos. Poderá preencher bem tão grande e importante dever, o homem que não tiver sabido preservar-se do sopro impuro das paixões?

Concedamos que elle esconda cuidadosamente no interior de seu coração, os sentimentos, cujo conhecimento seja capaz de o comprometter, que evite, posto que por um resto de pudor, offerrecer aos olhos de seus discipulos o horrivel espectáculo da intemperancia e da dissidilho; que não se esqueça já-mais de que se tivessa a desgraça de tornar o publico testemunha de sua degradação, a justiça de nossas

Luis P. de S. P.

leis, em falta da indignação geral, o expulsaria da sua escola; supponhamos mesmo, que sua conduta externa fosse perfeitamente isenta de censura... Será com este vão simulacro de virtude, que lançará dos outros o amor e a prática sincera da virtude? Como poderá exercer sobre seus discipulos uma vigilância attenta e continua aquelle que adquiriu o funesto habito de perdoar a si mesmo as mais vergonhosas desordens? Onde irá beber essas exhortações cheias de vigor, que penetram, commovem e arrebatão o coração dos meninos? Onde achará esse sancto fervor de que deveria estar sempre animado, para trabalhar no seu aperfeiçoamento moral?

Apressamo-nos em reconhecer que a este respeito elle vivirá em completa *indifferença*; talvez mesmo não pronuncie jamais os vocabulos VIRTUDE e DEVER; e se o fizer algumas vezes, para salvar as apparencias, sua palavra virá *gelar-se-lhe* nos labios, por não ser animada de uma *convicção profunda*, ficando sempre vã, e sempre estéril! Assim pois na sua escola gosará o vicio, uma completa segurança, e a *innocencia* estará exposta aos mais tristes naufragios.

Fuja pois de chegar-se para a infancia, ou affaste-se d'ella, o mais brevemente que for possível, aquelle cujo coração se acha *corrupto*! A *innocencia* da infancia é um *deposito sagrado*, que jamais poderia receber em suas mãos *impuras*! O desgraçado, que deixasse manchar-se com a *lepra*, de que estivesse infectado, as almas candidas, que por vergueira se lhe confiasse, seria digno da *accrção* dos homens, e da maldição de Deus!

VII

PIEIDADE CHRISTA.

Finalmente o Professor deve ser *sinceramente religioso*. Esta qualidade não é menos essencial que a precedente, ou para melhor dizer é a sua fonte e garantia. Todos os esforços que a *impiedade* ha feito para achar fóra da *Religião* uma base á *moral*, tem caído no aburdo.

Com effeito não ha ta o bom senso mais vulgar para comprehender, que uma *lei* qualquer tem necessidade de *sincerção*, e que em parte alguma fóra da *Religião* ha *sumção* possível para a *lei moral*, nem mesmo na *consciencia*, cujos *remorsos* algumas vezes se suffocão a força de iniquidades? Consequentemente pó-le-se affirmar, sem receio algum de errar, que o *homem irreligioso* é necessariamente *vicioso*, quando não em seus *costumes*, ao menos nos seus *sentimentos*. Se algumas pessoas parecem offerecer excepção, e porque não tem deixado penetrar o *segredo* de seu coração, ou porque são *virtuosos por temperamento*.

— « Toda a *virtude dos impios*, diz Massillon, se limita a *esconder* a profunda *corrupção* de seu coração... mas não ha um só que em *segredo* não se tenha entregae sem reserva a todos os vicios. » *

— A *moralidade* pois do Professor *irreligioso* estará pelo menos em *dubida*; e esta razão será sufficiente para que muitos paes, a nda mesmo os que pertilham em materia de *Religião* a funesta *indifferença* do nosso seculo, lamentem encontrar tal predicado no Preceptor de seus filhos.

A esta consideração deve ajuntar-se outra igualmente importante. Acaso não é o Professor obriga-

do, tanto pelas leis humanas, como pelas Divinas, a concorrer para a *educação religiosa* de seus discipulos? E como o poderá fazer, se não fôr um *homem de sincera Fé*? Como fará penetrar o *temor de Deos* no coração dos meninos, se no seu proprio não existir tal sentimento? Poderá acaso supprir com *hypocritas lições* as convicções, que lhe faltão? Nem este mesmo recurso lhe fica; porque a *Religião* não é apenas um negocio de puro sentimento, pois pede *obras, e obras exteriores, visiveis e publicas*. O unico resultado, que obterá o Professor, cuja *conducta* desmentir seus *conselhos*, será o de atrahir o *desprezo* de seus discipulos, e habitual-os tambem á *hypocrisia*. Não é possível pois, em materia de Religião, *salvar as apparencias*: é preciso ser *Christão verdadeiro*, ou renunciar a pretenção de o parecer, isto é, *edificar ou escandalisar*. Quem poderá dizer quanto será pernicioso para os meninos o máo exemplo de seu mestre, do homem junto do qual passam seus primeiros annos, e que todos os dias exerce sobre elles a influencia da *authoridade*, da *intelligencia* e das *luzes*, o ao qual se hão habituado a considerar, como seu guia, e seu modelo? Apezar dos esforços do Pastor (ou Cura, ou Vigario) não poderá o *sentimento religioso* lançar profundas raizes n'esses tenros corações; e, com quanto fizessem sua *primeira communhão*, nem por isso chegaria a ser *bons Christãos*. Portanto, desde o momento em que lhes soar a hora da independencia, enfraquecer-se hão diariamente suas *mal estabelecidas crenças*; bem de pressa se des-cuidarão de *deveres*, cuja importancia a *conducta* do seu Mestre lhes impediu conhecer bem; talvez mesmo, para melhor imital-o, fação capricho o ponto de honra em *libertar-se d'elles*. Perder-se-hão pelo escandalo; mas, desgraçado do Mestre indigno que li ver

dado os motivos! pois é sobre elle que o Evangelho dirige as suas terriveis ameaças!

Nada pôde fazer portanto para a *educação religiosa* de seus discipulos o Professor, que não é *verdadeiro Christão*; e expõe-se mesmo, conforme acabamos de ver, a *arruinar* em seu coração a *Fé*, que nelle deveria estabelecer. Ainda aqui não fica: priva elle igualmente a sua escola de um de seus mais poderosos meios de bom exito, a *sympathia* do Pastor ou Vigario. É incontestavel que a prosperidade da instrucção em qualquer districto depende muitas vezes da attitude do ministro da Religião a respeito do Professor. Aquelle é o nato protector da escola: especialmente encarregado da *instrucção religiosa* dos meninos, que a frequentão, não pôde ficar indifferente aos progressos, que fazem; porque não desconhece que o desenvolvimento de sua intelligencia, facilitará muito o seu ministerio, e o coadjuvará para lo n'esse mais fructuoso, ou proficuo. O Vigario ou Pastor está portanto naturalmente disposto á benevolencia, em relação ao Professor. Por outro lado, existe este em circumstancias de prestar-lhe mui uteis serviços. O *caracter espiritual*, de que se acha revestido, dá-lhe sobre a infancia, e mesmo sobre as familias uma *authoridade moral*, que facilmente se concebe. Julgar-se-há consequentemente mui feliz, quando se vir auxiliado pelo Professor, empregando essa *authoridade* em favor da escola. Se chegar p'tém a reconhecer no Professor a *irreligião*, ou sequer a *indifferença*; si não pôder contar com elle para essa cooperação, activa e conscienciosa, que de-vêra esperar; si o aperfeiçoamento dos costumes, a confirmação da *Fé*, graves interesses confiados á sua solicitude pastoral, encontrarem na escola somente ob-taculos, cessará immediatamente sua benevolencia.

cia e appio; por mais indulgente, que seja, certamente se fechará seu coração aos movimentos de sympathia e de estima. Continuará a velar, porque em tal caso será este um mais rigoroso dever de seu ministerio; mas conservar-se-há affastado de um homem, cuja presença considerará como um *perigo* para as suas ovelhas. Este affastamento ordinariamente produzirá uma ferida ou golpe mortal na escola, tanto por privar-a do valioso patrocínio, que gosava, como pela séria advertencia, que ali verão as familias. Comeffeito, estas não deixarão de attribuir a uma legitima desconfiança a mudança das disposições do Pastor ou Vigario, e sem tardar nutrirão os mesmos sentimentos. A escola poderá conservar ainda por algum tempo a sua importancia numerica, mas quasi sempre perderá immediatamente a sua *força moral*.

E evidente portanto, que o *interesse da escola*, bem como o *interesse moral e espiritual* dos meninos obrigão o Professor a ser *religioso*, não fallando na necessidade, que tem toda a Christão, de bem cumprir as funcções, que este titulo impõe.

Eis aqui a consciencia destas diversas reflexões: Todo o jovem que si não sente *inteiramente virtuoso*, que não é *sincera e profundamente religioso*, não deve pensar jamais em entrar na carreira do ensino, por que ali nada de bom poderá fazer, sejam quaes forem as suas qualidades, porque em vez de dirigir a mocidade, a desviará do bom caminho, e finalmente por que nesta carreira não poderá alcançar para si mesmo nem consideração, nem felicidade.

Artigo 2.º

Qualidades do Professor que indirectamente se referem ás suas funcções.

Além das qualidades, que temos enumerado, e que são tão indispensavelmente necessarias, que a ausencia de uma só d'ellas basta para tornar *esteril*, ou mesmo *perigoso* o seu ministerio, ha outras que assegurando-lhe no seu districto a estima e sympathia dos habitantes, contribuem por isso para o bom resultado do ensino. Estas qualidades são: a polidez, a modestia, a prudencia, o desinteresse, e o amor da solidão.

I

POLIDEZ.

Exigir do Professor esta qualidade é apenas recomendar-lhe que seja do seu seculo, e sobre tudo do seu paiz. Com effeito, a polidez é um dos fructos da civilisação, e debaixo d'esta consideração, como a muitos outros re-peitos, desde muito se ha collocado nos-a patria no primeiro lugar entre as nações. Esta *amenidade de costumes* é o sinal mais certo da *benévollencia*. A *rusticidade*, que se lhe oppõe, manifesta sempre um *character vicioso*, ou *folta de educação*. Quanto não seria ella *odiosa* em um homem encarregado de educar os meninos, isto é, de formar seu coração e seu character!

Igualmente fóra mui deploravel, que o Professor não se obbesse preservar-se de um *erro*, que as idéas de *liberdade e igualdade mal entendidas* tem tornado mui commum em nossos dias, e que consiste em livrar-se, pelo sentimento, ou pretexto de uma ridícula independencia, dos deveres, que a *civilidade*

prescreve. Os *tolos* que soffrem a influencia d'este erro, em materia ou assumpto de *politica* se conservão sempre na mais *orgulhosa* defensiva; julgarião elles abaterem-se saudando primeiro, não só os seus iguaes, como até as pessoas, a quem devem *respeito e deferencia*.

As povoações, a que fôr enviado o Professor não serão inteiramente isemptas de semelhante prejuizo, e talvez mesmo nellas se encontrarão muitas pessoas de *repugnante grosseria*.

Em vez de ser imitador de tal conducta, buscará elle reformal-la, não por meio de observações, que seriam mal recebidas, mas oppondo ao *orgulho* de uns as mais *amaveis attentões*, á *aspereza* de outros um tom *calmo*, e *obsequiosa* linguagem. Si, apesar do poder de seu exemplo, não chegar a *abrandar* os caracteres, e *polir* os costumes, jamais deixará de obter um grande resultado, o da *sympathia*. Todos os homens, por mais *grossieiros*, que sejam, reconhecem sempre o *encanto da virtude*, que torna suas relações *agradaveis* e *commoitas*, e que lhas lisongeia e poupa o amor-proprio até nos seus *defeitos*: assim pois, aquelles mesmos, que menos a praticão, a procurarão, e se julgarão felizes, encontrando-a nos outros.

O Professor deverá principalmente mostrar-se *po-tido* aos paes de seus discipulos, cuja confiança muito lhe importa adquirir. Algumas vezes terá de dar-lhes informações algum tanto *afflictivas*, e nestas occasiões são necessarias toda a *moderação*, e toda a *affabilidade*. Pelo amargor de suas *queixas*, daria a entender que o interesse de seus discipulos não seria o seu unico motivo de acção, e deste modo não deixaria de ferir ou offender o *melindre* dos paes pela pintura ao vivo, que fizesse, dos *defeitos* de seus filhos. Em

vez de *humilhá-los*, deve fazer justiça a suas *boas intenções*, animar sua *coragem*, e combinar com elles nos meios precisos para tornarem seus filhos mais *assiduos, estudiosos e docéis*.

Tambem poderá acontecer que familias mal prevenidas contra elle, lhe dirijão censuras injurias. Esforçando-se então para conservar todo o sangue frio explicará sua *conducta* com a *calma e dignidade*, que inspira o sentimento de haver cumprido seu dever. Se não poder fazer com que ella seja devidamente apreciada, ao menos terá a vantagem de sua *moderação*; entretanto que uma *palavra offensiva*, infelizmente pronunciada, teria sido a origem de uma aversão invencivel.

Quanto ás autoridades não deve a *polidez* do Professor em suas relações com ellas, se limitar sómente aos actos ordinarios de *civilidade*, mas ser tambem *mui respeitosa, e cheia de attentões*. O presidente da municipalidade, o vigario da parochia, o inspector ou subdirector da instrucção primaria, e os delegados do Conselho academico receberão em todas as circumstancias os *maiores testemunhos de deferencia*. Nas visitas, que fizerem á escola, deverá o Professor *tributar-lhes as honras, que lhe são devidas, escutando attentamente* as suas observações; e se algumas vezes as julgar mal fundadas, responder-lhes-ha com *muita circumspecção*, fugindo sempre de tornar evidentes na presença dos seus discipulos quaesquer erros, que possa commetter um superior.

II MODESTIA.

Em nosso primeiro capítulo demonstramos cabalmente a importancia e dignidade do professor primario. Pô-lo elle por tanto, e deve mesmo crer na nobreza de sua *profissão*; mas isto com o fim de *a honrar* cada vez mais pela maior regularidade possível no cumprimento de todos os seus deveres, e não para *exigir* dos outros mais considerações, do que as que lhe são devidas.

Não falta quem accuse os Professores de *orgulho e pedantismo*. Os ignorantes sem duvida *emprestão* ás pessoas, que os excedem, por sua instrucção, o ridiculo da *vaidade*, tanto para se ressarcirem de sua inferioridade, como para minorarem uma vantagem que, segundo elles, só nente é propria para desenvolver, nos que a possuem, uma *insupportavel presumpção*. É preciso todavia confessar, que tal censura, geralmente lançada sobre a corporação dos Professores, tem as vezes outra causa além d'essa inveja m'levola. Grande numero de Mestres, *infatuados* pelos seus conhecimentos, entretanto bem limitados, que penosamente adquirirão na Escola normal, e n'outros estabelecimentos, *julgárão-se superiores* a tudo quanto os rodeava, e *imprudentemente* deixárão penetrar nos seus discursos a *boa opinião* que *de si mesmo* fazião. Esquecerão, que a *modestia reconcilia a sciencia com o alheio amor proprio*; que esta *amavel e bella virtude, assidua companheira do merit*, assegura aos seus possuidores a estima e affeição geral; que, pelo contrario, o *orgulho* attrahe o odio e o desprezo do homems; que *ordinariamente se gosta de humilhar os que se elevão*, e que nunca se perdoão as mais ligeiras faltas, em que possão incorrer. Por tanto a *conducta insensata*

d'estes Mestres não teve outro resultado senão o de *indispôr* contra si, e contra sua profissão o maior numero das pessoas, que a lestemunhárão.

Conseqüentemente o Professor deverá ser *modesto ainda mesmo pelo interesse d'essa consideração, que o orgulhoso pretende*. Evitará sempre *abusar da conversação*: nada fatiga tanto como a companhia de um *fallador eterno*, e tal é muitas vezes o defeito das pessoas, cujas funcções as obrigão a fallar em publico. Conforme pratica todo o homem que é bem educado, deverá abster-se de occupar os mais com os que pessoalmente lhe diz respeito; e por mais forçosa razão ainda se envergonhará de *mendigar louvores*; e se lhe forem dirigidos, responderá com *polidez*, exforçando-se por mudar de conversação.

Evitará igualmente com muito cuidado *quaesquer discussões*. Si a seu pezar, for nellas envolvido, *cederá a proposito*, embora certo de ter razão: a *peritancia* só se ve para envenenar as discussões, o jámais leva a convicção aos espiritos. Além disto é muito insignificante e mui tri te vantagem a victoria que se pó-lo obter em t'es circum-tancias, porque o adversario vencido é ordinariamente um adversario humilhado, mais ou menos disposto a vingar a *desfeita*.

O Professor será convidado algumas vezes para ter a seu cargo os registros do estado civil. * Depois de haver sido authorisado pelo conselho academico, a) poderá incumbir-se d'esta util funcção, comprehendendo porém, que o p'pel inteiramente material de Secretario da municipalidade, em nada o faz participar do exercicio da autoridade.

* Secretaria Municipal.

(n) Pelo Inspector Geral dizem o art. 35 do Regulamento de 28 de Abril de 1858 e o § 3.º do art. 3.º do Regimento interno.

Não cuidará pois em procurar n'isto um meio de *se tornar importante*: e guarlar-se-ha bem de imitar a *tolerância* de muitos de seus collegas, que em tal e so *se gabão* de administrar o districto.

O Professor emfim deverá *ser modesto* até no seu ornato, vestuario e moveis. Quaesquer que sejam as vantagens pecuniarias, que lhe offereça a sua posição abster-se-ha de todas as *despezas inúteis* e de tudo o que manifeste *presumpção*, ou a possa fazer suspeitar. Assim pois, já mais atrahirá a attenção dos outros por meio de ostentá-los *enfeites*. Evitará tambem esses *modos extravagantes* de trazer os cabellos, ou a barba, os quaes, além de fraqueza de espirito, revelão um *desejo de agradar*, sem termos e sem moderação. Privar-se-ha, tanto em publico, como em particular do uso desagradavel e oneroso do *cigarro*, e do *cachimbo*: O maior *asseio* (a) reinará em sua habitação (o asseio é um dos habitos de que deve dar exemplo) mas ali nada deverá existir que possa excitar a *curiosidade* de seus alumnos, ou despertar em seu espirito *exageradas idéas de bem estar* (b) Esta

(a) Regimento interno art. 5.º

(b) Os objectos de que tratão os arts 1.º, 6.º 9.º 18, 19, 36, 41 n. 2, 42 e 6) do Regimento devem ser muito singellos, e de preço modico ou diminuto; em vez do relógio que é inútil, havendo uma ampulheta de 15 minutos, convem comprar tres quadros negros para haver em cada escola o n. de 4, igual ao n. minimo das divisões ou classes, cada uma das quaes precisa a seu, conforme o methodo mixto adoptado. O *armario* tambem se póde dispensar, tendo a mesa do Professor gavetas sufficientes, ou havendo uma simples prateleira ou retabolo, além dos compartimentos por baixo das mesas inclinadas onde os alumnos guardão o que lhes pertence. As cadeiras devem se limitar ao n. de 3, sendo 1 para o Professor, e 2 para os Inspectores Geral e de Districto, ou visitadores, pedindo-se emprestadas algumas mais sómente na occasião de exames, ou distribuição de premios. (De T.)

simplicidade de costumes affastará do Mestre a critica, e a inveja. Além d'isto será para elle a origem de uma grata *commodidade*; pois offerecer-lhe-ha o meio de economisar um *superfluo*, que, sendo guardado augmentará a sua independencia, e permitir-lhe-ha fazer face a todas as eventualidades.

III.

PRUDENCIA.

A *prudencia* é necessaria ao Professor em todas as circumstancias de sua vida. Tem precisão d'ella no meio de seus discipulos, pois sem tal virtude difficilmente chegará a adquirir sobre elles esse ascendente moral indispensavel para os dirigir e instruir. Maior precisão dessa qualidade tem elle ainda em suas relações com o publico.

É evidente, que para elle constitue um perigo tudo o que póde prejudicar a sua *consideração*, ou alterar a seu respeito a *sympathia* das habitantes. Acha-se exposto em milhares de occasiões, não tendo a prudencia de um homem maduro, a perder esta dupla vantagem, e consequentemente a comprometter o bom successo de sua escola, e seus mais caros interesses. Por não terem tido prudencia muitos Mestres, aliás estimavel, forão não poucas vezes a seu pezar, obrigados a deixar uma posição que lhes era vantajosa; e outros atrahirão sobre si o rigor da *authoridade*. O Professor não deverá temer taes adversidades, em quanto pizer em pratica os seguintes conselhos:

1.º Fugir cuidadosamente dos logares publicos, como cafés, tabernas, &c Não imaginamos que ali possa elle affogar sua razão no vinho, ou outras bebi-

das espirituosas : por quanto seria preciso para se entregar a semelhante excesso, haver perdido o *sentimento moral, e calcar aos pés todas as leis da decencia*. Mas sua presença por si só nestes logares não bastaria para fornecer aos meninos um *funesto exemplo* e um legitimo motivo de *deseconfiança* para as familias ? Além d'isto não ha quem ignore, que é ordinariamente mui pouco honrosa a sociedade, que ali se encontra, e mortal o ar, que em taes antros se respira. Por ultimo a *frequencia das tabernas* é uma das faltas contra as quaes as leis tem fulminado severas penas. O professor deverá pois resistir a todas as instancias, que possam fazer-lhe quaesquer imprudentes amigos, para ali conduzir. Seja mesmo inflexivel a respeito d'isto, se quizer conservar a estima e consideração, e livrar-se de muitos pezares !

2.º O Professor deverá tambem ser muito *circumspecto em seus discursos*. Já dicemos, que a modestia impõe-lhe a obrigação de *pouco fallar em publico*; igual sobriedade de palavras lhe é recommendada pela prudencia : — « E' mais facil nada « dizer do que muito fallar » — (1) Os objectos que muitas vezes alimentão a conversação são as faltas, defeitos e *extravagancias* do proximo, as quaes mais se exaggerão do que se attenuão. Si estas *facecias* chegão a transpirar, e vão aos ouvidos das pessoas, a quem se referem, fazem ordinariamente nascer dissensões, e até mesmo odios profundos. O Professor evitará pois tomar parte em taes *zombarias*, não só pelo sentimento de caridade, como por prudencia.

3.º Não é raro levantarem-se *partidos* ou *divisões*, *concluios* e *facções* no meio dos districtos. Então um dos *partidos*, que se apresentam, tem ordina-

(1) Imitação de Christo.

riamente por fim supplantar a administração municipal, ou ao menos o seu chefe, ou presidente. O Professor deverá fiar completamente extranho a taes *contendas*. Reconhecendo nos magistralos estabelecidos os seus superiores, e os depositarios da autoridade publica, *fallará sempre com respeito sobre suas pessoas, e jamás se animará a criticar seus actos*. Tambem evitará *pronunciar-se contra os habitantes*, que a pirão a uma mudança na administração. Sejam quaes forem as suas sympathias, nunca as fará evidentes, para produzir o triumpho de uma opinião sobre outra. Esta attitude é incompativel com a *missão pacifica*, que deve preencher. Encarregado de educar todos os meninos de um logar, deve estar em *boa intelligencia* com as familias. O primeiro, e talvez unico resultado de tal conducta, seria certamente o de attrahir a *animosidade dos paes*, cujas ideas houvesse combatido, e cujo amor proprio tivesse magoado.

4.º Acontece algumas vezes, sobretudo longe das capitães reinar uma deploravel desintelligencia entre o chefe ou presidente da municipalidade, e o pastor ou vigario :

— « Não se deve inquietar o Professor com essa « desunião, porque ella natural e necessariamente « cessará, em tudo o que se lhe refere. Estes dous « funcionarios em relação á infancia não pôdem « deixar de concordar no mesmo pensamento. Tanto o presidente da municipalidade, como o vigario « desejão, que ella receba uma educação religiosa, « e bem assim uma instrucção vigilante. Ambos « comprehenderão admiravelmente, que o Professor não pôde *participar de suas pendencias, sem « comprometter um interesse, que igualmente lhe « é caro...* Considerarão pois como um dever o res-

« peito para sua *neutralidade*. Si todavia acontecer
 « o contrario, *resistirá* o Professor *com respeito*,
 « mas tambem *com firmeza*. Todos applaudirão tal
 « conducta; a autoridade superior o apoiará, sen-
 « do mistér, e acabará por estimar-o ainda mais,
 « aquelle mesmo, cuja causa houver recusado es-
 « posar. »—(a)

5.º Finalmente. Constituirão ainda verdadeiros perigos para o Professor as lutas politicas, que periodicamente faz surgir no seio do paiz a Constituição politica, que nos rege. Terá de *defender-se contra as excitações externas, e contra os sonhos de sua propria imaginação*. *Preserve-se elle de adoptar, bem como de propagar essas doutrinas funestas, que sob o pretexto de reformar a sociedade, não tendem senão a destruir os seus fundamentos, arruinando ao mesmo tempo o estado domestico, a propriedade e os bons costumes!* (b) Tambem lhe é permitido *lembrar* por meio do seu voto, ou do *direito de petição*, todas as instituições realmente proprias para *melhorar a condição humana*; e igualmente deve empregar toda a sua energia para repellir as *extranhas concepções* (c) que se achão honradas ou decoradas com o nome de *idéas de progresso*, e que *somente poderão ser geradas em um estado de demencia, ou depravação do espirito*, e a é dos naturaes instintos. Quando pois for chamado para exercer seus direitos politicos, fal-o-ha com *independencia, discernimento, e probidade*. Soas inspirações devem ser bebidas na mais profunda convicção, e no sentimento do verdadeiro amor da patria. Si

(a) Barrau.

(b) Vem muito a proposito na actualidade.

(c) O socialismo, a communhão de bens e de pessoas do sexo amavel e viceversa l... a extincção da autoridade, da propriedade, da familia etc.

aliáz escutar as *suggestões do orgulho e do egoísmo*, jámais poderá conservar aquella *moderação*, que unicamente na ce da *razão*, e talvez bem cedo um *momento de exaltação seja seguido dos mais acerbos pezares*.

Além dos escolhos, que acabamos de indicar, pôde o Professor aguardar o encontro de muitos outros, mais ou menos *perigosos*. Será bem succedido em evit-los, se, *desconfiando da sua inexperiencia, consultar alguma pessoa sabia e esclarecida*. O homem que *ordinariamente existe em circumstancias de bem o dirigir*, ou guiar, é aquelle, cuja *vida sancta* como o caracter de que se vcha revestido, naturalmente inspira *confiança*; aquelle que preenche no lugar o *ministerio de caridade e de paz*, o pastor ou vigario emfim. De bom grado é elle se deverá dirigir o Professor, tendo previamente se assegurado de sua benevolencia.

IV

DESINTERE-SE.

Quando recommendamos ao Professor o *desinteresse*, de modo algum queremos prejudical-o no gozo de seus modestos honorarios. E'ju-tó, e mesmo mister que a sociedade forneça os meios de subsistir com honra a quem se dedica inteiramente ao seu serviço. O que desejámos é que se preserve de certa *rispidez por amor do lucro*, o que é incompativel com a nobreza dos sentimentos, e ainda mais com o cumprimento do dever:— « O Professor, diz o Sr. Barão de Gerando, que de seu emprego fizer uma especie de *especulação mercantil*, não somente desconheça o verdadeiro caracter d'elle, como tambem sacrificará o seu principal meio de ser bem succedido. Com effeito, assim não poderá jámais attar com se-

« os discipulos esses *laços moraes*, que lhe dão sobre elles a mais consideravel influencia; nem se fará amar e respeitar d'elles; ea propria confiança dos pais se alienará » (a).

Entre os *Mestres* que regem *escolas ruraes* alguns fornecem aos seus discipulos livros, papel e outros objectos necessarios para o ensino. Post. que este tenha seus *inconvenientes*, como tambem possa offerrecer alguma *vantagem*, não o condemnamos absolutamente; mas recommendamos ao Professor, que o adoptar, que *fuja de procurar nisso um meio de augmentar seus recursos pecuniarios; e o convidamos com a maior instancia a abster-se de perceber qualquer lucro nos fornecimentos, que fizer*. É preciso que as familias se componham inteiramente de que não tem outro morel, alem do desejo de livra-las de difficuldades, com economia, e tendo por fim estabelecer na escola uma *preciosa uniformidade*, que de outro modo seria mui difficil obter.

O Professor não se contentará somente com tornar isento de suspeita o seu *desinteresse*; mas deverá ainda provar-o por sua *moderação no exercicio* de seus direitos. Jamais se lhe ouvirá lamentar o grande numero de discipulos admittidos gratuitamente á frequencia da sua escola nem entrará jamais a este respeito em discussão com a *authoridade municipal* (e outras), e evitará igualmente, salvo o caso de abuso visivel e patente fraude, reclamar á *authoridade* para mandar reduzir a lista dos indigentes. (b).
— Nada é mais natural de que esta conduta. A casa

(a) Curso normal dos Professores Primarios.

(b) Estes em França são recebidos gratuitamente pelo Professor, que além disso os socorre a sua custa até certo numero determinado pela municipalidade em relação ao total dos alumnos de cada escola.

não foi principalmente em beneficio dos pobres, que se estabelecerão as escolas nas Freguezias ?

Se é penoso ao Professor, que um discipulo capaz de satisfazer a retribuição escolar, seja d'ella dispensado, quanto mais não o seria para um pobre menino que não estivesse nessas circumstancias, ser obrigado a isso? As im pois, o Professor fuja sempre de expôr-se a fazer commetter um tão imperdoavel erro.

Seu *desinteresse* e poderá igualmente encontrar um perigo de outra especie. Sendo filhos de pais abastados alguns de seus discipulos lhe offerrecerão talvez pequenos *mimos ou presentes*; não deve hesitar um momento em recusal-os. Aceitando, não é humilharia os meninos pobres, que nada podem offertar, como tambem sacrificaria á independencia que lhe é necessaria a respeito de todas as familias: — « Em geral (diz o Sr. Barrao) os homens não dão, por *rem emprestado*. O pai de familia, que vos remette um presente, lisongea-se secretamente de que em remuneração disso, tereis algumas contemplações com seu filho. O que espera de vós (não vos illudaeis) certamente não é um augmento de severidade; pelo contrario, conta elle, que *fechareis os olhos* sobre algumas infracções da disciplina; e que estareis disposto para *fazer pender a balança* em favor de sua prole, quando houverdes de fazer uma *distribuição de premios*. Isto supposto, qual não será o seu despeito, quando seu filho não obtiver as preferencias, que se animava a esperar? Irritar-se ha, julgará poder lançar em rosto o que vos houver dado, e parecer-lhe-ha, que sois um máo pagador, ou infiel devedor, ou pelo menos um ingrato. » —

(1) Professor emfim deverá saber fazer proficuo ou

proveitoso ao publico o sacrificio de seu particular interesse. Aquelle que, es-ando *descontente* com a modesta posição, que se lhe h-uer dado em sua admisão, á carreira do ensino, fizer todas as diligencias para a *deixar* no mais breve espaço, que lhe for possível, não poderá jamais ser bom Professor. É evidente, que o *desgosto* seria a consequencia natural de sua *impaciencia*; que elle não se *afferçoaria* muito a discipulos de que pretendesse logo separar-se; e que *muito diminuto ardor* empregari no sua instrução. Entretanto não nos parece reprehensivel todo e qualquer desejo de *acesso*: a esperanca de alcançar um posto mais vantajoso, depois de prestar *verdadeiros serviços*, é natural e muy legitima; porém ainda assim o bom Professor o aguardará com calma e paciencia, confiando na sabedoria de seus superiores.

V

AMOR DA SOLIDÃO.

É mistér não confundir o *amor da solidão* com a *misanthropia*, es-a extravagancia do espirito, que obriga a fugir da sociedade e buscar o isolamento. O professor não pólo retirar-se do commercio dos homens, e tem mesmo forçadamente de entreter relações, tanto com as authoridades, como com as familias; o que condemnamos aqui não as *visitas sem motivo, e principalmente a dissipação*.

A vida do Professor deve conservar-se em *harmonia* com as exigencias das *funções* que exerce. Estas grães e sanctas funções, impõem-lhe muitas *privações*, a que se *deve resignar*, sob pena de incorrer na *censura*, e talvez no *desprezo* publico. Com effeito, certamente mereceria muy debil confiança, si, terminada apenas a lição, fosse visto, *sempre na ocio-*

sidade, a passear ora para um lado, ora para outro; si nos dias de fercias tratasse só de andar a *caça*, ou de frequentar as *casas de jogo*, de concorrer aos *divertimentos* da aldeia, ou mesmo de partilhar d'essas *danças*, que os costumes locais parecem algumas vezes ao horizon, & A maior parte *destas distrações* são *indignas de um homem serio*, e outras vezes sómente convem ás *pessoas sem occupação*; todas ellas porém encerrão seus *perigos*, e podem dar occasião a *funestos accidentes*.

Sem duvida o Mestre joven terá necessidade de muita *coragem* para praticar esta *abnegação*, que aqui lhe recommendamos; porque, alem das *tentações*, nascidas do atractivo do prazer, será muitas vezes *procurado e solicitado* pelos moços de sua idade. Se elle comprehender *perem os seus deveres*, ou para melhor dizer, si comprehender bem os *seus verdadeiros interesses*, *resistirá* com efficacia á todas as suas instancias.

Da mesma sorte se guarilará de ter *demasiadas communicações com as familias*: a consequencia necessaria de *multiplicadas visitas*, seria enfraquecer sua independencia e consideração. Pela *intimidade* deixaria de empregar em *observar-se* a mesma *atencão* que anteriormente usasse, e poderia então commetter alguma *imprudencia*, ou de xar perceber em sua pessoa *defeitos*, que por outro modo ninguém *suspeitaria*: — « Não é raro (diz o auctor da *Imitação*) que uma pessoa destrua pela sua presença a « boa opinião, que d'ella tinhamos sómente por sua « reputação. » — O Professor estaria por tanto *exposto* por um *excesso de familiaridade*, a perder parte da estima dos paes, que em todo o caso, se habituariao a fallar lhe *sem cerimonia*, e bem depressa a tratarão *sem respeito*. Tambem aconteceria na escola

tornar-se *menos respeitosos e submissos os meninos*; para os quaes sua authoridade perderia todo o *prestigio*.

Dever-se-ha porventura prohibir ao Professor toda e qualquer especie de *recreio*? Não por certo, mas é mister que busque ordinariamente seu *repouso e refrigerio* na sociedade de alguns *amigos bem escolhidos*, e principalmente no *interior de sua casa*. Si *tiver familia*, occupará suas *horas vagas* de um modo igualmente util e agradável nos *cuidados e affeições domesticas*. — Si *não a tiver* porém, encontrará suaves e innocentes jogos na conservação de seu *jardim*, na cultura das *flores*, no *encherto o poda das arvores*, em cuja occupação, além disto, achará os meios de reduzir á pratica os conhecimentos theoreticos, que houver recebido na Escola normal.

O proprio *estudo*, que em outro lugar ou tempo havemos recommendado como um dever, poder-lhe-ha offerecer muitas *recreações* cheias de *attractivos*. Si o Professor tiver esse *desejo de instruir-se*, que é tão natural no homem já cultivado, *jamais se achará embarçado* á respeito do emprego de suas *horas vagas*; terá no seu *gabinete* o maior objecto de *delectação*; e no *meio dos seus livros*, sentir-se-ha verdadeiramente feliz. Não podemos porém deixar de insistir na recommendação de ter *muito cuidado em escolher somente obras serias e uteis*. Preserve-se principalmente da leitura desses *romances* infelizmente tão generalizados em nossos dias, e que somente são [pela maior parte] *apropriados para perverter o espirito, falsear o juizo, corromper o gosto, e enfraquecer o coração*.

Definição, Objecto e Divisão da Pedagogia.

A *Pedagogia* é a arte de ensinar os meninos, ou de lhes dar uma *boa educação*: arte importante que exige muito *discernimento, luzes, experiencia e dedicação*.

Educar os meninos não é simplesmente *instruil-os* como entendem algumas pessoas, que confundem a *instrucção* com a *educação*; mas desenvolver e dirigir as *faculdades* com que nascem. Sendo pois o homem composto de *corpo e de uma alma*, dotada de *intelligencia e de vontade*, segue-se que o menino possui tres especies de *faculdades*, que são as *faculdades physicas*, que se referem ao *corpo*, as *faculdades intellectuales* que se referem á *intelligencia*, e as *faculdades moraes*, que tem relação com a *vontade*. D'aqui se derivão tres ramos de *educação*, a *saber*: a *educação physica*, a *educação intellectual*, e a *educação moral*, com a qual se confunde a *educação religiosa*.

Estudar as principaes *questões*, que se referem a estes tres ramos da *educação*, ou, para melhor dizer, á *educação* considerada debaixo d'estes tres aspectos, tal é o *objecto* do *Curso*, que temos começado.



CURSO PRÁTICO

DE

PEDAGOGIA.

PARTE PRIMEIRA.

EDUCAÇÃO PHYSICA.

Os casos particulares da *educação physica* referem-se especialmente aos paes, a quem pertence em primeiro logar *firmar a saude* de seus filhos, *desenvolver seus órgãos, e preparar seu corpo* para as fadigas de toda a vida; entretanto o Professor, junto de quem passam os meninos diariamente algumas horas, não póle conservar-se *extranho* a esta educação. Mais cuidado ainda deve ella merecer-lhe no campo, onde os paes, por falta de tempo, ou de applicação, preenchem ordinariamente muito mal esta parte de suas obrigações. Para este fim *duas especies de meios* se offerecem ao Mestre, isto é, os *meios indirectos*, ou *precauções hygienicas*, e os *meios directos*, ou *exercícios*.

CAPITULO I.

Meios Indirectos ou precauções hygienicas.

Estes meios são *seis* principaes, a saber: o *associo* dos meninos, a *limpeza* do local, a *renovação do ar*,

a variedade dos exercícios, a boa posição do corpo, e a separação dos meninos atacados de molestias contagiosas, ou repugnantes. (1)

I.

ASSEIO DOS MENINOS.

A falta de *asseio* no corpo, e nos vestidos é infelizmente muito trivial nos meninos das classes pobres. N'ella existe principalmente uma das maiores causas da insalubridade do ar de muitas escolas; e ao mesmo tempo constitue uma falta deploravel, que *pode influir em toda a vida*, para tornar a pobreza mais triste e penosa. Além d'isto a *immundicie da pelle*, a prediçõe para numero-as molestias, dificultando a *transpiração cutânea*.

O Professor se preservará muito de *humilhar* a pobreza; mas poderá ex'gir, que os meninos, inclusivamente os mais pobres, tragão *limpos e bem arranjados* os seus vestidos. Valará tambem para que menino algum venha jamais a escola, sem se ter penteado, e lavado as mãos, o rosto, o pe-coço e as orelhas; tal é o fim da *inspecção* ou revista de *asseio*, que deve preceder sempre a lição. Então deverá obrigar a la-

(1) Além destes meios, deve o Professor exigir de cada um dos meninos, que se apresentarem para a escola, um certificado de haverem sido vaccinados, e recusará admitir os que não poderem produzir a prova disto, ou de terem tido hexigas. Este é o unico meio de vencer o culpavel descuido, ou insensata repugnancia de alguns paes; ou de tornar proficua a todos os seus discipulos a preciosa descoberta, que tem libertado a humanidade de uma das mais terriveis molestias.

varem-se *imediatamente*, os que se houverem descuidado de o fazer em casa. (1)

II.

LIMPEZA DO LOCAL.

A sala da escola será conservada com o maior *asseio* possivel. Para este fim d'verá ser varrida ao menos uma vez por dia. O Professor evitará ter nella quaes quer objectos extranhos a aula, taes como fructas, legumes, etc. Seria tambem para desejar que na casa houvesse um lugar reservado para receber as cestas, em que os meninos trazem suas provisões. (2)

O Mestre igualmente terá o cuidado de não deixar permanecer junto das janellas da escola quaesquer charcos d'agua estagnada, acervos de immundicies, ou estercos.

Finalmente exforçar-se-ha por fazer que as latrinas estejam um pouco afastadas das aberturas da sala da escola, a fim de que ali não possam penetrar os vapores que d'ellas se es apão; e com muito cuidado as fará lavar frequentemente com grande porção d'agua.

(1) No saguão, ou em falta d'elle, no *pateo de recreio*, ou mesmo no caminho da povoação, é que se faz de ordinario a *inspecção de asseio*. A um signal convencionado os alumnos cessão os seus divertimentos, e depois a um segundo signal vem collocar-se diante do Mestre, formando-se por divisões; e cada—uma em duas linhas parallellas. Quando não houver saguão e o mão tempo não permitir fora a reunião dos meninos, não deixará por isso de ter lugar a inspecção de asseio; e para a fazer o Mestre se aproveitará da *marcha geral* que deve preceder a *chamada*, a qual conduzirá successivamente todos os discipulos ao alcance de seus olhos.

(2) Veja-se o que dicomos a respeito do saguão a pagina 70.

III.

RENOVAÇÃO DO AR.

Uma das maiores causas da pe-síma saúde e debilidade dos meninos das classes pobres, existe no ar corrupto, que respirão em seus escuros e estreitos abrigos, durante a idade, em que se desenvolvem os seus pulmões. Os mesmos inconvenientes se reproduzirão na escola, se ali se reunissem em grande numero, não havendo o cuidado de manter a salubridade do ar. O meio de a conservar, e a entreter, consiste em renovar este fluido tantas vezes, quanto maior for o numero de meninos, e quanto menores forem as dimensões da sala. Renovar-se-ha o ar durante os recreios: brindo-se as portas e janellas. Poder-se-ha tambem purificar-o, durante as lições, estabelecendo em falta de ventilladores, corredeiras de janellas, ou vidraças moveis na parte superior das mesmas. Bastará abrir estas corredeiras durante o inverno, mas no verão se poderá, sem inconveniente, conservar as portas e janellas abertas, mesmo durante as lições, sem com tudo deixar que se estabeleção correntes atmosphéricas.

IV

VARIÉDADE NOS EXERCÍCIOS.

Os meninos naturalmente tem muita necessidade de movimento: a longa duração de uma certa e determinada posição torna-se para elles um verdadeiro soffrimento. Deve-se pois, tanto por humanidade, como por interesse da boa ordem, buscar os meios de variar alternadamente suas posturas, sem tumulto, nem confusão. Para este fim será sufficiente variar

os exercicios, tendo o cuidado de fazer succeder a um exercicio nos quadros outro nas mesas. Diversas evoluções serão precisas para passar d'um a outro genero de trabalho: os discipulos as farão sempre cantando e marchando em compasso.

Poder se-ha tambem deixar sair todos os discipulos no meio da lição pouco mais ou menos. Este repouso de 5 até 10 minutos, além do descanso que lhes facilitará, permittir lhes-ha tambem satisfazerem suas precisões, o que fará desaparecer o inconveniente das ahulas particulares, que não deixão de transtornar a lição.

V

BOA POSIÇÃO.

Não é menos importante para o desenvolvimento physico dos meninos, do que para boa ordem e regularidade da escola, obter de todos uma conveniente posição ou postura. Ha muitos alumnos, cujo talhe se desvia sensivelmente da vertical, em consequencia do máo habito que tem de cruzarem as pernas e de levantarem mais o hombro direito do que o esquerdo, quando escrevem. O Professor pois fará com que os meninos assentados tenham os pés juntos um do outro, o corpo parallelo a mesa, e os cotovellos na mesma altura. Prevenirá tambem, que no acto de escrever, entrem o corpo para diante, ou apoiem a peito na extremidade da mesa, lançando a pernas para traz: isto é o peior habito que os meninos podem adquirir: porque tudo o que tende a comprimir o peito tem consequencias mui fataes, principalmente na mocidade.

VI

SEPARAÇÃO OU AFFASTAMENTO DOS MENINOS ATACADOS DE CERTAS MOLESTIAS.

Muitos meninos vem para a escola, apesar de estarem atacados de algumas *enfermidades* que nascem da *negligencia e do descuido*. Alguns trazem a cabeça coberta, ou cheia de piolhos. Como estes *insectos* impuros se propagão com grande rapidez, o Professor deverá *separar* da classe por alguns dias os meninos, que por elles forem atormentados. Igualmente se exforçará durante o mesmo tempo por destruir entre os paes o *prejuizo* vulgar de que tal bicharia é util a saúde dos meninos.

Se algum discipulo for atacado de sarna, cujos indícios são sempre os pruridos ou comichões, nas articulações, e a existência nas diversas partes da superficie do corpo de pequenos botões agudos e esbranquiçados, deverá ser promptamente despedido. (a)

As enfermidades repugnantes, embora não sejam contagiosas, taes como os humores frios, no estado de chiaga, ou alporcas, a tinea, os corrimentos dos ouvidos, & motivarão igua l medida.

CAPITULO 2.º

Meios directos, ou exercicios.

O Mestre deve *esmerar-se* durante as lições por *preservar a saúde* de seus discipulos de qualquer influencia perniciososa. Fora dellas, e no tempo de *recreio* alguma coisa mais poderá fazer. Com effeito ser-lhe-ha permittida *desenvolver e fortificar* todos

(a) Temporariamente até curar-se.

os *orgãos* dos meninos, por meio de *movimentos* que vigiará, e fará convenientemente executar. Andar ou marchar, correr, saltar, trepar, escorregar ou resvallar e cultivar o jardim, taes são os principaes exercicios, cujo emprego julgamos dever aconselhar aos Professores que fação pôr em pratica. (a)

I

ANDAR.

O exercicio mais trivial, e ao mesmo tempo um dos mais *beneficos*, é a marcha, ou acção de caminhar. Além de *excitar o corpo e fortificá-lo*, promove a boa disposição para a mer e dormir, pois não ha quem não tenha experimentado mais *apetite* na satisfação da necessidade de alimentar-se, e um melhor *somno* depois de uma marcha ou caminhada, que o haja fatigado pouco. O Professor fará pois um verdadeiro beneficio á seus discipulos obrigando-os a *emprehender alongados passeios* *atravez dos campos, sem importar-se muito com o tempo empregado nisso, e caminhos a percorrer*. Não se podendo porém, de ordinario fazer os *passeios* *senão aos Domingos e Quintas feiras*, torna-se este meio *apenas applicavel* aos alumnos panfionarios, ou pensionistas.

II.

CORRER.

Não acontece o mesmo a respeito do curso ou carreira. Na maior parte dos districtos, os meninos ficam

(a) Convem muito tambem a patação, a equitação [sendo possível] as trações e suspensões de pesos gradualmente mais elevados seu atrojamento ou atiramento a um alvo, o jogo da bola, do espadão, etc.

na escola durante o tempo, que decorre de uma a outra lição. Nada impede portanto ao Professor de estabelecer, para elles, no pátio de recreio, certos jogos de diversão, que os obriguem á correr, taes como o jogo da barra, o do circulo, o da pella, com todas as suas variedades, &c. Os diversos movimentos que exigem estes jogos, *fortificão os pulmões, desenvolvem os musculos dos braços e das pernas, e facilitão ao corpo agilidade e destreza.* O Professor porém cuidará muito em prevenir os accidentes, que podem resultar de correr, impedindo aos meninos qualquer esforço excessivo, fazendo os vestir no fim do exercicio as roupas que antecedentemente houverem despido, e não permitindo que se deite á sombra, ou beba agua fria o que se achar suado.

III

SALTAR.

O salto promove aproxima da mente todas as vantagens que a carreira ou o curso offerere. Por muitos modos pôde ter lugar. Distinguem-se entre outros, o salto para vencer ou alcançar um certo espaço, o salto de cima para baixo e de baixo para cima, o salto com os pes juntos e o salto por meio de varas. A este respeito são tambem precisas algumas precauções. Quando o salto é precedido de uma carreira, como ordinariamente acontece, tratando-se de vencer um certo espaço, não deve tal carreira ser muito longa, e faz-se mister ver que o ponto de partida do pulo, não seja escorregadio, nem muito duro aquelle a que se intenta chegar. Relativamente ao salto de baixo para cima, deve-se observar que o basão ou tordel, sobre que se deve pular, esteja collocado de

modo, que caihão facilmente ao menor contacto. Em fim nos saltos de cima para baixo, deve-se preferir a direcção obliqua á perpendicular, não saltar da altura excessiva, curvar os joelhos no acto de pular, e trazer a cabeça um pouco para a frente, alim de cair sobre a ponta dos pes.

IV

TREPAR.

Para se chegar a este exercicio é preciso estar preparado por meio de outros menores e mais facéis, que se executão com varas horis intalmente fixas em dous estetos ou bases. Uns consistem em suspender e levantar o corpo até que a barba toque a peça transversal; outros em caminhar ao longo da vara com as mãos, ficando o corpo inteiramente suspenso. Outros tem por objecto fazer o corpo avançar ou retrogradar sobre ou descer entre duas varas horisontaes e paralellas, sobre as quaes se apoião, ou suspendem as mãos, sem que toquem os pés em terra. Depois destes primeiros exercicios, pode-se fazer subir no principio por uma vara, depois por um mastro e finalmente por uma corda, com soccorro das extremidades superiores e inferiores primeiramente, e mais tarde, somente por meio d'aquellas. O Professor muy raras vezes permitirá a subida das arvores, e rochedas escabrosas, em razão dos graves accidentes, que podem occorrer.

V

ESCORREGAR OU RESVALAR.

Escorregar ou resvallar sobre a neve é igualmente regado o medicos, um dos mais salatares e fortifi-

canos exercícios (a). O ar puro, a frescura da estação, a acclimação da circulação do sangue, os esforços dos músculos operam todos conjuntamente, e com vantajoso resultado, sobre as diversas partes do corpo.

Os meninos gostam muito naturalmente de resvalar, e por isso o Mestre não terá precisão de excitá-los para este exercício; aliás, deverá prohibir-lhes expressamente emprehendê-lo nos rios, ou charcos profundos; poderá porém, sem inconveniente deixá-los estabelecer pequenos resvalladouros junto da escola. Neste caso já não haverá a deplorar quaesquer accidentes de gravidade, principalmente se tiver o cuidado de obstar, que os meninos inexperientes se ajuntem com os outros, cujos estes se provoquem para imprudentes esforços.

VI

CULTURA DO JARDIM.

Quando o Professor tiver alumnos internos ou pensionistas poderá confiar a cada um d'elles um pequeno espaço de terra á cultivar. Os cuidados que exige a cultura do jardim são excellentes, para exercer todos os membros. Além disto, offerecem elles a vantagem de interessar os meninos, que freem verdadeiros gosos ao verem prosperar as sementes, ou plantas, que entregam á terra. Finalmente exercendo o Professor os seus discipulos na cultura do jardim, e vigiando o seu trabalho attentamente, lhes prestará muito bons serviços, maxime se fôr instruido na horticultura, e lhes communicar uteis observações, ensi-

(a) No Município de Lages pôde ter applicação.

nando-lhes alguns processos novos, e incitando-os a abandonar velhos prejuizos e preocupações rotineiras.

(1)

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

(1) A substancia d'este capitulo foi extraida dos principios de educação de Niemeyer, e do Curso de Pedagogia do Senr. Rendu.

PARTE SEGUNDA.

EDUCAÇÃO INTELLECTUAL.

A educação intellectual tem por objecto *desenvolver a intelligencia, e enriquecê-la de conhecimentos mais ou menos extensos, conforme as condições de cada individuo.*

Para desenvolver a intelligencia é preciso pôr em acção as diversas faculdades intellectuaes a saber: a *percepção*, que vê os objectos reaes ou methaphysicos, a *attenção*, que os examina; a *memoria*, que recorda a sua lembrança; a *imaginação* que penetra as suas relações; e, finalmente o *raciocínio*, que entre si combina os juizos.

Não existe um só objecto em a natureza, nem aos nossos olhos se passa um successo qualquer, que não ministre ao professor u na occasião favoravel de fazer entrar em acção as *faculdades intellectuaes*; dos meninos, que lhe estão confiados. O meio porém mais facil, e de ordinario mais empregado, consiste em applicar os *elementos dos humanos conhecimentos*. Este trabalho da intelligencia não produz sómente o vantajoso resultado de *augmentar as suas forças*, porque facilita igualmente a *acquisição das noções usuaes e practicas*, indispensaveis ao homem para bem preencher o seu duplo destino.

A isto tende finalmente a educação intellectual que sob tal ponto de vista, se confunde com a *instrução propriamente assim chamada*. A educação intellectual e a *instrução* no seu sentido proprio concorrem por tanto para um alvo commum, que é o de alcançar para o espirito os conhecimentos especiaes, de que necessita; a educação intellectual porém tem por fim particular tornar o espirito mais apto para adquirir esses conhecimentos uteis, o que faz applicando as *faculdades intellectuaes a mil objectos diversos*; entretanto que a *instrução propriamente so facilita directa e immediatamente esses conhecimentos, applicando as faculdades intellectuaes a determinados objectos*. Ambas augmentão o acervo das idéas, mas pela primeira as idéas, tomadas indistinctamente aqui e ali, não são ordinariamente senão um meio; em quanto que pela segunda, sendo ellas ligadas, e referindo-se a identico objecto, constituem o fim. Finalmente deve-se concluir que a educação intellectual abre a senda para a *instrução*, e esta completa a obra d'aquella.

Recommendo em geral ao Professor que se aproveite das frequentes occasiões, que encontrar possa fóra de suas lições, para pôr em acção as *faculdades intellectuaes* de seus discipulos, não lhe traçaremos regra alguma particular a tal respeito. Basta que nos occupêmos nesta parte do *Curso de Pedagogia* com a *instrução propria*; pois que, segundo vimos, se *desenvolve a intelligencia* dos meninos, quando se lhes faz *adquirir os conhecimentos practicos*, de que necessitam; sendo além disso *esses conhecimentos o alvo final da educação intellectual*.

INSTRUÇÃO PROPRIAMENTE ASSIM CHAMADA.

Para instruir uma grande porção de meninos reunidos são necessarias muitas condições; em prim

ro lugar é mister que o Professor tenha a sua disposição um local commodo provido da conveniente mobilia; em segundo que conserve na aula a boa ordem e a disciplina; e finalmente, depois da haver classificado, como convem, os seus discipulos, que adopte na instrucção d'elles um bom methodo de ensino. Examinaremos com alguma particularidade estas diversas questões nos cinco seguintes capitulos.

CAPITULO 1.º

Escolha do local.

Duas cousas se deve considerar relativamente ao local de que se quer fazer uma aula de escola: o exterior, e o interior.

Artigo 1.º

Exterior.

Quando se escolhe o terreno para uma casa de escola, é mister preferir, principalmente se ali existe a Igreja, o quarteirão mais populoso do districto, e assentar a casa sobre um terreno algum tanto elevado, a fim de que o ar seja mais salubre. A melhor posição para o frontispicio é a que alha para Leste, ou Oeste, por quanto offerece garantias contra os violentos fijos do norte, (a) e os calores do verão. Se entretanto fôr impossivel orientar d'este modo a casa da escola, ou por que os aposentos já estãõ construidos, ou por outro qualquer motivo, se remediará até certo ponto este inconveniente por meio de plantações, deixando comtudo entre as arvores e a casa, uma distancia tal, que chegando ellas ao seu perfeito crescimento, não possam interceptar a luz.

(a) Neste humo heito se deveo dizer — do sul.

Si o terreno escolhido for situado sobre uma rua, ou sobre um caminho mui frequentado, será mister cuidar em separar a casa da escola da rua, ou do caminho por um pateo, ou um jardim.

I

PATEO.

É mister que antes das lições, e durante o intervallo, que as separa, se conservem os meninos debaixo das vistas do Mestre, em vez de correrem para todos os lados sem vigilancia ou inspecção. A sala da escola entretanto deve ser reservada exclusivamente para os exercicios das lições, torna-se pois indispensavel a existencia de um pateo, isto é, de um lugar visinho d'aquella sala, onde os meninos possam ter os seus recreios.

Si o Professor for encarregado de instruir ambos os sexos, deverá haver dous pateos distinctos, e, se for possivel, separados pela casa de escola, ou ao menos por um muro, sufficientemente elevado. Será muito conveniente, que o pateo seja de areia, para que jamais n'elle se forme algum lodagal.

II

LATRINAS.

No pateo da casa da escola se devem fazer latrinas, que fiquem collocadas á grande distancia das aulas, de modo porém que o Mestre possa inspecionalas sem inconveniente. O meio de facilitar esta inspecção consiste em abrir-lhes portas de 1 metro e 50 centimetros (ou 6 palmos e 6 pollegadas o meia) de altura.

ra, pouco mais ou menos, deixando por baixo um espaço vazio. Acima já dicimos, e de novo repetimos, que nas latrinas deve reinar sempre o maior a seio.

III

BOMBA DE TIRAR ÁGUA.

Frequentemente precisão os meninos *lavar-se e mitigar a sede*; a bomba de tirar agua é consequentemente um dos moveis mais uteis em uma escola.

Deve ella ser estabelecida no pátio de recreio, para estar sempre á disposição dos alumnos. Se não se poder obter uma bomba, deverá ser supprida por um lavatorio de mãos, ou por uma cisterna.

IV

SAGUÃO.

Entende-se por saguão uma especie de telheiro, ou alpendre onde se recreião os meninos no tempo de chuva. Ahi costumão os alumnos guardar os seus chapéus ou toucados, e serve lhes tambem de sala de jantar, e logar de reunião antes de *entrarem* para a lição.

Artigo 2.º**Interior.**

I

ÁRIA DA SALLA DE LIÇÃO.

O mais conveniente de todos os repartiamentos de uma casa de escola, para se estabelecer a sala de li-

ção é o que fica ao correr do chão; o soalho porém neste repartimento deve elevar-se 30 centímetros (ou um palmo e tres pollegadas) pouco mais ou menos, para que fique preservado da humidade. O melhor meio para esse fim é assoalhar a superficie inferior da sala, elevando o chão pela accumulção de escória ou e-cumalha de ferro, bem disposta e socada. Se tal despeza não poder ser feita pela municipalidade, será indispensavel ladrilhar-se a escola.

Convem dar-se ao espaço da sala de lição a forma de rectangulo pouco alongado, isto é, disposto de modo, que o comprimento não exceda a largura em mais de um terço. Nas escolas de ensino mixto ou simultaneo a melhor proporção é a de oito para seis. O tamanho da sala de lição depende do algarismo da população, que tem de mandar discipulos para a escola. Calcula-se que o numero de meninos de ambos os sexos, capazes de frequentar as aulas de 1.ª Lettras, orça pelo menos em um ottavo da população total.

II

PAREDES.

Conforme os paizes, em que se edificão as paredes feitas de madeira e barro, pedras ou tijollos; devem porém sempre ser caiadas, porque se ha-se provado, que a cor branca e melhor o reflecte a luz. Caiar-se-ha as paredes engessando-as, ou applicando-lhes uma coberta de pintura á óleo, depois de as haver emboçado com argamassa, ou pintado este emboço com agua de cal, ou qualquer outra composição.

Será conveniente aproveitar as paredes, traçando nellas os dous alphabets, algumas figuras de dese-

no linial, as medidas métricas, e algumas sentenças úteis.

III

VIDRAÇAS DAS JANELLAS

As vidraças das janellas devem ser collocadas de maneira que a luz se projecte lateralmente. Com effeito se os discipulos tiverem a luz em frente, ou átraz de si, a sombra de seus collegas no 1.º caso, e a sua propria no segundo se estenderá sobre as mesas, e deixar-lhes-ha apenas uma simo-claridade. Quando a luz se projectar fronteira, poderá tambem ao menos durante alguns mezes em cada anno, causar a vista dos discipulos, que se assentarem nos primeiros bancos.

As vidraças das janellas deverão ser sufficientemente elevadas, para que os meninos não possam ver o que fóra se passar, isto é, deverão ser collocadas pouco mais ou menos na altura de 2 metros (9 palmos e 2 terços de pollegada) a contar do chão. Esta disposição das janellas produz a commodidade de se poder suspender por baixo d'ellas alguns quadros negros, ou cartas geographicas.

Finalmente ellas se deverão abrir por uma redouça ou balanço. Se não fór possível assim se arranjamem, e no caso em que não fiquem distantes do chão mais de um metro (4 e 1/2 palmos e um terço de pollegada) será conveniente collocar-se-lhe no alto uma corrediça, afim de renovar-se facilmente o ar do interior.

Si os vidros não forem collocados na desejada altura, será mister pintar-se os vidros debaixo, ou substituil-os por vidros não polidos, ou quadros de madeira.

IV

FORRO.

O forro do tecto deverá ficar, se for possível na altura de 5 metros (22 palmos e 6 pollegadas) ou ao menos na de 4 metros (18 palmos e 1 e 1/2 pollegadas). Quanto mais elevado for elle tanto menos rapidamente se corromperá o ar.

CAPITULO 2.º

Mobilia.

Os principaes objectos que compõem a mobilia de uma escola dirigida conforme o methodo mixto, ou o simultaneo, são os seguintes :

Estrado { Mesa de escrever.
Cadeira do Mestre.

Escrivaninhas com bancos { Tinteiros.
Lousas.
Lapis.

- 3.º Seta ou sinal.
- 4.º Campanha.
- 5.º Guarda-pegas.
- 6.º Quadros negros.
- 7.º Quadros de leitura e outros.
- 8.º Varinhas dos repetidores.
- 9.º Cabide de chapeos.
- 10.º Taboinha de sahada.
- 11.º Retabolo ou armario na parede.
- 12.º Relogio de parede, ou de algibeira.
- 13.º Crucifixo.

14. Fogão para aquecer a sala.
15. Thermometro. (1)

I

ESTRADO.

O estrado é uma obra de marceneiro formada sobre o soátho uma certa elevação, que supporta a mesa de escrever, e a cadeira do Mestre. Suas dimensões devem estar em proporção com a largura da sala.

Ordinariamente tem o estrado de altura 40 a 50 centímetros, de comprimento um metro e 60 centímetros. A mesa de escrever tem de largura 60 centímetros.

A largura do espaço vazio é 70 centímetros. O que dá para largura total do estrado 1 metro e 30 centímetros.

A mesa de escrever comprehende 2 pequenos armários e uma gaveta. Deve ter 75 centímetros de altura.

Sobre o fundo do estrado se acha a cadeira do Mestre, que consiste em uma poltrona de palhinha ou em uma simples cadeira.

II

ESCRIVANINHAS COM BANCOS OU CLASSES.

Os bancos-escrivaniñas ou classes, cuja altura,

(1) Também podem ser considerados como partes da mobília de uma escola as cruzes de banca, os pontos bons, os títulos de satisfação, o quadro de Taictet, o quadro do systema metrico, ou a collecção dos novos pesos e medidas de que trataremos depois.

Em uma escola dirigida conforme o methodo mutuo muitos outros objectos ainda são necessarios, a saber: um apito, travessas de madeiras, porta quadros, telegraphos, &c.

plano, perfil e corte vertical se representão pelas quatro figuras juntas, são obras de marceneira compostas de um banco e uma mesa ligados por tres ou quatro peças transversaes. As bases ou sustentáculos também se ajuntão entre si, por uma travessa longitudinal, onde os discipulos descantão os pés. Os bancos-escrivaniñas ou classes devem ser collocados parallelamente ao estrado, de modo que todos os metnos tenham o rosto voltado para o Mestre.

Ao longo de cada mesa inclinada, ou escrivaniña faz-se uma chanfradura ou entalho destinado a receber as pennas, lapis, &c. De 80 em 80 centímetros este entalho deve ter furos, para nelles se collocar os linteiros; cada linteiro porém servirá para os dous estudantes, entre os quaes estiver.

Em algumas escolas se faz uso de lousas ou ardosias em vez de papel nos primeiros exercicios de escripta, de calculo, de orthographia, &c. De ordinario estas ardosias são encrustadas na mesa, a que se prendem por meio de dous parafusos. (1)

Por baixo da mesa se estabeleceu pequenos repartimentos, gavetas ou casinhas de 40 centímetros de comprimento, nos quaes os alumnos guardão seus cadernos, livros, &c.

Nas duas extremidades das mesas fixão-se montantes ou conceiros de ferro ou de madeira. Prende-se a estes montantes um cordel ou um fio de arame, que deve servir para sustentar os traslados ou modelos de escripta e de desenho. (a)

(1) O uso das ardosias torna preciso o de porta-lapis que servem para conter os lapis, que estiverem muito curtos; e também o de panos de esfregar ou pedaços de couro destinados para com elles se limpar as ardosias.

(a) Ou de bordados, ponto de marca etc. nos escolas do sexo feminino.

O comprimento dos bancos es-
crivaninhas ou clas-
ses depende da largura da sala. Quanto as outras
dimensões, são ellas as seguintes.

Altura dos bancos — maiores 46 centim.	}	Altura media 43 centim.
» » » — menores 46 »		
Largura dos bancos	}	20 centim.
Altura da mesa no lado opposto ao banco		
	}	Altura media 74 centim.
maiores 80 »		
Largura da mesa	}	largura media 40 centimetros.
menores 35 centim. maiores 45 centim.		

A inclinação de cada mesa ou es-
crivaninha é de 5 centim.

A distancia livre entre duas mesas ou
escrivanhas é de 33 centim.

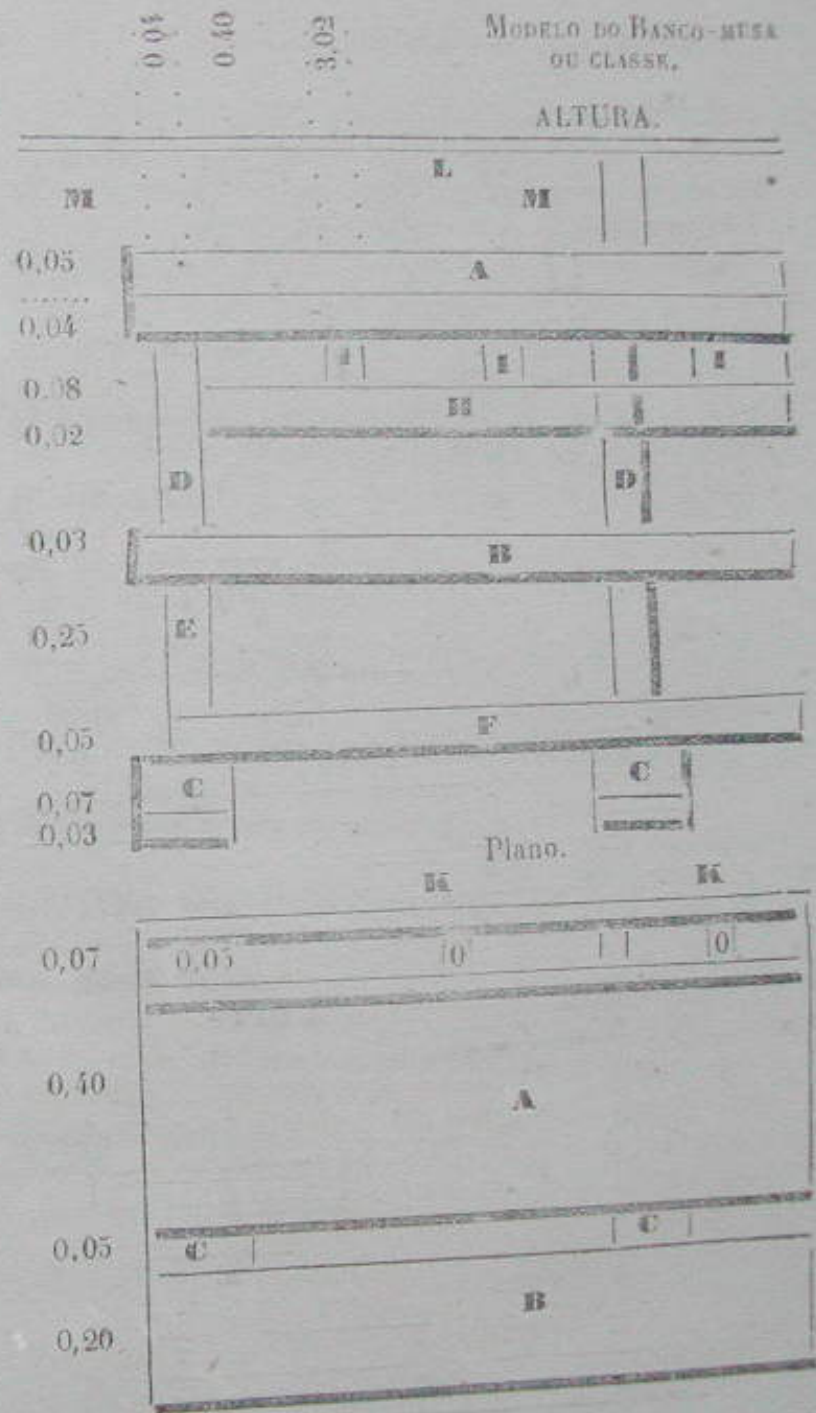
A distancia do banco ao prumo da
mesa é de 5 centim.

O espaço occupado por uma classe ou banco es-
crivaninha é pois o seguinte :

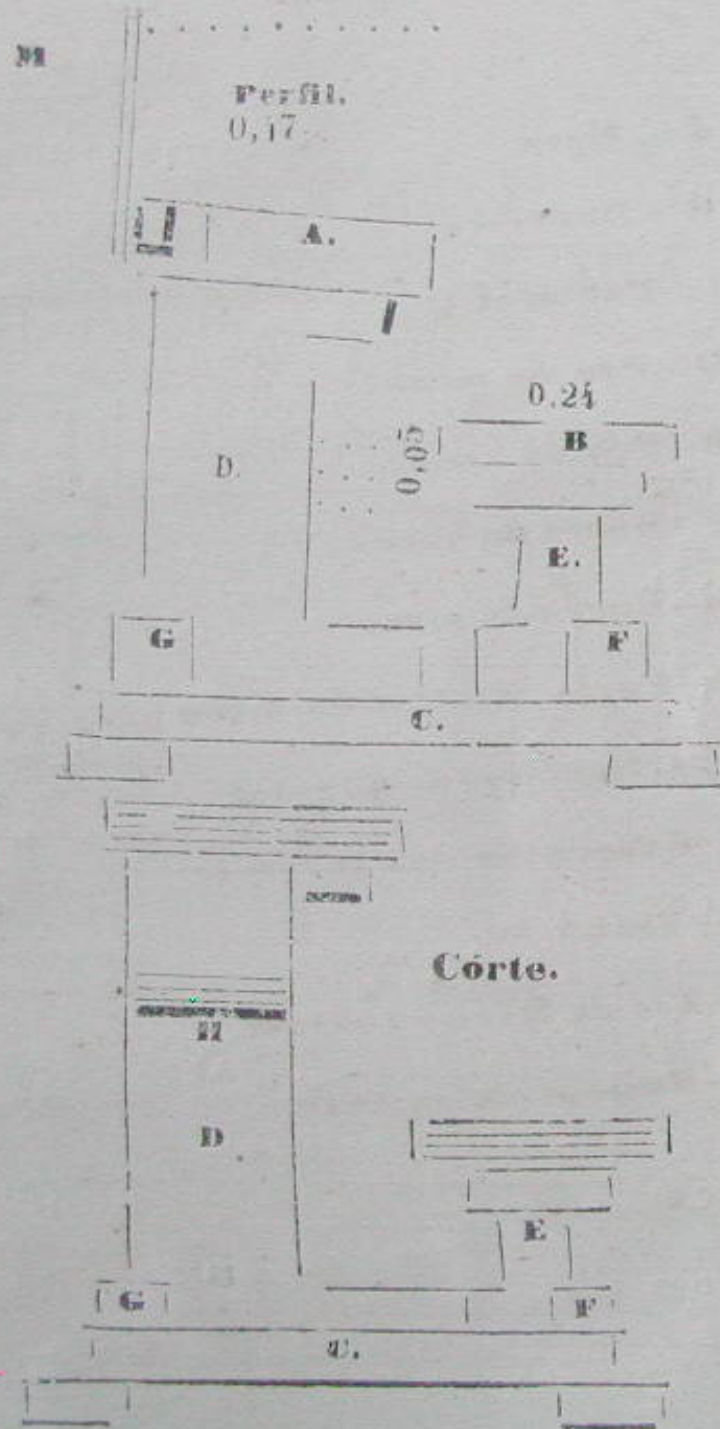
20 centimetros mais 40 ditos mais 33 dic-
tos mais 5 ditos, oq' somma ou é igual a 98 centim.

O espaço tran-ver- sal occupado por um discipulo é de	}	Espaço medió 40 c.
pequenos 35 centim. grandes 45 centim.		

Para a boa execução dos movimentos é mistér em
torno da aula o espaço de um metro ao menos, o que
toma sobre a largura da sala — 2 metros e sobre o
comprimento por motivo de estrado 3 metros e 30
centimetros.



Legenda.



A— Mesa.

B— Banco.

C— Pedestal.

D— Pés da mesa.

E— Pés do banco.

F— Barra do banco.

G— Barra da mesa.

H— Parte inferior da mesa para re-
partimentos de gavetas.

I— Separação das gavetas.

K— Tinteiros.

L— Fio de ferro ou cordão.

M— Sustentáculos do fio.

Problemas.

Conhecendo-se o espaço necessário para um banco-escrivaniinha, e o que occupa um discipulo, pôde-se resolver os problemas seguintes.

PRIMEIRO PROBLEMA.

Quantos discipulos poderá conter uma sala com dimensões dadas, por exemplo 8 metros sobre 6?

Solução—Largura 6 metros.

Espaço livre para execução dos movimentos 2 »

Espaço que resta para os bancos-escrivaniinhas 4 »

Espaço transversal occupado por um discipulo 40 centímetros.

O numero de discipulos por mesa ou escrivaniinha é pois $\frac{4}{0,40} = \frac{1}{0,10} = 10$

meninos ou alumnos.

Comprimento 8 metros.

Espaço livre para os movimentos e para o estrado 3 metros 30 c.

Espaço que resta para as mesas ou escrivaniinhas 4 metros e 70 c.

Espaço occupado por um banco-escrivaniinha 98 centímetros.

O numero de bancos escrivaniinhas $\frac{4,70}{0,98} = \frac{470}{98} = 4,80$

é pois $\frac{4,70}{0,98} = \frac{470}{98} = 4$ bancos-escrivaniinhas e mais $\frac{100}{100}$ de um dicto.

Poder-se-ha facilmente collocar cinco escrivani-

nhas ou mesas inclinadas com seus bancos em uma aula de 8 metros sobre 6, porque a última mesa ou escrivaniinha (para a qual não ha o intervallo do afastamento ou separação a contar) occupará apenas o espaço de 98 centímetros— 33 dictos, isto é 63 centímetros.

De tudo isto se segue que o numero total de discipulos, que se pôde accommodar em uma aula de 8 metros sobre 6, é igual a $10 \times 5 = 50$ alumnos.

(Regra resultante).

É mister pois para determinar o numero de discipulos que pôda conter uma sala de dimensões dadas: 1.º tirar ao menos 2 metros sobre a largura da sala, e dividir o resto pela quantidade 40 centímetros (espaço transversal occupado por um discipulo) o que dá no quociente o numero de discipulos que se pôde collocar em cada banco escrivaniinha.

— 2.º tirar ao menos 3 metros e 30 centímetros sobre o comprimento da sala, depois dividir o resto obtido por 98 centímetros (espaço occupado por um banco escrivaniinha) o que faz conhecer o numero de bancos escrivaniinhas, ou bancos com mesas inclinadas, que pôde conter a aula.

— 3.º enfim, multiplicar o primeiro quociente pelo segundo, cujo producto indicará o numero total de discipulos, que pôde conter a sala.

SEGUNDO PROBLEMA.

Que dimensões deve ter uma aula para conter 60 estudantes?

SOLUÇÃO.—Sejão 12 discipulos por mesa.

O espaço transversal occupado por estes 12 alumnos é igual a 40 centímetros multiplicados por 12, o que tudo é igual a 480 centímetros ou

4,80

Transporte . . .	4,°80
O espaço livre a juntar na largura da salla é	2,°00
A largura da aula deve pois ser de	6,°80
$60 = 5.$	
O numero de bancos-escrivaniha é—	12
Pelo que ; O espaço occupado pelos bancos escrivanihas é 98 centimetros multiplicados por 5 = 490 centimetros	4,°90 (1)
O espaço livre a juntar (no comprimento da salla) é	3,°30
O que dá para comprimento da aula	8,°20

(Regra resultante).

E' mister pois para achar as dimensões, que deve ter uma salla de escola destinada á um certo numero de alumnos : 1. ° Collocar nos bancos escrivanihas ou nos bancos mesas inclinadas por meio do pensamento, um numero x de alumnos ; achar o espaço transversal occupado por estes discipulos, multiplicando esse numero — x — pela quantidade quarenta centimetros, e depois acrescentar ao producto os duos metros, que devem ficar livres sobre a largura total.—2. ° Procurar qual deya ser o numero dos bancos-mesas inclinadas, ou bancos-escrivanihas, dividindo o numero total dos discipulos, que se quer accommodar na aula pelo numero de discipulos de cada banco escrivaniha ; depois multiplicar o nu-

(1) Este numero que presuppõe 5 separações de bancos-escrivanihas deve ser diminuido de 33 centimetros, si se quizer ter um resultado mais exacto. (Do A.)

mero de bancos escrivanihas, que dê o quociente, por 98 centimetros, a fim de achar o espaço que elles occupão, e finalmente augmentar ao producto obtido os 3 metros e 30 centimetros do espaço livre no sentido do comprimento da salla, o que dará o comprimento total da mesma salla para a aula.

III e IV

SIGNAL OU SENHA E CAMPAINHA.

Achando-se os discipulos sempre voltados para o lado do estrado, como já dicemos, poderá o Mestre transmittir-lhes um grande numero de ordens, preceitos ou mandados, por meio de um *signal* ou *senha*. O modo de fazer uso deste instrumento bem conhecido será indicado adiante no capitulo, que trata dos *meios disciplinares*, onde exporemos igualmente os diversos usos da *campainha*.

V

GUARDA-PENNAS.

Os guarda pennas, que preferimos, e cujo modelo juncto damos, é composto de *planchetas* ou *taboinhas* de variaveis dimensões, sobre as quaes se tem fixado, por meio de fileiras transversaes de *pontos* ou *agulhas*, umas *bandas* ou *faxas* de *corra melle* ou *macio* formando entre essas fileiras, *dobras numeradas*, debaixo das quaes é facil introduzir as pennas.

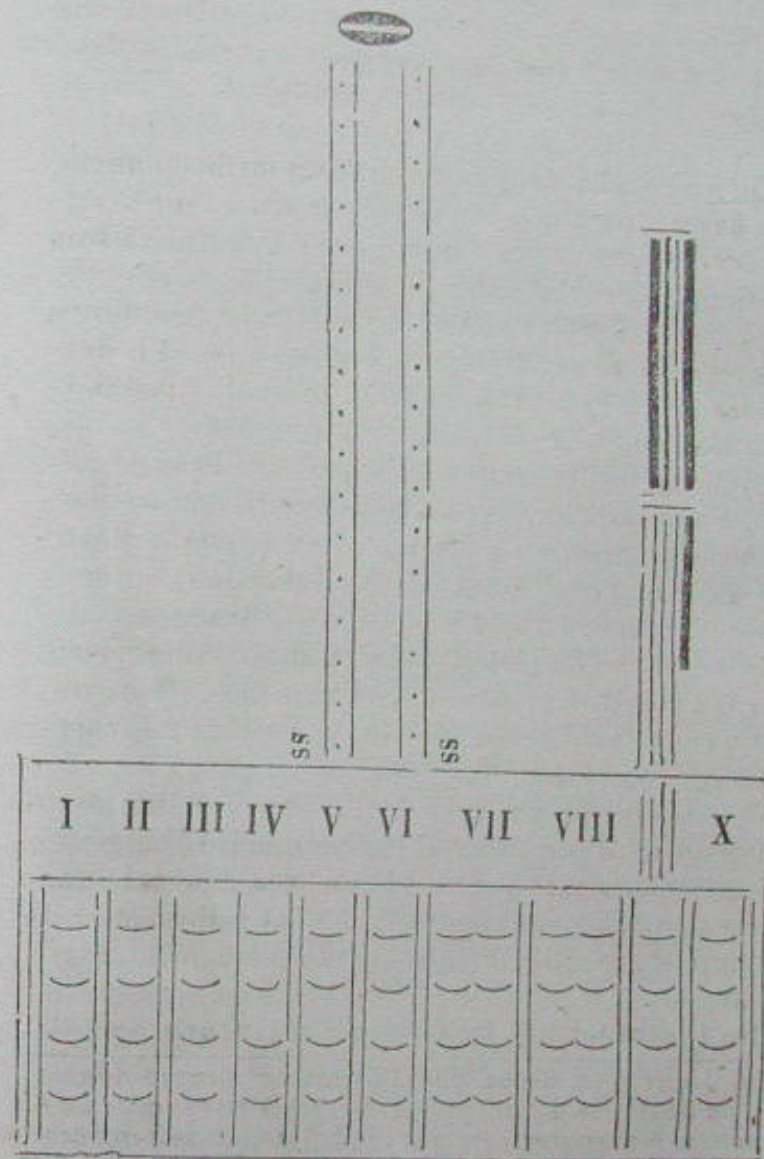
Deve haver na aula tantos guarda pennas quantos forem os bancos escrivanihas, e tantas *dobras* em cada guarda pennas quantos discipulos ha em cada *banco-escrivaniha*. Para as duas 1.ª divisões ou

classes de alumnos convem que o numero de dobras seja o duplo do numero dos discipulos.

Depois da lição de escripta os guarda-pennas serão fechados no armario, ou suspensos por um cordel na extremidade dos bancos escriptaninhas.



Modelo do guarda-pennas.



VI

QUADROS NEGROS.

Em uma escola dirigida conforme o methodo mixto, deve haver, para uso dos discipulos um numero de quadros negros igual ao numero das divisões ou subdivisões de alumnos. [a]

Quanto ás escolas de ensino simultaneo puro, devem ellas ter pelo menos 3 quadros negros, que são destinados, o 1.º para o Mestre, junto do qual deve ser collocado, o 2.º para as 4 divisões da escola, que vem successivamente receber nelle a lição de calculo, e o terceiro emfim para a quarta divisão ou classe, onde um monitor a exercita, enquanto o Mestre está occupada em outra parte. Estes dois ultimos quadros, bem como o 1.º, de em ser fixadas na parede, sendo collocados na altura de 70 centímetros (25 1/2 pollegadas) pouco mais ou menos. Dous outros quadros mais serão precisos si a escola for commum aos dous sexos.

Os dous quadros negros devem ser de um metro em quadro (quasi uma vara em quadro), mas se o local não permittir que se adopte esta dimensão dar-se-ha ao quadro um metro (36 e 1/3 pollegadas) de largura sobre 70 centímetros (25 e 1/2 pollegadas) de altura.

Será conveniente trazer sobre a largura uma li-

[a] Quatro pelo menos, porque o menor numero de classes ou divisões é 4; si porém a escola tiver mais de 8 alumnos, será conveniente que estabelecendo-se 8 quadros, haja 8 subdivisões, sendo cada um d'aquelles para cada uma d'estas. O numero de bancos escriptaninhas neste caso tambem deverá ser 8. (Do Traductor).

inha que represente o metro e suas divisões em decímetros, e em centímetros, afim de que nos exercicios de calculo e do systema metrico, cada alumno tenha diante dos olhos as medidas d'onde se derivão as outras unidades d'este systema.

Os quadros negros serão de preferencia, feitos de madeira de pinheiro manso bem secco, porque o giz se distingue melhor sobre esta madeira, do que sobre outras, mas para sua solidez dever-se ha ter o cuidado de segurar bem a madeira por meio de travessas de carvalho. Estes quadros serão pintados á oleo e depois cobertos com uma camada de verniz. Convém fixar em baixo um pequeno varão para guardar o giz. Pelo meio pouco mais ou menos do lado superior de cada quadro se colloca ordinariamente um prego, que serve para suspender os quadros de leitura.

VII

QUADROS DE LEITURA, DE CALCULO E GRAMMATICA.

Ainda que sejam de maior uso nas escolas dirigidas conforme o *methodo mixto*, do que n'aquellas em que se segue o *methodo simultaneo*, são contudo de grande utilidade e vantagem nestas os quadros de leitura, de grammatica e de calculo, destinados aos principiantes.

Com effeito é mais facil fixar a attenção de muitos meninos ao mesmo tempo, fazendo-lhes ver sobre um só quadro o mesmo objecto, do que exercitando-os por meio de livros; mas estes quadros não sendo outra cousa mais do que folhas impressas, deverão ser collocadas sobre taboinhas de madeira, ou sobre cartões de papellão, cujas dimensões, como as das folhas, sejam de 30 centímetros (perto de 11 pollegadas) de

altura pouco mais ou menos], sobre 25 centímetros (pouco mais de 9 pollegadas) de largura. (1)

VIII

VARINHA DOS REPETIDORES.

Ao dar lição aos seus pequenos companheiros, devem sempre os repetidores trazer nas mãos uma varinha de 65 centímetros [perto de tres palmos ou 24 pollegadas] afin de podêem apontar ou indicar nos quadros por meio d'ella, o que fór objecto da lição. Depois de findo o exercicio cada varinha é suspensa á um prego fixado á direita de cada quadro.

IX

CARIBE DE CHAPÉOS.

Na falta de salla, que sirva de saguão, o que infelizmente de ordinario succede, é indispensavel estabelecer na salla da escola, em uma altura de perto de 50 centímetros [18 pollegadas] um varal munido com pequenas peças de madeira (como varetas) sobre as quaes os discipulos depositem seus chapéos ou toucados. Estas varetas devem ser numeradas, para que cada discipulo saiba qual é a que lhe pertence.

X

TABOINHA DE SAHIDA.

Juncto da porta colla-se uma taboinha pintada

(1) Em vez da taboinhas e do cartão s por economia, emprega-se algumas vezes molduras de gonzo, nas quaes se introduz as folhas impressas, que se quer fazer estudar. Neste caso, cada quadro deve ser collocado sobre uma forte folha de papel.

de preto por um lado, e de branco pelo outro, cuja taboinha deve virar todo o discipulo, que sabe ou entra durante a lição. É este um meio excellentes para obstar ou impedir que o Mestre permita, que saiam muitos discipulos ao mesmo tempo, por inadvertencia.

XI

RETABOLO NA PAREDE.

O retabolo é uma especie de armario collocado na parede, e serve para nelle se ajuntar, ou colligir os livros da escola, quadros de leitura, collecções de medidas metricas, cadernos de composição, &c. Na falta de retabolo, fixar-se-ha uma taboa em uma das paredes, collocando-a na altura de perto de 2 metros (pouco mais de 9 palmos e 2/3 de pollegadas).

XII

RELOGIO DE PAREDE OU DE ALGIBEIRA.

O *relogio de parede* ou pendula, serve para regular os exercicios escolares, e consequentemente deve ser collocado perto do Mestre. No caso, em que não haja um relogio de parede ou pendula, este poderá ser supprido por um relogio de algibeira, collocado sobre a mesa do escrever pertencente ao Professor. (a)

(a) Quando não se possa ter um relogio de parede, nem um de algibeira, é indispensavel uma ampulheta, ou uma clapsydra de 15 minutos, ou de um quarto de hora. (Nota do Traductor.)

XIII

CRUCIFIXO.

Por cima do estrado, cadeira e mesa do Professor e em frente de todos os alumnos deve ser collocado o Crucifixo. Perante esta imagem do Salvador, que lhes offerece o mais perfeito modelo de obediencia e de mansidão, é que os meninos farão as suas orações.

XIV

LAR OU FOGÃO PARA AQUECER A AULA. (a)

O lar ou fogão é o meio de aquecimento mais economico e mais commodo. Para se utilizar todo o calor desenvolvido, dever-se-ha empregar tubos muito longos. Para bem da salubridade convem preferir os fogões, que estabelecão melhor systema de ventilação, isto é, de renovação do ar. Comtudo se é util, que o ar se renove, não é menos importante, que elle conserve uma certa porção de humidade; porquanto o ar muito secco produz o effeito de irritar os pulmões. Prevenir-se-ha este inconveniente conservando á pouca distancia do fogão, uma vasilha cheia d'agua.

XV

THERMOMETRO. (b)

Finalmente é mui vantajoso collocar-se um thermometro perto do estrado, além de quo o Professor possa verificar de tempos em tempos, si a temperat-

(a) No Município de Lages é indispensavel no inverno.

(b) Tambem é indispensavel no Município de Lages durante os maiores rigores do inverno.

ra não está demasiadamente elevada. Em geral não se deve fazer um aquecimento maior de 12 graus de calor (a)

CAPITULO 3.º

Meios disciplinares.

Em uma escola a disciplina é objecto de indeclinavel necessidade, para bem se formar o coração e a intelligencia dos meninos. Attendida debaixo d'este ponto de vista, ou aspecto a disciplina é a reunião dos meios mais proprios para fazer reinar a *boa ordem* na aula, e para nella manter a attenção dos discipulos. Para atingir ou obter este resultado os principaes meios que o Professor pôde empregar são as seguintes:

1. ° Boa distribuição do tempo e do trabalho.
2. ° Os preceitos, mandados, ou ordens.
3. ° Os registros.
4. ° Os inspectores, monitores, repetidores ou denunciados.

Artigo 1.º

Boa distribuição do tempo e do trabalho.

O novo, assim como o antigo regulamento das escolas, prescreve que em todos os dias uteis, excepto nas quintas-feiras, (b) (c) haja duas lições de tres

(a) A sensibilidade e o costume entre nós exigem 20 graus do Thermom. cent.

(b) A escola se fecha depois do meio dia na quinta-feira (Do Auctor.)

(c) No Brasil em Santa Catharina fechava-se nos sabbados ao meio dia. (Do Traductor.)

horas cada uma pelo menos, as quaes serão consagradas aos *exercícios* seguintes, determinados pelo art. 23 da lei de 23 de Março de 1850. (a)

1. ° Instrução moral e religiosa.
2. ° Leitura.
3. ° Escripta.
4. ° Elementos da lingua Portugueza. (b)
5. ° Calculo e *systema* legal de pesos e medidas.

Além d'estes cinco ramos de instrução, os evocaes em todas as escolas, o Professor poderá, quando haja preenchido as condições de aptidão exigida pelo artigo 46 da mesma lei, e quando as intenções da communa ou municipalidade a tal respeito tenham sido approvadas pelo Conselho Academico (artigo 36) ensinar os elementos de Geographia e de Historia, o Desenho lineal, o canto, e até mesmo os ramos de instrução reservados ás antigas escolas superiores, isto é, a arte de medir as superficies, a agrimensura, o nivellamento, as noções usuaes das sciencias physicas, e de historia natural. (c) (d)

É muito para desejar, que todas as 5 materias essenciaes á instrução sejam ensinadas a todos os discipulos; a isto porém não deve limitar-se a solicito-

(a) A 1.ª parte do art. 49 da Regul. de 29 de Abril de 1858 consagra nas escolas do 1.º grão as mesmas materias, que também são indispensaveis nas escolas do 2.º grão (Do T.)

(b) Substitui a palavra Franceza por Portugueza (Idem.)

(c) Já em sentido contrario a lei de 28 de Junho de 1833 muitas decisões do Conselho da Universidade tinham ligado ao ensino elementar a Historia, a Geographia, o Desenho lineal, e o canto. (Do Auctor.)

(d) Todas estas materias são facultadas na parte final do art. 49 citado, para as escolas do 2.º grão da Provincia de Santa Catharina, conforme decidir o Conselho Director, que de todas apenas excluiu a historia natural e a agrimensura. (Do Traductor.)

de do Professor. É mistér ainda que elle proceda com *boa ordem* neste ensino; é mistér que consigne a cada ramo da instrução uma porção ou parte do tempo, que esteja em relação justa com sua importancia, e suas difficuldades; é mistér sobretudo que elle distribua os diversos objectos de estudo de modo que desde o começo da lição até o fim delle todos os discipulos estejam constantemente occupados. O bom emprego do tempo, além das numerosas vantagens que obtem, contribue poderosamente para se entreter a disciplina. Já temos dito em outro lugar, que os meninos são *lectivos e mobilissimos ou inquietos*, mas acrescentamos agora, que o tedio ou aborrecimento do estudo, augmenta ainda mais essa *temeridade* tamanha, e a faz degenerar em completa dissipação. É mistér pois absolutamente prevenir o tedio e consequentemente a *inacção ou inercia*, de que é origem. Si, obrigado a occupar-se successivamente com as quatro divisões ou classes de que a escola se compõe, o Mestre abandona inteiramente a si mesmo os meninos de uma divisão ou classe, enquanto presta seus cuidados aos da outra divisão, não póde mas contar com seu *trabalho*, e nem com a sua *exactidão* em observar o silencio e a *boa ordem*. Em vão de tempos em tempos elle os chamará ao respeito das regras da *disciplina*, e da *boa ordem*, e ate em vão empregará os castigos ou punições para contel-os; de tudo isto apenas terá como resultado atormental-os e fazel os detestarem a escola. Si o Professor quer que os meninos sejam pacificos, é mistér que os collye na rigorosa necessidade de o serem; é mistér que por uma serie não interrompida de exercicios úteis e variados elle lhes tire inteiramente o meio de pensamento de mal proceder.

Não pretendemos determinar de um modo absoluto

o tempo que deve durar cada um dos *exercícios*, a *ordem* na qual convém fazel-os, e as diversas combinações próprias para *assegurar a continuidade do trabalho*, porque ha considerações particulares relativas ao *local*, e ao Professor que exigem algumas vezes modificações, cujas vantagens a sagacidade do mesmo Professor é sómente que as pôde apreciar. Todavia julgamos dever offerecer um modelo da *divisão do tempo e do trabalho* nos dous (a) quadros seguintes, que são apropriados um (b) para o *methodo simultaneo*, e o outro (c) para o *methodo mixto*.

Nesto ultimo quadro a letra—M—indica que é o Mestre quem dirige o exercicio; a letra—D—que o Decurião, monitor, repetidor ou Inspector; e emfim a letra—I—que se trata de um trabalho individual. (d)

Distribuição do tempo e do trabalho conforme o methodo simultaneo proprio para as Escolas frequentadas por 15 até 40, ou quando muito até 60 alumnos ou alumnas.

(a) dez (b) cinco (c) cinco.

(d) As palavras sublinhadas, ou em italico [indicação] lições parciaes dirigidas nas divisões pelo Professor.

Distribuição do tempo e do trabalho

Segunda-feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No Verão	No Inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
Das 8 h.	Das 8 e 30	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração
a 8 e 15	as 8 e 45	Leitura	Estudo da lição de leit.	Estudo da leitura.	Leitura com 1 inspect.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9				
8 e 30	9 a 9 e 15	Est. da Gramm.	Leitura	Est. da lição de leitura	Idem.
a 8 e 45					
8 e 45	9 e 15 a 9 e 30	Idem.	Est. da gramm.	Leitura.	Idem.
a 9					
9 a	9 e 30 a 9 e 15	Idem.	Idem.	Estudo do gram-matica.	Leitura.
9 e 15	9 e 45				
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida.	Sahida	Sahida	Sahida.
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta	Escripta	Escripta	Escripta
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Gram-matica.	Estudo da gram-matica	Estudo da gram-matica	Ortho-graphia verbal (com 1 inspect.)
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Dever de gramm.	Gramm.	Idem	Idem.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Idem	Dever de gramm.	Gramm.	Idem.
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem	Idem.	Dever de gramm.	Gramm.
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo simultaneo.

Quer no verão,	Quer no inverno:	Das 2 e 30	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
		a 2 e 45				
		2 e 45 a 3	Leitura	Est. da lição de leitura	Est. de lição da leitura	Leitura com 1 inspect.
		3 a 3 e 15	Dever de calculo	Leitura	Idem	Idem
		3 e 15 a 3 e 30	Idem	Dever de calculo	Leitura	Idem
		3 e 30 a 3 e 45	Idem	Idem	Dever de calculo	Leitura
		3 e 45 a 4 e 15	Deseño (p. ^o o sexo masc. bordados p. ^o o fem)	Escripta p. ^o o sexo m. e costuras p. ^o o fem)	Escripta (p. ^o o sexo m. e costuras p. ^o o fem)	Escripta (p. ^o o sexo m. e costuras p. ^o o fem)
		4 e 15 a 4 e 20	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
		4 e 20 a 4 e 30	Canto	Canto	Canto	Canto
		4 e 30 a 4 e 45	Calculo	Dever de calculo	Dever de calculo	Calculo verbal com 1 inspect.
		4 e 45 a 5	Copia do dever	Calculo	Dever de calculo	Idem
		5 a 5 e 15	Idem	Copia do dever	Calculo	Idem
		5 e 15 a 5 e 30	Idem	Idem	Copia do dever	Calculo verbal
		Pelas 5 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Distribuição do tempo e do trabalho

Terça-feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura	Est. da lição de leitura	Est. da lição de leitura	Leitura com 1 inspect.
8 e 30 a 8 45	9 a 9 e 15	Est. da geograp	Leitura	Idem	Idem
8 e 45 a 9.	9 e 15 a 9 e 30	Idem	Est. da Historia sagrada	Leitura	Idem
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem	Idem	Est. do cathec.	Leitura
9 e 15 a 9 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta	Escripta	Escripta	Escripta
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Dictada correc. da dict e do dever	Est. da geograp.	Est. de palavras portug.	Ortho- graphia verbal com 1 inspect.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Copia da dict. e do dever	Dictada correc. da dict. e do dever	Idem	Idem
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Idem	Copia da dict. e do dever	Dictada correc. da dict. e do dever	Idem
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem	Idem	Copia da dict. e do dever	Solet- tração
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo simultaneo.

Quer no verão	2 e 30 a 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
Quer no inverno:	2 e 45 a 3	Geogra- phia.	Est. da geograp.	Est. de leitura	Leitura com 1 inspect.
	3 a 3 e 35	Est. de Historia sagrada	Geogra- phia	Idem	Idem
	3 e 15 a 3 e 30	Idem	Est. do cath. c.	Leitura de geo- graphia	Idem
	3 e 30 a 3 e 45	Idem	Idem	Dever de calculo.	Leitura de geo- graphia
	3 e 45 a 4 15	Desenho ou bord	Escripta ou cost.	Escripta ou cost.	Escripta ou cost.
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida.	Sahida	Sahida	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto	Canto	Canto.	Canto
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo	Dever de calculo	Dever de calculo	Calculo verbal com 1 inspect.
	4 e 45 a 5	Dever de calculo	Calculo	Idem	Idem
	5 a 5 e 15	Idem	Dever de calculo	Calculo	Idem
	5 e 15 a 5 e 30	Idem	Idem	Copia do dever	Leitura e escripta de num.
	Pelas 6 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Distribuição do tempo do trabalho

Quarta feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Historia sagrada	Est. da cathec.	Est. de orações e do catholicismo	Recit. de orações com 1 inspect.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Analyse escripta	Historia sagrada e cathec	Idem	Idem
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Idem	Analyse escripta	Catholicismo	Idem
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem	Idem	Est. de palavras portug.	Orações (cartilh)
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta	Escripta	Escripta	Escripta
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Dictada correc. da dict. e da anal.	Analyse escripta	Analyse escripta	Orth. verbal com 1 inspect.
16 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Copia da dictada e da anal.	Dictada corte. da dict. e do dever	Analyse escripta	Idem.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Idem	Copia da dictada e da anal.	Correc. da anal. solletrae.	Idem
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem	Idem	Copia da analyse	Conjugação
Pelas 11.	Pelas 11 e 30.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo simultaneo.

Quer no verão quer no inverno :	2 e 30 a 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
	2 e 45 a 3	Leitura	Est. da lição de leitura.	Est. da lição de leitura.	Leitura com 1 inspect.
	3 a 3 e 15	Probls. applicados ao syst. metrico	Leitura	Idem	Idem
	3 e 15 a 3 e 30	Idem	Probls. applicados ao syst. metrico	Leitura	Idem
	3 e 30 a 3 e 45	Idem	Idem	Dever de calculo	Leitura
	3 e 45 a 4 e 15	Desenho (Bords)	Desenho (Bords.)	Escripta costuras	Escripta costuras
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto	Canto	Canto	Canto
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo e systema metrico	Problemas	Dever de calculo	Calc. verbal com 1 inspect.
	4 e 45 a 5	Cop. dos deveres	Calc. applicado ao syst. metrico	Idem	Idem
	5 a 5 e 15	Idem	Cop. dos deveres	Calc. applicado ao syst. metrico	Idem
	5 e 15 a 5 e 30	Idem	Idem	Cop. dos deveres	Systemo metrico
	Pelas 5 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

N. B. Na quinta-feira é tal qual na quarta.

Distribuição do tempo e do trabalho

Sexta-feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura	Est. da lição de leitura	Est. da lição de leitura	Leitura com 1 inspect.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Est. da Gramm.	Leitura	Est. da lição de leitura	Idem
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Idem	Est. da Gramm.	Est. da Leitura	Idem
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem	Idem	Gramm.	Leitura
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta	Escripta	Escripta	Escripta
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Gram- matica	Est. da Gramm.	Est. da Gramm.	Recita- ção de catech. com 1 inspect.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Dever de Gramm.	Gram- matica	Est. da Gramm.	Idem
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Idem	Dever de Gramm.	Gram- matica	Idem
10 e 45 a 11	10 e 15 a 11 e 30	Idem	Idem	Dever de Gramm.	Gram- matica
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo simultaneo.

Quer no verão, quer no inverno	2 e 30 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
	2 e 45 a 3	Leitura	Est. da lição de leitura.	Est. da lição de leitura	Leitura com 1 inspect.
	3 a 3 e 15	Dever de calculo	Leitura	Idem	Idem
	3 e 15 a 3 e 30	Idem	Dever de calculo	Leitura	Idem
	3 e 30 a 3 e 45	Idem	Idem	Dever de calculo	Leitura
	3 e 45 a 4 e 15	Desenho bordads.	Escripta costura	Escripta costura	Escripta costura
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida.	Sahida.	Sahida	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto.	Canto.	Canto.	Canto
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo	Dever de calculo	Dever de calculo	Calc.ver- bal com 1 inspect
	4 e 45 a 5	Cop. dos deveres	Calculo	Idem	Idem
	5 a 5 e 15	Idem	Cop. dos deveres	Calculo	Idem
	5 e 15 a 5 e 30	Idem	Idem	Copia do dever	Calculo verbal
	Pelas 5 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Distribuição do tempo e do trabalho

Sabbado		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura	Est. da lição de leitura	Est. da lição de leitura.	Leitura com 1 inspect.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Est. da Hist. do Brasil	Leitura	Idem	Idem
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Idem	Est. do cathec.	Leitura	Idem
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem	Idem	Est. do cathec.	Leitura
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida.	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Cathec. Estudo	Cathec. Estudo	Cathec. Estudo	Est. do cathec.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Dictada correc. da dict. e do dever.	Estudo da His- toria do Brasil.	Est. de palavras Portug.	Orthog. verbal com 1 inspect.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Copia da dict. e do dever.	Dictada correc. da dict. e do dever.	Idem	Idem
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Idem	Copia da dict. e do dever	Dictada correc. da dict. e do dever	Idem
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem	Idem	Copia da dict. e do dever	Sollet- tracção
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo simultaneo.

Quer no verão, quer no inverno :	2 e 30 a 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
	2 e 45 a 3	Hist. do Brasil	Est. da Hist. do Brasil	Est. da lição de leitura	Leitura com 1 inspect.
	3 a 3 e 15	Dever de calculo	Hist. do Brasil	Idem	Idem
	3 e 15 a 3 e 30	Idem	Dever de calculo	Leit. de H. do B.	Idem
	3 e 30 a 3 e 45	Idem	Idem	Dever de calculo	Leit. de H. do B.
	3 e 45 a 4 e 15	Desenho Bordads.	Desenho bordads.	Escrip- ta costura	Escrip- ta costuras
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida	Sahida	Sahida.	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto	Canto	Canto.	Canto
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo	Dever de calculo	Dever de calculo	Calc. ver- bal com 1 inspect.
	4 e 45 a 5	Cop. dos deveres	Calculo	Idem	Idem
	5 a 5 e 15	Idem	Cop. dos deveres	Calculo	Idem
	5 e 15 a 5 e 30	Idem	Idem	Copia do dever	Leit. e escrip- ta de nume- ros
	Pelas 5 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Observações do Traductor sobre a Distribuição do tempo e do trabalho, conforme o methodo simultaneo.

A.—As materias escriptas em grego, ou italico, ou sublinhadas são ensinadas pelo Professor do ensino simultaneo.

B.—Por ellas se vê ser indispensavel na aula (em falta de relogio) uma ampulheta de 15 minutos, ou uma clepsidra do mesmo tipo.

C.—O Mestre dirige o canto, o desenho, a escripta calligraphica, ante de tarde, como de manhã; e o mesmo faz a Mestreza quanto ao canto, bordados, maliz costuras, &c.

D.—A 4.ª divisão é dirigida na ausencia do Mestre por um decurião particular, e toda a aula é vigiada por um decurião ou inspector geral.

E.—Nesta distribuição substitui a palavra França por Brasil, e retardei de uma hora o horario da tarde para poder conferir com o que determina o Regulamento interno das escolas da Provincia, ficando comprehendida mais meia hora para igualar a lição da tarde com a da manhã, como em toda a parte se pratica.

Outras observações do Traductor.

1.º Pelos quadros se vê que em qualquer lição de tres horas, quer de manhã, quer da tarde, no 1.º quarto de hora, o Professor ou Professora ordena a entrada, faz a chamada, notando as faltas no caderno respectivo, e dirige a reza ou oração; no 2.º dá lição á 1.ª classe, ou divisão; no 3.º á 2.ª; no 4.º á 3.ª, no 5.º á 4.ª; que, depois dirige ou inspeciona em geral os trabalhos de escripta, estudo do catecismo (de manhã) canto e desenho (ou em lugar disto prendas domesticas nas escolas do sexo feminino de

tarde) concedendo porém dentro d'estes tres quartos de hora (6.º, 7.º e 8.º) 5 minutos de suspensão da lição, os quaes são consagrados á saluda geral para respirarem os discipulos, ou satisfazerem suas precisões, ou recrearem-se com alguns exercicios physicos; findos os dictos 3 quartos de hora, o Professor ou Professora lecciona no 9.º quarto de hora a 1.ª classe, no 10.º a 2.ª, no 11.º a 3.ª, e no 12.º a 4.ª. Então, estando completas as tres horas da lição, o Professor ou Professora, encerrando-a, dirige a reza ou oração, e despede os alumnos ou alumnas que se retirão em boa ordem.

2.º Nos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º quartos de hora da lição da manhã o Professor ou Professora lecciona a leitura, cartilha da doutrina, catecismo ou historia sagrada á 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª classes, segundo suas forças, sendo um quarto de hora para cada classe ou divisão. No 9.º, 10.º, 11.º e 12.º quartos de hora da lição de manhã, do mesmo modo distributivo e successivo, o Professor ou Professora ensina Grammatica, ou faz dictadas, ou correccões, ou dirige os exercicios orthographicos por sulletração, ou examina as conjugações de verbos, exigindo-as de eór, sendo aquellas correccões, quer sobre as dictadas, quer sobre as analyseis, quer sobre os deveres ou obrigações intermediarias, e de copias ou transcripções a limpo dos objectos já corregidos anteriormente. Então se termina a lição da manhã pela reza ou oração, e pela despedida em ordem dos alumnos ou alumnas.

3.º No 2.º, 3.º, 4.º e 5.º quartos de hora da lição da tarde, o Professor ou Professora, dando um quarto de hora a cada uma das quatro classes ou divisões, ensina-lhes successivamente leitura em geral, ou leitura em especial da Historia do Brasil, com-

percebendo a de suas leis mais importantes, e exigindo decorado ao menos o índice do que escreveu o General Abreu e Lima, que é abreviadíssimo, ou muito resumido, e por isso pôde sem inconveniente entrar até nas escolas do 1.º gráo; e bem assim leitura especial, e mesmo decoramento se for possível da Geographia e Historia por Fie-se, que, sendo igualmente abreviadíssimas, estão no mesmo caso, tudo isto porém fará attendendo sempre as forças dos alumnos, e as classes, a que pertencerem, como indicão os quadros supra. No 9.º, 10.º, 11.º e 12.º quartos de hora da lição da tarde, procedendo do mesmo modo prudente, racional, o Professor ou Professora, ensina successivamente um quarto de hora à cada uma das 4 classes ou divisões, segundo suas forças, o calculo escripto, o calculo escripto applicado ao systema metrico decimal, e ás medidas actuaes, estas medidas, e as d'aquelle systema, com suas divisões e subdivisões, multiplos e submultiplos, o calculo verbal (a 4.ª classe) por meio de movimento das bolhinhas do espherario de contar, e a leitura e a escripta dos numeros, ou numeração fallada e escripta, passando da 1.ª a 2.ª e vice-versa, por muitas vezes, ou lendo aquella. Então se termina a lição da tarde pela resa ou oração, e pela despedida ou ordem dos alumnos ou alumnas.

4.ª Como as prendas domesticas de bordar, marcear, & suprem o desenho, ou o presuppõem, devem as meninas assim utilizar o tempo do desenho, ou o da escripta da tarde, unindo-o com o do canto, que poderão exercitar mesmo durante o trabalho d'essas prendas; os meninos porém, ainda que sejam das escolas do 1.º gráo, devem fazer riscas de figuras geometricas, e de outras figuras muito usuas e necessarias, como as de utensilios, e de planos de ca-

sas, pateos, quintaes, ruas, caminhos, pontes, & que são cousas muito singellas, toscas e ligeiras esbossos, porém da maior proficuidade no seu desenvolvimento presente, e no seu futuro, não prescindindo do canto, ainda que meramente pratico, pois que desenvolve os órgãos da voz e da respiração.

5.ª O 5 minutos de sahida geral de manhã, e outros 5 de tarde, no meio de cada lição, podem e devem ser aproveitados pelos alumnos e alumnas para brevíssimos e agradaveis exercicios physicos ou gymnasticos de andar, correr, saltar, trepar, & ; e bem assim os mesmos exercicios se lhes poderá permittir por 5 até 15 minutos e mesmo até 30 antes da entrada de cada lição, enquanto o Professor ou Professora a estiver preparando e mesmo depois da lição estar terminada, uma vez que sejam debaixo das vistas do Professor ou Professora, havendo lugar adequado ou proprio e preparado para isso, como seja um saguão nos dias de chuva, ou um pateo apropriado em bellos dias, tendo os precisos preparos.

6.ª No 2.º, 3.º, 4.º e 5.º quartos de hora de cada lição, e bem assim no 9.º, 10.º, 11.º e 12.º, o Professor ou Professora dá lições successivas e simultaneas aos discipulos juntos ou reunidos em cada uma das 4 classes; no 1.º, 6.º, 7.º e 8.º porém, revista, dirige ou inspeciona em geral a toda a escola, e em especial a cada classe ou divisão, percorrendo-as todas, e examinando minuciosamente seus trabalhos, ora em um, ora em outro lugar, corrigindo e indrrectando zelosamente os meninos em falta, e até prestando-lhes individualmente o preciso auxilio ou soccorro e instrucção, com igualdade, e sem preferencias odiosas.

Distribuição do tempo e do trabalho conforme o methodo mixto, proprio para as Escolas de 60 a 120, e quando muito a 150 alumnos ou alumnas, havendo na 1.^a classe ou divisão 8 a 12, ou 12 a 24 alumnos capazes de servirem de inspectores ou monitores das divisões ou classes, e das subdivisões, que poderão ser em n. de 8 a 12.

Distribuição do tempo e do trabalho

Segunda-feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No Verão	No Inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Exercício de Gramm. D.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem D.	Exercício de gramm. D.	Leitura D.	Leitura M.
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida.	Sahida	Sahida	Sahida.
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta M.	Escripta M.	Escripta M.	Escripta M.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Grammatica. M.	Exercício de Gramm. D.	Exercício de Gramm. D.	Exercício de gramm. D.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Dictada D.	Gramm. M.	Idem D.	Idem D.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Dever de gramm. I.	Dever de gramm. I.	Gramm. M.	Idem D.
10 e 45 a 11.	11 e 15 a 11 e 30	Idem I.	Idem I.	Conjug. de verbs. D.	Gramm. M.
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo mixto. (a)

Quer no verão	Das 2 a 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
Quer no inverno:	2 e 45 a 3	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
	3 a 3 e 15	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
	3 e 15 a 3 e 30	Dever de calculo I.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
	3 e 30 a 3 e 45	Idem I.	Idem D.	Leitura D.	Leitura M.
	3 e 45 a 4 e 15	Desecho ou B. M.	Escripta ou C. M.	Escripta ou C. M.	Escripta ou C. M.
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto M.	Canto M.	Canto M.	Canto M.
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo M.	Dever de calculo I.	Calculo D.	Calculo verbal D.
	4 e 45 a 5	Calculo D.	Calculo M.	Idem D.	Idem D.
	5 a 5 e 15	Copia do dever I.	Calculo D.	Calculo M.	Idem D.
	5 e 15 a 5 e 30	Idem I.	Copia do dever I.	Calculo D.	Calculo M.
	Pelas 5 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

(a) M designa as materias ensinadas pelo Mestre, segundo o methodo mixto;—D—as que em sua ausencia em qualquer divisão, são ensinadas pelo Decurião ou Repetente dessa divisão; I—os trabalhos individuaes.
E' indispensavel, em falta de relógio, uma ampulhetta ou clepsydra de 15 minutos. (Notas do Traductor.)

Distribuição do tempo e do trabalho

Tercça-feira		1.ª	2.ª	3.ª	4.ª
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Idem D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
8 e 45 a 9.	9 e 15 a 9 e 30	Exerc. de geograp D.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem D.	Exerc. de geograp. D.	Leitura D.	Leitura M.
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escrepta M.	Escrepta M.	Escrepta M.	Escrepta M.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Correc. da dict e do dever do dia antec. M.	Dictada D.	Sollett. orthogr. D.	Leitura D.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Copia da dict. e do dever do dia ant. I.	Correc. da dict. e do dever do dia anteced. M.	Idem D.	Idem D.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Recit. da Historia sagrada D.	Copia da dict. e analyse escripta I.	Orthog. no quad. M.	Idem D.
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem D.	Idem I.	Analyse D.	Sollett. orthog. M.
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo mixto.

Quer no verão	Quer no inverno	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
2 e 30 a 2 e 45					
2 e 45 a 3		Geographia. M.	Geographia. D.	Leitura D.	Leitura D.
3 a 3 e 5		Geographia. D.	Geographia. M.	Idem D.	Idem D.
3 e 15 a 3 e 30		Dever de calculo I.	Leitura D.	Leitura de Geog. M.	Idem D.
3 e 30 a 3 e 45		Idem I.	Idem D.	Idem D.	Leitura M.
3 e 45 a 4 e 15		Desenho bordads. M.	Escrepta costuras M.	Escrepta costuras M.	Escrepta costuras M.
4 e 15 a 4 e 20		Sahida.	Sahida	Sahida	Sahida
4 e 20 a 4 e 30		Canto M.	Canto M.	Canto. M.	Canto M.
4 e 30 a 4 e 45		Calculo M.	Dever de calculo I.	Calculo D.	Calculo verbal D.
4 e 45 a 5		Calculo D.	Calculo M.	Idem D.	Idem D.
5 a 5 e 15		Cop. do dever I.	Calculo D.	Calculo M.	Idem D.
5 e 15 a 5 e 30		Idem I.	Cop. do dever I.	Calculo D.	Calculo verbal M.
Pelas 5 e 30		Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Distribuição do tempo do trabalho

Quarta-feira		1. ^o	2. ^o	3. ^o	4. ^o
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Historia sagrada M.	Rect. do cathec. D.	Rect. do cathec. D.	Rect. do cat das oracões D.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Historia sagrada D.	Cathecismo M.	Idem D.	Idem D.
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Analyse escripta L.	Rect. do cathec. D.	Cathecismo M.	Idem D.
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem I.	Idem D.	Rect. das orações D.	Orações M.
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escrepta M.	Escrepta M.	Escrepta M.	Escrepta M.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Correc. da analyse prec. M.	Dictada D.	Sollettação orthograp. D.	Conjugação de verbos D.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Dictada D.	Correc. da dict. e da anal. dia ant. M.	Idem D.	Idem D.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Correc. da dict. D. Copia da dict. L.	Copia da dict. e da analyse I.	Orthographia no quadro M.	Idem D.
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Correc. da dict. D. Copia da dict. I.	Idem I.	Analyse D.	Sollett. orthog. M.
Pelas 11.	Pelas 11 e 30.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo mixto.

Quer no verão	Quer no inverno	2 e 30 a 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
		2 e 45 a 3	Leitura M.	Historia sagrada D.	Leitura D.	Leitura D.
		3 a 3 e 15	Leitura D.	Historia sagrada M.	Idem D.	Idem D.
		3 e 15 a 3 e 30	Problemas applicados ao syst. metrico I.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
		3 e 30 a 3 e 45	Idem I.	Idem D.	Leitura D.	Leitura M.
		3 e 45 a 4 e 15	Desenho ou B. M.	Desenho ou B. M.	Escrepta ou C. M.	Escrepta ou C. M.
		4 e 15 a 4 e 20	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
		4 e 20 a 4 e 30	Canto M.	Canto M.	Canto M.	Canto M.
		4 e 30 a 4 e 45	Systema metrico M.	Dever de calculo I.	Syst. ma metrico D.	Systema metrico D.
		4 e 45 a 5	Systema metrico D.	Systema metrico M.	Idem D.	Idem D.
		5 a 5 e 15	Cop. do dever I.	Systema metrico D.	Systema metrico M.	Idem D.
		5 e 15 a 5 e 30	Idem I.	Copia do dever I.	Systema metrico D.	Systema metrico M.
		Pelas 5 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

N. B. No quinta-feira reguia esta mesma distribuição.

Distribuição do tempo e do trabalho

Sexta-feira		1.ª	2.ª	3.ª	4.ª
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Exerc. de gramm. D.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem D.	Exerc. de Gramm. D.	Leitura D.	Leitura M.
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida	Sahida	Sahida	Sahida
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Escripta M.	Escripta M. Recit. do theor. D.	Escripta M. Recit. do theor. D.	Escripta M.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Gram- matica M.	Exerc. de Gramm. D.	Exerc. de Gramm. D.	Exerc. de Gramm. D.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Dictada D.	Gram- matica M.	Idem D.	Idem D.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Dever de Gramm. I.	Dever de Gramm. I.	Gram- matica M.	Idem D.
10 e 45 a 11	10 e 15 a 11 e 30	Idem I.	Idem I.	Conjug. de verbs. D.	Gram- matica M.
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conform: o methodo mixto.

Quer no verão, quer no inverno :	2 e 30 2 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
	2 e 45 a 3	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
	3 a 3 e 15	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
	3 e 15 a 3 e 30	Dever de calculo I.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
	3 e 30 a 3 e 45	Idem I.	Idem D.	Leitura D.	Leitura M.
	3 e 45 a 4 e 15	Desenho ou B M	Escripta ou C. M	Escripta ou C. M	Escripta ou C. M
	4 e 15 a 4 e 20	Sahida.	Sahida.	Sahida	Sahida
	4 e 20 a 4 e 30	Canto. M.	Canto. M.	Canto. M.	Canto M.
	4 e 30 a 4 e 45	Calculo M.	Dever de calculo I.	Systh. metrico D.	Leit. e es- cripta de numeros D.
	4 e 45 a 5	Calculo D.	Calculo M.	Systhem. metrico D.	Idem D.
	5 a 5 e 15	Copia do dever I.	Calculo D.	Calculo M.	Idem D.
	5 e 15 a 5 e 30	Idem I.	Copia do dever I.	Calculo D.	Leit. e es- cripta de numeros M.
	Pelas 5 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Distribuição do tempo e do trabalho

Sabbado		1.ª	2.ª	3.ª	4.ª
No verão	No inverno	Divisão	Divisão	Divisão	Divisão
8 a 8 e 15	8 e 30 a 8 e 45	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
8 e 15 a 8 e 30	8 e 45 a 9	Leitura M.	Leitura D.	Leitura D.	Leitura D.
8 e 30 a 8 e 45	9 a 9 e 15	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.	Idem D.
8 e 45 a 9	9 e 15 a 9 e 30	Recit. do Cathec. D.	Leitura D.	Leitura M.	Idem D.
9 a 9 e 15	9 e 30 a 9 e 45	Idem D.	Recit. do Cathec. D.	Leitura D.	Leitura M.
9 e 15 a 9 e 20	9 e 45 a 9 e 50	Sahida.	Sahida.	Sahida.	Sahida.
9 e 20 a 10	9 e 50 a 10 e 30	Cathec. M. Idem D.	Cathec. M. Idem D.	Cathec. M. Idem D.	Cathec. D. cathec. M.
10 a 10 e 15	10 e 30 a 10 e 45	Correc. da dict. e do dever do dia ant. M.	Dictada D.	Sollet. tração orthogr. D.	Leitura D.
10 e 15 a 10 e 30	10 e 45 a 11	Copia da dict. e do dever do dia ant. I.	Correc. da dict. e do dever do dia ant. M.	Idem D.	Idem D.
10 e 30 a 10 e 45	11 a 11 e 15	Recit. da Hist. do Brasil D.	Copia da dict. e do dever I.	Orthog. no quadro. M.	Idem D.
10 e 45 a 11	11 e 15 a 11 e 30	Idem D.	Idem I.	Analyse D.	Sollet. tração M.
Pelas 11	Pelas 11 e 30	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

conforme o methodo mixto.

Quer no verão.	Quer no inverno :	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.	Entrada, chamada e oração.
2 e 30 a 2 e 45					
2 e 45 a 3		Hist. do Brasil M.	Hist. do Brasil D.	Leitura de H. D.	Leitura de H. D.
3 a 3 e 15		Hist. do Brasil D.	Hist. do Brasil M.	Idem D.	Idem D.
3 e 15 a 3 e 30		Dever de calculo I.	Leitura de H. D.	Leitura de H. M.	Idem D.
3 e 30 a 3 e 45		Idem I.	Idem D.	Leitura de H. D.	Leitura de H. M.
3 e 45 a 4 e 15		Desenho p.º e sexo mascul. e bord. p.º fem. M.	Desenho p.º e sexo mascul. e bord. p.º fem. M.	Escripta p.º e sexo mascul. costuras p.º fem. M.	Escripta p.º e sexo mascul. costuras p.º fem. M.
4 e 15 a 4 e 20		Sahida.	Sahida.	Sahida.	Sahida.
4 e 20 a 4 e 30		Canto M.	Canto C. M.	Canto. M.	Canto M.
4 e 30 a 4 e 45		Calculo M.	Dever de calculo I.	System. metrico D.	Leitura e escripta de num. D.
4 e 45 a 5		Calculo D.	Calculo M.	Idem D.	Idem D.
5 a 5 e 15		Cop. do dever I.	Calculo D.	Calculo M.	Idem D.
5 e 15 a 5 e 30		Idem I.	Cop. do dever I.	Calculo D.	Leit. e escripta de num. M.
Pelas 5 e 30		Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.	Oração e sahida.

Observações do Traductor.

São applicaveis ao methodo mixto todas as 6 — observações consignadas no fim da Distribuição do tempo e do trabalho conforme o methodo simultaneo, e além d'ellas as seguintes :

7.º Em uma escola de 4 divisões sem subdivisões (60 a 80 alumnos) é preciso haver 8 Decuriões, Repetidores ou Monitores; 4 d'estes ajudam o Mestre na 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, e os outros 4 nas 3.ª e 5.ª feiras e sabbados, alternando assim as duas turmas de 2 em 2 dias. Além d'estes 8 deve haver tambem 1 Monitor geral.

8.º Se a escola for muito numeroza, tendo de 80 a 120 alumnos, ou mesmo mais até 150, é indispensavel, que sejam as 4 divisões subdivididas em 8 subdivisões, e mesmo em 12, tendo cada uma seu Monitor ou Decurião; e nestes casos sendo elles 8 ou 12, além do Monitor geral, não alternarão, senão quando a escola contenha 16 ou 24 alumnos de 1.ª classe, capazes de exercerem este cargo. Então é preciso 8 ou 12 quadros negros, e 8 a 12 classes ou bancos-mesas.

9.º Quando haja 8 subdivisões, o que mais vezes pôde acontecer, as lições parciaes de cada uma serão de 7 e 1/2 minutos sob o Professor ou Professora; quando porém haja 12 subdivisões, serão de 5 minutos, de sorte que a divisão total subdividida sempre tenha um quarto de hora de lição parcial do Professor no 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 9.º, 10.º, 11.º e 12.º quartos de hora de cada lição total de 3 horas. No 1.º, 6.º, 7.º e 8.º quartos de hora de cada lição o Professor ou Professora continuará a exercer a inspecção geral de toda a aula, e a particular e especial de cada uma das divisões e subdivisões,

percorrido as e examinando-as, não por uma ordem constante e esperada, mas por uma ordem inesperada que, por não ser prevista, não possa dar lugar a ociosidade e inercia ou inercia dos alumnos, que escrevem, desenhão, bordão, cantão, fazem exercicios phisicos, &c.

10.º Si forem 8 as subdivisões a ampulheta ou clepsidra, em vez de ser de 15 minutos, será de 7 e 1/2; e se forem 12, será de 5 apenas.

11.º Convém que nas 4.ª feiras e sabbados, em que as classes estudão, de manhã segundo suas forças, historia sagrada, catholicismo grande e pequeno, e catalogo das orações da cartilha, versem os mais trabalhos de leitura, escripta, dictada, analyse & sobre assumptos religiosos; podendo tambem dar-se então o mesmo quanto a historia do Brasil, e suas leis, e já tambem nas 3.ª feiras, em que devem fazer trabalhos versar especialmente sobre geographia e leis do Brazil; nos mais dias de manhã e na 1.ª parte das lições da tarde poderão mais especialmente ter em vista a grammatica em suas quatro partes, isto é em orthographia e prosodia pelo methodo practico, e em etymologia e syntaxe ou composição não só pratica como theoreticamente.

12.º No ensino do desenho, e escripta, bordados ou costuras de tarde, antes da sabida e canto, se deverá incluir noções das principaes figuras da geometria elemental, e os seus mais indispensaveis e usuaveis problemas, bem como no estudo de calculo applicado ao systema metrico, devendo as obrigações das 2.ª partes das lições de todas as tardes serem exclusivamente sobre estes importantes objectos, que desenvolvem o juizo e o racionario, quando menos practicamente.

Artigo 2.º

Preceitos ou ordens.

Facilmente se concebe que deve haver em uma aula bem regulada certo numero de *preceitos*, *commandos* ou ordens, que em todas os dias, e em todas as lições se repetem. Estes preceitos tão necessários para fazer operar os *movimentos* e dirigir os *exercícios*, serão um novo meio de *disciplina*, si forem *breves*, *precisos* e *appropriados* em certos casos para attrahir a *attenção* de todas as *divisões* ao mesmo tempo. Mas para isto é mister, tanto quanto seja possível, que em vez de serem transmittidos pela *palavra*, o sejam por *sinaes* e *sons* *convencionados*. A voz do Mestre, principalmente quando é prodigalissima, perturba o *silencio* geral da aula, e apenas faz nos alumnos um *leve impressão*. O habito de *faltar* muito tem além d'isso o inconveniente de *fatigar* ou *causar* demasiadamente, a quem o pratica, e algumas vezes mesmo chaga a *comprometter sua saúde*. O Professor não empregará pois a *palavra* para o governo de sua aula, senão quando se tratar de pronunciar o nome de um discipulo, que esteja commettendo uma *falta*, e nos casos a s z raros, em que se passa alguma coisa *extraordinaria*, ou em que ha necessidade de uma *repressão energica*. Na verdade este meio insolito ou de-usado deverá produzir então uma *sensação* mui forte, e fazer cessar immediatamente a *desordem*, que se haja manifestado.

Isto é um facto confirmado pela experiencia, pois que a *escola mais bem mantida é aquella em que o Mestre menos falla*. Deve pois o Professor transmittir a maior parte de suas *ordens* por meio de *sinaes do corpo*, ou do *gesto*, da *campainha* e da *sênha*.

I

SINAES DO CORPO OU GESTOS.

Muitas ordens ou *commandos* poderão ser transmittidos aos alumnos por meio de *simples gestos*. Assim pois, para chamar a ordem um menino, que d'ella se affasta, na maior parte das vezes bastará um lance de olhos, um movimento da mão, ou da cabeça, ou, si o caso é grave, a *interrupção do exercicio*, acompanhada de um *vico olhar* lançado sobre o alumno que se achar em falta. Em muitas occasiões bastará que o Mestre olhando para o menino, tome a attitudo ou postura que quer que elle execute. A *permissão* de fazer qualquer *movimento* durante a lição, deverá igualmente ser concedida, bem como pedida, por meio de um certo sinal *convencionado* para cada um d'estes objectos.

II

CAMPAINHA.

E' principalmente por meio da campainha que o Mestre attrahe a *attenção geral*: d'ella se serve no decurso das *recreações* ou *recreio*, para fazer cessar os jogos ou brinquedos, e para convidar os *meninos* a entrar em forma. D'alla se serve na aula para suspender uma *marcha* mui ruidosa, ou para fazer começar de novo um movimento mal executado. Emfim o Professor a emprega todas as vezes que o ruido ou som da *senha* é insufficiente para attrahir a *attenção* dos alumnos. (a)

Quanto ao modo de combinar o emprego da campainha com o da *sênha* nas *escolas de ensino mixto*,

(a) Nas escolas mutuas onde se faz uso do apito, e o monitor geral, quem se serve da campainha.

ou de ensino simultaneo veja-se o quadro junto das ordens preceitos ou comandos.

III

SINAL OU SENHA.

A sênha ou sinal é principalmente empregada nas escolas que seguem o meth do *simultaneo*, ou o meth do *misto*. Consiste ella em um instrumento de madeira (ou mesmo de papel) composto de duas partes principaes, a saber: o *cabo* e o *batedor*. Este instrumento, que poupa notavelmente o peito do Mestre, serve como a campainha, para re-lamar a *atenção* dos meninos; tem porém ainda a vantagem de perturbar menos o *silencio* da aula, donde resulta, que *deve* ser empregado mais frequentemente. Conforque o modo porque se serve d'elle o Mestre, re-clama a *atenção* de muitas *divisões* ao mesmo tempo, ou sómente o de uma *divisão*.

Eis no quadro junto como por meio da sênha ou da campainha se poderá exprimir as ordens ou comandos mais usados, quer para fazer operar os movimentos, quer para dirigir os exercicios.



Quadro das ordens, preceitos ou comandos. a)

(a) A maior parte das ordens ou preceitos contidos neste quadro são communs ao meth do *simultaneo*, e ao meth do *misto*. Indicaremos pela lettra S. — os que só convem ao 1.º, e pela lettra — D — os que são proprios sómente do 2.º (Nota do Auctor).

Nu- meros	Ordens, pre- ceitos ou com- mandos.	Natu- reza do mot.	Maneira de transmittir as ordens ou pre- ceitos.	Maneira de exe- cuta-las.
1.	Entrae na au- la.	Quer no S quer no M	O Mestre mar- ca o compus- se, batendo no estrado com a sênha.	A 3.ª panca- da da sênha os alumnos rom- pem a marcha com o pé es- querdo, mar- chando à com- passo e can- tando.
2.	Preparai vos para a chama- da.	α	Um toque sim- ples da cam- poinha, e de- pois uma pan- cada da sênha ou sinal.	O toque da campainha faz cessar a mar- cha, e a panca- da forte da se- nha adverte os alumnos para se voltarem, dando a frente para o Mestre, que começa im- mediatamente a chamada.
3.	Preparai-vos para ir aos bancos-mesas ou classes.	α	Uma pancada da sênha.	Os discipulos se voltão para continuar a marcha.
4.	Ide para os bancos-mesas ou classes.	α	Tal qual no n. 1.	Tal qual no n. 1.
5.	Ajoelhae-vos para fazer a oração.	α	Um toque sin- gello da cam- poinha. — Du- as pancadas da sênha — O Mes- tre designa um alumno pro- nunciando o seu nome.	O toque da campainha fa- cessar a mar- cha. As duas pancadas da se- nha advertem os meninos; a 1. para fazorem frente para o es- trado, e a 2.ª para ajoelharem-se.

Nu- meros	Ordens preceitos ou com- mandos.	Natu- reza do met.	Modo de transmittir os ordens ou preceitos	Modo de exe- cutal-as.
6.	Assentem- se os meni- nos da 2. ^a e 3. ^a divi- sões,	S.	Tres pan- cadas da sênha.	A' 1. ^a pancada da sênha toda a aula q' estava de joelhos para a oração, põe- se em pé; a 2. ^a pancada, os disci- pulos das divisões que devem assentar- se, estendem as mã- os sobre as mesas ou escrivaninhas; e a 3. ^a elles se levân- tão e se assentão.
7.	Venha a 1. ^a divisão ao estrado pa- ra a leitura; e a 4. ^a vá fazer exer- cício no quadro sob a direcção de seu de- corião ou monitor,	S.	Uma panca- da da sênha seguida de um tempo de susp. ^a . O mais co- mo no n. 1. — Si o Mestre não designa a divisão q' quer fazer vir ao estrado é porq' supomos q' as 4 divisões ahi se succedem em sua or- dem natu- ral, ou pe- lo menos em uma or- dem inva- riavelmente seguida,	A' pancada da sênha os discipulos da 1. ^a divisão tomão seus livros e depois as duas divisões rom- pem a marcha cada uma para seu lado.

8.	A divisão chamada começa a leitura.	Quer no S. quer no M.	Uma pan- cada do ba- tedor da se- nha. O Mest- re aponta depois o discipulo que deve ler,	O discipulo desig- nado lê bastante al- to para poder ser ouvido pelo Mestre e por seus condisci- pulos, sufficiente- mente baixo para não perturbar as ou- tras divisões.
9.	Corrigi a falta que ocaboes de commetter.	*	2 pancadas do batedor da sênha, assaz rapi- das.	O discipulo repete uma ou duas veze- s; e quando não acerta um dos seus com- pãheiros é desig- nado para corrigir a falta commettida.
10.	Repeti de cima.	"	Tres pan- cadas do batedor da sênha não rapidas.	O discipulo torna a começar a phrase a partir do ponto.
11.	Toda a di- visão esteja attenta.	<	3 pancadas do batedor da sênha mui rapidas	Todos os discipulos da divisão que le- oirão para o Mestre
12.	Lede mais alto.	<	O mesmo que no n. 11, accres- centando q' o Mestre le- va a boca a extremida- de da se- nha, levân- tando o logo	O menino toma im- mediatamente um tom elevado.
13.	Lede mais baixo	<	O mesmo que no n. 12 mas depois do M. ter le- vado a boca a extremid- da sênha e abaixa até o chão.	O discipulo abaixa imediatamente a voz.

14	Passemos á outro discipulo.		1.ª pancada do batedor da senha.	O discipulo se guin-te, ou o que for apontado pelo Mestre continua a leitura, começada pelo ant. ^o
15	A divisão que acaba de ler, volta ao seu lugar.	S.	Uma pancada do batedor da senha seguida de um tempo de suspensão. Depois o Mestre marca o compasso, como no n. 1., porém com o batedor da senha.	A pancada do batedor da senha, a divisão deixa de ler, e se prepara para voltar para seu lugar. Depois de outras duas pancadas do batedor da senha a divisão rompe a marcha em cadencia.
16	A mesma divisão se assente.	S.	Uma forte pancada do batedor da senha, seguido de duas pancadas mais brandas.	A 1.ª pancada da senha os discipulos parão; a 2.ª apoião as mãos sobre as mesas ou escrivaninhas; e a 3.ª se er-guem e se assentão.
17	Levante-se a 2.ª divisão, e venha tam-bem ao es-trado.	S.	6 pancadas do batedor da senha, depois das quaes o M. marca o compasso, como no n. 15.	A 1.ª pancada da senha os discipulos põem as mãos sobre a mesa; a 2.ª cru-zão os braços; a 3.ª voltão-se; a 4.ª apoião as mãos sobre a mesa; a 5.ª levantão-se, e a 6.ª tomão seus livros. Depois de haver mais duas pancadas do batedor da senha, dirigem-se para o estrado marchando á compasso.

18.	Todos os discipulos entrem nos círculos para a lição de leitura (ou de calculo, ou de Geographia etc., ou para recita-rem as ora-ções).	M.	O Mestre annuncia em voz alta a lição, que vaeter lugar. — O mais como no n. 1.	Os discipulos que supponos em pé, vão para seus res-pectivos círculos, marchando á com- passo e cantando.
19	Comece-se o exerci-cio.	M.	Um toque ao campai-nha. — Uma pancada da senha.	O toque da campai-nha faz cessar a marcha. — A 1.ª pancada da senha os discipulos de cada grupo começão a leitura (ou o calculo, ou a Geographia, etc.) debaixo da direcção do decurião ou moni-tor designado, e assim ficão esperan-do ou aguardando que o Mestre os chame ao estrado. (1)
20,	Tal grupo venha ao estrado.	M.	O Mestre designa ou aponta o grupo, e depois marca o compasso, como no n. 15.	A 3.ª pancada do batedor da senha o decurião ou moni-tor do grupo, que se acaba de chamar, conduz ao estrado os seus condiscipulos, que conser-ão abet-tos seus livros.

(1) A maior parte das ordens ou preceitos contido neste quadro são communs ao methodo *simultaneo* e ao methodo *mutuo*. Indicaremos pela letra —S.—os que só convem ao 1.º, e pela letra —M.—os que são proprios sómente do 2.º (Nota do Auctor.)

21.	Retire-se o grupo que acaba de ler, e succeda-lhe outro.	M.	Uma forte pancada do batedor da senha.— O Mestre designa ou aponta um grupo, e marcha o compasso como no n. 15.	A pancada do batedor da senha o grupo que está junto ao estrado, deixa de ler, e depois de outras duas pancadas da senha volta para seu lugar, marchando a compasso, em quanto o grupo designado vem substituí-lo.
22.	Cesse a leitura e voltem as mesas.	M.	Um toque da campainha.— Uma pancada da senha — O mais como no n. 1.	A leitura cessa. Os discípulos voltam-se O mais como no n. 1. Como a lição de escripta vai immediatamente começar, se acontecer que as divisões não sejam compostas do mesmo modo para a leitura e para a escripta, alguns discípulos mudarão de divisão, durante a marcha que se faz neste momento.
23.	Assentem-se todos os discípulos.	M.	Um toque da campainha.— Duas pancadas da senha.	A execução é a mesma do n. 16.
24.	Preparem-se para escrever.	Quer no S quer no M	O Mestre anuncia em voz alta a lição de escripta depois marca o compasso como no n. 15.	Todos os discípulos que escrevem, tomam seus cadernos. Os primeiros de cada mesa, que estão em pé, distribuem os traslados e as pennas.

25.	Assentem-se os 1. ^{os} das mesas.	Idem	Tres pancadas do batedor da senha.	A mesma execução do n. 16.
26.	Começai a escripta.	"	Uma pancada da senha.	Todos os discípulos começam a escrever.
27.	Cesse a escripta.	"	Um toque da campainha.— Cinco pancadas do batedor da senha.— Depois o Mestre marca o compasso, como no n. 15 a faz assentar os 1. ^{os} das mesas, como no n. 16.	Os discípulos fecham os seus cadernos. Os 1. ^{os} de mesas se levantam, como se disse no n. 17, guardam as pennas e os traslados e depois executam para se assentarem os movimentos indicados no n. 16.
28.	Trocem os cadernos p. ^a a correção dos deveres de orthographia, ou depois desta correção:— Restitui e recebei vossos cadernos.	"	Quatro pancadas do batedor da senha.	A 1. ^a pancada da senha os alumnos pegam em seus cadernos com a mão direita, a 2. ^a aquelles, que estão sobre o banco da frente, fazem meia volta; a 3. ^a trocam os cadernos; e a 4. ^a elles se restituiem a seus lugares.

29.	Está encerrada a lição; levantai-vos para a oração.	"	Um toque da campainha, 6 pancadas da senha.	A' 1. ^a pancada da senha os discipulos põe as mãos sobre a mesa; á 2. ^a cruzão os braços; á 3. ^a voltão-se; á 4. ^a appoia as mãos sobre as mesas; á 5. ^a levantão-se; á 6. ^a se ajoelhão e cruzão novamente os braços.
30.	Sahi da aula.	"	Duas pancadas da senha. — O mais como no n. 1.	A' 1. ^a pancada da senha, os discipulos põe-se em pé; á 2. ^a voltão-se para o lado por onde devem sair das mesas. O mais como no n. 1.

Obs rvações.

1.^o Como já se deve ter notado, o Mestre serve-se simplesmente do batedor da senha, em vez de bater com toda a senha sobre o estrado, sempre que se faz mover um grupo, uma divisão, ou os 1.^{os} de cada mesa.

2.^o O Mestre poderá fazer uso da senha para a recitação de lições e orações, para a correção dos *deveres* de orthographia, e mesmo de calculo, como se faz a respeito da leitura.

Artigo 3.^o

Registros.

Os registros contribuem tambem muito poderosamente para o bom governo de uma aula, pois que fornecem ao Professor o meio de conhecer em qualquer momento o *numero* de seus discipulos, sua *assiduidade*, sua *conducta*, e seus *progressos*. Deverá pois escriptural-os com grande cuidado. Os registros in-

dispensaveis em qualquer escola são os seguintes, proscriptos pelos artigos 31 e 32 do Regulamento das escolas :

- 1.º registro de inscripção ou matricula. (a)
- 2.º registro de chamadas e de notas. (b)
- 3.º registro de composições. (1) (c)

I.

REGISTRO DE INSCRIPÇÃO OU MATRICULA.

O registro de inscripção ou matricula tem por objecto fazer conhecer em qualquer momento, que se dê, o movimento do pessoal da escola. N'elle se inscrevem os discipulos ao passo, que se vão apresentando, e á cada um se dá um numero ordinal.

Este registro conforme o modelo juncto, contem 14 columnas. Na quarta que é intitulada—Idade—inscreve-se a data do nascimento. Quanto á quinta, sexta, oitava, nona e decima, nota-se simplesmente por meio de um traço vertical os discipulos a quem podem convir as qualificações indicadas nestas columnas.

O registro de inscripção ou matricula deve ser renovado na epoca em que de novo entrão os alumnos na escola. Nas aulas frequentadas por ambos os sexos, inscrevem-se os meninos de um lado, e as meninas do outro.

(a) Art. 65 do Regul. de 29 de abril de 1868 e art. 18 do Regul. interno.

(b) Art. 19 do Regimento interno das escolas.

(1) É conveniente escripturar tambem registros de contabilidade, e de correspondência, porém como estes se referem mais pessoalmente ao Professor do que a disciplina, delles não nos occupamos. (Do Auctor.) O mesmo se pôde dizer do inventario de utensils e copiador de orçamentos ou contas mencionadas no artigo 9.º e 1.º § 3.º do Regimento das Escolas. (Do T.)

(c) D.ctos artigos 18 e 19 do Regimento interno.

II

REGISTRO DE CHAMADA E DE NOTAS.

Este duplo registro serve para verificar: 1.º as faltas ou ausências dos discípulos, e seus motivos, e 2.º as diversas notas, que elles tem merecido, tanto por sua conduta, e seu assido, como pelo bom exito, ou bom successo obtido em cada um dos ramos do ensino, e bem a-sim os premios, ou pontos bons, que se lhes tem concedido em consequencia d'essas notas.

O registro de que se trata é de indispensavel necessidade. Com effeito, muito convem ao Professor conhecer bem, dia por dia, o gráo de exactidão, e assiduidade d's alumnos, affim de indagar a causa de suas ausências, fazel-as cessar, quando é possível, e participal-as aos pais ou protectores. Não lhe é menos importante, ou não lhe convem menos ter constantemente presente a justa medida dos progressos de seus alumnos, quer para estabelecer os direitos de cada um d'elles ás recompensas, que lhes devem ser concedidas, quer para apreciar bem o valor dos processos, que emprega, e quer enfim para communicar ás Authoridades e ás familias os resultados, que obtem.

O registro de chamada e de notas, cujo modelo vamos dar, renova-se no começo de cada mez. Os discipulos nelle são inscriptos por ordem de divisão, e de força relativa, o que exige que se deixe algumas linhas em branco depois de cada divisão para o caso de se apresentarem novos discipulos durante o mez.

A columna intitulada — Assiduidade — divide-se em tantas columnas estreitas quantos são os dias de lição durante o mez respectivo. Para registrar uma

ausencia da lição da manhã, collocar-se em frente do nome do discipulo ausente um traço vertical |. Para marcar uma ausencia da lição da tarde, empregar-se um traço horizontal —. Se o discipulo esteve ausente de manhã e de tarde, registra-se esta ausencia por uma pequena cruz +. Enfim, quando o discipulo, notado como ausente, chega depois da chamada, annulla-se o signal collocado na columna d'esse dia por uma das figuras seguintes, conforme o caso que se dá, $\square = \square$ (1). No fim do mez o Mestre faz o calculo do total das ausências ou faltas, e o leva a columna para isto destinada. (a) Quando as causas das faltas ou ausências são conhecidas, indicão-se por uma palavra na columna das observações.

Quanto as outras notas, eis aqui como se deve proceder, para que sejam tão exactas quanto for possível. Todos os dias o Professor consigna em um cadinho ou memorial os factos mais importantes das lições, e que se referem ao trabalho, a conduta, e ao assido dos alumnos. No fim da semana, sobre cada um d'estes objectos extrahê d'estas notas diarias uma nota hebdomaduria, ou semanal, que exprime por meio dos algarismos 5, 4, 3, 2, 1 (as quaes significão MUITO BEM, BEM, sufficientemente bem, mal, MUITO MAL e as inscreve na columna do quadro à que a nota se refere. A nota 5 dá direito a 2 PONTOS BONS, e a nota 4 a 1. O Mestre transporta portanto em seguida na 1.ª parte da columna dos pon-

(1) Estas duas figuras diversas \square e \square indicão pois a 1.ª um discipulo, que tendo chegado de manhã depois da chamada, e teve ausente de tarde; e a 2.ª um discipulo que tenha chegado tanto de manhã, como de tarde, depois da chamada. (Do Auctor).

(a) Segundo o modelo da Matricula Judo em Santa Catharina, deve levar o tambem a respectiva columna desta inscripção sob a designação do mez a que pertencer. (Do T.)

tos *bons* um algarismo *igual* ao numero dos *4*, e dobrar o numero dos *5* obtidos pelo *trabalho*, e na 2.^a columna um algarismo, que exprime, conforme o mesmo *systema*, que acabamos de expor, o numero dos *pontos bons de conducta* ou comportamento. No calculo dos *pontos bons* não se leva em conta as notas de *asseio*. (1)

No fim do *mez*, o Mestre faz, em cada objecto do ensino, o *calculo da total* dos algarismos das notas obtidas durante o *mez*, leva ou *transporta este total* para o lugar em branco ou livre, reservado para isto á direita das columnas; depois inscreve a *somma* de todos os *totaes parciais* na columna intitulada *total geral*. Estes *totaes*, segundo as divisões, fazem lhe conhecer o *merito* de cada discipulo: quaes sejam os *primeiros* em tal ou tal ramo de ensino; e finalmente quaes os *primeiros em todos os ramos* reunidos.

O Professor inscreve igualmente o *total dos pontos bons*, quer de *trabalho*, quer de *conducta*, no espaço em branco reservado para isso á direita de cada uma das *divisões da columna geral dos pontos bons*, mas elle deve ter o cuidado de *diminuir* deste total, o de todos os *pontos bons* que algum discipulo *tiver perdido* durante o *mez*, em consequencia de faltas commettidas.

Os *pontos bons* são principalmente destinados a entreter a *emulação*. Tratando das *recompensas*, explicaremos como o Professor d'elles póde tirar grande partido para *excitar* e apressar os *progrescos* dos alumnos.

(1) Si se quizer dar mais larga parte a *conducta*, e ao mesmo tempo precisar melhor o *merito* dos discipulos nesta relação, tornar-se-ha por *maximo* da nota de *conducta* o algarismo 10, que dará direito a 4 *pontos bons*; pela nota de 9 se dará 3, e assim por diante (por 8, 2; por 7, 1) diminuindo-se sempre uma unidade. (Do Auct.)

III

REGISTRO DAS COMPOSIÇÕES.

Deve haver em toda e qualquer escola uma *composição* em cada *mez*, sobre diversos ramos do ensino.

As composições são effectivamente um *poderoso meio de emulação*, e consequentemente de *disciplina*, não somente porque fornecem ao Professor a *base* sobre que deverá apoiar-se, para conceder premios, mas ainda em razão dos diversos *logares* que ellas fazem os alumnos occuparem *na aula e nas divisões*. É pois muito importante ou conveniente que o resultado d'ellas seja consignado com muito cuidado em um registro especial. Tal é o objecto do registro das composições, cujo modelo vamos dar.

Póde facilmente acontecer que o nome de alguns dos alumnos não seja nelle inscripto senão uma vez em todo o anno: trata-se de consagrar a cada um d'elles uma pagina inteira, ou pelo menos um numero de linhas igual ao dos mezes, que compõe o anno escolar.



(a) Na versão substitui a palavra Francês pela palavra Português (Do Traductor.)

ME- ZES.	N.º- MES DOS ALUMNOS.
	Instrução Religiosa.
	Leitura.
	Escripta.
	Calculo (comprehendido o systema metrico antigo, e o decimal Francez.)
	Portuguez (a)
	Historia.
	Geographia.
	Desenho (comprehendi- da a Geometria pratica.)
	Canto.
	Total.
	Força relativa.
	OBSTACU- LOS.

Modelo do Registro das Composições.

Artigo 4.º

**Inspectores ou Repetidores chamados tam-
bem Monitores ou Decuriões.**

*Mantem a ordem na aula, e por este meio conser-
var n'ella constantemente occupados os alumnos re-
partidos em muitas divisões, eis o ponto principal,
que, segundo já observamos em outro lugar, deve ser
um dos grandes objectos da preocupação do Mestre;
é isto uma tarefa, que lhe se á muy difficil preencher,
si não tiver juncto de si auxiliares, com quem a
possa dividir ou repartir. D'aqui procede a necessida-
de de escolher inspectores ou repetidores entre os
discipulos mais prudentes, mais intelligentes, e mais
assiduos. Os inspectores ou repetidores são pois
pequenos submestres, adjunctos, ou professores sub-
sidiarios encarregados momentaneamente de instru-
ir e inspeccionar seus condiscipulos.*

Devem elles por esta duplicado titulo *saber bem*
o que tem de ensinar, e pela sua conducta servirem
de modelo ao grupo, ou á divisão confiada a seus
cuidados. Para excitar sua emulação o Mestre não
deixará de conceder e compensar particulares á quel-
les, que tiverem justificado sua confiança.

Os inspectores devem ser ordinariamente tirados
de entre os discipulos da 1.ª divisão, que são ma-
is capazes do que os outros, em razão de sua idade,
e do desenvolvimento de sua intelligencia, para diri-
girem seus jovens condiscipulos.

Nas escolas de ensino simultaneo convém haver
dous inspectores, a saber: um *inspector geral*, que
assentado no estrado, note ou advirta os alumnos
turbulentos, conceda permissão de saber, ajude o
Mestre nos movimentos geraes, e até mesmo o subs-
titua no caso de ausencia momentanea; e um *ins-*

pector particular, que, em quanto o Mestre se occupar em outras divisões, exerça os meninos da 4.ª divisão.

Os primeiros alumnos de cada banco-mesa, ou classe, ou divisão, que se tomão indifferentemente na 1.ª ou 2.ª divisão, tambem pôdem ser encarregados de *manter a ordem* entre os discipulos do banco-mesa ou classe, em que estão assentados; as suas principaes funções porém, consistem a saber: 1.ª em distribuir e guardar os livros da escola, os traslados de escripta, as pennas, & ; 2.ª em regrar os quadernos dos mais jovens alumnos, e em traçar nelles sobre a capa os titulos, que mais adiante indicaremos.

Si a escola contiver menos de 40 alumnos, o inspector geral não será mais necessario, comtudo não deixará por isso de ser util a menor numero.

Nas escolas, em que se pratica o methodo mixto deve haver, além do inspector geral, tantos inspectores particulares, quantas são as divisões ou subdivisões.

As funções d'estes ultimos inspectores (particulares) consiste, para cada um d'elles, na divisão ou classe, que lhe está consignada, em fazer que os alumnos estudem a lição; em fazel-os ali recitar as orações; em preparar os exercicios de que em breve vai occupar-se o Professor, ou em repetir aquillo, que elle acaba de explicar; e finalmente, em manter ali a *ordem e disciplina*. Devem estar munidos de um pequeno quaderno, em que notem as *faltas de applicação ou de conducta* commettidas por seus discipulos. O Mestre apreciará estas notas, e d'ellas usará com discrição. (1)

(1) Nas escolas mutuas, onde cada divisão está repartida em muitos grupos, os inspectores, chamados *monitores*

Não ha motivo para crer ou julgar, que as funções de *inspectores* causem um grande prejuizo aos meninos, que a ellas são encarregados, por quanto estes *veem e aprofundão as materias* em que fazem trabalhar os seus pequenos companheiros. Além disto, a *vigilância e a actividade*, que lhes são necessarias para preencherem convenientemente seu emprego, os *habituaõ á reflexão, desenvolvem sua razão e amadurecem seu juizo*. Adquirem tambem pelo exercicio d'esta pequena authoridade, de que são revestidos, a *sciencia das conveniencias e das formalidades*,ahi bebem idéas de *ordem, de justiça e de conducta*, objectos que certamente não são sem importancia para sua *educação moral*. Ganhão pois por um lado o que pelo outro em rigor poderiam perder. Comtudo, afin de o-di-trahir o menos que fôr possível do seu trabalho particular ou proprio, o Professor sómente reclamará por duas ou tres vezes em cada semana o concôrdo dos mesmos inspectores, sempre que na aula tiver, em numero sufficiente, discipulos apropriados para este cargo.

Artigo 5.º

RECOMPENSAS.

E' ainda um excellente meio de *ordem e de disciplina* a distribuição de *recompensas* na escola.

Tem havido moralistas de *severidade extrema*, que hão reprovado a *emulação* como se fosse o mais perigoso dos moveis, ou motivos de acção, e que o tem proscripto da educação dos meninos, como sendo origem de *presumpção* para uns, de *ciúme ou inve-*

são em numero mais consideravel, e se subdividem em *monitores geraes, monitores particulares, e monitores adjunctos* (N. do A.)

ja para outros. A maior parte, porém dos *espíritos senxatos*, com quanto reconhecão que a emulação, como outras muitas cousas uteis, pôde ter *seus inconvenientes*, não hesitam em proclamar a necessidade d'ella. Na verdade seria caber em extranha illusão o esperar que se pudesse conduzir sempre os meninos pelo unico e puro amor do dever, visto que esta consideração frequentemente é insufficiente para as pessoas capazes de reflexão e raciocínio. Além d'isto está provado pela experiencia, que a emulação é uma das condições essenciais para a prosperidade da escola; e esta prosperidade não será *séria e effizaz* si não for sustentada pelas recompensas.

O Professor deverá pois empregar este precioso estímulo; mas o fará com prudencia e disericão. Assim pois, deverá ter o cuidado de não multiplicar seus meios de animação; recompensará a applicação bem sustentada, e a conducta iscripta de reparo, ou censura, bem como os *notiveis bons successos* ou bom exito; *acautelará* ao mesmo tempo os meninos contra o orgulho, fazendo-lhes comprehender, que as recompensas, que se lhes concede, não lhes são em rigor devidas, mas que são um favor ou meio de auxiliar, ou de ajudar sua fraqueza, e que aquelles trabalhos ou conducta que os poderão obter não podião ser omitidos pelos mesmos meninos, sem que ellas se tornassem culpadas, e ainda mais que elles os poderião ter feito melhor.

Quanto aos meios de animação que convém empregar, são elles os seguintes todos recommendados pelo artigo 37 do Regulamento das escolas:

1.º Elogio do Mestre (a) semanalmente.

(a.) Veja-se o final do art. 40 do Regimento das Escolas da Provincia de Santa Catharina, e o principio da 3.ª parte do artigo 41 idem.

- 2.º Pontos bons, chamados *perdiões* ou premios passageiros (b) semanalmente.
- 3.º Logares ganhos pela applicação (b) mensalmente.
- 4.º Cruzes de distincção (a) ganhas semanalmente.
- 5.º Cartas de satisfação (c) ganhas mensalmente.
- 6.º Quadro de honra (d) mensalmente inscripto.
- 7.º Premios annuaes (e) (f.)

ELOGIO DO MESTRE.

Os meninos são naturalmente *sensíveis ao louvor*. Tanto temem elles as censuras do Mestre, quanto se julgão felizes, quando recebem de sua parte quaesquer testemunhos de satisfação. E' mister porém muita reserva e discernimento neste objecto. Sendo de mais adradamente reiterado o louvor não produz mais effeito algum sobre o alumno; dado sem uma justa medida, torna-o orgulhoso e indocil.

II.

PONTOS BONS.

Os *pontos bons* entregues aos alumnos são pequenos quadrados de cartão ligeiro, ordinariamente impressos. Ha duas especies, a saber: a 1.ª de *pon-*

- (a) Veja a nota a da pagina antecedente.
- (b) Idem a 1.ª parte do art. 41 idem.
- (c) Idem o final da 3.ª parte do art. 41 idem.
- (d) Idem a 2.ª parte do art. 41 idem.
- (e) Idem os arts. 59 e 60 idem. O attestado de que tratão os arts. 57 e 58, constituem mais um premio.
- (f) O Regimento interno artigos 42, 43 e 44 tratão de premios trimensaes além das 7 especies de recompensas supra referidas, como premios semanaes, mensaes e annuaes. (Do T.)

los *bons usuaos*, que valem apenas a unidade, e se applicão á um determinado objecto de estudo; a 2.^a de *pontos bons collectivos*, que equivalem a 20 dos 1.^{os}, sem outra distincção mais que a d'—*trabalho*— e a d'—*conducta*.— Eis os modelos de uns e de outros.

Escola publica (ou particular) de
Dirigida pelo Professor F.
Ponto bom de

Escola publica (ou particular) de
Dirigida pelo Professor F.
Bilhete de 20 <i>pontos bons</i> de trabalho (ou de conducta.)

A distribuição dos *pontos bons* tem lugar *todos os sabbados*, depois que o Mestre acaba de fazer, para cada discipulo, e sobre cada objecto de estudo, o resumo das notas da semana (a). Aquella que tem obtido mais *pontos bons* em sua divisão, recebe a *crux de merito* d'essa divisão, a qual traz pendente ao pes-

(a) Veja-se o final do art. 40 do Regimento interno, e o principio da 3.^a parte do art. 41.

coço na semana seguinte. (a) A *crux de prudencia* é concedida ao discipulo, que em toda a escola obtive maior numero de *pontos bons* de conducta ou comportamento. a)

No fim do mez o Mestre faz o total geral dos *pontos bons*, e concede um *bilhete de satisfação* (b) ao alumno que obtive mais *pontos bons de trabalho* durante o mez em cada divisão. Então concede igualmente um *bilhete de satisfação* ao alumno, que em toda a escola obtive maior numero de *pontos bons* de conducta. Em fim o Professor insereve (c) o nome d'estes cinco alumnos no quadro de honra de que em breve trataremos.

Na mesma época (fim do mez) entrega um ou mais *pontos bons collectivos* em troca dos *pontos bons usuaes* aos meninos que um numero sufficiente destes possuem, resgatando-os; e no fim do anno um *premio de pontos bons* será a recompensa de todo o discipulo que houver obtido 15 *pontos bons collectivos* de trabalho na 1.^a divisão, 12 na 2.^a, 10 na 3.^a e 8 na quarta.

O *premio annual de boa conducta* será conferido ao menino, que em toda a escola, no fim do anno, apresentar maior numero de *pontos bons* d'esta especie.

E' por este modo, que conduzem á novas distincções os *pontos bons*, que por si mesmo já são honrosos; pois que constituem um penhor, ou testemunho de boa conducta, e de progressos.

Os *pontos bons* alcançam ainda uma outra vantagem para aqueles, que os possuem, a qual consiste em servirem lhes de *perdões*, ou titulos de isenção

(b) Vê o final da 3.^a parte do art. 41 do Regimento interno sobre a communicação ou bilhete de satisfação.
(c) Vê a 1.^a parte do art. 41 do Regimento interno.

de quaesquer castigos que venhão a merecer. Os *pontos bons* são neste caso uma especie da moeda, com que o discipulo habitualmente *prudente e estudioso*, paga a divida, que tenha contraido por *um momento de negligencia* ou um acto de *leviandade*.

Preciosas por os meninos, não são as isempções d'esta ordem menos uteis para o Mestre. « Ellas lhe « pompão a *suspeita de parcialidade*, que contra « elle não deixa de levantar-se, si, attendendo à « applicação, o á boa conducta precedentes de um « alumno, não o castigasse de algum modo por uma « falta, que acabasse de punir em outro menino. E' « mister porém que os *pontos bons não subtraído a* « um castigo justo o discipulo que se tenha tornado « culpado de uma falta verdadeiramente grave. (a)

III

LOGARES GANHOS PELA COMPOZIÇÃO. (b)

Já dicemos que todos os mezes deve ter lugar uma *composição* sobre os diversos objectos do ensino, e que o resultado de cada *composição* deve ser consignado em um registro particular. No fim de cada mez o Mestre sobre este registro faz o calculo do total dos *logares de composição* obtidos pelos alumnos (cada um em particular); depois ella estabelece a sua força relativa, dando o N. 1. ao que tem menos pontos máos; o numero 2 ao que tem menos pontos máos entre os outros restantes, e assim por diante. E' conforme esta *força relativa*, que os discipulos deverão ser collocados (á) nas mesas, ou bancos, ou nas classes ou divisões durante o mez seguinte; nos circulos porém elles se poderão formar conforme o resultado particular de cada *composição*. (á)

(a) A. Rendu.

(b) Vê a 1.ª parte do artigo 41 do Regimento Interno.

(c) 1.ª parte do artigo 41 do Regimento interno.

Neste objecto da *composição*, assim como se faz a respeito dos *pontos bons de trabalho*, e da *conducta*, convém *recompensar a superioridade* por um bilhete ou cartão de satisfação, concedido ao 1.º discipulo de cada divisão, e pela inscripção de seu nome no quadro de honra.

IV

CRUZES DE MERITO E DE CONDUCTA.

O uso das *cruzes honorificas*, contribue poderosamente para a *conservação e prosperidade* da escola. Objecto de ambição para aquelles que não a tem, esta distincção obriga o menino, que uma vez a obteve, á redobrar seus esforços, para não a perder; e assim o excita a vencer todas as difficuldades.

No *sabbado de tarde* em presença de toda a aula tem lugar a distribuição das cruzes, proclamando-se os nomes dos que as bem merecerão. (a) O Mestre para fazer sobreahir mais o seu valor, não deixará de dirigir aos que as receberem algumas palavras de felicitação e de animação, e velará em que as cruzes sejam sempre usadas na aula; poderá mesmo convidar os discipulos, que as receberem a decorar-se com ellas nos domingos.

Em uma escola ordinariamente composta de 4 divisões, ou 4 classes, deve haver ao menos 5 *cruzes de distincção*, sendo uma de merito para cada divisão ou classe, e uma de prudencia ou conducta para toda a aula. Estas cruzes devem ser de um preço pouco elevado, affim de que não occasionem grande despeza aos paes ou protectores dos meninos, que por ventura as peção. Poderão ser substituidas por

(a) Final do art. 45 do dito Regimento e principio da 3.ª parte do art. 41.

pequenas medalhas de bronze, ou mesmo em rigor por simples fitas, ou listões pendentes do collo ou peçoço.

V

BILHETES, CARTAS OU CARTÕES DE SATISFAÇÃO.

Os bilhetes de satisfação, cujo modelo vamos dar, concedam-se não somente aos alumnos, que tem collocado na frente de suas idéas o maior numero de pontos bons, ou o resultado das composições, como tambem á aquelles, que distinguindo-se muito por seus bons successos e sua boa conducta, não poderão comtudo conquistar o primeiro logar. Elles tem por fim entreter o ardor de uns, e prevenir o desanimo de outros. Além disto são um bom meio de interessar os paes ou protectores dos alumnos na boa conducta e progresso ou adiantamento de seus filhos ou protegidos, e até mesmo o de obrigar-os a testemunhar-lhes seu contentamento paterno, concedendo-lhes algumas leves recompensas.

Modelo do bilhete, carta, ou cartão de satisfação.

Escola publica (ou particular) de
Bilhete de satisfação.
Concedido ao Alumno
Por sua boa conducta (ou por seus progressos, ou etc)
Durante o mez de
O Professor publico (ou particular.) (Assignatura do Preceptor.)

VI

QUADRO DE HONRA.

A inscripção no *quadro de honra* dos nomes dos alumnos, que mais se tem distinguido por sua boa conducta, seu trabalho, e seus progressos, não pôde deixar de ser apreciada. Ella attrahe sobre aquelle que a obteve a attenção de seus discipulos, ou colligas; assegura-lhes a benevolencia e a estima do Mestre; e o recommenda á consideração das pessoas, que vem visitar a aula. Como esta distincção será tanto mais honrosa para os alumnos, quanto mais tempo tenham ellas gosado d'ella, convem consignar no quadro, ao lado de cada nome inscripto, a data da inscripção.

VII

PREMIOS ANNUAES.

A recompensa mais honorifica, e mais estimada, aquella sem a qual ao mesmo tempo as outras só terão muito pouco valor, é a de uma distribuição de *premios no fim do anno*. Si os recursos da Municipalidade (ou da Provincia) não permittirem votar uma quantia especial para este objecto, o Professor não deve hesitar, nem por um momento, em assegurar, ainda que seja a sua custa, esta solemnidade, que coroa a sua obra.

A fim de tornar tão efficaç, como é possível, este meio de emulação, dever-se-ha ter o cuidado de attender, em relação a cada alumno, os esforços que tenha feito durante o anno, assim como os que fizer durante o mez, que precede a distribuição. Basta para isto combinar do fim do seguinte o resultado das composições feitas durante o anno com o das compo-

sições especialmente feitas para os premios. O primeiro em cada composição ordinaria tem um só ponto (mão) o segundo dois, e assim por diante ; mas nas composições para os premios o primeiro tem tres pontos (mãos ou negativos) o 2.^o seis, e assim por diante. Sendo formado o total dos pontos (mãos) para cada alumno, aquelle que os tem menos merece o premio, o segundo um *accessit*, ou um segundo premio, conforme o caso (isto é si se poder dar este 2.^o premio).

Quando se dá pela Pascoa um premio de excellencia, um premio de *bona conducta*, e premios de *pontos bons*, como se pratica em alguns estabelecimentos (1) (a) o primeiro d'estes premios, é conferido, conforme o quadro das composições, ao discipulo, que se verifica ser o primeiro em força relativa ; mas então não se adiciona mais com os pontos (mãos ou negativos) d's composições para os premios annuaes senão aquelles, que resultão das composições ordinarias feitas pela Pascoa. (b) Quanto aos premios

(1) É muito para desejar que assim se pratique em todas as escolas, em razão da renovação das diviões, que deve ter lugar pela Pascoa, como diremos adiante. (Veja-se a pagina 133). (Do Auctor.)

(a) Os arts. 42 43 e 44 do Regimento interno das Escolas da Provincia do Santo Catharina estabelocendo premios trimestraes em 7 de Abril, 7 de Julho e 7 de Outubro, com a lei implicitamente no fim do 1.^o trimestre os premios chamados da Pascoa; e tanto neste 1.^o trimestre como no 2.^o e 3.^o conviria seguir-se as regras supra-indicadas ; mas por ora se referem taes premios restrictamente as proclamações e listas de sabbados e a constante inscripção por 3 mezes no quadro de honra. (Do T.)

(b) Esta regra se poderia estender aos premios trimestraes do 2.^o e 3.^o trimestres si estes se regulassem pelas composições, e não pelas proclamações dos sabbados, e inscripção diuturna por 3 mezes no quadro de honra. (Do Traductor.)

(secundarios) de pontos bons, elles são conferidos (quando ha posses para isso) aos alumnos que tem numero sufficiente de bilhetes de 20 pontos bons, em relação a época do anno escolar, em que se faz a distribuição. Todos estes bilhetes são então annullados. Convem ainda dar aos discipulos, que não recebem premios, tanta imagem, registros ou estampas, quantos forem os *pontos bons collectivos* por elles entregues ou restituídos.

É muito conveniente que o Professor seja ajudado ou auxiliado na correção das composições para os premios annuaes (ou mesmo trimestraes quando se attendão) por algumas pessoas notaveis e conspicuas da municipalidade (ou da parochia). Si houver composições oraes nessas occasiões, deverão ser feitas, sempre que for possível na presença do presidente da municipalidade (ou do Juiz de Paz) e do Vigario.

Estes premios que é indispensavel conceder *annualmente* :

1. ^o	Um premio de excellencia por divisão	4
2. ^o	Um premio de boa conducta para toda a aula	1
		—
		5.
3. ^o	Tantos premios de <i>pontos bons</i> (sendo isto possivel) quantos tenham sido ganhos em cada divisão (conforme a regra em outro lugar estabelecida).	...
4. ^o	Um premio d'instrucção religiosa por divisão	4
5. ^o	Um premio de leitura idem	4
6. ^o	Um premio de escripta idem	4
7. ^o	Um premio de calculo & idem	4
8. ^o	Um premio de grammatica idem	4
	Si os recursos da municipalidade (ou da Pro-	

víncia) ou os do Professor permittirem, tambem poderá haver premios para as partes <i>accessorias</i> , taes como:	
Desenho (ou Bordados)	4
Canto	4
Geographia	4
Historia	4

e em outras materias, cujo ensino tenha sido authorizado (como Gymna-tica, noções de sciencias physicas, noções de Historia natural, agricultura); e no caso em que as divisões sejam numerosas (ou tenham subdivisões) convirá conceder um segundo premio para cada objecto de estudo, com dois ou tres *accessit*. (a)

Artigo 5.º

Castigos.

Com quanto as recompensas sejam muito uteis para a boa ordem, e para a disciplina, quando sejam empregados com intelligencia, contudo ellas não podem prevenir todas as faltas. Quasi não ha escolas, em que se não encontrem esses caracteres apathicos ou turbulentos, em que a linguagem da razão, de emulação, e mesmo das recompensas nem um effeito produz. Então se torna indispensavel recorreer aos *meios de repressão*. Neste objecto ainda mais do que nas distribuições de recompensas, tem o Professor necessidade de toda a sua *prudencia e sabedoria*.

Para prevenir os *erros*, que o Professor poderia

(a) Dos 41 a 60 premios indicados, o art. 59 do Regulamento interno apenas authoriza 5, sendo um de honra, e quatro de segunda ordem, todos porém para toda a aula, e nem um por divisão, de sorte que se concentrarão nos alumnos da 1.ª classe, e raras vezes chegarão aos da 2.ª ficando a 3.ª e 4.ª sem esta valiosa animação. (Do T.)

commetter sobre este *ponto delicado*, vamos primeiramente expor os *caracteres gerais* dos castigos, e depois enumerar os diversos *castigos*, que convem empregar na aula.

§ 1.º

CARACTER GERAL DOS CASTIGOS.

Os castigos devem ser : 1.º raros ;
2.º uteis ;
3.º razoaveis ;
4.º infligidos com *moderação* ;
5.º certos.

I

OS CASTIGOS DEVEM SER RAROS.

Os castigos, ainda mesmo os mais justos, e mais bem merecidos, tem sempre o quer que seja de *odioso* por isso só que são castigos. O menino, que muitas vezes é castigado, se desgosta, e se desanima, chegando algumas vezes a ter uma invencivel *aversão* contra a escola. Além d'isto, sendo os castigos *multiplicados*, acabão elles por não produzirem mais *effeito algum moral*, pois não *humilham* mais os meninos que os soffrem, e deixã de ser para os outros uma salutar advertencia. É pois um importante dever não empregar o *rigor* senão na *ultima extremidade*, e depois de haver *exgotado* todos os outros meios.

II

ELLES DEVEM SER UTEIS.

Em geral os castigos devem ter por objecto *fazer sentir ao menino a falta que commetteru*, e nelle ac-

cordar ou despertar os sentimentos de vergonha e de arrependimento, que lhe servem para corrigir-se d'isso no futuro. Há faltas, que em vão se procuraria fazer desaparecer, e estas faltas são coneguintemente taes, que é inatil castigal-as. « Na condueita « dos meninos nem tudo é materia de castigos; há « travessuras, actos de levandade, certo apartamento « ou afastamento de estudo, e certa frouxidão no « trabalho, que provem do ascendente irresistível « do character e da constituição do menino, os quaes « sem duvida lhe são prejudiciaes, mas, que entretanto « não perturbão de modo sensivel a boa ordem « da aula. Estas e outras semelhantes são faltas de « tal natureza, que os castigos não as devem attingir, « porque elles não pôem modificar as disposições « naturaes, de que ellas procedem. » (a) Contudo estas especies de faltas não devem ser toleradas, mas bastará, ou será effiz, para as fazer cessar, uma simples advertencia, que deve ordinariamente consistir em uma palavra, ou em um vivo olhar, o qual dará melhor resultado que um castigo, e não terá o inconveniente de comprometter este grande meio de acção.

III

DEVEM SER RAZOAVEIS.

Todos os castigos que offendem a dignidade humana, e podem produzir o effeito de *viciar as facultades* do menino, todas as que põem em perigo sua moralidade, ou sua saúde; e enfim, todos os que o opprimindo, o expõe ao desanimo, são condemnados

pela razão, o proscriptos pelos regulamentos. (b) Isto quer dizer claramente que o Professor deve-se abster absolutamente das castigos corporaes, da prisão com separação, e das tarefas ou pensums demasiadamente longos.

Os castigos corporaes, restos da antiga barbaria, já não são proprios do nosso seculo. Infligidos sem circumspecção e prudência, pôem ser, debaixo da relação physica, origem de accidentes mais ou menos graves. Em todo o caso, elles degradão o homem, de certo modo assimilhando-o com os brutos; e por isso são tão indignos do Mestre que os impõe, como do discipulo que os soffre. Além d'isto produzem ordinariamente um effeito contrario ao que d'elles se espera. Destinados a condazirem o menino para o bem, d'elle o afastão, e o desgostão, associando no seu espirito a idea de um dever, que não cumpriu, com as mais odiosas recordações. E effiz este modo de repressão, que faz tremor sempre o menino, habitua-o a não conhecer outro mobil, ou motivo de acção senão o temor servil. Assim azeda ou arruina o seu character, e secca-lhe o coração; algumas vezes até produz o effeito de suffocar sua intelligencia. Ouçamos o que disse a respeito dos castigos corporaes um pensador celebre. — « Nada é menos proprio « para corrigir os meninos, do que o castigo das varas. Esta especie de castigo inspira-lhes naturalmente aversão contra as cousas que o Professor « deve exortar-se por lhes fazer amar. Nada é mais commum, ou mais frequente, do que ver os meninos conceberem odio para certas cousas, logo depois, que se lhes tem castigado corporalmente « para a ellas constangel-os.... Si a severidade

(a) Salmon, conferencia sobre os deveres dos Professores de primeiras letras.

(b) Regul. de 29 de Abril de 1838, art. 67 e 94 preamb. Regul. Interno das escolas arts. 3.º a 31, 37 a 40.

« levada até o horraroso ponto de empregar o acoute-
 « ou as varas pode prevalescer sobre a natureza de
 « um menino, e cural-o de seus presentes *desregra-*
 « *mentos*, é isto muitas vezes a causa de um *mal*
 « *maior*, e em muito mais perigosa, o qual consiste
 « em *embrutecer-lhe* o espirito; de modo que por es-
 « se meio se faz muitas vezes de um j ven travesso
 « um perfeito *idiota*. (a)

Menos invillecedora do que os castigos corporaes,
 a sequestração, ou prisão com separação, apresenta
 mais perigos ainda do que elles sob a relação do
 moral.

Este castigo qua consiste em fechar o menino em
 uma prisão, o deixa entregue á u o inexorivel tes-
 dio Não podendo achar *distrações* em torno de si,
 durante as longas horas do seu *captiveiro*, procura-as
 na sua exaltada imaginação, e talvez mesmo em *actos*
criminosos. D'este modo, i elle ainda é *puro*, fica de
 alguma sorte forçado a *corromper se*, e se já é *cor-*
rupto, á entregar se aos seus deestaveis hábitos.

Póde-se im pôr com proveito uma *tarefa extraor-*
dinária aos discipulos, cuja applicação ou conducta
 tem deixado muito á desejar; mas este castigo, co-
 nhecido sob o nome de *penum*, deverá ser *propor-*
cionado tanto á gravidade da falta, como as *facilida-*
des do alumno. *Guarde se* pois o Professor, e *abste-*
nhá-se religiosamente de empregar esses *penums* de
desmezurada *longura*, que consistem em escrever
 quinze ou vinte vezes a mesma pagina. Um tal tra-
 balho não só tem o grave inconveniente de privar
 de seus *recreios* ou *divertimentos*, que são tão *neces-*
sarios á saude, o desgraçado menino, que d'elles é
 encarregado, como tambem o submerge no *abatimen-*
to e *opressão*, a qual não lho deixa para seus *deve-*

(a) Locke.

res *ordinações* e *specis* alguma de *energia*. Acontece-
 mos que esta *repetição* de *escripta*, sendo com a *pu-*
ramente *mecânica*, é feita de *ordinação* com muita
negligencia, e assim, por todos os *modos* *nada* *apro-*
veito. Sej pois, *brevi* e *bem* *escolhida* o *penum*,
 por que o discipulo d'elle ficará *proveito*, e o Mestre
 poderá n *slrar se* *mais* *severo* sobre o modo pelo
 qual o *houver* *executado*.

IV

DEVEM SER INTELIGIDOS COM MODERAÇÃO

Não ha coisa alguma que seja mais *perniciosa*, e
 que *comprometta* mais a *disciplina* da escola do
 qua os castigo *infligidos* *com* *cohera*. Mas de *se-*
rer muitas vezes *excessivamente* *severos*, elles,
 prova a os alumnos, que seu Mestre corrigindo os
 está *dominado* por *pa* *ões* *censuras* *reis*, e *similantes*
 á *aquellas* que os *faz* *caer* *em* *faltas*; e *evita* *lhes*
 de sua parte um *espirito* de *vingança*, que os *predis-*
põe para o *odio* e *indignos*. *Lhes* *faz* *em* *comprehen-*
der, que em vez de *soffrerem* *intencamente* a *acção* do
 Mestre, elles *exercem* sob o *elie* um *certo* *imperio*...

O Mestre prudente não castigará pois, uma *falta*
 qualquer, estando ob *opressão* do *desgosto*,
 que ella lhe haja *causado*; mas ntes de o *fazer*, a
 examinará, estando de *senque* *frio*, com toda a *im-*
parcialidade *considerará*, ou *pesará* *to* *as* *as* *circ-*
unstancias d *e* *so*, a *ffensa* *mais* *ou* *menos* *grave*
 feita á *disciplina*, a *intenção* que teve o *alumno*, que a
commetter, e a *natur* *inclinação*, que a *isso* o *ex-*
pôz. Então é que *proman* *irá* *com* *justicia* a *peza*, e
 em um *tom* *firme*, sem *davida*, *mas* *em* *me* *me* *tem-*
po *compenetrado*, *em* *stando* *tudo* o *pezar* que *soffre*
 em *punir*, e até mesmo *doix* *endo* *perceber*, ou *entre-*
 ver a *su* *compaixão* pelo *culpado*. Um castigo *infligido*
 d'este maneira será sempre recebido *sem* *nul-*

muração e com proveito. O menino reconhecerá sua falta e se arrepende de a ter commetida, talvez mais por motivo do Mestre, a quem elle vê que ella afflige, do que mesmo por si.

V

DEVE SER CERTOS

Muitos mestres ha que não considerão bastante, que é antes a certeza, do que o rigor do castigo, o que os faz temer. Alguns para vencerem a dissipação ou distração de um menino, imprudentemente lhe dirigem ameaças, que não tem intenção de realizar.

Outros, cedendo á uma falsa dó ou para poupar-se a algum embaraco desprezio, ou, deixão de executar os castigos, que elles mesmos infligirão. Estes erros são funestos e prejudicialissimos; as frequentes amnistias, assim como as ameaças sem effeito, tornão irrisorios os castigos, e arruinão completamente a disciplina.

Toda as faltas graves previstas pelo regulamento das escolas deverão, pois, ser impreterivelmente o seu castigo.

Quanto as faltas, que não forem previstas, confiem-se já in licentibus, o Mestre os examinará com um espirito isempto ou livre de paixão, para não se expor, no caso de a punir, á transpor os limites da razão e da justiça: mais uma vez pronunciar a sentença e pena deverá sempre ou quasi sempre ser soffrida.

§ 2.

CASTIGOS QUE PROFICUAMENTE PODEM SER INFLIGIDOS NAS AULAS (1) (a)

III) Senão comprehendemos na serie dos castigos, que se seguem os escriptos de punição suspensões a o presença dos mesmos, nem a inscripção de seu nome no quadro de

- 1.º Repreensão (b)
 - 2.º Perda de pontos bons (c)
 - 3.º Perda das cruzes de distincção (ou medalha e fitas) (d).
 - 4.º Eliminação do quadro de honra (e).
 - 5.º Demora na aula com tarefa ou *panium* (f).
 - 6.º Lugar de castigo (g).
 - 7.º Despedida provisoria ou temporaria (h).
 - 8.º Despedida ou exclusão definitiva. (i).
- [N.B. Alem destes castigos a 1.ª parte do art. 40 do Regim. das escolas Cath. recommenda que em todos os sabbados a tarde haja a proclamação dos nomes dos discipulos que tiverão máo procedimento na semana, e os art. 35 e 36 - os escriptos de punição ou inscripção no quadro negro....]

sergonha, ou negro, é por motivo dos gravissimos inconvenientes que podem resultar para seu caracter de emprego destes meios aviltantes, os quaes entre tanto são recommendados por muitas obras de educação. (Do Auctor (a) vê os artigos 35 e 6 do Regimento interno (Do T.)

(b) Art. 69 n.º 1 do Regulamento, art. 31 e 34 do Regimento, comprehendendo-os 3 graus de advertencia, admoestação e reprehensão publica. (Do T.)

(c) Por occasião de qualquer falta sendo resgatados como titulos de isempção ou perdão.

(d) Art. 44 do Regim. interno.

(e) Idem.

(f) Regul. art. 69 n.º 2, Regim. art. 31 n.º 2, e final do art. 34

(g) Regul. art. 69 n.º 3, Regim. art. 31 n.º 3 e art. 37, não fallando nos art. 35 e 36 (Do T.)

(h) Nisto importa ou deve importar a communicação aos paes para castigos maiores, de que tratão o Reg. art. 69 n.º 4, Regim. art. 31 n.º 4 e art. 38, pois torna-se indispensavel de nois do castigo paterno solicitado a reconducção paternal do alumno correffto.

(i) Regul. art. 69 n.º 5 e parte final: Regimen. art. 31 n.º 4, e art. 39.

REPREHENÇÃO.

Quando u n alumno tiver go a not i b a p u n a falta, u n-
da mesmo das graves, s e a n o t a b i l i z a r r e p r e h e n s ã o
para corrigir o, do que outra qualq u e especie de cas-
tigo. Par esta *reprehenção*, se outo le, u n a *admoes-
tação severa, mas sem cólera, m a r e b a t a m e n t o*, pe-
la qual o Mestre crea a n e d o u b a a falta que com-
metten, exforça-se por fazê-lo sentir a sua *gravi-
dade*, e mostra l h e s u a s c o n s e q u e n c i a s, por meio de
poucas palavras. Esta *admoestação*, que obriga o
miq u i n o a r e c o n h e r e r s e u e r r o, par m n o s i n s i b i l i-
dade, que elle tenha, n ã o p ó l e s e r l e p r o d u z i r n e l-
le u n a s a l u t a r i m p r e s s ã o. Não n e s q u e r o s t o l a v i a
de que é mister usar *sobretudo de r e p r e h e n s ã o p u-
b l i c a*. [a] a fim de n ã o c o m p r e h e n d e r e m o r t i f i c a r
este ut i m e i o de *repressão*, a n o n l a b e m o f r e d e-
mos, q u e é mister *j a m i s r e c o n h e r e r a l e q u a n d o* se
trata de uma falta *contra os bons costumes*.

II

PERDA DOS PONTOS BONS.

Tratando das *reprehenções*, v i m o s q u e u m d i s c i p u l-
lo habitualmente prudente, p a t a p e l o s a c r i f i c i o v o-
luntario de alguns *pontos bons*, substituir-se á um cas-
tigo mais serio, em que tenha incorrido por uma falta
leve. Igualmente por sua parte pó le o Mestre, si as
sim julgar conveniente, exigir esta restituição de *pon-
tos bons*, e mesmo ijuar esta exigencia c o n t r o c a s t i-
go. Mas tanto em u n c o m o e m o u t r a c a s o, importa
m u i t o d i s t i n g u i r a n a t u r e z a d e f a t a e o n e g l i g e n c i a.

[a] Isto pressupõe a adoz tença particular e a admoesta-
ção na classe ou divisão, de que tratam os arts. 22 e 33 do
Regim. — Si n e l a c o m p r e h e n s ã o e r e p r e h e n s ã o
reunidos, a admoestação torna-se em reprehenção publica,
por isso deverá e ser usada com severidade. (T. D.)

fim de punir o discipulo, se for possível *pelo mesm
objecto por que tenha peccado*. Si fallou a *licença*
perturbou a *ordem*, ou em l i m a s s e n d e a d i s c i p l i n a
por qualquer mo l e, que fosse, n ã o ordinariamente o
por os *bons de conducta*, que deverão ser tirados;
par esse mesmo motivo, a *frouxidão*, ou *l i b e r t a d e*, o des-
perdicio de tempo, a omissão ou má execução de um
dever ou obrigação, serão punidos com a perda do
pontos bons de trabalho. Observamos com tudo, que
esta restituição de *pontos bons de trabalho* por falta
de applicação não pó ter-se no maior numero dos casos,
tornar futuramente quite o discipulo, e que deve fi-
car estabelecido como principio, que um dever, ou
obrigação omissa, devata effectivamente devata ser
realizada, e que um dever ou obrigação mal feita deve-
rá ser começada de novo.

O Mestre terá o cuidado de marcar por um sinal
qualquer no registro de chamado e de notas os *pontos
bons*, que tiver exigido ou accido em restituição para
bom de n ã o os comprehend nos *dous tomos*, que tem
de fazer no fim de cada mez.

III

PERDA DA CRUZ.

Si um discipulo tendo recebido a *Cruz de distinc-
ção*, se entregar a *frouxidão* ou *relaxação*, si der o
perigos o exemplo da *indolência*, ou cometer qual-
quer outra falta grave, h a v e á g r a n d e i n c o n v e n i e n t e
par a *disciplina* em tirar o g o s t o d e s s a l o q u e
que não poderá conservar sem invilevel a. Nestas
circunstancias pois, o Mestre não hesitará em tirar-
l h e a c r u z d a c a z a d o s b o n o s, ou da *abobadura*,
perante toda a escola. Deverá porém o Professor
ter muito cuidado em não recuater a este castigo se-
nao *m u i t o r a r a m e n t e*, ou a m e n o s, que se p o s s i b e l
Com effeito, mal facilmente se *compensada* que

se elle fosse muitas vezes infligido, e por faltas diminutas, os alumnos não farião mais caso algum de uma vantagem, de que a cada momento estarião expostos a ver-se espoliados, depois de a terem penosamente obtido.

IV.

ELIMINAÇÃO DO QUADRO DE HONRA.

Como a privação da cruz, e pelos mesmos motivos, a eliminação do quadro de honra é algumas vezes necessaria, mas este castigo deve tambem ser empregado com a maior parcimonia e prudencia. O bom Mestre exortar-se ha pois, por meio de conselhos, de reprehensões particulares, e sendo necessario, por meio de ameaças com castigos moraes mais fortes, em prevenir as faltas graves, unicas que poderão forçal-o a recorrer a esse meio.

V.

DEMORA NA AULA COM TAREFA OU PENSUM

Todo o discipulo que tiver omissido um dever, ou que o tiver feito mal será retido, ou demorado na aula para fazel-o, ou começal-o de novo. Mas a este castigo, que de ordinario é sufficiente, se poderá acrescentar um pensum, ou tarefa, ou dever supplementar, que permita prolongar a demora; pois os alumnos retidos jamais devem ficar desocupados. O Mestre exercerá tambem sobre elles, durante este tempo, uma exacta vigilancia, não se esquecendo de que aos olhos da consciencia e da lei é responsavel por todo o mal, que possa resultar da sua negligencia ou descuido.

Ainda que o Professor, infligindo este castigo, tenha sobretudo por fim corrigir os discipulos, por sua preguiça, ou por alguma outra falta, pode tambem fazel-o servir para sua instrucção. Basta para isto que o pensum ou tarefa consista em um trabalho

util, e que este trabalho seja appropriado ás necessidades do alumno, a quem se inflige. Assim pois o alumno fraco em escripta, em Orthographia, ou calculo, fará uma pagina de escripta, analysará uma phrase, ou exercer-se-ha na solução de alguns problemas. Aquelle que tiver fraca memoria aprenderá uma lição de cathecismo, de historia sagrada, de grammatica &c.

O pensum ou tarefa infligido d'esta maneira, uma vez que seja sabiamente regulado, terá ainda a vantagem de não irritar a paes obcecados, como poderão fazel-o alguns dos outros castigos. Pelo contrario, ainda mesmo as familias menos razoaveis verão com prazer que o Professor sabe aproveitar até as faltas de seus discipulos para accelerar seus progressos.

VI.

LOGAR DE CASTIGO.

Si um alumno perturbar a ordem da aula, a um assento do mestre se afastará dos que lhe estão juntos ou vizinhos e irá para um logar particular chamado *logar de castigo*. Este isolamento que lhe tira o meio de distrahir seus condiscipulos, não tem o inconveniente de lhe fazer perder intencionalmente seu tempo, como aconteceria no caso em que fosse para a porta. Alem d'isto produz o effeito de humilhar o culpado, collocando-o em uma situação excepcional. O discipulo, que continuar a portar-se mal no *logar do castigo*, poderá ser condemnado a por-se de joelhos ali, mas este ultimo castigo jamais deve prolongar-se alem de dez a quinze minutos.

VII.

DESPELHA PROVISORIA OU TEMPORARIA (a)

Si um discipulo recusar submeter-se a um castigo

(a) Nisto importa a communicação aos paes para castigos maiores, de que tratão o Regul. art. 69 n. 4. Regim. art. 31 n. 4 e art. 38.

justamente infligido, ou si se tornar culpado á respeito do Mestre e de quem *grossa insidencia*, poderá ser despedido provisoriamente da escola. Neste caso o Professor se apressará em advertir d'isto a familia do alumno, para que possa resolver ou resguardar sua responsabilidade. A escola ficará fechada para o menino assim despedido, até que seja *reconduzido por seus paes*, ou que se apresente munido com uma carta sua, e mostrando sua *arrepentimento e docilidade* devotada a ir ao voltar, não só o castigo que houver recusado cumprir (si tal é o motivo da despedida) como tambem o que houver merecido por sua *resistencia*. Este augmento de rigor, juncto com a censura de sua familia, e com a vergonha, que causa sempre um descalço, não poderá deixar de ser ao mesmo tempo um liço severo para elle, e uma salutar advertencia para os outros.

A despedida provisoria da escola poderá pois, ser algumas vezes util á disciplina; por isto só se dá de baixo de e nãõ de não se abusar de tal medida. Esta medida muitas vezes empregada, deixaria necessariamente de ser confidencia, e regras, que temos presente e que a fazem temer. Ainda a falta por ser um objecto de desconfiança para os máos alumnos, que o preferiam sem dũvida ao silencio prolongado da aula, e que della se aproveitavam para contragur-se á viciação do estado de vacabundios; alem d'isto teria o inconveniente de tornar suspeito o Professor de falta de aptidão ou de autoridade e força moral. Assim pois quasi se não deverá recorrer a elle se não n'os dous casos supra indicados, e estes mesmos casos muyto raramente se apresentão, naquellas aulas em que o Mestre tiver sabido reunir seus discipulos esse ascendente, que dá a firmeza propria com a prudencia,

VIII

DESPEDIDA DE DEFINITIVA.

Si é mister motivos serios para despehir provisoriamente da aula um menino, com um castigo ou somente com fundamentos extremamente graves, e que não pôde ser pronunciada ou determinada uma despedida definitiva, ou exclusão. *Será com effeito muito deploravel empregar a medida de uma expulsão definitiva que não abate menos a familia do menino, que a soffrê, do que o mesmo menino, ou a medida cujo resultado é privar este do precioso beneficio da instrução, ou obrigal-a a ir penosamente procural-a d'outra parte. Jamais se recorreá pois á ella, senão em respeito dos meninos corruptos, cuja presença *pernosa* era perigo á moralidade das outras, e a respeito d'aquelles, que á pezar do castigo e das noticias e manifestações de contraria condicão, e sua familia, continua com a zombar das regras da disciplina.*

Ainda mesmo nestas condições deve o Professor tratar este objecto com muita circumspecão. Em primeiro lugar de acordar-se há, que não lhe pertence infligir a pena de exclusão, por não ser ao director (ou) que tem o direito de pronuncial-a, depois de obter as authoridades locais encarregadas de inspecionar as escolas. (1) (b). E a circumspecão pertencente ao Professor chegar ao seu fim, e que se seja preciso formular uma queixa, sempre offensiva para os pupils.

1. Ao Inspector geral de instrucção, com base o Regulamento Provincial de 29 de Abril de 1838, parte final do artigo 69.

2. Artigo 33 do Regulamento geral. Nota do Auctor.
b) A mesma authority deve tambem prudentemente em nega-se entrar n'os, bem como os inspectores nada informarem sem previo exame, e verificação. De Trás.

Advertirá pois a estes em tempo opportuno, o os convidará a retirar da escola por si mesmo, o menino queahi não pôde mais conservar; exprimir-lhes ha o vivo pesar, que soffre por se ver na necessidade de affigil-os; e lhes fará comprehender, que o pelo do rigor, que lly s annuncia-lhe é imperiosamente dictado por sua consciencia, e que não p ideria por mais tempo usar de indulgencia sem tornar-se culpado.

CAPITULO 4°

Classificação dos alumnos.

Sob este titulo temos que expor.

1° Conforme que principios convem clasificar os alumnos;

2° que meios se deve empregar para bem operar esta classificação.

ARTIGO 1°.

Principios segundo os quacs convem clasificar os alumnos.

O estatuto de 25 de Abril de 1834 só mencionava tres divisões entre os limites de 6 a 13 annos de idade. O novo Regulamento, que se tornou necessario ou obrigatorio pela lei de 15 de Março de 1850, felizmente veio modificar esta disposição, que pela classificação restricta, que parecia recomendar, tinha o inconveniente de pôr muitas vezes em conjuncção, ou em presença de outros 4 discipulos de força mui desigual.

Convirá pois, seja qual fôr o methodo que se tenha adoptado entre dous a escolher, que se estabeleça uma 4.ª divisão. O Professor será mesmo obrigado algumas vezes a formar uma 3.ª divisão si receber em sua escola meninos, que tenham menos de 6 annos, o que está authorisado a fazer nos lugares onde não ha sala de a-ylo. (a) Mas ainda que não tivesse

(a) Em Santa Catharina admittem-se meninos de 8 annos em vista do art. 67 do Regul. respectivo.

mais de 40 alumnos, como lhe seria mui difficil occupar-se por si mesmo com esta 5.ª divisão, elle habitualmente a confidencia á um inspector ou monitor, que lhe ensinasse as orações ou rezas mais essenciaes, que lhe dêsse as primeiras noções do cathecismo, e que a obrigasse a fazer alguns humilde exercicios de leitura, e orthographia, e de calculo verbal pelo menos.

Quantos aos outros discipulos, para determinar em que divisão devem ser collocados, ou repartidos, e mistér sem daviãa attender á suas idades, porque certamente haveria perigo para a disciplina em approximar uns dos outros á meninos de idades mui differentes; mas é principalmente o seu grão actual e real de instrucção, que convém ter em vista.

O quadro seguinte apresenta dispostas gradualmente, ou com gradualidade, os diversos objectos de estudo reservados ou consignados á cada divisão, e faz ver qual é pouco mais ou menos, a somma de conhecimentos que se pôdo exigir de um discipulo, para admittil-o n'esta ou n'aquella cathogoria.

Artigo 2°.

Meios de fazer bem a classificação dos alumnos.

Estes meios são os seguintes :

- 1.º Exames individuais.
- 2.º Exames geraes.

I

EXAMES INDIVIDUAES.

Ao passo, que na escola se vão apresentando discipulos novos, é preciso que o Me-tre verifique com cuidado o seu grão de instrucção nos diversos ramos do ensino. Este exame, para o qual se conformará com o quadro junt, permittir-lhe ha designar á cada um a divisão, a que deve pertencer.

Nota se bem e fique entendido, que as partes

cessorias, não concorrem para a classificação dos alumnos senão nas escolas, em que o seu ensino tiver sido autoritário; (aj) o mesmo nestes casos não se comparará com ellas senão na razão ou proporção de sua importância.

Quando um discípulo já idoso, for demorado em uma divisão inferior, poderá acontecer que pais obsecrados não tomem esta medida, pela qual se julga em humilhados. O Professor será pressuoso em dar-lhes todas as explicações precisas e possíveis; mas deve guardar-se de fazer-lhes uma concessão, que introduziria a desordem no método de ensino das classes, e de que seria a primeira vítima o menino mal classificado.

II EXAMES GERAES.

Independente mente do *exam* de *entrada* deverá haver duas vezes por anno, pela Páscoa, e antes do advento um *exam* *geral*. Já temo por fim fazer passar para uma divisão superior aquelles alumnos, que terão feito mais progressos nas lecturas ou classes inferiores. Estes *exames* *geraes* não são muitos necessarios, que o *exam* de *entrada*, por se ser doloroso para um menino não ter a sua latência satisfeita, tambem nada é mais d'annuidor para os alumnos de uma divisão ou classe, do que a presença de um condiscipulo, que os enoja por sua superioridade, e que lhes tira toda a probabilidade de ter parte nas recompensas da divisão ou classe. Além d'isto os *exames* *geraes* quando feitos na presença das autoridades (b) como prescreve o art. 12 do estatuto de 23

[a] Nas l.º 2.º grão, arts. 81 e 82 do Regul. Provisório de 1827 e Decisão do Conselho Director da Instrução.

[b] V.º o Regim. interno art. 49.

da Abril, são um meio precioso de emulação. Exames mais approxima (a) pois do que outros talvez não fossem sem que se queira para sua execução a ajuda de sócios, pormittida quer pela *escola*, que contribuiria, ou ajuizaria a entender; mas terião o inconveniente de transtornar o systema de recompensas que temos adoptado, (b) e de frustrar as esperanças dos alumnos adiantados a mudar de classe ou divisão. (Entende-se em relação aos premios annuaes esperados.) (c) Aceitem-se em pois que as proprias familias dos alumnos duplicarão esse aliantamento ou progresso, que para seus meninos terião aes consequencia.

Observação — Em tudo o que acabamos de dizer sobre a classificação dos discipulos, temos tido em vista as divisões elementares, isto é, formadas conforme a somma ou total dos conhecimentos de cada menino, de modo que um alumno classificado em uma divisão qualquer, á ella est ja invariavelmente ligado, ainda que em algum exercicio possa estar superior ou inferior ao programma d'essa divisão. Si a *escola* por se ser muito numerosa, talvez haja vantagem em adoptar o systema das *divisões* *rebutivas* isto é, em formar uma *classificação* *particular* ou *especial* para cada materia ou objecto de ensino, da que resultaria que um menino attrahido em certas partes ou materias, e adiantado em outras, poderia

[a] De tres em tres mezes por exemplo em 7 de Abril, 7 de Julho e 7 de Outubro.

[b] Não terião este inconveniente em Santa Catharina, onde ha premios immensas.

[c] Em Santa Catharina não havendo somente 5 premios annuaes, e estes só na 1.ª classe, e na mesma 2.ª, a 3.ª e a 4.ª não soffrerão este inconveniente, nem as familias dos alumnos terião que deplorar o, maxime não se descontando as composições.

pertencer ao mesmo tempo á duas diversas divisões ou classes.

Este modo de classificação tomado do *methodo mutuo*, offerece a vantagem de não unir, ou pôr em presença uns dos outros, senão á discipulos exactamente da mesma força, mas é muito mais complicado do que o 1.º

CAPITULO 5.

Methodos de ensino.

O ensino é a arte de communicar aos outros os conhecimentos, que se possui. Para ensinar com fructo não basta que um Mestre seja instruido; é mistér além disto, que elle saiba fazer os seus discipulos aproveitarem a sua instrucção; é mistér que encante, invente e ponha em obra certos meios, que são naturalmente *proprios* para facilitar a transmissão de seus conhecimentos, ou em outras palavras, é mistér que siga um *bom methodo*.

Entende-se pois por *methodo de ensino* a reunião de meios, que emprega o Professor para assegurar e facilitar o progresso de seus discipulos.

Distinguem-se duas qualidades de methodo: os **methodos geraes**, e os **methodos particulares**. Os primeiros presidem a propria organização da escola, e regulão a marcha d'ella; os segundos fixão os principios de ensino proprios para cada especie ou ramo de instrucção.*

SECÇÃO 1.ª

Methodos geraes.

Os methodos geraes de ensino são *quatro principios*

* Quanto aos processos, que erradamente algumas pessoas confundem com os *methodos particulares*, são elles pela maior parte apenas meios externos e mechanicos, que se usam para fazer executar certas operações.

paes, (a) tendo cada um d'elles seus *paridarios* e seus *adversarios*. São os seguintes:

1.º methodo individual—2.º methodo simultaneo—3.º methodo mutuo—4.º methodo mixto ou simultaneo mutuo. b)

Artigo 1.º

Methodo individual.

O *methodo individual* é aquillo segundo o qual o Mestre instruo *directa e separadamente* cada discipulo sobre e do ramo de ensino. Este methodo foi o primeiro adoptado geralmente nas escolas, porque não se conhecia outro, e talvez tambem porque se estava preoccupado com as vantagens, que por meio d'ele se obtem na educação domestica. Com effeito este methodo, pondo o Mestre em contacto continuo com dois ou tres discipulos, que é encarregado de instruir, permite-lhe sempre appropriar suas lições ás disposições e mesmo ao caracter de seus discipulos; seguir dia por dia o desenvolvimento de sua intelligencia; apreciar todas as difficuldades que os demoram; verificar seus esforços; e enfim dar a cada um os cuidados particulares que lhe convem. Tem-se reconhecido porém desde muito tempo, que estas *vantagens* do methodo individual, applicado a educação domestica, desaparecem quasi inteiramente no ensino publico, onde o numero illimitado de alumnos produz o effeito necessario de tornar *mais raras* ou *mais breves* e curtas as relações do Mestre com cada um d'elles.

(a) Póde-se dizer 5, incluindo o methodo mixto completo, chamado *methodo auxiliar* com provas do ensino dado e do ensino recebido, do qual adiante trataremos. § Do T. 1

(b) Além d'estes 4 há o *methodo mixto completo* com *provas escriptas*, auxilios recebidos e dados, *provações* &c. o qual se póde chamar: *Methodo mutuo—simultaneo—individual*. § Idem §

Transportado para a escola o methodo individual já não apresenta, ainda no mesmo debaixo d'estas relações precissas de que acabamos de fallar, com o al-guém que determine a pedagogia, com os or-thodoxos. Observam-se além d'isto que elle offerece graves inconvenientes, que lhe são proprios.

Inconvenientes do methodo individual.

Estes inconvenientes são : 1.º = Falta d'emulação.
2.º = Brevidade das lições.
3.º = Perda de tempo.
4.º = Disciplina impossivel.
5.º = Fadiga do Mestre.

FALTA DE EMULAÇÃO.

O 1.º destes inconvenientes é a falta de emulação. Com effeito que emulação pôl haver em e discipulos que já n'is são chama os exercitar suas forças reciprocamente? Pois que no regimen do methodo individual, nem ha lugares, nem rivales; pois que nelle cada discipulo se acha exactamente na mesma situação, qu'il se exercites só, como o 1.º discipulo se exercitava a conservar seu lugar, e o ultimo a vencer seus rivales?

II

BREVIDADES DAS LIÇÕES.

O segundo inconveniente do methodo é a brevidade das lições. Supponhamos por exemplo uma escola frequentada por 10 alumnos: sendo tres horas a duração da lição, não poderá o mestre mais activo e termo mediar, com effecto mais de 3 minutos e meio á cada discipulo. Be o se comprehende, que é impossivel exercitar seriamente um menino da idade tão breve ou curto espaço de tempo. Além d'isto não é para uma só lição, mas para tres ou quatro lições di-

versas que estes quatro minutos e meio estão consagrados; de sorte que não re-tará mais do que um minuto ou pouco mais para cada lição.

III

PERDA DE TEMPO.

Um outro inconveniente do methodo individual é o de fazer com que os meninos percam a maior parte do seu tempo. Quando um menino ou aluno tem assignado de receber sua lição de 4 minutos e meio, ou suas quatro lições de um minuto e um oitavo de minuto, manda-se-lhe que vá para seu lugar, recom-mendando-lhe que estude. Sem duvida esta recom-mendação é de mera formalidade; porque como se pôde imaginar que um menino abandonado a si mesmo se occupará durante perto de 3 horas com cousas que o aborrecem; que elle ficará extranho ao movimento perpetuo, e aos mil incidentes de uma escola organizada segundo o methodo individual; e que elle não verá, nem ouvirá cousa alguma de que se passar em torno d'elle? Conceber uma tal esperança seria não dar valor algum a l'vivacidade de sua idade; seria esperar da infancia um esforço de razão, de que apenas seria capaz a idade madura. Quanto ao pequeno numero d'aquelles que procurarem occupar-se, jamais avançação tão rapidamente como os outros; porque em seu trabalho solitario, encontram nomerosas difficuldades, e commetterão erros grosseiros, sem que pessoa alguma venha retificar umos e corrigir os outros. E' isto sobretudo o que explica como acontece que os meninos saibão apenas ler e escrever depois de terem frequentado cinco ou seis annos a escola.

IV.

DISCIPLINA IMPOSSIVEL.

O methodo individual produz ainda o effecto de

torar a disciplina impossível, ou pelo menos muito difícil. Tratando dos meios disciplinares, já vimos que o grande segredo, para manter em uma escola a ordem e o silencio, é prevenir o tedio ou aborrecimento, e por tanto a inação que d'isso procede; é sustentar ou manter a attenção dos meninos por meio de uma serie nunca interrompida de exerciçios uteis e variados. Ora nós acabamos de dizer que a inação é o estado habitual dos meninos submettidos ao systema do ensino individual; logo elles procurão por todos os meios que podem subtrahir-se a esse tedio ou aborrecimento pelo qual são varados.

D'ahi procede essa agitação incessante, esse sussurro continuo, essas travessuras, que fazem uns aos outros, e até essas lutas ou brigas, que se travão ás proprias vistas do Mestre. D'isso procedem tambem os horriçeis e medonhos meios de disciplina a que este é obrigado a recorrer. A fôrula, as varas, a palheta e as disciplinas sã cada uma por sua vez desapidadamente empregadas. Ali é somente por meio do terror e dos supplicios que o Mestre chega a comprimir os desgraçados e infelizes meninos que para serem sabios e prudentes na ta mais precisão do trabalho bem regulado e seguido sem interrupção, e de alguma animação, alento e incitação.

V.

FADIGA DO MESTRE.

O ultimo inconveniente do methodo individual é o de prostrar de fadiga o Mestre que o emprega. Na verdade quão fastidiosa e oppressiva é a necessidade em que se acha de occupar-se successivamente durante seis longas horas por dia com 40, 60 e mesmo alguns veze 80 meninos, cuja intelligencia nada desperta, e cuja attenção nada mantem! Haverá alguma cousa

sa mais penosa do que esse estado de irritação permanente á que é condemnado por uma d'sordem sempre combatida e sempre renascente? Concede-se acaso alguma cousa mais triste do que pos-ar a vida inteira ao meio de um bando d'iraquias, que charlão, agitão-se, gritão, chorão, espancão-se e fazem uma eterna algazarra? Ha motivos para se deixar que uma saude ordinaria possa resistir por muito tempo em uma tal situação. Esta é a consequencia que é permitido tirar do treço seguinte, em que Walter-Scott representa um Mestre de aldeia no momento em que acaba de terminar sua lição. — « Ha um outro individuo, diz elle, — que tambem toma parte « neste momento de descanso: é o proprio Mestre, « que aturdido pelo sussurro, e suffocado pela atmosphera clausurada da aula, passou todo o dia á « corrigir a petulancia, á excitar a indifferença, a « combater a obstinacão e a pertinacia, estando elle « só contra uma horda inimiga; é o Mestre cujas « facultades intellectuales se tem confundido ao ouvir « a mesma lição tediosa com vezes repetida, sem « outra variacão mais do que a do tom da voz de « cada menino. Si a estes tocamentos da intelligencia « ajuntardes uma delicada constituição physica, então comprehendereis com que facilidade deve aproveitar este momento, para acalmar sua dôr de cabeça, e mitigar seu mal de nervos. » —

Conclusão.

Julga nos ter dicto o que basta fazer comprehendere quanto o methodo individual é vicioso e insufficiente.

Accrescentaremos que este methodo está proscripto pelos regulamentos, (a) e que não pôde ser applicado nas escolas communaes ou municipaes, sendo

(a) Igualmente proscripto em Santa-Catharina pelo art. 70 do Regul. respectivo.

quando nellas se apresentão só quatro ou cinco discipulos de forças inteiramente diversas, o que é sem duvida mui raro.

Artigo 3.

Methodo simultaneo.

Quando a experisucia fez conhecer os numerosos inconvenientes do methodo individual, se dividiu e repartiu os discipulos, conforme sua força em diversas classes ou divisões: deu-se a todos os de uma mesma classe livros iguaes, mercou-se-lhes o mesmo trabalho, e fez-se-lhes seguir os mesmos exercicios. O Mestre dirigiu-se successivamente a todas as divisões, não já instruido á cada discipulo separadamente, porém dando uma lição commum á todos os discipulos da mesma divisão, e teve o cuidado de impor um dever particular á cada uma das divisões, para preoccupal-a durante o tempo, que devesse consagrar ás outras. E' este methodo o que se designa com o nome de *methodo simultaneo*.

O *methodo simultaneo* é pois aquelle pelo qual o Mestre, depois de ter dividido os discipulos em um certo numero de divisões, instrue ao mesmo tempo ou simultaneamente todos os discipulos de uma mesma divisão. Estudemos este methodo, e vejamos se apresenta vantagens, porque deva ser preferido ao primeiro.

Vantagens do methodo simultaneo.

As vantagens do methodo simultaneo são:

1. ° Relações directas do Mestre com discipulos.
2. ° Emulação mantida ou sustentada.
3. ° Facilidade da disciplina.
4. ° Conservação da saúde do Mestre.

I

RELACÕES DIRECTAS DO MESTRE COM OS DISCIPULOS.

Em primeiro lugar as relações directas do Mestre

com os discipulos, que constituem o unico merito do methodo individual, são conservadas pelo methodo simultaneo: pois que neste, e mo n'aquelle, é o mestre quem dá as lições, ouve a leitura, corrige os deveres, e preside a todos os exercicios. Accresce que estas relações directas que no methodo individual são apenas de instantes, adquirem aqui uma duração e prolongação, que as torna verdadeiramente uteis. Com effeito, como todas os discipulos de uma mesma divisão recebem no mesmo momento uma lição commum, resulta que cada discipulo está em contacto immediato com o Mestre por tanto tempo quanto a mesma divisão inteira, e que cada um aproveita dos cuidados dados á todos, como se fosse unico em recebê-los. Si pois repartirmos em quatro divisões, os 40 discipulos que supozemos, cada uma divisão, consequentemente cada discipulo receberá durante uma lição de tres horas, tres quartos de hora de lição ou o que vem a ser o mesmo, tres lições de um quarto de hora.

II

EMULAÇÃO BEM SUSTENTADA.

Em segundo lugar o methodo simultaneo permite fazer reinar na escola uma emulação continua. Distribuidos por divisões os alumnos de uma divisão inferior tem em perspectiva a divisão superior, a qual o trabalho somente os poderá fazer entrar. Em consequencia todos aquelles de q' cada divisão se compõe são chamados frequentemente a medir suas forças sobre os diversos objectos de que se occupão; são-lhes marcados os logares conforme os resultados de suas compsições; distincções honorificas taes como as cruzes, bilhetos de satisfação, inscripção no quadro de honra, & são além d'isso concedidas á aquelles que tem obtido o 1.º lugar, e em fim uma

distribuição de premios vem completar na conclusão do anno escolar este systema de animação. (1)

Bem se comprehende que estes diversos meios, de-conhecidos no methodo individual, são proprios para *sustentar o ardor dos meninos*; e facilmente se concebe que estes *ardendo em desejos de chegar a uma divisão superior, de occupar os primeiros lugares, e de obter as recompensas se esforçarão para excederem-se uns aos outros*.

III

FACILIDADE DA DISCIPLINA.

Outra vantagem do methodo simultaneo consiste em favorecer muito singularmente a ordem e o silencio. Já dicemos muitas vezes que *o trabalho é um dos mais poderosos meios de disciplina*; ora o methodo simultaneo permitindo ao Mestre consagrar a 4.^{ta} parte do tempo da lição á cada divisão, e conseguintemente a cada discipulo, põe este *na necessidade de ser attento e applicado*, ao menos durante esse tempo. Mas além d'isto *o trabalho não cessa nos intervallos*, que precedem as lições de cada divisão, porque *a emulação substitue então a acção do Mestre, e faz a levandade dos meninos, sustentando seu ardor*. De mais a *propria organização da aula, a ordem e a successão dos exercicios, a simplicidade e a rapidez das operações, a commodidade e harmo-*

(1) E' ainda possível, pelo menos em alguns exercicios; taes como a leitura, a recitação das lições, etc. fazer concorrer os meninos todos os dias, e em cada lição. Para isto quando um menino interrogado commette uma falta, ou tem um erro, o discipulo seguinte é encarregado de a corrigir. Si o consegue, toma elle o lugar do collega, que desce ao seu; e uma boa nota é concedida á aquelles, que no fim do exercicio se achão na posse dos primeiros lugares (N. do Actor.)

nia dos trabalhos, entretem na escola uma disciplina natural.

IV

CONSERVAÇÃO DA SAUDE DO MESTRE.

Em fim o methodo simultaneo *poupa a saúde do Mestre*. Com effeito por mais numerosa que seja uma escola dirigida conforme este modo de ensino, *gracias as divisões, que collocão juntos todos os meninos da mesma força, o Mestre só tem que dizer uma vez, e que segando o methodo individual elle seria obrigado a repetir 10, 15, 20 (40) vezes*.

Elle não se acha mais reduzido a ser como uma macha na montada ou armada por tres horas, e funcionando durante este tempo, com uma monotonia fatigante não só para elle, como para os discipulos, que o rodeão.

Elle dá apenas á cada divisão, sobre cada objecto de ensino, uma lição unica que começa e continua com toda a sua energia. E de mais não é elle sustentado em sua tarefa pela *attenção* que lhes presta um circulo de alumnos que *a emulação anima, pela intelligencia* que vê brilhar em muitos d'aquelles que compõe seu pequeno auditorio, e pelos *bons resultados* que diariamente obtem? Por certo.

A *erectamias*, que pela *boa conducta geral da aula, pelo movimento das divisões, e mesmo por certos exercicios*, como a leitura, a recitação das lições, a correção dos deveres de orthographia, o Mestre encontra *no uso da senha e da campainha um precioso meio de economisar suas palavras, e de poupar seu peito*.

Quanto a essa *causa de tormento*, que acompanha sempre o methodo individual, a saber: a *petulancia dos meninos desoccupados*, não pretendemos dizer que isto desapareça completamente no ensino

simultâneo; por quanto este methodo abandonando a si mesmo as divisões, que o Mestre é obrigado a *deixar por intervallos*, dá tambem mi tór o confes-sal-o | lugar e tempo para a *ociosidade e a dissipação*; mas é hea certo que *em uma escola bem regulada, bem organizada, e com um systema de am-ção bem applicado* o Mestre não terá meitos ex- forços a fazer quando a isto, porque *tudo conseguirá*, principalmente se entre os primeiros discipulos da aula, elle tiver ao menos *tres ou quatro, que possam coadjural-o e auxiliá-lo*, preenchendo cada um por sua vez as funcões dos inspectores particulares, do que tratamos acima. (Veja-se as pagina 143 e se- guinte no art. 4.º de Cap. 3.º desta 2.ª parte na obra que se acha n'este Typ.)

Conclusão.

Taes são as vantagens, que assegurão ao methodo *simultaneo*, que ac bamos de expôr, uma *incontestavel superioridade* sobre o individual. Apesar da imperfeição que elle pôde tambem apresentar *em relação ao trabalho e á disciplina*, o methodo *simultaneo* é o que parece conduzir aos melho- res resultados (uma vez que se tenha tomado de multo aquelle 3 ou 4 inspectores particulares); pelo menos é *elle assim o unico que deve ser empregado* em uma escola que conteha menos de 40 alumnos, porque entã ali ha pouca probabilidade de achar em numero sufficiente os meitos inspectores de que se tem necessidade para seguir o methodo mixto mais completo. Muitas vezes mesmo esta circumstancia o deverá fazer empregar ainda acima de 40 até 50, e me- mo até 60 alumnos.

Artigo 3.º

Methodo mutuo

Como acabamos de ensinar, terminando o artigo

precedente, o methodo *simultaneo tão simples, tão vantajoso* para os discipulos e para o Mestre, não é com todo applicavel senão debaixo de certas condi- ções de numero.

Com effeito, supponhamos uma escola q ue seja fre- quentada por 180 discipulos, ou o Mestre repartirá a multidão de meninos em 4 ou 5 divisões somente *para dar mais tempo de lição particular á cada uma d'ellas*, ou multiplicará o numero das divisões, *para tornal-as mais facis de conduzir*.

Ora em um e outro caso, as *vantagens* do methodo *simultaneo*, taes como as temos exposto, *desappare- cerão inteiramente*.

Si só estabelece 5 divisões, ser lha ha muito diffi- cil, para não dizer impossivel, dirigir convenientemen- te á grupo, compostos de 30 alumnos; no meio das lições communes a cada divisão d'estas, *não poderá observar sufficientemente cada alumno, prevenir, ou fazer cessar as distrações, corrigir todas as faltas commettidas*.

Si pelo contrario multiplica as divisões, (elevando seu numero a 8 ou 12, &) sem duvida a *conducta ou direcção de cada uma* será isoladamente *mais facil*, porém a *conducta ou direcção geral da aula soffrerá*. Por outro lado accrete-se que o Mestre, sendo obrigado a repartir seus cuidados por entre todas as divisões só terá *muito pouco tempo* para consagrar á *cada uma d'ellas*, e assim verá nascerem de novo os inconvenientes do methodo individual. Foi para escapar ou fugir a estas difficuldades, que se imaginou um ter- ceiro methodo chamado **methodo mutuo**.

Co- mo neste methodo os meninos são do ordina- rio repartidos em 8 classes, subdivididas cada uma em duas ou tres grupos de alumnos; uns d'estes mais instruidos que os outros, e designados sob o nome de

monitores dão por si mesmo a instrução aos diversos grupos, em vez do Mestre, que se limita á inspecção geral; e enfim este, em uma lição particular, que faz antes ou depois da lição dos men's adiantados, instrue os *monitores*, e os põe em estado de preencher as funções de que são encarregados.

§ 1.º

VANTAGENS DO METHODO MUTUO

É certo que o methodo mutuo, bem applicado, apresenta vantagens de muita importancia real, taes são as seguintes:

- 1.º Facilidade da classificação dos alumnos.
- 2.º Continuidade do trabalho.
- 3.º Exacta disciplina.

FACILIDADE DA CLASSIFICAÇÃO DOS ALUMNOS.

Em primeiro lugar por suas *divisões multiplicadas* o methodo mutuo offerece o meio de classificar os discipulos, não só conforme o total de seus conhecimentos, como também conforme o seu grão de instrução em cada ramo de ensino, de modo que um menino, que na leitura pertença ao 1.º grupo de uma divisão qualquer, quanto ao calculo, será talvez classificado no 2.º grupo da divisão inferior. Todos os alumnos de que se compõe cada grupo sendo assim da mesma força, nada é mais facil do que proceder com ordem e gradualidade no ensino que se lhes dá: todos podem aproveitar igualmente as lições communs, que recebem, sem que os mais fortes sejam retardados pelos mais fracos, pois que em rigor, ou rigorosa e propriamente fallando, não ha hi fortes nem fracos; e enfim esta igualdade de alternância desenvolve, e entretém no seio de cada grupo a mais viva emulação.

II

CONTINUIDADE DO TRABALHO.

A 2.ª vantagem do methodo mutuo é facilitar, ao menos no principio, os progressos dos alumnos, pela continuidade do trabalho. No ensino simultaneo todo o Mestre de exercitar successivamente todas as divisões, é obrigado a abandonar a si mesmo aquellas de que não pôde occupar-se, e a expol-as assim á *inactividade* (ou *ociosidade*, que é a mãe de todos os vicios). No mutuo porém, a perda de tempo não é possível, porque cada grupo tem o seu monitor, que o exercita, ora em uma coisa, ora em outra, do de o começo da lição até o fim. Sem d'vida os *monitores*, seja qual for sua aptidão, não estão sempre em altura de dar um ensino racional bem fundado; porém os elementos, de que são encarregados, exigem mais pratica do que raciocínio; pôdem elles pois, debaixo d'esta relação, o a-necio, estar na altura de suas funções. Algumas vezes chega mesmo a acontecer, que elles comprehendão melhor, do que o faria o proprio Mestre, as *difficuldades materiaes*, que dominam ou *atrazam* seus discipulos e que sejam mais fecundas em expedientes para *verel-as* ou *apazal-as*.

Além d'isto notamos que o bom emprego do tempo no methodo mutuo é inteiramente independente do numero dos mestres, por que o *monitor*, que o ensino se eleva basta formar um *nov grupo*, e escolher um *nov monitor*.

III

EXACTA DISCIPLINA.

A 3.ª vantagem do methodo mutuo sempre na hypothese de que elle seja bem applicado, consiste em fazer reinar no interior da escola uma *exacta disciplina*. A *continuidade do trabalho* e *atividade* mais pode-

rosamente para este resultado, pois que ella *supprime* não só a *inacção e o tédio*, como as *outras causas das faltas* dos meninos; e além disto ha a *continuidade da inspecção*, ou da *vigilancia*, que acaba de *assegurar esse resultado*. Livre o Mestre a respeito do *serviço material do ensino*, que os monitores distribuem em seu lugar, está elle, quanto aos *meios de disciplina*, nas melhores condições possíveis. Quer percorra os *grupos* para examinar mais de perto o trabalho e a sua não interrupção; quer observe os *monitores*, para apreciar seus processos, e reformal-os, sendo necessario; quer enfim no estrado *dirija a marcha dos trabalhos*, está sempre *prompto para suspender ou atalhar a desordem* em qualquer parte, em que ella veia a produzir-se ou manifestar-se.

De mais elle vê por meio de seus monitores, tudo aquillo, que poderia escapar a sua attenção. Com effeito, os *monitores* não são somente encarregados de *dar instrucção* aos alumnos de seus respectivos *grupos*; elles tem tambem por missão *conduzil-os, manter entre elles a ordem e o silencio, advertir os que estejam com tentação de violar as regras, tomar notas das infracções, que não possam impedir, e enfim assignallar os culpados ao Mestre*, que não deixará já mais de punir uma falta bem verificada.

E' d'este modo, que por sua propria vigilancia ou inspecção, e pelo *concurso de seus monitores* o Mestre se acha em todos os *grupos em um mesmo tempo*, e nelles faz constantemente sentir sua acção com proveito tanto do ensino, como da disciplina.

§ 2.º

INCONVENIENTES DO METHODO MUTUO.

Taes como ficão expostas são as vantagens do me-

thodo mutuo, e tal é a sua bella face, mas este methodo tem tambem seus *inconvenientes*, alguns dos quaes, comquanto accidentaes não são menos serios.

Os principaes são: 1.º *Insufficiencia da maior parte dos Mestres.*
2.º *Insufficiencia dos monitores.*
3.º *Impossibilidade de desenvolver a intelligencia dos meninos.*
4.º *Impossibilidade de dar aos meninos a educação moral.*

I

INSUFFICIENCIA DA MAIOR PARTE DOS MESTRES.

Primeiro que tudo, em razão de suas grandes *difficuldades de applicação*, o methodo mutuo só está ao alcance de um diminuto numero de Mestres. Com effeito é mister alguma coisa mais do que o simples zel. à quem dirige uma escola conforme este methodo de ensino; he é mister um tal *conjuncto de boas qualidades*; que muy raramente se achão reunidas: uma *instrucção acima da ordinaria* para formar monitores capazes de instruir por sua parte os seus jovens condiscipulos; uma *vigilancia continua* para dirigir ou conter estos pequenos submestres; uma *prudencia extrema* para não enfraquecer a auctoridade moral de que se achão revestidos; um grande *ascendente ou influxo* sobre elles para chizal-os ao dever por um simples ensino, uma *habilidade não commum* para prevenir nos exercicios, numeroz os e variados, toda a confusão e toda a incerteza; uma *actividade que nada suspenda*, para de certo modo multiplicar-se no meio dos *grupos*; uma *grande energia de caracter* para restabelecer nullo

a ordem por uma só palavra; enfim, *um olhar prompto e firme* para reconhecer a cada momento o estado geral da aula. Tem sido por falta d'estas boas qualidades, que um grande numero de Mestres, completamente se tem mallogrado, seguindo em suas escolas o methodo mutuo.

II

INSUFFICIENCIA DOS MONITORES.

O segundo inconveniente d'esta methodo é a *difficuldade de obter bons monitores*. Por mais attenção, que um Mestre habil tenha empregado em formar discipulos para estas importantes funções, que asseguram o bom exito da escola, ou precipitam sua ruina, confusões e o modo porque são preenchidas, acontecerá muitas vezes, principalmente nas escolas numerosas, que os monitores tenham *falta de intelligencia ou de regularidade*. No 1.º caso elles só communicarão *noções imperfeitas ou inexactas*, exprimir-se-hão em termos de *equivocos* e talvez *grasos*; e até chegarão á *desmoralisar* seus jovens condiscipulos por *seus modos desastrados, precipitados e desanimadores*. E que succederá se elles forem *inoffensivos* a seu mandato, e si para se entregarem á *desordem*, os outros se combinarem com aquelles, que d'ella os deverião *affastar*, por suas *advertencias*, e por seus *exemplos*? — « As suas próprias funcções os expõem a *tentações*, porque não pasão os seus companheiros. Glosão-se-lhes pequenos *presentes*, para fazer com que elles *perdão* algumas *infrações* das regras. Si elles os accedem, além do *damno*, que fazem a si mesmo, resulta a *ditto* a *parochialidade* a favor de uns, e a *tyrannia* contra outros; a *dissimulação* e a *mentira* virão a *lugar* *esconder* ou *ocultar* ao Mestre estas *injustiças*; e as *mais graves faltas* se commetterão nos cir-

culos, sem que sejam declaradas, nem punidas. » (1) E' evidente, que com instrumentos taes, o Mestre se consumirá em vãos esforços. Assim pois este inconveniente se tem opposto a adopção do methodo mutuo nos paizes em que a instrução primaria é mais sustentada e animada.

III

IMPOSSIBILIDADE DE DESENVOLVER A INTELLIGENCIA DOS ALUMNOS.

O terceiro inconveniente desta methodo (o qual pertence mesmo a propria natureza d'este systema) consiste, em que elle *nada pôde fazer para o desenvolvimento da intelligencia*. — « Por mais bem preparados, ou mais bem formados que sejam os *monitores*, suas *attribuições* são necessariamente *limitadas*. Pôem *transmittir* bem as *noções* que recebem, desenvolver as *ideias* que se lhes deão, talvez mesmo *acrescentar* algumas *explicações* simples; esperar porém que elles possam *responder ás objecções* e *resolver as difficuldades* *imprevistas*, e *exigir* d'elles o que tem um *direito* se tem de *exigir*; e ainda diremos mais: é *exigir* d'elles o que seria *perigoso* obter. Uma vez *acrojados* nesta *carreira do casino espontaneo*, os *monitores* com seus *fracos conhecimentos*, e com a *inexperiencia* propria de sua idade, *arrestarão* os *alunos* de *erro em erro*; e o Mestre *ignoculo* e *que* *houver* pararão seus *auxiliares* ou *adjunctos*, não poderia *responder* pelo que se *dicesse*, ou *fizesse* na sua *escola*. E' mister pois, em vez de *animar* os, *prohibir* expressamente estes *descuramentos* *audaciosos*. Que se hade depois *cocluir* disso senão que o *systema* é *insufficiente*, sempre que a *vida* de los *escolares*, ou a *natureza* da *instrução* *exige*

(1) Herber, Manual das escolas normaes primarias.

« o raciocínio ; senão que nesse caso é mister aban-
« donar-o sob pena de suffocar a intelligencia. ? » (1)

IV

IMPOSSIBILIDADE DE DAR AOS MENINOS A EDUCAÇÃO MORAL.

O 4.º inconveniente do methodo mutuo, inevitavel como o precedente, com isto em que elle torna *impossivel a educação*. Acabamos de ver que os monitores não dão, nem pôdem dar a seus discipulos mais do que uma *instrução machinal*. Mas ainda que esta *instrução fosse racional*, ella seria apenas uma fraca parte da educação. Com effeito, educar meninos, é *dirigir sua razão nascente, reprimir os primeiros desvios d'ella; formar o seu caracter, e abrandar os seus costumes; acordar ou dissipar no seu coração os nobres instintos, e nelles desenvolver os sentimentos honestos*. Ora ninguém acreditára, que uma tal missão possa ser bem *depenhada* por meninos chamados *monitores*... Apenas está na altura de um papel tão delicado o homem maduro, com toda a sua *reflexão, prudência, experiencia e luzes*. O *methodo mutuo sacrifica pois a educação supprimindo as relações directas do Mestre com os discipulos* — « Este methodo, diz o Sr. Hœner, é « um systema que *pecca pela base*, visto que elle « *nada pôde para a educação moral e religiosa* dos « *meninos*; esta é a opinião dos homens conspícuos, « que mais tem meditado sobre o ensino, e exami- « nado com mais attenção os effectos de cada metho- « do. Quando se visita uma das nossas boas es- « las, fica-se encantado pelos conhecimentos e ho- « bilitade de muitos alumnos, pois é difficil resistir « ao que em tal escola ha de animado, e por assim

(1) A. Reada.

« dizer, dramático; mais infelizmente não é menos
« exacto, que *aqui falta a educação*; porque não ha
« *educação possível, senão pela comunicação di-*
« *recta do Mestre com o discipulo.* » —

Conclusão.

Apezar de todos estes inconvenientes o methodo mutuo é o unico que deve ser seguido para 150 ou mais alumnos, pois que é quasi impossivel a um só Mestre applicar outro methodo em uma escola tão numerosa.

Artigo 4.º

Methodo mixto. a)

I

EXPOSIÇÃO D'ESTE METHODO.

No estudo que acabamos de fazer, do methodo simultaneo, e do methodo mutuo, já se terá observado: — primeiramente, que estes dois methodos tem *vantagens e inconvenientes*, que propriamente lhes pertencem a cada um: — em segundo lugar, que as *vantagens* do primeiro obstat os *inconvenientes* do segundo, e reciprocamente. Desde logo se terá reconhecido a possibilidade de formar pela *modificação* destes d'us methodos entre si, um systema de ensino, que reunia quasi todas as *condições desejaveis*.

Este *novo systema* que actualmente é praticado em muitas escolas, tem sido designado com o nome de *methodo mixto* ou *methodo simultaneo-mutuo*.

(a) Este methodo é o unico adoptado para as Escolas da Provincia de Santa Catharina, em virtude do artigo 70 do Regul. de 29 de Abril de 1863, seja qual for o numero de alumnos, uma vez que exceda o de 15 sem a frequencia dos quaes deve ser supprimida a escola, conforme o final do art. 53 do dito Regulamento. (Do Trad.)

O duplo fim que se teve em mira, empregando-o, foi assegurar aos alumnos as *vantagens das lições directas do Mestre*, e prevenir por uma *vigilância e exercícios continuos*, (b) qualquer perda de tempo e qualquer *infracção da disciplina*.

O methodo mixto é pois aquell', conforme o qual o Mestre depois de ter repartido seus alumnos em um certo numero de divisões, dá successivamente lição a todas estas divisões, mas ao mesmo tempo faz estudar sob a conducta, ou direcção de *repetidores ou inspectores*, em vez de abandonar a si mesmo, aquellas divisões da que não tem podido ainda occupar-se, ou de que não pôde mais se occupar, em quanto por si mesmo as vai leccionando uma por uma successivamente.

E' evidente que este methodo não differê do methodo simultaneo puro, senão pela *adaptação* que faz dos *monitores* do methodo mutuo, os quaes pas são á chamar-se aqui *repetidores ou inspectores*.

Tratando dos meios disciplinares (vide paginas 143, 144 e 145 desta obra) já mencionamos as boas qualidades, que deve possuir os inspectores ou repetidores, as diversas funcções que devem elles preencher, as medidas que se deve tomar para a parte da parte d'elles um concurso serio e activo, e finalmente a divisão em que convem escolhê-los.

II

LIMITES EM QUE CONVEM EMPREGAR O METHODO MIXTO.

Nada mais nos resta pois a dizer sobre o methodo

(b) Para ser completo e effizaz o methodo mixto deve esta continuidade de exercicios ser provada por escripta no trabalho que permanece, bem como haver auxilios individuais, e comprovações de terem aproveitado todas as lições parciaes, etc.

mixto, senão o que é mister para determinar os limites de numero dentro dos quaes o mesmo methodo deve ser preferido, quer ao methodo simultaneo, quer ao methodo mutuo.

Estes limites, que resultão d'aquelles que assignamos aos outros modos de ensino são 150 e 60 alumnos. Todavia pensamos que abaixo de 60 até 50 e mesmo até 40 (a alumnos poderá o methodo mixto ser vantajosamente empregado naquellas escolas em que a 1.ª divisão contém mais de 15 (b) alumnos razoaveis e adiantados; este caso porém se apresenta muito raras vezes, como bem se terá presentido no estudo dos inconvenientes do methodo mutuo.

SECÇÃO 2.ª

Methodos particulares.

Já vimos o que se deve entender por methodos particulares de ensino.

Os methodos particulares são differentes conforme os *objectos de estudo*, e varião ainda mais segundo os Mestres, que os empregão.

Esta diversidade de meios que resulta da diversidade de *ideas e aptidão*, não deve causar admiração, pois sómente prova que *caminhos differentes podem muitas vezes conduzir ao mesmo fim*. Demais está reconhecido geralmente, que *um Mestre intelligente e activo emprega sempre bons methodos particulares*; e sabe-se igualmente que o Mestre inca-

(a) Até o numero de 10 deverá ser geralmente empregado o methodo mixto em todas as Escolas da Província de Santa Catharina, conforme o Regal. respectivo art. 70, combinado com os arts. 5.º e 5.º. Quando porém não hajaão menos 4 alumnos capazes de serem monitores o methodo será o simultaneo puro, por não ser aquelle possivel.

(b) Mais de 8 pois mais de 15 é numero excessivo e quasi impossivel de ordinario na 1.ª divisão.

paz e negligente somente obtem mui fracos resultados, sejam quaes forem os methodos particulares que tenha adoptado.

Dir-se ha por ventura, que nem um estudo é preciso fazer sobre methodos particulares de ensino? Seguramente não é este nosso pensar. Com effeito, o joven aspirante ao magisterio, que por si mesmo não esteja em estado de crear para seu uso bons methodos particulares de ensino, é obrigado a estudar aquelles, que a experiencia tem justificado, afim de os appropriar a si. Quanto a aquelle, que é dotado de um espirito observador e industrioso, não poderá absolutamente contar só com seus proprios recursos, pois seria da sua parte *grande temeridade* incetar a carreira do ensino sem ter jamais considerado no modo de ensinar. É incontestavel que durante algum tempo elle marcharia ao acaso e fatigaria a seus discipulos com as tentativas, tentamens ou apalpatellas, a que seria condemnado em seus ensaios; pelo menos no principio elle daria sem fructo algum um ensino sem regra.

Dir-se ha porém, onde convem estudar os *methodos particulares*, e os *processos de ensino*, que os acoo-pohão? Principimente deve ser nas *Escolas* modelos de ign adas com o nome de — *Ex-lis de applicação*. É ali, que por um *exame attento*, e pela *propria pratica do ensino* o aspirante se compenetrará do engenho e mecanismo dos meios pelos quaes um Mestre habil sempre obtem *bom exito e resultados certos*. A *exposição* que em um Curso de Pedagogia se poderia fazer de todos esses meios, em razão das *individações minvriosas*, em que se ha preciso entrar, teria o inconveniente de ser ao mesmo tempo *fastidiosa e pouco intelligivel*. Todavia julgamos dever, em relação aos principaes *ramos da instrucção* dar

aqui *alguns conselhos*, e apresentar *diversas considerações* de importancia particular. Dividiremos pois esta 2.ª Secção em cinco artigos, correspondentes ás cinco partes, obrigatorias do ensino primario; a saber:

- 1.º Methodos particulares para a Instrucção moral e religiosa.
- 2.º Idem para a leitura.
- 3.º Idem para a escripta.
- 4.º Idem para o calculo, ou Arithmetica.
- 5.º Idem para o Portuguez [a ou Grammatica.

Artigo 1.º

Methodos particulares para a Instrucção moral e religiosa.

Ainda que a missão de ensinar aos meninos os dogmas sanctos, e as regras da moral evangelica, pertença especialmente aos ministros da Religião, com tudo o Professor é obrigado a tomar neste ensino uma parte seria e activa. Sendo elle um depositario da autoridade paternal, é evidente que deve usar d'ella para o *maior bem* dos meninos, que se lhe confia. Isto posto perguntaremos; O *grande e verdadeiro interesse* do menino, assim como do homem adulto, não será o de *conservar ou adquirir todas essas virtudes*, que são a *condição essencial de uma vida pura*, e de uma *existencia feliz*? Certamente sim. Mas para praticar a virtude é mister antes de tudo conhecer o seu objecto, a sua belleza, e necessidade d'ella. D'aqui provem a obrigação imposta ao Professor pelas proprias leis do Estado de dar aos seus alumnos a *instrucção moral e religiosa*.

[a] Substitui: Portuguez & Francez.

Para desempenhar convenientemente esta obrigação elle deverá pois observar as tres regras seguintes :

Principios que se deve seguir no ensino da Religião.

I DAR A ESTE ENSINO O CARACTER PARTICULAR QUE DEVE TER.

Facilmente se comprehende que não se dá com a instrução religiosa o mesmo que se dá com as sciencias profanas. Com effeito, estas só interessão o espirito, e aquella se dirige ao espirito e ao coração. Faremos ver na terceira parte desta curso, como se pôde operar sobre os corações dos meninos, para procurar inspirar-lhes sentimentos religiosos. Desde já julgamos porém dever recomendar ao Professor que se dedique e applique a convencer bem os seus alumnos da importancia da instrução religiosa; que cuide em fallar sempre com a mais santo respeito sobre os Augustos Misterios do Christianismo, e da moral evangelica, e em apresental-a menos como uma sciencia destinada a ocupar o espirito do que como uma lei de amor, a obervancia da qual á paz da vida presente, e a felicidade futura estão essencialmente ligadas.

II

GRAVAR AS VERDADES DA RELIGIÃO NA MEMORIA DOS MENINOS.

O conhecimento explicito das principaes dogmas da Religião, é necessario a todo e qualquer homem, e á cada momento ou instante de sua vida; faz-se mister pois que os meninos os aprendão de modo que jamais os esqueçam. Como no cathecis-

mo é que se achão expostos mais breve e mais claramente os pontos essenciaes da doutrina Catholica; deverá o Professor fazer que seus alumnos aprendão litteralmente o Cathecismo da diocese, completando, tanto quanto lhe for possível, este estudo pelo da historia sagrada.

Prestará mui particulares cuidados aos que se preparão para o acto sollemne de sua 1.ª communhão. Vellará em que elles saibão perfeitamente as orações da manhã e da tarde, e procurará corrigir essas faltas grosseiras, que os meninos commettem frequentemente quando rezão em latim.

Na vespera dos dias de cathecismo far-lhes-há recitar exactamente as lições, que forem designadas pelo Vigario da Parochia, ao qual o primeiro alumno remetterá uma lista, que indique a noia, que mereça cada-um, de seus discipulos; e não deixará de reter depois da lição geral, para aprenderem suas lições particulares de doutrina aquelles que a tiverem sabido mal.

Segurar-se-ha igualmente pela recitação, que lhes obrigará a fazer, si as lições de historia sagrada tem ou não, si lo bem aprendidas.

Este ultimo exercicio principalmente será mui proficuo si o Professor tiver o cuidado de dar aos seus discipulos, para estudarem, as obras, em que seus authores tem sabido conservar o texto inimitavel da escriptura sagrada. (1) (a)

(1) Tães como a pequena historia sancta de Mr. Edom.

(a) Acho preferivel a do Rev. J. I. Roquete em Portuguez por trazer sabias explicações e indicações practicas; contudo por mais breve, pôde-se-ha adaptar com proveito a obra allemã em 101 capitulos, que traduziu o Rev. Sr. José Manoel da Conceição, natural de Sevilha. (Do Traductor)

III

FAZER OS ALUNOS COMPREHEDEREM O SENTIDO E A
BRILEZA DAS VERDADES DA RELIGIÃO.

O Professor não é um Theologo, nem d'este poderia preencher o officio; abster-se ha pois no ensino do cathecismo, de dar desenvolvimentos extrahidos de suas proprias luzes; por quanto um zelo indiscreto o exporia a commetter erros, que embora involuntarios, não deixaria de ser funestos. Poderá com tudo, e mesmo deverá fazer todas as explicações proprias para revelar o texto das lições, sem manifestar jamais fadiga, nem tedio; e por multiplicadas perguntas se assegurará de que foram em fim bem comprehendidas.

Em relação a historia sagrada (e ao evangelho dos Domingos nas escolas em que se aprende) fallhes-ha observar as provas visiveis, que nella se achão da divindade de nossa Religião; fixará sua attenção sobre os sublimes preceitos de moral, que encaixão, e lhes fará admitir os locuções e magnos exemplos de virtude que nos apre emão.

Artigo 2.º

Methodo particular para a leitura.

Expôr e corporar os diversos systemas de leitura seguidos nas escolas, e estabelecer depois alguns principios proprios para vivificar este ramo de ensino, tal é o fim a que aqui se propoem:

§ 1.º

EXPOSIÇÃO DOS PRINCIPAES METHODOS PARTICULARES DE LEITURA.

Todos os methodos particulares de leitura podem-se reduzir a tres methodos principaes, que tem, como os methodos geraes seus partidarios e seus ad-

versarios. São os seguintes: 1.º a antiga sollettração; 2.º a nova sollettração; 3.º a leitura sem sollettração.

I

ANTIGA SOLLETTRAÇÃO.

O antigo methodo da sollettração consiste em fazer nomear separadamente cada um dos elementos de que se compõe as syllabas, as quaes são igualmente elementos das palavras; e assim considerando as letras como elementos de syllabas, elle faz pronunciar separadamente cada letra de cada syllaba.

Conforme este meth do ensina-se primeiramente as letras, na ordem, e com os nomes seguintes:

a	b	e	d	e	f	g	h	i	j	k	l	m	n
á	bê	cê	dê	é	êfe	pê	agá	i	ji	ká	êfe	ême	êne
	ou				ou	ou			ou	ou	ou	ou	
	kê				tê	ghê	hê			kí	lê	mê	nê
o	p	q	r	s	u	v	x	y	z				
ô	pê	quê	êre	êsse	ú	vê	xis	ypsilon	zê				
	ou	ou		ou			ou	ou					
	kê	rhê (forte)	si				xi	en					
		tê (brando)	ou				ou	ig					
							zi (entre vog.)	ksi					

Quando se conhece todas as letras deste alphabeto, que tem o nome de alphabeto usual, ensina-se a articular as syllabas compactas de uma vogal e de uma consoante, como **ba, be, bi, bo, bu, ab, eb, ib, ob, ub**, ou aquellas que são compostas de um numero qualquer de letras, como **bra, bre, bri bro bru...** Para est fim se pronuncia separadamente cada uma das letras componentes, as quaes depois se reúnem em uma só emissão de voz o que se chama *sollettrar* ou *syllabar*. Começa-se então a juntar, isto é a reunir (depois de as ter enunciado isoladamente com o soccorro da sollettra-

ua, ue, ui, ua, ue, oi, oo:
 uã, uen. ui, uon da, de, di, du;
 uaur, uem, uim, uom, uam, uem, uim, uon;
 uan uim oon, uen. oin, oua;
 al, el, il ol ul; yl;
 ar, er, ir, or, ur, yr;
 as, es is, os, os, ys;
 ax, ex ix, ox, ux, yx.
 az, ez, iz, oz, uz, yz.

Consoantes ou articulares compostas.

bI, br, pl, pr, cl, cr, fl, fr, gl, gr, pl, pr, tr, tr, pr;
 blê, brê, plê, prê; clê, erê, fiê, frê, glê, grê, plê,
 prê, drê, irê, vrê, st, str, sc, sor, sp, spl, ps, pl,
 cl, & ste. stre, sca, sare, spe, sple p-se, ple, etc, &

2.º A syllaba no novo methodo de solletração ja-
 mais é composta de mais de dous elementos: até mes-
 mo ella é considerada como tendo um só elemento
 como em **au, eu, in, ã, ún.**

Conta a sill ba dous elementos porem se esse som
 é modificado por uma articulação, como em pau, meu,
 mim, bom, que se solletraão assim p-au-pau; m-eu-
 -meu; m-im-mim; b-om-bom.

Neste methodo logo que as vogaes e as consoantes
 monogrammas são conhecidas, aprende-se, como
 no methodo precedente, a articular as syllabas com-
 postas de uma vogal e de uma consoante; mas im-
 mediatamente se lê por cima as palavras, que apre-
 sentão estas syllabas. Passa-se depois ao estudo das
 vogaes, e das consoantes simples polygrammas, que
 são tambem seguidas do exercicio; depois ao das
 vogaes e consoantes compostas; findo o que se come-
 ça nas difficuldades da orthographia irregular, a
 saber: valores exceptionaes (pres gio, proroga-
 ção) os signais equivalentes (Xavier, chave) as

letras nullis (Job, Jacob, David) e chega-se em
 fim a leitura corrente. (1) (a)

Leitura sem solletração.

Este methodo considerando as syllabas como os
 elementos das palavras, ensina a pronunciar-as sem
 se distinguir os elementos, que compõem as mesmas
 syllabas.

Elle divide ou aparta as palavras em syllabas, con-
 forme os dous principios seguintes:

1.º Quando se achá entre duas vogaes uma con-
 soante simples, ou uma consoante dobrada, esta
 consoante se junta a vogal que segue:

Exemplo: **la pi dar, a con sár.**

2.º Si se encontra entre duas vogaes duas ou
 muitas consoantes differentes, somente a 1.º se a-
 junta á vogal que precede, e as outras acompanhão
 a que segue:

Exemplo: **con stan cia, ins tru mento. (a)**

(a) Substitui os sons Portuguezes nos Franczes e addi-
 ciona as classificações physiologicas das articulações.
 (Do T.)

(1) Os quadros de leitura de Pagnò são appropriados
 ao novo methodo de solletração.

(a) Veja-se os ns. 4, 5, 6, 7, 8, 9, 19 e 11 do objecto
 de ensino do annuo da 6.ª classe ou 3.ª divisão, no
 quadro n. 2, que como Deputado a Assmblêa Legislativa
 Provincial de Santa Catharina, a esta apresentei em Março
 de 1868 com o meu Projecto de Lei para a reforma e me-
 lhoramento da Instrucção. (Do T.)

(a) Quasi que a este methodo fôr reduzido o que apre-
 sentei a Assmblêa no projecto e quadro referido, fazen-
 do-se pronunciar na solletração as consoantes ou articu-
 lares com voz submissa, e as vogaes em voz alta, como me
 aconselhou o Illustrado e Honorifico Doutor Frederico
 Muller. O Sr. Professor particular José Ramos da Silva
 Junior, tem usado com proveito o methodo de leitura sem
 solletração, ou de leitura immediata, chamada por alguns
 auctores repentiae (Nota de T. em Novembro de 1869.)

Além d'isto o novíssimo methodo dá as letras os mesmos nomes, que o methodo da nova solletração, e com este classifica as syllabas em uma ordem methodica e razoavel. He comtudo debaixo d'esta relação algumas differenças entre os dous methodos. Assim pois o methodo de leitura sem solletração, faz e tudar successivamente:

1. ° As vogaes ou sons simples monogrammas
2. ° Idem polygrammas.
3. ° As consoantes e articulações simples monogrammas.
4. ° As syllabas formadas de uma consoante, e de uma vogal simples monogramma, e d'pois polygramma, com exercicios de palavras, em que se achão estas syllabas.

5. ° Os sons equivalentes e as articulações equivalentes, isto é os sons communs e as articulações communs a signaes diversos, e sempre com exercicios.

6. ° É então somente que o methodo sem solletração apresenta as *articulações polygrammas*, simples ou compostas. Depois vem novas difficuldades, como as *lettres nullas* ou mudas (J b, J co b, David) as articulações triplaes (instru mento, splendido) & e depois em fim a leitura corrente. (1) (r)

§ 2.º

COMPARAÇÃO DOS TRES METHODOS PARTICULARES DE LEITURA.

Tres são os principaes methodos de leitura seguidos actualmento nas escolas. Qual d'ellos e o que

(1) Os quadros ou syllabarios de Abcia, e os dos Surs-Lamotte, Persier, Meissas e Michelot forão feitos especialmente para este methodo.

(a) Attendi a maior parte d'esta gradualidade no meu Projecto e quadro citados. (Do T.)

merece a preferencia sobre os outros? Em presença das opiniões diversas de honreos igualmente competentes, esta questão é para nós muy difficil de resolver; e ainda mais mal o é, por que nem um d'estes methodos nos parece absolutamente bom, nem absolutamente mau. Parece certo que o methodo de leitura *sem solletração*, occupando-se unicamente dos sons, conduz mais *prompto e rapidamente* a leitura corrente, do que o pôde fazer a nova solletração, e sobre tudo mais do que o antigo methodo da solletração. Como porém ella despreza completamente *os elementos das syllabas, sobre o conhecimento das quaes se firma a orthographia*, traz necessariamente o effeito de retardar este ramo da instrução. Assim pois, quando um alumno tiver apprendido a ler conforme o methodo de que se trata, será preciso reconduzir o, para fazer-lhe apprender a *Orthographia*, ao estudo das syllabas decompostas em letras, isto é a solletração. O methodo de leitura sem solletração é pois debaixo d'este aspecto a relação menos vantajoso, do que os outros dous.

Quanto ao novo methodo de solletração, ainda, que elle confunda as vezes certas letras do alphabeto, e, k, q, tem evidentemente sobre a antiga solletração as duas vantagens seguintes:—em primeiro lugar designa as consoantes ou articulações sob o mesmo mais em relação com a maneira porque ellas modificão os sons; em segundo lugar accelera a leitura das syllabas não distinguindo nellas senão dous elementos, e consequentemente conduz com mais rapidez a leitura corrente. Ella vence tambem o methodo de leitura sem solletração, porque é um pouco mais favoravel ao conhecimento da *Orthographia*, mas ao mesmo tempo elle cede ao primeirº

precisamente quanto ao ensino da *Orthographia*, e não marcha com tanta rapidez como o segundo no ensino de leitura.

Pelo que precede se vê que o antigo methodo da colletração, sendo mais vantajoso do que os outros dois no que respeita a *Orthographia*, é menos expedito quanto ao fim proprio destes tres methodos, isto é em relação a leitura.

Cada um d'estes tres methodos tem boas qualidades e vícios, que o tornão superior ou inferior aos outros dois, conforme o objecto, que se tem em mira. Todavia como o methodo sem solletração é o que conduz mais rapidamente a leitura corrente, e como por outro lado é facil remediar por meio de exercicios de *Orthographia* verbal o inconveniente real que elle apresenta, estamos inclinados á adopção d'este methodo. Mas muy longe de cogitar na prohibição dos outros dois, deixamos ao jovem Mestre a faculdade de fazer por si mesmo a escolha. Somente lhe recommendaremos, que se conduza n'esta escolha, bem como no ensaio que pôde fazer d'estes tres methodos particulares, conforme as regras da prudencia; que attenta convenientemente os usos que achir estabelecidos, e eufim que se resguarda do amor de mudanças e novidades, que é tão funestas a escolas.

§ 3 =

PRINCIPIOS QUE SE DEVEM SEGUIR NO ENSAIO DE LEITURA.

O fim que se deve propor o Professor no assumpto da leitura é o de ensinar os seus alumnos não somente a ler, mas a ler bem; e pode estar certo de que o não alcançará, seja qual for o methodo que adopte, se não se conformar com os principios seguintes:

1. Tornar cada alumno attento durante toda a duração da lição dada em sua divisão.

2. Fazer com que os meninos comprehendão o que leem
3. Fazer adquirir uma boa pronunciação.

I

Tornar cada alumno attento durante toda a duração da lição dada em sua divisão.

Bem se comprehende que um menino, que só estiver attento durante os dois ou tres minutos, nos quaes lê em voz alta, teria muy pouca probabilidade de fazer progressos, e que pelo contrario seguindo sempre attento a leitura de seus condiscipulos elle aproveitará a lição inteira, como se elle somente a recebesse. Certamente esta attenção, cuja importancia já fizemos sentir por muitas vezes, é necessaria para todas as lições (de outras materias) mas é principalmente aqui (na leitura) que convem assegurar-se della, pois que a falta de bom exito na leitura paralisa o resto do ensino.

Por outra parte quantas distrações não se deve temer em um exercicio, que por si mesmo poucos attrativos tem, e no qual o quinhão da intelligencia é tão fraco no começo ?!

Para prevenir ou combater estas distrações o Professor exigirá que todos os meninos articulem em voz baixa, o que um d'elles fór lendo em voz alta. Depois de lida cada phrase, passará de um alumno a outro, e fará assim recommençar por muitas vezes, durante uma lição, o giro ou volta, pelos meninos da divisão. Quando se tiver commetido alguma falta, designará para corrigil-a um alumno de ordinario *indicado inesperadamente*, ou sem ser por uma ordem previamente conhecida. Mandará continuar ou proseguir na leitura o menino, em quem creia observar qualquer falta de attenção, e terá o cuidado de fazer disto uma nota si realmente o achar em falta.

II

FAZER COM QUE OS MENINOS COMPREHENDÃO O QUE

LÊM.

Esta regra deve ser applicada a respeito de todo e qualquer alumno que tenha chegado a leitura corrente. O habito que se lhe deixa adquirir de se parar do som das palavras o sentido que exprimem, teria depois as mais funestas consequencias. Pelo contrario nada ha que contribua tanto para os progressos dos meninos na leitura, do que a intelligencia do que leem. — « O que se acostuma a não separar os sons das palavras de sua significação, arma-se com dois recursos, em vez de um só, para vencer as difficuldades que encontra: o primeiro é o conhecimento das letras e das syllabas; o segundo o conhecimento do que quer dizer a phrase, conhecimento este que ajuda muito a achar as proprias palavras. » (1).

Demais, sem esta precaução jamais na leitura em voz alta, se chegaria a obrigar os meninos a tomarem o unico tom, que a torna agradável e intelligivel, isto é o tom da conversação.

Para habituar os meninos a comprehenderem sua leitura, o Mestre velará em que elles observem exactamente as regras da pronunicação, e que não leião com um tom mui elevado. Terá o cuidado de explicar as palavras ou phrases, que posão apresentar alguma difficuldade. Obrigal-os ha algumas vezes a examinarem e darem razão de um trecho que se tiver lido, e poderá mesmo exigir que lhe refirão por escrito a sua summa ou substancia.

(1) Pillaos, Traduzida do Ingles.

III

FAZER ADQUIRIR UMA BOA PRONUNCIÇÃO.

Já vimos, que para fazer os outros comprehenderem o que se lê, é mister, que o proprio que lê comprehenda primeiro o objecto da leitura. isto porém não basta, é preciso ainda mais uma *pronunicação livre, pura e bem accentuada*. O ouvido d'aquelle, que e-cuta, é mais agradavelmente commovido por sons assim articulados, e além disto a boa pronunicação contribue valiosamente para fazer penetrar no espirito o sentido das expressões, quer pela distincção que ella faz das syllabas longas e breves, quer pela orthographia das palavras, que ella até certo ponto torna sensivel.

Para fazer que os meninos adquirão esta boa pronunicação, convém ajuntar a força dos preceitos com a *efficacia do exemplo*, e para isso o proprio Professor lerá em voz alta uma parte da lição. Fará observar com cuidado as regras da Prosodia, não deixará jamais confundir as duas especies de *e* (e de *o*) as tres especies de *a*, corrigirá as entoações falsas, e não será menos attento em indicar as ligações necessarias, do que em fazer evitar as ligações viciosas. Deverá tambem combater certos defeitos naturaes ou adquiridos: o *rotacismo* que não deixa pronunciar bem a letra — *r* —; a *velitação* que faz pronunciar esta mesma letra (e tambem *o b*) como *v*; o *zezismo*, que faz pronunciar indebetamente como *z* as articulações *c* branco ou (*ç*) cedilhado, *o s* forte, *o j* e *o g* brando; a demasiada guturação do *ch*, *c*, *k* ou *q* [a transformando-o em *g* forte] a *gogueira*, que impede acabar a palavra começada; a *balbuciencia*, que impede articular exactamente, e enfim o *sotaque*, ou vicio patrio, que é um modo vicioso da

pronunciar, particular a uma provincia, e mesmo algumas vezes a um districto menor. (1).

OBSERVAÇÕES.

1.º É conveniente no acto de fixar a duração da lição de leitura, ter em consideração o gráo de instrucção dos alumnos, e o numero dos objectos de estudo, com que se occupão. Todavia parece-nos, que um quarto de hora para cada classe da 1.ª divisão, meia hora para a 2.ª, tres quartos de hora para a 3.ª e uma hora para a 4.ª, são lapsos, ou espaços de tempo, que convem mais ordinariamente consagrar, ou reservar, para este exercicio, ao menos é isto indispensavel nas escolas dirigidas conforme o methodo simultaneo, e o mixto.

(Entenda-se bem que cada divisão não receberá do Mestre senão um quarto de hora de lição de leitura em cada lição geral de tres horas). É nas mesas (classes) ou nos grupos (grupos) segundo a natureza do methodo geral adoptado, que as tres ultimas divisões se occuparão com a leitura durante o resto do tempo que tiverem de consagrar-lhe.

Para que esta disposição não dê lugar a confusão alguma bastará fazer começar a leitura ao mesmo tempo em todas as divisões, e fazel-a cessar, em cada uma, com a lição perante o Mestre. As tres primeiras divisões empregão o tempo livre que lhes restar em exercicios fixados com antecedencia (veja-se os quadros da distribuição do tempo e do trabalho, que se achão de paginas 97 a 125).

2.º — Confirme as restricções do novo regula-

(1) O labdacismo que faz pronunciar r como l, e o morcismo que impede bem pronunciar as letras labiaes, são defeitos, que ordinariamente só se encontram nos meninos de poucos annos e nos estrangeiros.

mento (artigo 27) os meninos devem ser exercitados na leitura do latim alem do portuguez, (a) e na dos manuscriptos ou quadernos lithographados. Para se acharem em uma relação conveniente com a leitura dos impressos, estes exercicios terão lugar todos os dias, porém alternadamente de modo, que no fim de duas semanas tenham seis vezes lido o latim e portuguez, e seis vezes os manuscriptos.

Artigo 3.

Methodos particulares para a escripta.

Tres cousas reclamão aqui particularmente a nossa attenção, a saber:

- 1.º — Methodo da escripta.
- 2.º — Principaes meios do ensino de escripta.
- 3.º — Objectos materiaes para a escripta.

§ 1.º

Methodo de escripta.

Assim como para a leitura, tambem para a escripta tem-se inventado um certo numero de methodos de ensino. Seria muito longo e pouco util expor os principios que, constituem cada um d'estes methodos; limitar-nos-hemos pois a fazer sobresahir a differença, que elles apresentão sobre dous pontos, que nos parecem ter uma importancia capital; a saber: os primeiros exercicios e o genero do cursivo adoptado.

I

Considerados quanto aos primeiros exercicios todos os methodos particulares de escripta podem ser reduzidos á tres. O 1.º prescreve para os principiantes as linhas e as letras de grande dimensão,

(a) Substitua Portuguez a Francez (o Trad.)

chamadas BASTARDO; este é o antigo methodo de escripta.

O 2.º faz começar a escripta pela *lettra fina ou delicada*, chamada CURSIVO.

O 3.º toma por ponto de partida a *lettra mediana*, ou a *lettra grossa de pequena dimensão*, chamada BASTARDINHO.

Qual dos tres methodos procede de modo mais racional?

Não pensamos que seja o primeiro. Com effeito, a experiencia prova que os meninos, [que começam á escrever, não obtendo traçar de um rasgo de penna senão linhas de pequena dimensão, não podem por isso mesmo escrever em BASTARDO, senão executando as letras por duas ou tres diversas continuacões interruptas, e emendadas. Por outro lado, sendo obrigados, para formarem es-es grandes traços, a apertar com força a penna, contraem o habito de pegarem mal nella, o qual depois é mui difficil de corrigir. Além disto o tempo mui consideravel, que passam a exercer-se na escripta em BASTARDO, só lhes permite adquirir mui tarde a PRÁTICA DA ESCRIPTA EXPEDITA QUE É A CONDIÇÃO ESSENCIAL DE SEUS PROGRESSOS NOS OUTROS RAMOS DO ENSINO.

Parece a primeira vista que o *segundo methodo* particular de escripta seja o que conduz mais directamente ao fim; porém os ensaios que geralmente se tem feito, hão demonstrado o contrario:

Os meninos que são exercitados em CURSIVO ao começarem a escrever, *adquirem mal a forma, a inclinação e as proporções das letras*, que tem diante dos olhos, e sua escripta a maior parte das vezes não é mais do que *uma serie indecifrável de caracteres semiformados, que elles mesmos não conhecem*.

O *terceiro methodo* de escripta offerecendo, o meio de evitar os dous escolhos, que acabamos de assignallar, é o que nos parece digno de preferencia.

II

En'tre os calligraphos que o ensinão, resta porém uma nova escolha a fazer segundo o genero de *cur-sivo* que elles tem adoptado. Em uns esta escripta não é outra cousa senão a *lettra ingleza pura*, ou a escripta chamada *americana*, que é inclinada como a ingleza, e ainda mais delicada. O *cur-sivo* de outros calligraphos é um composto de bastardo e da lettra ingleza, pertencendo á 1.ª pelo *gráo de inclinação*, e approximando se da segunda pela *forma geral das letras*. Sendo talvez um pouco menos elegante do que o *cur-sivo* inglez a *lettra do cur-sivo misto* tem o grande merito de ser *mais cheia ou repleta, e mais facil para ler ou traçar*. Não hesitamos pois, em pronunciar-nos por esta *segunda especie de cur-sivo*, e recomendamos ao jovem Mestre as collecções de modelos ou traslados, em que a encontrar.

§ 2.º

Principaes meios do ensino de escripta

Estes principaes meios são encerrados em dous pontos:

- 1.º Demonstração dos principios da escripta.
- 2.º Correccão da escripta.

Fixado ou firme nestes dous pontos, o Professor poderá nutrir a bem fundada esperanca de fazer com que seus alumnos *pr simplymente adquirão uma boa lettra expedita*.

Assim pois não attingirá seu fim senão tanto quanto for exacto em empregar os dous meios seguintes:

I

Demonstração dos principios da escripta.

Este poderoso meio de bom successo ou triumpho na instrucção é infelizmente muito desprezado por um grande numero de mestres, que imaginão estar quites com seus discipulos que tenham posto sob seus olhos os modelos ou traslados. Entretanto a escripta, assim como todos os ramos do ensino reclama suas demonstrações. E' verdade que os modelos impressos trazem na frente algumas instrucções á respeito; mas estas instrucções, além de não serem muitas vezes, bem examinadas, e bem comprehendidas, são necessariamente incompletas.

Com effeito o professor não tem somente de ensinar aos alumnos as regras particulares da escripta, tees como a *forma, a inclinação das letras, a maneira porque ellas se derivão umas das outras, ou o modo porque é preciso executar-as, os intervallos que devem separar-as, a grossura dos rasgos cheios o comprimento das capus, caudas ou extremidades, côrtes, anneis &c.*, elle tem ainda o dever de ensinar-lhes, ou fazer-lhes conhecer a *attitude geral ou postura do corpo do alumno a posição da cabeça, dos braços e das pernas, a direcção do caderno, o talho, e sobretudo a firmeza do modo de ter ou pegar a penna, &c.* Por haverem contrahido hábitos viciosos sobre alguns destes pontos é que muitos meninos apprendem a escrever tão difficilmente, e que muitos outros sempre escreverão mal.

O Professor deverá pois ter o cuidado de lembrar de tempos em tempos, e de explicar sempre que for preciso os principios geraes mais importantes da escripta.

Além d'isto deverá expor no começo de cada lição

um ou dous principios novos, que deverão ser applicados na mesma lição. *Terá cuidado n'este ensino das regras da escripta, de servir-se do quadro negro, que lhe permittirá dirigir-se ao mesmo tempo a todos os discipulos de uma divisão, e se for mister a toda a escola.*

Quanto a posição das diversas partes do corpo no acto de escrever será tomando esta posição por si mesmo, diante dos discipulos, e por muitas vezes, que obterá melhor ensinar-lhes.

OBSERVAÇÕES.

Um excellente meio de tornar os discipulos attentos á demonstração dos principios, e de lhes fazer applicar na sua escripta todo o cuidado possível, achá-se no uso das composições improvisadas. Eis em que consistem. Todas as semanas o Professor designa ou faz determinar pelo sorteio uma das paginas escriptas durante a semana, como assumpto que deve servir para a composição. A data do dia indicada no alto de cada pagina, previne á este respeito qualquer fraude ou dolo, ou qualquer erro. Como porém segundo o que dicemos acima, não deve haver mais do que uma composição por mez, sobre cada ramo de instrucção, reunir-se-hão as quatro composições hebdomadarias ou semanaes (a) em uma só composição mensal, e o resultado unico a que devem chegar, reduzirá seu effeito ao de uma composição mensal.

Poder-se-ha, se assim se julgar melhor empregar concurreentemente os dous modos de composição; neste caso a composição especial deverá ter o mesmo

(a) Uma de Doutrina, uma de escripta calligraphica e orthographia, uma de calculo ou Arithmetica e uma de Portuguez ou Grammatica nas escolas do 1.º grão.

valor que as quatro composições hebdomadarias reunidas terião.

II

Correcção da escripta.

Logo que o exercicio de escrever tenha começado, é indispensavel que o Mestre circule em torno das mesas, ou escrivaninhas, que examine como os alumnos estão assentados, como sustem, ou pegão nas pennas, e como trabalhão; que lhes faça observar rapidamente os defeitos de forma, de ligação, &c., que mostrão suas escriptas; e, emfim, que por si mesmo, elle execute sobre os quadernos à vista d'elles as letras, que lhe parecerem defeituosas.

Isto porém, não é tudo; pois no fim, ou mesmo no meio da lição, o Professor deve expor bem, por meio do quadro negro, e à vista de todos os alumnos, as imperfeições, que tiver encontrado, indicando, com a causa de que ellas provem, os meios de evital-as.

Si a escola for mui numerosa, enquanto o Mestre estiver occupado em uma divisão, poderá elle encarregar a um discipulo mais adiantado, a correcção da escripta, em outra divisão.

§ 3.º

Objectos materiaes para a escripta.

Estes objectos sãõ os seguintes:

- 1.º Os quadernos.
- 2.º As pennas.
- 3.º Pautas ou transparentes, regras e lapis.
- 4.º Modêlos ou traslades.
- 5.º Ardosias, papel e tinta.

I

Quadernos.

Os quadernos ou cadernos de escripta se compoem de quatro folhas de papel dobradas em quarto, de modo que formem 16 pequenas folhas rectangulares. Serão cosidos solidamente nas extremidades, tendo pouco mais ou menos o tamanho de um folheto, e encerrarão um pedço de papel mataborrão.

A capa será de papel de cor, e apresentará em 5 diversas linhas o seguinte:

- 1.º A designação da escola. Escola publica (ou particular) de.....
- 2.º As palavras. Caderno de escripta.
- 3.º A data do dia em que o caderno tiver começado.
- 4.º O nome do alumno.
- 5.º O numero da divisão.

O Mestre, ou um discipulo designado por elle, inscreverá estes titulos nos cadernos dos principiantes.

Todas as paginas de cada caderno serão numeradas seguidamente. Impedir-se-ha por meio desta precaução, que alguma folha seja tirada.

Os alumnos que tiverem a precisa capacidade, escreverão no alto de cada pagina, e em duas linhas diversas:

- 1.º A data do dia em que a pagina for escripta.
- 2.º Seu nome, o numero de sua divisão, e o do logar que tiverem obtido na ultima composição em escripta.

O numero de linhas, que deverão ser escriptas, será determinado com antecedencia, para toda e qualquer especie de escripta. O discipulo traçará à esquerda de cada linha os algarismos 1, 2, 3, 4, 5, &c., que servirão para verificar que elle se conformou,

a este respeito, com a prescripção do Mestre. A margem será de tres centímetros (o. ^m. 3) e o espaço em branco reservado na parte esquerda da pagina de perto de dous centímetros (o ^m. 2).

Os cadernos serão conservados com o maior cuidado. O Mestre velará não só um que não sejam enrolados, nem manchados de tinta, mas tambem em que os discipulos nelles não deixem falta alguma de orthographia, si tanto quanto for possível.

Emfim ó para desíjar-se que as composições mensaes em escripta sejam feitas em cadernos espeziaes. CONSERVADOS PELO MESTRE. FORNECER-LHE HÃO ESTES CADERNOS O MEIO DE PROVAR OS PROGRESSOS DOS MENINHAS, E DE REDUZIR A SEU JUSTO VALOR AS OBSERVAÇÕES, AS VEZES BEM INFUNDADAS, QUE SÃO FEITAS POR PARTE DAS FAMILIAS DOS ALUMNOS. Tambem poderão ser apresentados aos Senhores Inspectores. (a)

II

Pennas.

Nas escolas se faz uso de duas especies de *pennas*, que são as pennas de ganso, e as pennas metálicas. As primeiras são proprias para todos os generos de escripta, apresentando mais brandura na execução, e são as unicas com que se pode chegar á uma grande perfeição. As outras quasi que não podem servir senão para a escripta curvada (mediana ou fina) e para a *expedita*. Além disto ellas tem o inconveniente de tornar a mão pesada e de dar certa dureza ou rudeza de sulcos á escripta, o que provem dos maiores

(a) O art. 29 do Regim. interno das escolas catharinenses dispõe que os discipulos façam cadernos de quasi todas as maternas de ensino, escriptos por elles sob dictados dos professores ou decurios, e que estes cadernos sejam guardados até o fim do anno para serem apresentados aos examinadores. (Do Trad.)

exerços que exigem. Em compensação disto tem ellas sobre as pennas de ganso a vantagem de estarem sempre promptas, de darem mais nitidez aos traços e rasgos, e mais uniformidade offerecem na execução de um certo numero de paginas. Por estas diversas razões poder-se-ha permittir o uso d'ellas aos discipulos já exercitados na letra fina assente, ou bem assentada chamada *expedita*; dever-se-ha porém prohibir tal uso aos principiantes. No intervallo que separa as lições, o Mestre terá o cuidado (a) de aparar as pennas. Batará uma só para os meados da 3.ª e 4.ª divisão, mas os alumnos das outras duas divisões deverão duas cada um. Seria muito para desíjar, que os proprios alumnos da 1.ª divisão aparassem suas pennas por si mesmo.

III.

Pautas ou transparentes, regras e lapis.

Assim como as pennas metálicas, as pautas ou transparentes pouparão o tempo do Mestre que é obrigado a regrar uma porção de cadernos.

Elles terião além d'isso a vantagem de indicar por meio de linhas oblíquas, que ali se poderia traçar, a inclinação da escripta, o comprimento das capás e anneis, a largura das letras e a distancia que deve separal-as, &c.

Comtudo preferimos para os principiantes o papel regrado, porque a experiencia prova que com o regrado a escripta é mais nitida e regular.

IV.

Modelos ou traslados.

Si o Professor escrever convenientemente, deverá

(a) Regim. interno art. 23.

elle mesmo fazer os modêlos de escripta, senão for possível para toda a escola, ao menos para a 2.ª e 3.ª divisões. Além dos modêlos gravados apresentarem frequentemente demasiada *magreza*, é certo que os alumnos sentem-se mais animados a imitar o que foi feito diante de seus olhos, e com o auxilio dos meios de que dispõem, do que esse trabalho desconhecido. Por outra parte dando o Mestre os modêlos manuscritos poupará uma despesa, que nas escolas numerosas acabará por ser consideravel. Aconselhamos porém que o Professor obtenha para guiar se neste trabalho bons quadernos de modêlos gravados ou lithographados, os quaes reunidos com uma grande variedade de traços, um merito calligraphico reconhecido.

Sem inconveniente poder-se ha fazer copiar modêlos gravados aos alumnos da 1.ª divisão. Quanto aos da quarta bastará expôr a sua vista um quadro negro, em que se tenha traçado a giz alguns exercicios.

Os discipulos de cada divisão, sendo pouco mais ou menos da mesma força copiarão modêlos da mesma genero. Elles os deverão trocar de oito em oito dias; porém um mesmo modêlo poderá servir ao mesmo tempo para dois alumnos. Os modêlos de escripta não apresentarão jamais uma reunião de palavras vastas de sentido; deverão conter em geral, já máximas religiosas, já rasgos de moral ou de historia, e já attendimentos, quitações, memorias, facturas, contas, &c. Deverão ser feitos sobre folhas dobradas, afim de poderem ser suspensos do fio destinado a recebê-los.

V.

ARDOSIAS.

Certas pessoas pretendem, que o uso das ardosias

e do lapis de talco é indispensavel para os primeiros exercicios de escripta. Outras pelo contrario sustentão que o emprego d'este meio prejudica muito consideravelmente os progressos dos alumnos. (a) Uma e outra opinião nos parecem igualmente erroneas; julgamos, que um Mestre intelligente possa obter bons resultados fazendo os principiantes escreverem no papel; mas estamos persuadidos de que com o soccorro da ardosia os obteria mais certos e o mais sensiveis.

Sem duvida a ardosia será prejudicial aos meninos se elles *começarem a escrever pelo bastardo, e sobre tudo pelo bastardo largo, ou de grandes dimensões*, porque, para traçarem os *cheios*, ou carregados, sendo obrigados a *appoiarem-se fortemente sobre seus lapis, e a começarem por muitas vezes uma mesma letra, não poderão deixar de ter a mão pesada, e de aprender mal a têr ou pegar na penna*, e contrahirão o temivel habito de pintar e retorcar suas letras, ou sua escripta.

Fazendo-se porém *começar pela letra mediana, ou bastardinho, e no principio não se exigindo mais do que um desenho, ou um simples esboço da letra*, neste caso os exercicios na ardosia produzirão o effeito de os conduzir promptamente a uma execução facil sobre o papel em vez de tornarem pesada a mão dos meninos.

O embaraço que soffre todo e qualquer principiante para pegar ou suster a penna, nula tem de difficil

(a) Apesar do authorisado juizo, que se segue, nos autos, entendemos ser esta opinião muito acceptavel e bem fundada, pela unica razão de que na ardosia ou lousa o que se escreve não perzanece, para á todo o tempo servir de prova do trabalho do Mestre e do discipulo, e de contraprova de seus progressos, o qua se obtem com grande vantagem pela escripta em cadernos que se guardão, e pelos quaes se torna tudo evidente.

para aquelle que se faz escrever na ardosia. Conhecendo já a forma das letras, e já sabendo traçal-as, não tem as preoccupações, que suspendem ou demoram os outros meninos. Não pode pois tardar em adquirir essa boa firmeza da penna, essa regularidade, e essa vivacidade de movimentos, ás quaes presta toda a sua attenção, por estar desembaraçado.

Por não terem os outros sido assim preparados, seus primeiros exercicios são ordinariamente informes, e se regularisão tão difficilmente.

Poderemos acrescentar que o uso da ardosia é de grande economia, e que permite exercer os meninos sobre a escripta desde que entrão na aula, entretanto que o systema contrario impõe ás familias uma despesa, que muitas recusão fazer, o que não é menos deploravel para a instrucção do que penoso para o discipulo.

Seria pois muito para desejar, que em cada escola houvesse no menos uma dazia de ardozias, que de preferencia estivessem a disposição dos meninos pobres. [a]

Artigo 4.º

Calculo.

O objecto mais importante para o Professor no ensino do calculo é obter soluções exactas e rapidas.

Para attingir a este fim é indispensavel que faça com que os meninos, desde sua entrada na escola, comecem um estudo, que não deixa de ter difficuldades; d'aqui provem a necessidade do praticar um modo de calculo, que esteja ao seu alcance. Com effeito, ha dous modos de calcular, um que consiste

[a] O art. 62 do Reg. de 29 de Abril de 1868 attende a esta e outras necessidades dos alumnos pobres. (Do Trad.)

em compor e de compor de memoria numeros pouco elevados, o qual se chama *calculo verbal*, e outro que effectua, por meio da penna, operações de Arithmetica mais ou menos complicadas, o que se chama *calculo escripto*. Como cada um destes dous modos de calcular tem seus principios de ensino particular, dividaremos o presente artigo em dous §§—:

- 1.º Calculo verbal e seus methodos e processos.
- 2.º Calculo escripto e seus principios de ensino.

§ 1.º

Calculo verbal.

Segundo que methodo, e por meio de que processos se ensinará o *calculo verbal*? Eis aqui o que temos que examinar.

N.º 1.

Methodo de calculo verbal.

O methodo que nos parece offerrecer mais vantagens para ensino do calculo verbal, é debaixo de uma prudente medida, esse methodo da *intuição*, que primeiro foi empregado por *Pestalozzi*, porem cujo valor talvez exaggerou, quando fez d'elle o *principio fundamental e o meio essencial* de todo o seu systema de instrucção.

A palavra *intuição* na linguagem pedagogica, e no methodo de *Pestalozzi*, ora significa a percepção de uma idea ora a vista de um objecto, segundo se trata de intuição do espirito, ou de intuição physica. Como porem esta ultima intuição é apenas um meio de chegar á primeira, o methodo de *intuição* consiste em dar ao alumno *idéas claras, exactas e precisas*, fazendo-lhes, por assim dizer, tocar os proprios elementos d'essas idéas nos objectos materiaes, que elle lhes põe perante os olhos. Este methodo *rejeita pois*

as abstrações, substitue a cousa á definição, e a realidade as formulas.

N. 2.º

Processos do ensino de calculo verbal.

Estes processos se dividem em duas especies, a saber: 1.º Processos de ensino de calculo verbal proprio. 2.º Processos de ensino do calculo verbal no systema metrico.

1.

Processos de ensino do calculo verbal proprio

A fim de, até um certo ponto, materializar os numeros segundo o methodo, que acabamos de indicar, poderá o Professor servir-se de uma collecção qualquer de objectos, aquella porém cujo uso é mais comodo vem a ser a collecção de bollinhas ou esferas que apresenta o espherario—contador. Este instrumento se compõe de um quadro rectangular de madeira, que deve ter cinco a seis decimetros de lado, em o qual estão presos d'z fios de ferro ou arames, tendo cada—um dez bollinhas de dous a tres centimetros de diametro. Eis como delle se serve.

Trata-se primeiramente de ensinar aos meninos os nomes dos numeros, ou como vulgarmente se diz, de ensinar-lhes a contar. Para isto depois de os haver formado em frente do *espherario*, o Mestre com uma varinha impelle para um lado uma bollinha da primeira fileira, duas da segunda, tres da terceira, &c. Em quanto não excede ao numero dez, vai elle pronunciando a cada movimento de bollinhas primeiramente os nomes dos numeros inferiores á aquelle que indica o total de quantas bollinhas tem sido deslocadas, e depois o nome deste mesmo nu-

mero total e exige que os meninos repitam todos os numeros em voz baixa.

Depois d'este 1.º exercicio o Professor se limita a impellir as bollinhas, e faz com que as contem em voz alta os meninos á quem se dirige individualmente (indicando-os para isso um a um alternada e inesperadamente, para que todos estejam attentos).

Passando a segunda dezena, o Professor começa por impellir de um só movimento, as d'z bollinhas da primeira fileira, depois da a conta á cada bollinha, que ella vai deslocando da 2.ª fileira, e assim chega até vinte.

Exforça-se então por fazer que os meninos apprendão os nomes dos numeros, que terminão as outras dezenas..... (a).....

Logo que os meninos sabem contar até 100, ou mesmo antes disso, o Mestre os exercita sobre as quatro operações fundamentais da Arithmetica, chamadas *quatro especies*, ou quatro regras, fazendo-lhes compôr e decompôr numeros pouco mais ou menos do modo seguinte, porém sempre com o auxilio do espherario—contador, que deverá pela disposição de sua bollinhas tornar sensivel, e por assim dizer, palpavel, cada uma das operações:

Adição. (1X1-2; 2X1-3; 3X1-4; 4X1-5; 5X1-6; etc.
1X2-3; 3X2-5; 5X2-7; 7X2-9; etc.
1X3-4; 4X3-7; 7X3-10; etc.

Subtração. (10-1-9; 9-1-8; 8-1-7; etc.
12-2-10; 10-2-8; 8-2-6; etc.
15-3-12; 12-3-9; 9-3-6; etc. etc. etc.

Multiplicação. (1 vez 1-1; 1 vez 2-2; 1 vez 3-3; etc.
2 vezes 1-2; 2 vezes 2-4; 2 vezes 3-6; etc.
3 vezes 1-3; 3 vezes 2-6; 3 vezes 3-9; etc. etc.

Divisão. (a metade de 2-1; a metade de 4-2; a metade de 6-3; etc.
o terço de 3-1; o terço de 6-2; o terço de 9-3; etc.
o quarto de 4-1; o quarto de 8-2; o quarto de 12-3;

Quando os meninos, por meio do esphorario, tiverem chegado a fazer todas as addições, subtracções, multiplicações e divisões possíveis, sobre os numeros um até 100, obrigar-se-lhes-ha a fazer os mesmos exercíciõs (appresentando-lhes o numero de um modo abstracto e logo depois se lhes poderá fazer dar alguns pequenos problemas para resolverem. Mas então um outro estudo se torna indispensavel, e passamos a tratar d'elle.

II

Processos de ensino do calculo para o systema metrico.

Por mais simples, que sejam qua a i, não ha problemas praticos que não tenham relação com alguma das unidades da que se compõe o systema metrico decimal; e consequentemente não podem os problemas, que se referem a taes medidas, serem resolvidos com intelligancia, si antes d'isso já não tiverem os alumnos certas noções sobre esta materia. Por outra parte, é da mais alta importancia familiarizar mui cedo ainda mesmo os mais tenros meninos com os nomes dos novos pesos e das novas medidas. Si o antigo systema, apesar de seus numerosos inconvenientes, e das prohibições da lei, ainda predomina, (a) é isto talvez devido ao facto de que as antigas medidas já tem tomado posse do espirito dos meninos antes de se lhes começar a fallar do novo systema. (b) Então é mister lutar, muitas vezes, sem exito, contra um habito, que bastaria prevenir, para torral-o impossivel. Far-se-ha pois com que os

(a) Supprimi as reflexões sobre as dezenas 7.^{as}, 8.^{as} e 9.^{as} que não são anomalias em Portuguez, como no Francuz. (Do Trad.)

(b) O mesmo acontece no Brasil, apesar da adopção lega

meninos, ainda mesmo os das duas ultimas divisões, conheçam bem as diversas unidades do systema metrico, com seus multiplos e submultiplos.

Este ensino apresentará poucas difficuldades, si a escola for provida de uma collecção de pesos e medidas; mas si ella os não possuir deverá o Professor remediar este inconveniente, expondo na aula um grande e completo quadro do systema legal, (a) e fazendo por alcançar os pesos e medidas mais uteis e usuaes. E' sobretudo neste objecto que convém fallar aos sentidos antes de recorrer ás definições; os meninos só apprenderão com rapidez, e conhecerão bem as unidades metricas, se virem, tocarem e examinarem os objectos materiaes, que as representam.

Isto não basta ainda: depois de ter apprendido a conhecer os novos pesos e as novas medidas, é mister aprender a fazer uso d'ellas. Um Mestre habil e zeloso achará mil meios de exercitar os seus discipulos, divertindo-os com a pratica do systema metrico. Para isso fará com que cada um meça a sua altura, depois de haver traçado verticalmente no saguão, ou no pateo de recreio uma altura de dois metros, dividida em decimetro e centimetros.

Medirá na estrada um comprimento de cem metros, e os meninos o percorrerão, contando os passos. Traçará no pateo, ou em outro lugar, um arco, dividido em metros quadrados, ou centiaros, os quaes fará que elles percorram e contem. Obrigar os-ha a pesarem alguns objectos, indicando-lhes as qualidades de uma boa balança e procurará achar occasião de pesar a elles mesmos. Estes exercíciõs, e muitos outros interessarão vivamente os meninos, tornalhes-lhão tão familiar a pratica do systema metrico, que já mais poderão perder o habito d'ello; e enfim

(a) Regim.^o int. art. 6.

preparal-os-lhão, quer para comprehenderem as definições, que mais tarde se lhes der, quer para resolverem os problemas relativos aos novos pesos, e as novas medidas, que não se deixará jamais de propor-lhes.

§ 2.º

Calculo escripto.

O calculo verbal é muy util aos principiantes, cujos ultteriores progressos assegura, e não o é menos aos alumnos mais adiantados, aos quaes faz adquirir o *habito da execução rapida e exacta.*

E' com tudo com o *calculo escripto*, que estes deverão occupar-se. Vamos pois, expor os principios que devem dirigir ao Mestre no ensino d'este novo modo de calculo, segundo os diversos objectos de estado, que se lhe referem, os quaes são:

- 1.º Principios do methodo particular a seguir na numeração
- 2.º Idem nas operações fundamentaes.
- 3.º Idem nas fracções ordinarias.
- 4.º Idem nos problemas, etc
- 5.º Idem no systema metrico (incluindo noções de linha, de superficie e de volume.)

Principios a seguir no ensino das diversas partes do calculo.

I

NUMERAÇÃO.

E' da mais alta importancia que os meninos saibão bem escrever e enunciar toda a especie de numeros. Sem este conhecimento, á cada passo encontram difficuldades, calculariam sempre com incerteza, e cahiriam em uma immensidade de erros. O Professor não desprezará pois, cousa alguma, a fim

de dar aos seus alumnos noções exactas e precisas sobre este ponto.

Começará pela exposição do *principio fundamental da numeração escripta*, depois, por meio do numeros, que lhes fará traçar, ou que elle mesmo traçará, lhes explicará o que se deve entender o que se deve entender por *unidades, dezenas, centenas*, e lhes mostrará as tres ordens de unidades em cada — uma das *unidades ternarias*, que lhes fará distinguir, com cuidado; e enfim lhes dará as *duas regras*, que se deve seguir para *escrever e para enunciar um numero inteiro*. Passará então a numeração dos *numeros decimaes*, que no calculo se apresentam, tão frequentemente com os primeiros.

Fará bem em dar-lhes immediatamente depois uma idéa das *fracções ordinarias*, ensinando-lhes a ler e escrever os meios ($\frac{1}{2}, \frac{2}{2}$ &) os terços ($\frac{1}{3}$,

$\frac{2}{3}, \frac{3}{3}$ &) os quartos ($\frac{1}{4}, \frac{2}{4}, \frac{3}{4}$ &) os quintos ($\frac{1}{5}, \frac{2}{5}, \frac{3}{5}, \frac{4}{5}$ &) e assim por diante até os de-

Estas primeiras nações acharão sua applicação na divisão, e principalmente serão precisas para os meninos, que não podem ficar por muito tempo na escola.

Talvez seja esta tambem a occasião propria de ensinar os algarismos Romanos, que em toda a parte se encontram, e mais notavelmente nos livros de religião.

II

Operações fundamentaes.

Ensinando as quatro regras, ou as quatro especies

O Professor não se esquecerá, que o fim unico da Arithmetica nas escolas primarias é a pratica das operações. Guardar-se-ha pois muito de apresentar á seus alumnos, sob o não pretexto de uma rigorosa exactidão, essas definições sabias, e esses raciocínios abstractos, que só servirão para amedrontal-os e embarçal-os; exporá porém toda a theoria que for facil de perceber, que for propria para exclarecer a pratica, e para fixar esta no espirito dos meninos.

Deste modo para cada operação dará uma definição, a fim de precisar bem aquillo de que se trata, mas esta definição deverá ser sempre tão breve, e tão clara, quanto for possível. O mesmo fará a respeito da regra, que indicará a marcha que se deve seguir para effectuar a operação. Quanto ao raciocínio, elle consistirá em uma simples explicação, que sirva para fazer ver que a regra dada conduz ao resultado annunciado pela definição; e no principio ainda mesmo esta explicação deverá ser omittida na quarta divisão.

Emfim cada operação será seguida de sua prova; mas si o Mestre eminar a prova dos 9 na multiplicação e na divisão, o que lhe aconselhamos, que só faça no principio, deverá abster-se de qualquer demonstração d'ellas (a)

Si o ensino do calculo, como outro qualquer ensino á meninos, deve ser essencialmente pratico nas escolas, não é isto sómente por motivo dos limites necessariamente restrictos, em que se achá contido; mas tambem porque as applicações interessão mais os meninos, e fixão melhor a sua attenção; entretanto que nada os desgosta e fatiga tanto como os exercicios, cuja utilidade não percebem. Um excellent

(a) Uma vez iniciados as provas devem ser as regras. (Do T.)

mio de tornar pratico o ensino do calculo consiste em apresentar muito frequentemente as operações de baixo da forma de problemas relativos á questões usuaes (a)

OB-SERVAÇÕES.

Na subtracção preferir-se-ha ao antigo methodo dos empréstimos, o methodo chamado das compensações o qual além de ser mais simples, e talvez mais facil de comprehender, offerece a vantagem de preparar os meninos para fazerem a subtracção, como elles a devem fazer na divisão. (b)

III

Fracções ordinarias.

Collocamos immediatamente de-pois das quatro regras, ou quatro especies, o estudo das fracções ordinarias, porque o conhecimento d'esta parte da Arithmetica é quasi indispensavel para a solução pelo methodo da unidade dos problemas relativos ás regras da tres, de juros, etc.

O Professor se conformará no ensino das fracções ordinarias com os principios que temos estabelecido para as quatro especies em inteiros e em decimaes. Elle deverá exercitar os alumnos sobre a redução das fracções ordinarias em fracções decimaes, e vice-versa, mas (no principio) (c) elle deixará de parte as fracções periodicas, e com mais razão as irreductiveis.

(a) A Arithmetica de Chardon, apropriada para este fim, apresenta 100 problemas gradués para cada regra, além de 10, ou 20 exercicios, e dos necessarios exemplos. (Do T.)

(b) O mesmo se praticará com os numeros decimaes, tendo o cuidado de attender ao logar da virgula, distinguindo e explicando os diversos casos. (Do T.)

(c) Especialmente nas escolas do 1.º gráo. (Do T.)

IV

Problemas.

Para fazer com que os alumnos adquirão o *conhecimento pratico do calculo*, o Professor deve lhes dar sobre cada um a das operações *numerosos problemas* (a) á resolver. Mas sobretudo no estado das fracções é que deve multiplicar as *aplicações*.

Estará então em termos de levantar, ou de propor questões *mais interessantes e mais difficeis*. Empregando, como dissemos, o *methodo da unidade*, o Professor até mesmo já então poderá fazer resolver esses problemas complicados sobre a *regra de tres*, joros, sociedade, liga, &, que outr'bra tornavão necessario, o *conhecimento das proporções*. Exigirá porém, que nestes exercicios o *raciocinio acompanhe a operação*. Seria abusar e fazer os meninos perderem tempo o facto de contentar-se com soluções obtidas por uma *especie de instincto*, por que em tal caso o instincto conduz bem frequentemente a resultados antes viciosos do que bons. Logo pois que o Mestre exercitar os meninos no quadro, elle os fará arazoar em voz alta, para preparal-os para resolver um problema qualquer que se proponha a dictar-lhes; e igualmente exigirá que exponhão o raciocinio por *escripto* quando calcularem *individualmente* nas mezas ou escrivaninhas das classes ou divisões. Neste ultimo caso, depois de ter examinado o trabalho, mandará fazer de novo a operação no quadro, por um dos discipulos, e durante este tempo todos os outros,

(a) 100 a 200 em cada operação.

seguinte seus cadernos, corrigirão as faltas, que tiverem cometido. (1) (b).

V

Systema metrico decimal

As divisões que se occupão com o calculo escripto, devem igualmente fazer exercicios escriptos no *systema metrico decimal*. Estas operações não são mais do que applicações do calculo decimal, por que o novo systema de pesos e medidas, foi constituido em forme o modo decimal, e por esta razão tambem se chama *systema decimal*. Todavia a numeracão metrica será objecto de um estudo particular, em razão da anomalia apparente, que apresentão o metro cubico em seus submultiplos (de 1000 em 1000) e o metro quadrado em seus multiplos e submultiplos (de 100 em 100). O Professor procurará pois prevenir os meninos contra um erro que commettem quasi sempre, e que consiste em considerar, por exemplo, o hectometro quadrado como uma superficie de 100 metros quadrados [sendo ella de 10000 metros quadrados]; o de escrever um decimetro quadrado como um decimo de metro quadrado [sendo elle um centesimo deste]; um centimetro cubico como um centesimo de metro cubico [sendo elle, um milionesimo deste], etc.

Além d'isto dar-lhes-ha a definição de cada uma das unidades metricas: e explicar-lhes-ha como o me-

(1) Para a escolha de problemas o Professor sebara uteis auxilios, quer na collecção de problemas de *Saigey*, e nas soluções d'estes problemas por *Sonnet*, quer nos pequenos tratados de *Dumouchel* intitulados: *Problemas e exercicios de calculo. Soluções demonstradas dos problemas e exercicios.* (Do A.)

(b) Para o mesmo fim recommenda-se a *Arithmetica* de *Chardon* (Do T.)

tro é o principio das outras unidades, e a base de todo o systema; explicar-lhes ha ou fará ver a relação que se póda estabelecer entre a unidade de peso e a unidade de capacidade, e lhas fará comparar o grammo com o peso de um decilitro, de um centilitro, de um decimetro cubico de agua, de um centimetro cubico de agua, etc. etc.

Por meio de taes exercicios a que se ajuntaráõ questões multiplicadas, problems variados e bem escolhidos, e que se chegará a fazer-lhes adquirir um conhecimento profundo do systema metrico. [1]

Artigo 5.º

Methodos particulares para o Portuguez (a) e grammatica nacional

Em um grande numero de escolas o ensino de Portuguez quasi que não se póde ampliar além da Orthographia; deve ser ensinado mui cedo, e com o maior cuidado. Distinguem-se duas especies de Orthographia: 1.º, a *Orthographia usual*, que consiste em escrever conforme as regras fixadas pelo uso, as palavras invariaveis, e as raizes ou radicaes das palavras variaveis; 2.º a *Orthographia grammatical*, que é a arte de escrever as terminaçoens das palavras variaveis conforme as regras da grammatica.

Como convirá ensinar estas duas especies de orthographia?

Eis o que vamos expor nos paragraphos seguintes, a saber:

[1] Para os problems convirá recorrer aos exercicios contidos nas obras, que já indicamos.

[a] Substitui Portuguez a Francez. (O Trad.)

1.º, Meios de ensinar a orthographia pratica ou usual.

2.º, Meios de ensinar a orthographia grammatical.

§ 1.º

Meios de ensinar a orthographia pratica.

Se bem que o ensino da orthographia pratica convém especialmente aos principiantes, que para este estudo só tem necessidade da memoria; e se bem que por outro lado elles não poderião applicar as regras da grammatica, que ainda não conhecem; contudo ella se refere igualmente as primeiras divisões; porque tanto não é permitido violar as leis do uso, como o não é a respeito das leis da grammatica, as quaes como as primeiras, em definitiva, não são mais do que regras de convenção. Os dous meios principaes, que se emprega para o ensino da orthographia pratica ou usual, são a *sollettração*, ou *orthographia xerbal*, e a *dictada seguida de correção*.

1.º MEIO

Sollettração.

Nada é mais simples e mais facil do que o emprego d'este meio de ensinar a orthographia pratica; trata-se de fazer que solletrem em voz alta os principiantes as syllabas, ou as palavras, que encerrão os quadros, que acabão de estudar; e os mais adiantados um trecho do capitulo, que tenha sido objecto de sua lição de leitura. Todavia, tanto para uns, como para outros, convem preparar series de palavras proprias para lhas fazer aprender os verdadeiros nomes do mil objectos, que os rodêão, e a maneira de escrevel-os convenientemente.

Essas series se achão ja preparadas em collecções

impressas; porém todas estas collecções não offerecem o mesmo grão de utilidade. Uma apresentam as palavras em ordem alphabetica, (a) e em outras ellas estão collocadas pela ordem das materias, isto é, as que se referem a uma classe de idéas, pertencem tambem a um mesmo capitulo. Este ultimo systema seguido por Pautex parece-nos em tudo preferivel ao primeiro. Com effeito aquelle tem o inconveniente de fornecer aos meninos o modo de sollettrar uma palavra, sem que conheçam a orthographia da mesma senão pela lembrança da palavra precedente. Este inconveniente desaparece nas collecções feitas pela ordem das materias, as quaes tem ainda a vantagem de dar aos meninos uma idéa geral da significação das palavras. Usar-se-ha pois das duas collecções do Pautex, que são appropriadas uma para os principiantes, e a outra para as duas primeiras divisões.

Eis a marcha que se deve seguir para o Mestre servir-se d'ellas com proveito. Logo que os meninos tem estudado durante um tempo sufficiente a serie das palavras, que deve fazer o objecto do exercicio, o Mestre os faz sollettrar de memoria cada uma destas palavras, tendo o cuidado de explicar aquellas, que pareçam apresentar alguma difficuldade, corrige, sendo preciso, os termos improprios, e os barbarismos, tão communs entre os rusticos; chama a attenção sobre os homonymos, que uma palavra da serie forneça occasião de indicar; ou exercita os discipulos em achar os por si mesmos.

II

Dictada.

dos para poderem escrever por *dictada*, este exercicio. Desde que os meninos esliverem bastante adianta-

(a) Como as orthographias de coruja ou Madureira.

cio será empregado concurrentemente com o primeiro, porque elle fornece um novo e precioso meio de gravar no espirito a orthographia das palavras. Os assumptos das dictadas porém, não devem ser tomados ao acaso; é mister ao menos no principio que as phrases sejam breves e facéis de comprehender; é mister tambem que as difficuldades grammaticaes lhes sejam poupadas, de modo que ellas não excedão o grão de instrucção dos meninos. O Mestre deverá pois, na falta de um curso gradual de dictadas, procurar nos bons auctores assumptos convenientes, e procederá de sorte que os extractos escolhidos encerrarem um factõ de historia, um pensamento moral, ou algumas noções uteis. Basta dizer, que em vez de empôr phrases isoladas, os exercicios de orthographia deverão firm r as mais das vezes um todo que seja proprio para interessar o espirito, e para bem nutrir o coração.

Depois que a dictada estiver feita e lida, se concederá alguns minutos aos meninos para a reverem, depois do que dever-se-ha corrigil-a. O modo de correção, que parece offerecer mai-vantagem, consiste em fazer que sollette uma palavra cada um dos discipulos, depois da troca dos quadernos. As faltas da orthographia reveladas pela sollettração, serão sublinhadas em interlinha, e notadas á margem, segundo um certo numero de signaes. Estas faltas frequentemente darão lugar a explicações, que tanto quanto seja possível, deverão ser dadas pelos proprios alumnos.

Acabada a sollettração cada corrector inscreverá o total das faltas, com seu nome embaixo da dictada, que houver corrigido. (1) O Mestre se assegurará da

(1) O Discipulo a quem pertence o quaderno deverá escrever o seu nome no alto da pagina, e a data do dia em frente do exercicio [Do Auctor.]

e exactidão da correção, *examinando depois cuidadosamente os quadernos*, e depois fará transportar a di ctada em copia limpa para um quaderno particular.

§ 2.º

Meios de ensinar a Orthographia grammatical.

Si a pratica por si conduz ao conhecimento da Orthographia usual, não pôde acontecer o mesmo quanto á orthographia grammatical, pois as *desinecias* das palavras, que fazem o objecto desta orthographia estão submettidas á variações muitas vezes embaraçantes, de genero, de numero, de pessoa, de modo e de tempo. Todas estas variações estando definidas pela grammatica, segue-se, que, para escrever correctamente é mister ler estudado as suas regras, ter-se exercitado na observancia d'estas, e enfim reconhecer na phrase, a natureza e a função de cada um dos elementos, que a compõem; em outros termos, segue-se que ha *tres meios* de aprender a orthographia grammatical, a saber:

- 1.º O estudo da grammatica.
- 2.º A applicação de suas regras.
- 3.º A analyse.

I

Estudo da grammatica.

Como indicamos nos quadros dos exercicios, são somente os alumnos das duas primeiras divisões, os que em rigor apprendem ás lições de grammatica. Entretanto as duas ultimas divisões não devem ficar estranhas a este estudo. Far se-lhes-ha pois apprender as definições das dez partes do discurso, ou da oração, as quaes se lhes tornará tão simples, quanto seja possível. Procurar-se-ha fazer que elles saibão

distinguir as diversas especies de palavras; e se exercitará os mesmos alumnos em conjugar os verbos auxiliares, e mesmo ainda os verbos regulares das quatro conjugações. (a)

Quanto a aquelles que propriamente fllando estudão a grammatica o Mestre jamais lhes dará lição alguma para apprenderem, sem que previa ou antecedentemente a tenha explicado. Exforçar-se-ha o Mestre por alcançar que esta lição seja apprendida em casa; quando no dia seguinte tiver sido feita a recitação d'ella, assegurar-se-ha por meio de um grande numero de questões, de que ella foi bem comprehendida; depois d'isto exercerá os alumnos em *achar phrases ou palavras, que apresentem as applicações das regras, que forem objecto da lição.*

Como a conjugação dos verbos é uma das partes mais importantes da grammatica, *deverá elle ensinar a em um cuidado inteiramente especial, ou muito particular.* Começando pelos verbos regulares, exercitará os meninos em conjugal-os, já de viva voz, e já por escripto; fal-os-ha distinguir bem o *radical da terminação*; procurará principalmente explicar-lhes, e ex girá d'elles, que saibão imperturbavelmente, ou sem a menor discrepância a regra da formação dos tempos. Assim preparados estarão os meninos em estado de estudar com fructo os verbos irregulares. A fim de melhor lhes fazer apreciar as irregularidades, que aprenem a esta especie de palavras, o Mestre estabelecerá diante de suas vistas uma comparação entre as *formas*, que teria um certo e determinado verbo, se fosse regular, e aquellas que o uso lhe tem dado. Fará com que elles notem bem um outro verbo desu-

(a) Em rigor tres, pois o verbo por e seus compostos são irregulares, e provem da 2.ª das 3 pelo antigo poer. (Do Trad.)

sado em certos tempos, e em certas pessoas, e o qual por este motivo é chamado *defectivo*. Emfim exercital-os-ha em conjugar os verbos de uma e de outra especie.

Um excellento methodo para seguir-se no ensino da grammatica, sobretudo em relação aos meninos, que apprendem a syntaxe, é o de fazer-lhes *rever nos subhdos* todas as lições da semana. Este *estudo retrospectivo* é para elles da maior importancia, porque lhes grava na memoria noções, que talvez estejam perto de apagam-se, e porque lhes permite approximar umas das outras regras, que muitas vezes se completão ou modificão-se reciprocamente. (1)

II

Applicação das regras grammaticaes.

Para saber a orthographia grammatical não basta ter estudado as regras da grammatica, nem mesmo as ter comprehendido bem. É mister ainda, sob pena de expôr-se a uma multidão de erros, *reconhecer* á primeira vista as *phrases* e as *palavras* que a ellas se referem. Tal é o fim, que o Professor se propõe attingir por meio dos *exercícios de orthographia grammatical*. Estes exercicios deverão pois ser de certo modo graduados, e calculados conforme as lições apprendidas; deverão applicar-se especialmente a duas ou tres regras recentemente estudadas; e depois por intervallos apresentarem resumos mais ou menos extensos.

Existe um grande numero de collecções redigidas pouco mais ou menos pelo plano, que acabamos de

(1) A grammatica que nos parece mais conveniente para os meninos mais tenros das escolas é a pequena grammatica de Lhomond, revista e completada pelo Sr. Guérard (Do Auctor.)

indicar. Os auctores d'estas obras porém, quer pela esperanza de obtorem *resultados mais rapidos*, quer para *evitarem a perda de tempo*, que occasionão as *dictadas*, procurarão o meio de poderem os meninos habitualmente usarem de seus exercicios, sem tirar a estes o merito da *applicação* das regras. Commettêrão pois premeditadamente erros nas palavras, ou nas construcções de phrases, que se referião as regras, que se tratava de applicar. Uns dissimularão inteiramente no texto esses erros, e a estas collecções suas deu-se os nomes de *Cacographias*, ou de *Cacologias*, conforme as faltas commettidas são faltas de orthographia, ou faltas de Portuguez. (a) Outros distinguirão do texto, apresentando com caracteres diferentes, as palavras mal escriptas, e as expressões defeituosas; ou algumas vezes tem substituído por uma simples risca qualquer palavra sobre que querião chamar a attenção.

A primeira d'estas especies de collecções é essencialmente viciosa, e deve ser proscripta. Se se que os erros representão um grande papel no estudo da orthographia, pois que as cacographias e cacologias, apresentando grosseiras faltas perante os olhos dos alumnos, serião para elles, antes uma nova origem de erros, do que um meio de instrucção. Ellas além, disto, os exporão a achar, ou suppor, nas palavras correctamente escriptas, essas mesmas faltas, que se lhes manda corrigir. Quanto ás collecções da segunda especie, si ellas forem approvadas pela authoridade competente, poderãõ ser entregues aos meninos, para seu uso. Estes se reunirãõ de ordinario em grupos para se servirem d'ellas; então cada alumno corrige uma palavra, ou uma phrase, e apresenta as razões sobre que funda sua correcção.

(a) Está Portuguez em logar de Francez.

Por mais uteis que sejam estes exercícios para o estudo da *orthographia grammatical*, não julgamos que elles possam substituir inteiramente as *dictadas*; aconselhamos pois ao Mestre, que empregue alternativamente os dous meios. Tomará pois seus assumptos de dictadas na parte já correcta das colleções, de que acabamos de fallar, ou por leves modificações adaptará ás regras estudadas exemplos ou trechos extrahidos de alguns bons authores.

III

Analyse.

O terceiro meio de apprender a *Orthographia grammatical* é a *analyse*, que tem o nome de *analyse grammatical*, ou de *analyse logica*, conforme ella decompõe a proposição em seus elementos grammaticaes (as palavras) ou em suas partes essenciaes (sujeito, verbo e attributo ou predicado).

— Aitula que a *analyse logica*, redazida á noções elementares, seja de uma *utilidade incontestavel*, quando menos por motivo da viva luz, que exparge sobre a *analyse grammatical*; contudo d'ella não fallaremos aqui, porque ella se refere *mais á composição do que á orthographia*; mais de modo algum pretendemos condemnar a *conclucta* dos professores, que encarregados da direcção de escolas importantes (ou do 2.º gráo) completam bem o seu ensino por este exercício, uma vez que d'isto usem com discrição e sobriedade.

— Quanto a *analyse grammatical*, se bem que deva tambem conter-se em justos limites, ella não pode ser desprovido em parte alguma. Para se fazer começar o seu estudo, não se esperará que os meninos tenham apprendido a primeira parte da grammatica. Desde que tiverem visto os tres ou quatro primeiros capitulos, serão exercitados em reconhe-

cerem nas reuniões de palavras, que se lhes propozer, a natureza, ou a classe ou especie, o genero, e o numero de cada uma. Logo que esteja estudado o verbo, se poderá fazer com que *analysen proposições inteiras*, mas estas proposições *primeiramente serão mui simples*, e as palavras dellas serão apresentadas na ordem natural ou grammatical.

A estes dever-se-ha mesmo indicar os meios mechanicos proprios para fazer-lhes descobrir a natureza e a função das palavras. Estes meios que sem duvida é preciso preferir aos que fundão se no raciocinio, são muito mais facéis para os principiantes.

Quando as dez partes do discurso tiverem sido estudadas, e os alumnos já tiverem adquirido um certo habito, os assumptos da *analyse* serão mais longos e mais difficieis. Conterão *inversões, syllepses, ellipses e pleonasmos*, phrases em que se encontram palavras, que com forma idêntica, pertencão contudo á classes, ou á especies diversas, e mesmo algumas vezes essas locuções chamadas *idiotismos*, que não é possível analisar de um modo racional senão quando são substituidas por expressões equivalentes.

A *analyse* se fará com brevidade e simplicidade, e quasi sempre de viva voz. Nos casos em que for feita por escripto, os alumnos se limitarão a indicar a natureza, a especie, os accidentes e a função de cada palavra. Deverão porém apresentar estas indicações com muita ordem e nitidez. Um meio excellento, que se pôde empregar para isto, consiste em dividir as paginas do quaderno de *analyse* em *collumnas* semelhantes ás do quadro junto.

A *analyse* escripta será corrigida conforme o modo porque se corrige as *dictadas*, e segundo os mesmos principios.

Modelo dos quadros de analyse escripta.

PALAVRAS	NATUREZA OU CLASSE	ESPECIE.	ACCIDENTES.				FUNÇÃO.	
			Conju- gacão.	Modo	Tempo.	Pessoa		Numero
Vós.	pronome	pessoal.				2.ª pes- soa.	plural	Sujeito de <i>estudaes</i> .
estudaes	verbo.	activo.	1.ª con- jug	indicat.	presen- te.	2.ª pes- soa.	plural	
a	artigo.	simples.					singular	adica que <i>gram- matica</i> está detey- minada.
gramma- tica.	nome su- bstantivo.	e o m- mum ou appella- tivo.					singular	Complemento dire- cto de <i>estudaes</i> .
portu- gueza.	adjectivo	qualifi- cativo (genti- lizo.)					singular	Qualifica <i>gramma- tica</i> com a nota gentilica.

TERCEIRA PARTE.

Educação moral e religiosa.

Mais importante que a educação intellectual, que esclarece o espirito, a *educação moral* forma o coração, isto é *corrige* os defeitos do caracter, destrõe ou previne os máos habitos, dispõe a vontade, para seguir os preceitos da virtude em *uma* palavra, assegura a observancia da lei que todo o homem, que vive na sociedade, acha gravada no fundo de seu coração, a qual se chama *lei natural*.

Esta lei emana evidentemente do proprio Deus, porque se não fosse assim ella não seria mais do que uma inexplicavel illusão do espirito humano. Debaixo desta relação ella é pois uma verdadeira lei religiosa. Por outro lado a lei religiosa propriamente tal, reproduz exactamente os preceitos da lei natural. Sem duvida a lei religiosa completa, eleva, enobrece e aperfeiçoa os *deveres*, que a lei natural nos impõe, ella os esclarece com sua divina luz, e facilita o cumprimento d'elles pelos meios *espirituaes* que põe a nossa disposição, mas tanto esta como aquella tem um unico e identico objecto, que é: o amor do bem e a pratica da virtude. (1)

Disto se segue que é igualmente impossivel separar a religião da moral, e esta d'aquella. E' por este motivo que julgamos dever reuni-las debaixo de um titulo commum a ambas nesta parte de nosso curso.

E' permittido assegurar com Montesquieu e muitos outros, que uma vida conforme com os principios da moral christã, alcança para o homem toda a feli-

(1) « A religião natural (dice o proprio Voltaire em uma de suas obras) é o começo do christianismo, e o christianismo é a lei natural aperfeiçoada.

cidade, que elle pode gozar aqui na terra. (2) Com effeito: perseguindo o vicio de baixo de todas as formas a lei evangelica suffoca em seu proprio germen a maior parte dos males, que assolão a humanidade, enquanto pela doce influencia das virtudes, que faz nascer, ella enche o coração de uma paz ineffivel, que as dores mais vivas, e os golpes mais terríveis da fortuna apenas podem abalar. E' pois sobretudo em dar a educação moral e religiosa, que o professor se tornará inteiramente util aos seus alumnos. Para ser bem succedido nesta bella, mas difficil empreza, terá elle quatro obrigações principaes que preencher; a saber:

- 1.º Estudar o caracter dos meninos.
- 2.º Combater certos defeitos mui frequentes em sua idade.
- 3.º Fazer que conservem ou adquirão elles certas virtudes essenciaes.
- 4.º Empregar diversos meios de reconhecida efficacia para nelles fortificar o instincto moral e o sentimento religioso.

Capitulo I.º

Estudo das principaes differenças, que apresenta o caracter dos meninos.

Eis o que diz a este respeito o Sr. Barrau, á cujas palavras nada podemos acrescentar.

« Os meninos tem traços geraes, que são communs á todos elles; mas ha uma infinidade de traços particulares, que os differencião. Não é mais difficil achar duas folhas de arvore inteiramente si-

(2) A religião christã, que parece ter somente por objecto a felicidade da outra vida, faz ainda mais a nossa felicidade nesta vida. » (Espírito das Leis.)

milhantes, do que dous caracteres perfeitamente gêmeos.

« Emprehender reduzir todos ao mesmo nivel, seria forçar a natureza; procurar dirigil-os pelas mesmas molas ou meios, seria intentar o impossivel.

O professor estudarã pois cuidadosamente todos os diversos caracteres; colherã todas as informações, que os paes de seus alumnos, seus vizinhos, e suas vizinhas, e seus amigos poderem transmitir-lhe; observará em affectação nos passios e nos jogos ou brinquedos do recreio, nos quaes o natural achando-se fora do constangimento da aula, manifesta-se e em toda a sua liberdade; ganharã sua confiança, e alcançarã d'elles a revelação dos secretos pensamentos de seu coração. Por um tal estudo chegarã a conhecel-os bem, e empregará com cada um d'elles os meios mais apropriados á sua natureza.

« Ha alguns cujo natural vivo e jovial cousa alguma pôde tornar serio, e cujas faltas, sempre motivadas pela leviandade, são quasi sem consequencia.

« Ha outros cujo humor é sombrio e feroz, e que quando fazem o mal, o praticão com premeditação culpavel.

« Em alguns um exterior brando, modesto, e doce é o indicio das mais felizes qualidades, em outros este mesmo exterior esconde uma hypocrisia profunda, e serve de véo á todos os vicios.

« Tambem os ha (pouco apenas dizem-o) taes, que é mister jamais mostrar-lhes amizade; porque o affecto que se lhes testemunha os torna orgulhosos e insolentes.

« Outros pelo contrario dasfallecerião ou affrouxarião se não fossem despertados por palavras vivas; sem esta animação externa do Mestre, que a elles se com-

munica, desconcertarão todas as medidas ou providências, por sua incurável apathia.

« Também ha alguns á quem é mister fallar com essa amigavel familiaridade, que os anima, e os enche de alegria e de esperanza.

« Com outros a voz deve sempre ser grave e o ar severo; pois é mister conservar os em distancia.

« Ha alguns que o temor sustem, e outros a quem elle embrutece e desanima.

Tambem os ha tão ardentes e impetuosos que é mister moderar-os até mesmo no bem, e com elles empregar sempre as redêas e o freio.

« Ha alguns que é mister advinhal-os, e que de baixo de um exterior quasi estúpido, escondem ou occultão um espirito penetrante e uma sensibilidade profunda.

« Aqui paro, pois querer circum-tanciar ou discriminar os traços, que differencião todos os caracteres dos juvenis alumnos, seria emprehender uma tarefa infinita.

« No principio de seu exercicio o Professor se enganará talvez na apreciação dos caracteres. Logo que as suas próprias observações, ou as sabias admoestações de um superior, ou de um amigo o tiverem advertido de seu erro, se apressará em reparal-o. Quanto mais avançar em sua carreira, tanto mais raras serão suas faltas. Adquirirá insensivelmente esse delicado tacto, tino, ou gosto, que faz apreciar prompta e seguramente os caracteres, e esse dom que, quasi sem se pensar, faz que se empregue instinctivamente com cada um d'elles os meios de ser bem succedido. (1):

(1) Direcção moral para os Professores.

Capitulo 2.º

Defeitos particulares que se deve combater nos meninos.

Este estudo dos caracteres, que nos permittirá distinguir as suas diversas variedades, tambem nos fará descobrir em nossos alumnos os primeiros ataques ou aggressões do vicio, ou talvez máos hábitos ja adquiridos. Com effeito, é mister não dissimular, que um grande numero de meninos, que se apresentam na escola forão muito descuidados, ou negligenciados por seus paes, e alguns até mesmo no seio da familia soffrerão funestas influencias. Quanto á aquelles, que uma constante solicitude abrigou de qualquer impressão inopportuna, não são por isso mais isentos de defeitos; porquanto si é verdade que a alma candida dos meninos se mostra sensivel aos encantos do bello, é mister tambem reconhecer, que o germen do mal está no fundo do seu coração, como no fundo do coração de todos os homens. Os defeitos que ordinariamente se encontram n'elles, e que o Mestre deverá combater são:

- | | | |
|-----|--------------------------|--------------|
| 1.º | A Sensualidade..... | (3.º e 5.º). |
| 2.º | A Preguiça..... | (7.º). |
| 3.º | A Mentira..... | (2.º e 4.º). |
| 4.º | A Inveja..... | (6.º). |
| 5.º | O desejo de dominar..... | (1.º). |

I

Sensualidade.

Frueto de nossa corrupção original, a sensualidade, esse desejo immoderado dos gosos dos sentidos, é o primeiro defeito, que se revela na infancia. Ninguém se admirará disto se considerar, que, conforme as leis da natureza, o desenvolvimento dos or-

gãos precede o despertar da intelligencia, e que assim muito tempo antes de ser capaz de reflectir, o menino se achia em presença do prazer e da dor. Guiado unicamente pelo instincto da conservação, elle faz bem cedo a sua escolha; attira-se para o prazer, e foge da dor com toda a sua energia. Mas resulta d'isto que a parte *material* do seu ser tem já tomado sobre elle demasiado imperio, enquanto a parte *espiritual*, á quem compete o commando, dorme ainda.

E' em consequência d'esta prioridade da vida animal, que a *sensualidade* se manifesta mui cedo nos meninos; é esta a razão porque elles procurão com avidéz os doces e as comidas de seu gosto; porque muitas vezes comem dellas com excesso; porque são pouco inclinados a repartir com os outros, o que podem reter para si mesmo; porque na maior parte de suas acções elles tem em mira a satisfação de seus sentidos; e porque enfim estimão ou avalião acima de tudo aquillo, que lhes parece proprio para augmentar o seu bem estar.

O Professor não desprezará cousa alguma afim de corrigil-os d'este defeito, que pode ser fonte ou origem de outros muitos. Começará por fazer-lhes comprehender, que dos dois principios de que o homem se compõe a *alma* e o *corpo*, um o torna semelhante ao proprio *Deos*, e o outro o aproxima das animaes *irracionais*; que a *alma* dotada das mais nobres faculdades é destinada a conhecer, amar e possuir o *Ser infinitamente perfeito*; e que o *corpo*, tirado do pó, para onde bem depressa deve voltar, não é mais do que uma *prisão* incômoda, que conserva a *alma* afastada do seu fim, e do lugar de seu descanço.

Depois lhes ensinará que a *alma* e o *corpo* tem

tendências inteiramente oppostas; que consequentemente a vida do homem é um combate perpetuo entre estes dous principios; que *victoriosa na lucta a alma conserva sua dignidade* e suas esperanças immortaes; e que *vencida ella se envitece* e se desherda, sem proveito do *corpo*, que só se pôde salvar com ella.

Elle lhes dirá ainda, que o homem que vive *espiritualmente*, é o unico capaz de fazer *acções grandes e generosas*; que por outra parte, a *temperança* é a mais segura garantia de uma existencia *feliz*, de uma mocidade sem tormentos, e de uma velhice sem enfermidades; que a *intemperança* pelo contrario *faz descer ao nivel do bruto* quem a ella se entrega, que ella en he seu coração de *amargura*, que occasiona uma multidão de *molestias*, e que ella se expia muitas vezes por uma *morte prematura*.

II

Preguiça.

Um outro defeito que a sensualidade alimenta e nutre, depois de o ter feito nascer, é a *preguiça*. Tratando da disciplina da escola, já indicamos alguns meios que se deve empregar para combater esta enfadonha disposição, que se encontra na maior parte dos meninos. Ha porém um ponto de vista mais elevado no qual aqui convem attacal-a. O professor apresentará a *preguiça* aos seus alumnos como uma desordem grave, como uma violação da lei de *Deos*, que por si mesmo impoz o trabalho ao homem peccador.

Ensinar-lhes-ha que ella pôde ter as mais desastrosas consequências moraes, por dar entrada no coração a todos os vicios. (a) Deverá tambem ex-

(a) A ociosidade é mãe dos vicios.

pôr-lhes as suas consequências materiaes, que serão talvez mais capazes de produzir nêlles uma salutar impressão. Assim pois lhes fará ver que a ociosidade ou vadiagem gera o tédio ou aborrecimento, que é uma fonte ou origem de privações e de pezares, para quem se lhe entrega; e que ella conduz á penuria e mendicidade, e algumas vezes tambem ao roubo e á infamia.

Todavia se observará que a preguiça dos meninos não resulta sempre de uma aversão bem pronunciada para o trabalho, pois que em muitos casos um grande numero d'elles, tendo uma intelligencia pouco desenvolvida, ou um character indolente, se deixão amedrontar e abater pelas primeiras difficuldades que encontrão. A fim de prevenir este desanimo funesto, ao menos no principio, só lará aos seus discipulos lições ou tarefas facéis, e se esforçará por lhes tornar agradável ou attrahente o estudo. — « O bom successo neste ponto, diz Rollin, depende muito das primeiras impressões, e a grande « attenção dos mestres encarregados dos primeiros « elementos, deve ser o de fazer com que um menino, que ainda não é capaz de amar o estudo, não « lhe tome immediatamente aversão, pois é de temer « que a amargura que nisso primeiramente tenha « sentido, o siga depois até a idade mais avançada.

III.

Mentira.

A *mentira* é ainda um defeito muito commum entre os meninos, que a ella se abandonão pelo desejo de escapar aos castigos e reprehensões. Conforme o consellho de Lerke, o Professor perante seus alumnos seus alumnos fallará sempre a respeito da *mentira*,

como sendo esta a cousa mais vergonhosa, que ha neste mundo, e como sendo um vicio detestavel, que deshonra inteiramente o homem, e que o degrada e attira no lugar do que ha de mais baixo e desprezivel.

Por outro lado elle procurará estimular-lhes a honra sobre este ponto importante, primeiramente testemunhando-lhes uma grande confiança, ainda mesmo nas cousas, em que elles passão ter interesse em disfarçar a verdade; e em segundo lugar fazendo-lhes comprehender a differença que ha entre um menino sincero, em quem o Mestre se fia, plenamente, e um menino dissimulado, em cujas palavras ninguém poderá ter confiança, nem dar-lhe fé.

Deverá tambem o Professor evitar por si mesmo não os expôr á mentir pelo facto de punir ou castigar todas as faltas com igual rigor; considerará como lei o dever de perdoar facilmente as faltas ligeiras, e o de affrouxar algum tanto a sua severidade em castigar as faltas graves que se lhe tiver francamente confessado.

Com aquelles porém que faltarem a verdade, não satisfeito com tirar lhes os pequenos cargos, que elles podessem ter de preencher junto de seus condiscipulos, affligir-lhes-ha alguns dos castigos que acima indicamos, e lhes fará sentir que elles não gosarão mais da sua confiança, sem que primeiro tenham dado provas de sua emenda, e de sua sinceridade.

IV.

Inveja.

Ainda que a maior parte dos meninos que frequentão as escolas pertençam ás classes inferiores da sociedade, isto é, á aquellas que são obrigadas a procurar nos trabalhos de suas mãos o sustento de cada dia, concluido segundo o gôlo de abastança das fa-

mílias, ha entre ellas differenças. que excitão a concupiscencia ou cubiça dos menos favorecidos da fortuna, e enchem seu coração de tristeza. A' seus olhos, o menino cujo pae está ao abrigo da necessidade é um *feliz do seculo*, os vestidos ou vestuários, que estreia, os leves botins que lhe permitem correr, o brinquedo com que se diverte, o pedaço de pão branco, destinado para sua modesta comida, são outras tantas vantagens, que despertão a *inveja* no fundo de seu coração.

Se não fôr suffocado em seu nascimento, este sentimento baixo e cego se desenvolverá rapidamente nelles, fará o tormento de sua vida, e mais tarde mudando de objecto será talvez para a sociedade uma origem de perigos. O Professor deverá pois, tanto por interesse publico, como pelo interesse particular de seus discipulos applicar-se a combatel-o, ainda mesmo antes de o ver manifestar-se.

Começará imprimindo na *inveja* o estigma que merece este vicio odioso. Depois ensinará aos meninos que a desigualdade das condições ou posições sociais, é uma grande lei estabelecida pela Sabedoria Divina; que ella é o resultado necessario do estado de solidade, à que o homem é destinado; que esta differença de logares e de fortunas é a condição essencial dos progressos geraes da humanidade; que ella em consequencia se torna toda em proveito de e da um; pois que qualquer homem, por mais humilde que seja o papel, que a Providencia lhe marcou, tem parte nos beneficios da civilização, e que pelo contrario uma multidão de privações, tanto para o pobre, como para o rico, serão a consequencia de uma igualdade perfeita.

O professor se esforçará depois em fazer-lhes

compreender que a felicidade da vida é independente da condição, em que se existe collocado; que qualquer homem rico ou pobre alcança para si só uma parte dos bens reaes, conforme o modo porque sabe regalar a sua conducta; e que o simples artista que vive contente com sua sorte, ou trabalha com calma para a melhorar, muitas vezes goza em sua humilde posição, mais felicidade do que se encontra no seio da grandeza e da opulencia; que além d'isto a Providencia preparou para as situações apparentemente menos favoreridas, vantagens, que compensão seus inconvenientes; em quanto que os dons da fortuna expõe aquelles, que os tem recebido á mil tentações perigosas, e á mil accidentes funestos.

Emfim lhes dirá que não é dado á pessoa alguma ser verdadeiramente feliz aqui na terra; que as riquezas, as honras e os prazeres, objectos usuaes da cubiça dos homens são incapazes de encher a immensidade do coração; que segundo os Decretos da Providencia, o tempo passado sobre a terra é um tempo de expiação e de prova; que os impacientes que querem ser felizes logo nesta vida, não o serão agora, nem depois; porém que os verdadeiros sabios, aquelles que sabem esperar, serão um dia saturados de ineffaveis delicias, e que a sua felicidade na patria celeste será tanto maior, quanto menos parte terão tida nos falsos bens do mundo.

V

Desejo de dominar.

Um quinto defeito que o Professor encontrará na maior parte de seus alumnos é o desejo de dominar. Esta disposição viciosa se manifesta nos meninos, ora pela mania de medir entre si as suas forças, e

pelas provocações e disputas, que d'ellas resultão; ora pela energia com que pretendem impor sua vontade, ou pela resistencia que oppõem á vontade dos outros, e algumas vezes pela ambição com que proseguem apoz do 1.º lugar, e muitas vezes pelo máo tratamento, que usão com os animaes.

O desejo de dominação no sentir de Locke é origem da maior parte das injustiças que perturbão a vida humana. O Professor não desprezará cousa alguma para suffocar no coração de seus alumnos esta perigosa paixão.

Primeiramente lhes dirá que a verdadeira grandeza consiste em cada um vencer-se a si mesmo: em fazer o bem e evitar o mal que a força muscular é a ultima vantagem de que possa ter orgulho a creatura racional, pois que um grande numero de animaes excedem-nos á este respeito; e de mais que aquella que gosta de fazer-se temer pelo vigor de seu braço é semelhante a esses animaes feroces, que todos temem encontrar; que não se odeia menos o homem impetuoso e arrogante que pretende dobrar todo o mundo ao seu capricho, sem attender elle de modo algum a vontade alheia; que evita-se ter relações com elle, e que pessoa alguma toma parte nos numerosos accidentes que lhe acontecem.

Além disto o Professor punirá do modo mais severo as injurias, disputas, e actos de violencia, de colera e de vingança. Será rigoroso principalmente contra os provocadores, e afim de humilhá-los mais, exigirá que dêem reparação ou satisfação a seus condiscipulos offendidos.

Os esforços que fazem os meninos para occuparem o 1.º lugar, esforços louváveis enquanto não excedem os limites de uma razoavel emulação. Também podem ter por motivo a paixão de dominar, e

então entretem no coração um orgulho não menos ridiculo do que insupportavel. O Professor se esforçará em prevenir esta desordem, dizendo a seus discipulos, que pessoa alguma tem direito de ufanar-se, ou ter vaidade de seus talentos, que são um dom gratuito do Auctor de todos os bens; que aquelle que foi favorecido por este lado, muitas vezes é privado de vantagens de outra natureza, aliás mui communs em torno d'elle; que por outra parte, o homem mais instruido nada sabe em comparação do que poderia saber, e que o alitano que obtem mais successos na escola é de uma ignorancia profunda em relação a qualquer pessoa que sabe realmente alguma cousa.

É ainda em consequencia d'esta inclinação para a dominação, que os meninos se divertem em atormentar os animaes. Sujeitos, em razão de sua idade, á uma continúa subordinação, julgão-se felizes, achando seres, sobre os quaes tambem por sua vez, possam exercer uma especie de poder; e satisfazerem tanto mais livremente suas tyrannicas phantasias, quanto menos comprehendem o soffrimento que não se revela por gemidos, nem lagrimas.

Sempre censuravel, ainda mesmo quando é resultado da irreflexão, a brutalidade a respeito dos animaes é odiosa, quando tem por sua causa estes accessos de furor, em que a extravagancia disputa com a barbaria. Com effeito, quem não ficaria cheio de indignação, vendo, como ainda muitas vezes se vê, esmagar, ou opprimir com pancadas um desgraçado animal de carga, demasiadamente cansado talvez, ou exgotado de forças por falta de sustento? O Professor revelará, ou exporá aos olhos de seus discipulos todo o que ha de cobarde ou de louco em semelhante comportamento, e procurará preservá-los de um habito, que amortecendo sua sensibilidade, os ex-

poria a serem também dures e cruéis com seu próximo. — « O Professor deverá pois (segundo aconselha o Sr. de Gerando) lhes notar bem os serviços « que os animaes domésticos prestão ao homem, os « benefícios, que esperão d'elle, o affecto com que « em troca os pagão. Ensinar-lhes-ha a considerar « nos animaes, se já quaes foram, a obra do Creador, e uma de suas obras mais dignas de attenção; « os ensinará a observar sua estrutura, sua organização e seu instincto; e os interessará assim em favor d'estas creaturas animadas e sensiveis, que « de baixo de mil formas diversas, povôão a terra, e « sobre ella respirão em companhia do homem. » —

Capitulo 3. °

Virtudes que é essencial conservar ou estabelecer no coração dos meninos.

Luttando sem descanso contra os defeitos ordinarios dos meninos, o Professor alcançará sem duvida corrigil-os disso, e fazer-lhes adquirir habitos contrarios. Elle os afastará por este modo, dos gestos grosseiros dos sentidos; lhes inspirará o amor do trabalho, e o respeito para a verdade; extinguirá nelles a cubica invejosa, e esse ardor por dominar, que os possui. A isto só porém não se devem limitar os seus esforços; elle não terá preenchido sua missão de um modo completo senão quando tiver desenvolvido no coração de seus alumnos todos os sentimentos louvaveis, e tiver estabelecido nelles todos os habitos honestos. Entre as virtudes que importa muito ao homem adquiril-as, umas tem especialmente por objecto o aperfeiçoamento moral, e outras tem um caracter mais religioso.

Artigo 1. °

Virtudes moraes propriamente taes.

As *virtudes moraes*, podem ser divididas em virtudes individuaes, domesticas e virtudes sociaes, conforme se referem á propria pessoa, á sua familia, e a seus concidadãos, os deveres que ellas nos obrigão a cumprir. Sem preoccuparmo-nos com esta distincção, vamos dizer algumas palavras a respeito de cada uma das virtudes moraes, que são mais importantes.

I

Pureza de costumes.

Uma virtude que exerce sua benéfica influencia sobre o homem todo, e que mais do que outra qualquer entretém a paz no seu coração, e o preserva de suas quedas lamentaveis, que muitas vezes é mister expiar pelas dôres, ou pela vergonha, é a virtude sancta da *pureza*. A maior parte dos meninos estão ornados com ella quando se apresentam na escola, assim pois trata-se, não tanto de fazer se adquirir este precioso dom, como sobretudo de impedir por meio de multiplicadas precauções, que elle se possa escapar.

« Muitas vezes um menino ainda tenro, que é « entregue ao mestre cheio de candura e ingenuidade, sahe da escola perdido e estragado. Por alguns « retalhos ou fragmentos de sciencia humana, que « adquiriu durante seus annos de estudo, recebeu « um *veneno funesto*, que consumirá sua alma e seu « corpo. Será pois como o preço da mais bella de « todas as virtudes, que terá comprado alguns « clarões ou vislumbres de intelligencia! Que terrivel conta os paes não poderão exigir d'aquelle, « que honrarão com sua confiança, se foi por sua

« culpavel indifference, que seus filhos cahirão no
 « fodaçal do vicio? I. . . . A attenção e a consciencia
 « do professor estarão sempre despertadas e vigi-
 « lantes a respeito d'isto.

« Nas escolas de aldeia, onde o pequeno numero da população não permitir entreter duas escolas separadas para os meninos dos dous sexos, os meninos e meninas reunidos na mesma sala serão rigorosamente separados por um tabique, ou repartimento de um metro ao menos de altura. As secretas para uns e para outros ficarão em distancia conveniente.

Um intervallo de 15 minutos ao menos separará a saída das meninas das dos meninos, afim de que fór a da aula não haja contacto algum entre os dous sexos.

O professor velará em que nos recreios cada um tenha parte nos jogos e brincos geraes, e em que alguns meninos não se deixem ficar isolados dos outros. Inspeccionará com o maior cuidado possível os que tiverem uma notavel disposição para a melancolia e a taciturnidade.

« Punirá severamente os que ousarem ter conversações indecentes. Sua vigilancia estará constantemente occupada em descobrir os livros maos e as mais imagens ou pinturas, que possam introduzir na escola; destruí-las-ha immediatamente na presença de todos, e infligirá um castigo rigoroso naquelle que os tiver introduzido. Se um mesmo alumno recahir muitas vezes em faltas d'este genero, será mister que o interesse de um só ceda, ao interesse geral; será mister que o menino corruptor seja afastado da escola, ou seja separado á todo o custo d'aquelles que elle estragaria pelo contagio do vicio.» (1)

(1) A. Renda.

II

Piedade filial.

Amar seus paes é procurar ser-lhes agradável, é comprazer-se com elles, executar suas ordens com disvelo, seguir seus conselhos com deferencia, consolal os em suas penas, assistil-os em suas necessidades, rodeal-os de cuidados em suas molestias, e emfim rogar por elles, tanto durante sua vida, como depois de sua morte. Este amor dos paes funda-se na gratidão, que naturalmente inspirão á todo e qualquer ente sensivel os beneficios com que tem sido accumulado. Começa pois com a vida e é tão profundo como legitimo.

Com tudo certas causas pôdem alterar nos meninos o sentimento da piedade ou amor filial. Alguns paes de graçadamente são dominados por paixões vergonhoas que inspirão aversão e desprezo; outros sem duvida meos culpados porém muito imprudentes, manifestão em suas familias molestas ou penosas predileções. Ha alguns de extrema violencia que tratão com brutalidade os meninos, que estão talvez innocentes, ou apenas culpados de uma simples travessura. Aquelles mesmos que a virtude, a razão e a sobriedade dirigem são muitas vezes obrigados (precisamente porque comprehendem seus deveres) a fazer correr as lagrimas de seus filhos, a contrariar seu bom humor, a impor-lhes privações, e a exigir d'elles esforços que muito lhes custão.

É util pois que o Professor lembre a seus alumnos todo o que devem a seus parentes; que lhes recordo esses cuidados tão ternos prodigalizados em sua infancia; essas rudes fadigas animosamente sup-

portadas para sua manutenção e seu bem-estar; e essa vigilante solicitude, cujo objecto não tem um só instante deixado a outra parte.

Procurará habitual-mente a ver uma prova de ternura paternal até nas medidas, a que uma justa severidade tenha as vezes recorrido.

Exortar-se-ha por fazer-lhes comprehender que os auctores de nossos dias tem sobre nós, por este titulo unico seja qual for sua condueira a nosso respeito, uma *authoridade inviolavel e sagrada*; que depois de terem sido os instrumentos pelos quaes a Providencia se servio para nos dar o ser, são junto de nós os representantes directos da mesma Providencia; que haveria consequentemente uma especie de impiedade em recusar-lhes nosso respeito, ou nosso amor; que tambem, em todos os tempos e em todos os lugares se tem considerado como monstros os filhos, que sob pretexto de ter motivo de queixa contra seus progenitores, tem a triste e vergonhosa coragem de ultrajar-os ou perseguil-os com seu odio.

O Professor lhes dirá que as proprias fraquezas a que podem nossos paes e-ter sujeitos, não lhes poderão fazer perder os direitos que elles tem a nosso respeito; que se nos é permittido deplorar suas desordens, comtudo devemos guardar-nos de os censurar de outro modo, que não seja pelo nosso silencio, ou por nossas lagrimas; que a dignidade paternal nos obriga a retirar ou desviar a vista, quando nossos paes tem a desgraça de entregar-se á taes desordens; que é igualmente um dever para nós o de prestar-lhes pressurosamente os cuidados, que seu estado possa então reclamar; e que enfim não devemos cessar de pedir á Deos que os commova por sua graça, e que os torne dignos de toda a nossa ternura.

III

Amor fraterno.

« Entre os meninos que habitão debaixo do mesmo tecto, que comem na mesma mesa, que recebem em commum os cuidados dos mesmos paes, e que usão do mesmo nome, estabelece-se naturalmente uma união, de que resulta mutua benevolencia. Cada menino sabe além disto, que vivendo amigavelmente com seus irmãos, dá prazer a seus paes; e é assim que a piedade filial, consagrando o amor fraterno, presta-lhe seu appoio. (1)

Comtudo não é raro ver affrouxar nas familias o sentimento tão agradável e doce do amor fraterno. Os defeitos de character tanto mais sensiveis, quanto de mais perto são vistos, a preferencia dada a alguns meninos por paes obcecados, a diversidade ou a lotta dos interesses; taes são as causas, que de ordinario dividem os irmãos, quando não chegam até a transformal-os em declarados inimigos.

O professor não desprezará meio algum de proteger contra estes escolhos o sentimento do amor fraterno. « A natureza (poderá elle dizer a seus alumnos) faz que seja um dever nosso o amor a todos os homens; « porem esta obrigação que a religião tambem por sua vez nos impõe, é muito mais estreita quando se trata de nossos irmãos ou de nossas irmãs, que são nossa carne, nosso sangue, e por assim dizer outros nós-mesmos. Si elles nos tem precedido na vida, « como tem tido parte com os nossos paes nos cuidados liberalizados á nossa infancia, amando os, nós « não faremos mais do que pagar-lhes uma *divida sagrada*. Si pelo contrario são elles mais moços

(1) O padre Girard. Curso educatorio da lingua materno.

« do que nós, devemos nós amal-os, precisamente
 « por motivo da fraqueza de sua idade, e da necessi-
 « dade que tem dos nossos serviços. São elles por
 « ventura de character pouco amavel? Consideremos
 « que nós tambem temos nossos defeitos, e que mais
 « do que elles exercitamos a pacienciê dos outros.

« Por acaso recebem elles de nossos paes parti-
 « culares testemunhos de afeição que nos parecem
 « não merecidos? guardemo-nos de ter-lhes in-
 « veja disso; deploremol-os antes, porque os me-
 « ninos, para os quaes seus paes tem tido mais pre-
 « ferencias, raras vezes são os mais bem succedi-
 « dos. Sobretudo não venha jamais o vil interesse
 « perturbar a harmonia de nossas relações! Não
 « será vergonhoso preferir a amizade d's seus al-
 « gumas moedas, como se a concordia não fosse o
 « mais precioso thesouro dos familias? Si um suc-
 « cesso inesperado corôa nossas empresas, esta
 « nossa boa fortuna, a quem causará uma alegria
 « mais sincera, que a d'aquelles, que nos são uni-
 « dos pelos laços do sangue? Algum segredo im-
 « portante pesa sobre nós! Onde o depositaremos
 « com mais segurança do que no coração de um ir-
 « mão querido? Si a afflicção nos visita, quem se
 « apressará mais para enchugar as nossas lagri-
 « mas do que uma irmã ternamente amada? Que
 « mão melhor que a sua alcançará acalmar nossos
 « soffrimentos si a molestia vier nos opprimir? Cer-
 « tamente não ha amizade comparavel como a de
 « uma irmã, ou a de um irmão; e por si mesmo o
 « nosso interesse, em falta de outra lei superior,
 « devia assegurar-lhe toda a nossa affeição.»

E' por meio de considerações d'êta natureza,
 apresentadas com vivacidade e calor de estylo que
 o professor poderá prevenir ou dissipar as nuvens

que as mais das vezes se elevão entre os filhos de
 um mesmo pae; mit vezes felizes serião elles se gra-
 ças a seus esforços todos os membros de cada fami-
 lia não tivessem mais do que um só coração e uma
 só alma pela concordia e harmonia!

IV.

Probidade.

Convem collocar na primeira fileira das virtudes
 sociaes a probidade que é a base e o sustentaculo da
 sociedade humana. Para comprehender a indispen-
 savel necessidade d'esta virtude, basta ter a idéa de
 direito de propriedade. E ta é uma noção que se tarda
 ou demora em estabelecer-se no espirito dos meni-
 nos, porque elles são muito apegados ao que pos-
 suem, e se considerão como mui legitimos proprie-
 tarios do que recebêrão em donativo, ou ganhãrão
 por seu trabalho. Todavia o direito de propriedade
 lhes parece menos claro, quando o proprietario está
 afastado do que é seu, e eis porque entre os meninos
 do povo um grande numero não tem escrupulo em
 apropriar-se do que achão nos caminhos. Não tem
 maior remorso a respeito dos pequenos ganhos ou
 lucros, que possão ter tido por trapaça, nem a res-
 peito das compras e vendas de que tem sabido tirar
 vantagens pela astucia e ardid, ou qualquer artificio.

O Professor nunca poderá vellar com demasiado
 cuidado em prevenir estas primeiras tentativas. Co-
 meçará por ensinar a seus discipulos que a *proprie-
 dade é o fructo do trabalho*, quer da pessoa que
 possui, quer de outras que lhes transmittirão seus
 titulos, ou direitos; e que assim, respeitar uma pos-
 sessão fundada em direitos reaes, é deixar a cada um
 o livre gozo de um bem, que não lhe pertence me-

nos, do que os membros do seu corpo, ou as faculdades de sua intelligência.

Depois lhes dirá que a espiga de trigo, que cresce no campo do lavrador, e que os fructos pendentes do ramo de uma arvore, que não está defendida por uma cerca, estão collocados debaixo da protecção da boa fé publica, e que tanto se é culpado em roubar o que assim se deixou sem guarda, como o que está fechado debaixo de chave, pois que isto é ajuntar com o prejuizo causado o abuso de confiança.

Em seguida abaterá e infamará a seus olhos a industria, que se exerce pela fraude, forçando-os a não ver nella outra cousa mais do que uma barxa e odiosa velhacaria. Far-lhes-ha comprehender que a violação do dever não se excusa jámais pela pouca importancia do objecto; que aquelle que facilmente a si mesmo se permite fazer pequenas injustiças, não tardará em commetter-as grandes; e que os mais insignes ladrões muitas vezes não se tornarão taes, senão porque se habituárão a enganar brincando com pequenos objectos como nozes, alfinetes, &c.

Deverá tambem premuni-los contra todas essas falsas idéas, que fazem suppor menos gravidade nos roubos feitos á sociedade, do que n'aquelles que espolião os individuos; as quaes por exemplo levão os habitantes do campo á pilhagem das mattas do Estado, ou das municipalidades.

Fará que observem e notem que roubar á sociedade é o mesmo que roubar aos individuos, que a commiçõe; que na verdade o prejuizo causado á cada um póde ser bastante leve, mas tambem que o numero das pessoas lesadas é consideravel.

Elle os acutelará igualmente contra as subtilidades, que favorecem o espirito de chicana, e lhes fará sen-

tir, que sem boa fé não ha probidade, nem sociedade possivel: e os habituará á considerarem como cousa sagrada um empenho ou compromisso seriamente tomado, quer tenha sido, ou não, verificada de um modo authentico; emfim dispor-os-ha a conduzirem-se em todas as cousas, segundo os principios de uma escrupulosa delicadeza. (1)

V

Benevolencia e polidez.

Não basta que nossos alumnos tenham apprendido a respeitar a propriedade alheia, é mister ainda que amem seus semelhantes, que temão offendel-os, e estejam dispostos a f'zur-lhes bem. Eis ahí o objecto da *benevolencia*, virtude preciosa, que espalha o maior encanto nas relações dos homens entre si. A reunião dos meninos na escola fornecerá mil occasiões de exercital-os na pratica d'esta util virtude social, porque a escola com a autoridade que ahí preside, e com as leis que faz observar, é para elles uma imagem asoz fiel da sociedade, no seio da qual serão um dia admittidos.

Para ser bem succedido porém, nesta tarefa, o Professor começará por evitar que elle proprio semeie no meio de seus alumnos causas de odio e de desconfiança. Todos serão iguaes diante de seus olhos, sejam quaes forem as differenças de condição, de profissão, ou de fortuna, que existão entre suas familias. Jámais manifestará preferencias odiosas, ou caprichosas, e jámais concederá favores não merecidos. Guardar-se-ha de dar sua attenção a delações, que se lhe quizer fazer. Si um menino atormentado por seus companheiros mais fortes, vier

(1) A maior parte d'estas reflexões forão extrahidas dos Curso normal dos Professores pelo Sr. de Gerando.

reclamar o socorro de sua authoridade, apressar-se-ha em acolher tão justa queixa; mas repellirá com desprezo essas delações que irritão aquelles a quem se referem, e que as mais das vezes não são mais do que um meio de prejudical-os, empregado pela cobardia e pela boixeza.

Segundo estas regras de conducta o Mestre poderá ter bem fundada esperança de fazer ruinar em sua aula a harmonia entre estes seus filhos adoptivos, e de inspirar-lhes o sentimento de generosa benevolencia. Far-lhes-ha primeiro considerar, que ainda provindo de paes diversos, são todos, como os mais homens descendentes de um paó commum, e consequentemente membros de uma só familia; que todos na simillhanza de seus órgãos, trazem impresso o sello de sua fraternidade; que todos padecem ou soffrem as mesmas necessidades, e estão sujeitos aos mesmos accidentes, e que enfim todos pôtem necessidade uns dos outros.

Dir-lhes-ha depois que se causas-em dores á um dos seus condiscipulos, elles se mostrarião peiores do que os animaes irracionaes, porque estes guiados apenas pelos simples instincto, poupão ordinariamente os entes ou os seres da mesma especie; que além d'isto as censuras de sua consciencia virião bem depressa vingar as suas victimas; que pelo contrario os favores, e bons officios, que mutuamente se prestão, encherão seus corações de alegria, e ao mesmo tempo estabelecerão entre elles os laços da mais grata e doce amizade.

Depois o mestre será attento em prevenir as discussões, a que a differença dos caracteres, e a opposição de humores muitas vezes dão nascimento. Não soffrerá jamais que um discipulo falle com dureza aos seus condiscipulos, nem permitta a si mesmo

usar a respeito d'elles zombarias offensivas. Sobre-tudo humilhará com sua indignação a zombaria que tiver por objecto algum defeito corporeo ou a falta de intelligencia.

Ainda não é bastante tudo isto: o Mestre deverá predispar para seus discipulos frequentes occasiões de prestarem-se reciprocamente, obrigando se ou penhorando-se uns aos outros. « A bondade, diz o Sr. de Gerando, intro luzido-se assim no circulo dos meninos, ainda tenras, nellos exercerá bem depressa o seu poderoso encanto, e o seu doce imperio: por quanto os meninos são muito mais accessiveis do que se julga, as emoções generosas. Sem duvida elles não comprehendem as necessidades que não tem soffrido; não se occupão com aquelles a quem não podem prestar socorro; porem mostrai-lhes males que elles comheção; pedi-lhes uma assistencia, que seja possível; e vereis que por maior que seja a sua levandade, seus corações inteiramente se commoverão, e que esta commoção se transmittirá rapidamente entre elles. »

Meninos assim formados para a pratica da benevolencia, não poderão deixar de ser polidos, porque se a polidez não prova rigorosamente a bondade do coração, é pelo menos verdade, que ella a accompanha sempre em uma certa e sufficiente medida ou proporção. O mais seguro meio de ser polido é pois o amar, ou o desejo de fazer o bem, assim como o segredo de parecer virtuoso, é ser-o effectivamente. Todavia, além dos signaes externos pelos quaes a benevolencia naturalmente se faz reconhecer, ha uma delicadeza na linguagem, uma brandura no tom, uma amenidade nas formas, certos respeitos, e certos procedimentos honestos, que de alguma modo, são o com-

plemento da polidez, e cujo habito é para desejar que os meninos adquirão. Haverá tanto maior motivo e lugar para na escola se cuidar d'esta parte de sua educação, quanto é certo, que a maior porção do tempo ella será completamente desprezada, ou mesmo contrariada no seio das familias.

O professor deverá pois dar-lhes algumas regras de polidez, e vellará o mais que lhe for possível, para que com ellas conformem sua conducta. Assim pois procurará obter que cada alumno, não se limitando a amar no fundo do coração os seus companheiros, os trate como outros tantos irmãos seus, lhes falle sempre com *affabilidade*, excuse facilmente suas travessuras, e se julgue e mostre feliz por lhes poder agradar.

Quanto ao que se lhe refere, o mestre terá muito cuidado em que os alumnos ou discipulos o saúdem respeitadamente, ao entrar e sair da escola, tanto de manhã, como de tarde, e em qualquer lugar, em que o encontrem.

Igualmente os obrigará a saudar as pessoas de mais idade, que encontrarem.

Habitual-os-ha á levantarem-se em presença dos Srs. Inspectores que venhão visitar a escola, em responderem simples e modestamente ás perguntas que lhes dirigirem; em ouvir com deferencia os conselhos, que houverem por bem dar-lhes, e mesmo as reprehensões, que poderão applicar-lhas.

Recomendar-lhes ha tambem que cedão o passo em qualquer lugar ou circumstancia aos anciãos, e as senhoras, que não se intromettão inconsideradamente na conversação das pessoas maiores, que não sorrião, nem fallem ao ouvido d'alguem, estando em companhias, ou s. ciedades, que se descubrao sempre fallando com os Srs. Ecclesiasticos, com o Presi-

dente e Vereadores da Camara, ou com qualquer outra pessoa de distincção. & (a)

Os resultados que o Mestre houver obtido no que respeita a polidez, reverterão em vantagem sua.—
« Concebe-se sempre uma opinião favoravel do Professor (diz o Sr. Barrau) quando ao entrar em
« uma villa ou freguezia se vê os meninos juntos á
« brincarem sem gritos e sem disputas; quando saú-
« dão o extranho que d'elles se approxim, quando
« respondem com honestidade á suas perguntas, e
« se apressão em servir-lhes de guias. Porém quan-
« do o extranho, chegando, só encontra meninos
« grosseiros, brutaes e intractaveis, que fogem a
« sua vinda, ou que o rodeião com uma curiosida-
« de insolente, poder-se-ha acreditar que sua edu-
« cação foi cuidadosa? . . »

VI

Respeito aos superiores e aos mais velhos.

O respeito aos superiores e aos mais velhos é tambem um d'estes sentimentos, que muito importa inculcar profundamente aos meninos; por que deve-se confessar que elle tem consideravelmente se enfraquecido em nosso seculo de liberdade e de igualdade. Por uma extranha aberração do espirito, se tem figurado que a independencia consiste em isem-plar-se de toda a authoridade, que a liberdade é

(a) Sobre a civilidade são recommendaveis para os principiantes os elementos appensos a versão em portuguez do catholicismo de Montpellier, os que se encontrão no Manual encyclopedico de Monte-verde, e nos Thesouros de Meninos e de Meninas; e para os mais provecos a obra de Frei S. Luiz, a Arte de agradar na conversação, etc. (Do Tr.)

incompatível com o respeito, e que a obediência é uma humilhação.

O professor procurará prevenir os meninos contra estes erros funestos, que propagando-se, terião por effeito perturbar a ordem social, e abalar a prosperidade publica. Far-lhes-ha comprehender, que o respeito que d'elles se exige, é a cousa mais natural, a mais razoavel, e a mais legitima possível, que, com effeito, elle consiste em render um justo tributo de homenagem a tudo o que d'elle é digno; isto é em honrar nos membros do *Clero* os enviados de Deos, os guardas infatigaveis de nossa innocencia, os ministros de nossa salvação eterna; nos *mestres*, que nos instruem, homens de dedicação e de coragem, que sendo mais esclarecidos do que nossos paes. em lugar dos quaes se achão, consomem-se em communicar-nos suas luzes, e em assegurar-nos, pelas lições de virtude que nos dão, uma vida de paz e de felicidade, nos *chefes de officinas e donos de fabricas*, os instrumentos de que se serve a providencia para occupar nossos braços; e prover as nossas necessidades, nos *velhos* nos restos de um tempo que já não existe, corajosos athletas fatigados por uma longa luta mui difficil, e em fim *sabios* que tem adquirido, no meio das provas da vida, essa preciosa experiencia, que nos falta.

O menino á quem taes considerações forem apresentadas, reconhecerá facilmente, que o respeito a toda e qualquer superioridade moral, em vez de o invilecer, só pode eleva-lo,, attestando que sabe comprehender e cumprir os seus deveres; e elle se julgará muito feliz por manifestar esse sentimento interno de veneração pelos testemunhos exteriores de dedicação e da deferencia.

VIII

Respeito a lei e aos magistrados.

O respeito á lei e aos magistrados, órgãos da lei, tambem tem perdido muito de sua antiga força, e algumas vezes mesmo até tem cedido o lugar ao desprezo e ao odio. Esta impertinente disposição, triste resultado do relaxamento dos costumes, e de *erros politicos*, que alligem o nosso seculo, pôde tornar-se origem de *serios perigos*; importa pois no mais alto gráo possível do interesse geral e publico fazer parar os progressos d'esta *incubordinação anti social*, e gravar nos corações de nos-os discipulos o sentimento d'este dever eminentemente social. Talvez já esses meninos tenham visto violar audaciosamente a lei, tenham ouvido fallar mal dos legisladores, que a fizerão, ou dos magistrados encarregados de vellarem na sua execução. Apressemos-nos pois, em dissipar suas prevenções e em ensinar-lhes o que é a lei, e quaes são as vantagens, que ella nos obtem.

— « A lei, lhes diremos, é a voz imponente da sociedade, regulando, por meio de seus delegados, as relações de todas as especies, que entre os cidadãos se estabelecem; prescrevendo a estes o que devem fazer ou evitar, para o maior bem de todos, e de cada um. Revoltar-se contra a lei, é pois, attacar a propria sociedade; é querer arruina-la, e destrui-la; pois que sem uma lei, seja ella qual for, não é possível haver sociedade; consequentemente, é fazer um acto, que tende a anniquilar todos os fructos da civilização.

« Sem duvida (poderemos acrescentar) a lei nos impõe diversos cargos ou onus; mas entre os sacrificios, que exige, e as compensações, que offe-

« rece, não ha a menor proporção, porque estas ex-
 « cedem demasiadamente aquelles. Com effeito o
 « pacifico gozo de nossos bens, a seguridade no seio
 « de nossas familias, a liberdade de consciencia, a li-
 « berdade individual, a emancipação da intelligencia
 « pelo precioso beneficio da instrucção, os facéis me-
 « ios de communicacão offercidos ao commercio, a
 « protecção concedida a agricultura e a industria, as
 « animações conferidas ás letras, ás sciencias, e ás
 « artes; os asilos abertos aos infelizes, que de-falle-
 « cem, ao velho indigente, ao orphão desvalido, de-
 « samparado ou abandonado, eis quaes são (além de
 « uma immensidade de outras) as vantagens que a lei
 « nos dispõe e prepara, e que devem assegurar-lhe de
 « nossa parte a mais completa submissão.

« Demais (diremos ainda aos nossos discipulos)
 « é sobretudo nos paizes livres, como o nosso, on-
 « de o respeito é devido a lei; porque é sobretudo
 « nestes paizes, onde ella brilha por sua imparcial
 « equidade. Não reconhecendo classes, nem privi-
 « legios, ella obriga á todos os cidadãos, sem ex-
 « cepção alguma; ella os protege a todos do mesmo
 « modo; ella a todos offerece a faculdade de fazer
 « com que os governos ouçam suas reclamações, e
 « enfim ella a todos admittê para todos os empé-
 « gos, sem mais condição do que a aptidão, e applicação
 « salutar, que salva o interesse geral, e que pede re-
 « verter mesmo em proveito d'aquelle que a devo
 « preencher. »

Expondo assim aos nossos discipulos a equidade
 da lei, e as numerosas vantagens, que nos alcança,
 lhes faremos comprehender a leucura d'esses ho-
 mens, que ousão insurgir-se contra ella, e sem du-
 vida obteremos garantil-os contra um erro tão cul-
 pavel.

Artigo 2.º

Virtudes religiosas propriamente taes.

As virtudes religiosas, cuja cultura é da mais alta
 importancia para os meninos em especial, são: 1.º a
piiedade, ou o amor de Deus, e o respeito á sua lei; 2.º a
caridade, ou o amor do proximo por amor
 de Deus; 3.º a *humildade*, ou o sentimento pro-
 fundo que o verdadeiro christão tem á respeito de
 sua propria fraqueza.

Para o desenvolvimento desta materia remette-
 mos os aspirantes ao magisterio á quem este nosso
 trabalho, é especialmente destinado, para o Sr. Au-
 monier. (a)

Quanto aos Professores actualmente em exercicio,
 que nos fizerem a honra de lançar nesta obra as suas
 vistas, e que deplorarem achar aqui uma lacuna,
 depois de applaudir o seu zelo, aconselhar lhes he-
 mos, que se exaltação á respeito com as luzes dos
 reverendissimos senhores Vigarios de suas paro-
 chias, que lhes indicarão obras especiaes mui satis-
 fatorias sobre este assumpto importantissimo.

Capitulo 4.º

Meios geraes de fortificar nos meni- nos o instinto moral e o sentimento religioso.

Oito meios ha que nos parecem principalmente
 proprios para desenvolver nos meninos o *instincto*

(a) Os cathecismos de Montpellier, e das dioceses do
 Rio de Janeiro, e do Rio Grande do Sul, historia sagra-
 da explicada doutrinarmente pelo Padre Roquete, a ou-
 tra mais resumida em 104 capitulos traduzida do allemão
 pelo reverendo Sorocabano José Manoel da Conceição, sa-
 tisfazem neste e noutros objectos importantissimos.

moral e o sentimento religioso. São os seguintes: 1.º exemplo do Mestre; 2.º historias edificantes (a); 3.º contos moraes (b) e canticos; 4.º exercicios religiosos; 5.º consideração das maravilhas da natureza; 6.º lembrança viva e continua da presença de Deos; 7.º (temor de contrariar a ordem de Deos, ou de desagradal-o) e temor dos castigos, que ameação a transgressão da lei Divina; 8.º finalmente, esperança firme das recompensas prometidas, ou asseguradas á virtude. Aqui tambem devemos nos limitar a estas simples indicações, por que o assumpto de que se trata, tem igualmente lugar nas conferencias do senhor Aumonier. Por outra parte nós sentimos e reconhecemos, que para tratar convenientemente estas graves e delicadas questões, é mister toda essa authoridade de linguagem, que dão ao ministro do Evangelho o caracter sagrado com que está revestido, e o habito das profundas meditações religiosas.

(a) Taes são as referidas pelos ditos Padre Roquete e Conceição.

(b) Os de Kotzebue, os do Conego Schmid, F. Hoffmann, Dr. Ph. Anstelt, etc.

Columnas que devem ser augmentadas nos livros do chamadas, e de notas das Escolas de 2º. grão.

	1.ª semana	Historia.
	2.ª " "	
	3.ª " "	
	4.ª " "	
	Total.	
	1.ª semana	Geographia.
	2.ª " "	
	3.ª " "	
	4.ª " "	
	Total.	
	1.ª semana	Desenho (ou costura e bor- dados)
	2.ª " "	
	3.ª " "	
	4.ª " "	
	Total.	
	1.ª semana	Canto.
	2.ª " "	
	3.ª " "	
	4.ª " "	
	Total.	

Fim.

Indice das Materias contidas no Curso Pratico de Pedagogia.

Dedicatoria desta traducção	V
Acto da presidencia da provincia de 16 de Dezembro de 1869	VII
Prefacio da 2. ^a edição	IX
Prologo	XIII
Preliminares	17
Cap. I Dignidade das funcções do professor primario	17
Cap. II Qualidades necessarias ao professor primario	21
Art. 1.º Qualidades do professor que se referem directamente ás suas funcções	22
1.º Bondade	22
2.º Firmeza	24
3.º Paciencia	25
4.º Regularidade	27
5.º Zelo	30
6.º Pureza de costumes	33
7.º Piedade Christã	35
Art. 2.º Qualidades do professor que só indirectamente se referem ás suas funcções	39
1.º Polidez	39
2.º Modestia	42
3.º Prudencia	45
4.º Desinteresse	49
5.º Amor do retiro ou da solidão	52
Definição, objecto e divisão da Pedagogia	55
Primeira parte. — Educação Physica	57
Cap. I Meios indirectos, ou precauções hygienicas	57
1.º Asseio dos meninos	58
2.º Limpeza do local	59
3.º Renovação do ar	60
4.º Variedade nos exercicios	60
5.º Boa posição, ou postura do corpo	61
6.º Afastamento dos meninos atacados de certas enfermidades	62
Cap. II Meios directos ou exercicios	62
1.º Marchar ou andar	63
2.º Correr	63
3.º Saltar	64
4.º Trepár	95
5.º Resalar no gelo	65

6. ° Cultura do jardim	66
SEGUNDA PARTE. — Educação intellectual—	68
Instrução propriamente assim chamada	69
Cap. I. Escolha do local	70
Art. 1. ° Exterior	70
1. ° Pátio	71
2. ° Secreta	71
3. ° Bomba	72
4. ° Saguão	72
Art. 2. ° Interior	72
1. ° Arca da aula	72
2. ° Paredes	73
3. ° Vidraças	74
4. ° Forro do tecto	75
Cap. II. Mobília	75
1. ° Estrado	76
2. ° Bancos, mesas ou classes	76
3. ° Senha	85
4. ° Campainha	85
5. ° Porta-pennas, ou guarda-plumas	85
6. ° Quadros negros	88
7. ° Quadros de leitura, de grammatica e de cálculo	89
8. ° Variinha dos repetidores	90
9. ° Cabido de chapéus	90
10. Taboinha de sahida	90
11. Retabolo ou prateleira	91
12. Relogio de parede ou d'algibeira	91
13. Cruzifixo	92
14. Lareira ou fogão para aquecer	92
15. Thermometro	92
16. Espherario de contar	226
Cap. III. Meios disciplinares	93
Art. 1. ° Boa distribuição do tempo e do trabalho	93
Art. 2. ° Mandados, preceitos ou ordens	126
1. ° Sinaes do corpo	127
2. ° Campainha	127
6. ° Senha	128
Quadro dos mandados, preceitos ou ordens	129
Art. 3. ° Registros	136
1. ° Registro de inscripção ou matricula	137
2. ° Registro de chamadas e de notas	138
3. ° Registro de composições	141

Art. 4. ° Inspectores, repetidores ou monitores	143
Art. 5. ° Recompensas	143
1. ° Elogio do mestre	147
2. ° Pontos bons, premios transitorios ou perdões	147
3. ° Logares pela composição	150
4. ° Cruzes de distincção	151
5. ° Cartões ou bilhetes de satisfação	152
6. ° Quadro de honra	153
7. ° Premios no fim do anno lectivo	153
Art. ° 4. ° Castigos	156
§ 1. ° Caracteres geraes dos castigos	157
1. ° Devem ser raros	157
2. ° Devem ser uteis	157
3. ° Devem ser razoaveis	158
4. ° Devem ser applicados com moderação	161
5. ° Devem ser certos	162
§ 2. ° Castigos que utilmente podem ser infligidos, ou applicados na aula	162
1. ° Reprehensão	164
2. ° Perda dos pontos bons	164
3. ° Perda da cruz de distincção	165
4. ° Eliminação do quadro de honra	166
5. ° Demora-com tarefa ou pensum	166
6. ° Logar do castigo	167
7. ° Despedida provisoria	167
8. ° Despedida definitiva	169
Cap. IV. Classificação dos alumnos	170
Art. 1. ° Principios conforme os quaes convem classificar os alumnos	170
Art. 2. ° Meios de fazer bem a classificação dos alumnos	171
1. ° Exames individuaes	171
2. ° Exames geraes	172
—Observação	173
Cap. V. Methodos de ensino	174
Secção I. Methodos geraes	174
Art. 1. ° Methodo individual	175
Inconvenientes do methodo individual	176
1. ° Falta de emulação	176
2. ° Brevidade das lições	178
3. ° Perda do tempo	177
4. ° Disciplina impossivel	177

3.º Fadiga do Mestre	178
— Conclusão	179
Art. 2.º Methodo simultaneo	180
Vantagens do methodo simultaneo	180
1.º Relações directas dos mestres com os discipulos	180
2.º Emulação bem sustentada	181
3.º Facilidade da disciplina	182
4.º Conservação da saude do mestre	183
— Conclusão	184
Art. 3.º Methodo mutuo	184
§ 1.º Vantagens do methodo mutuo	186
1.º Facilidade da classificação dos alumnos	186
2.º Continuidade do trabalho	187
3.º Exacta disciplina	187
§ 2.º Inconvenientes do methodo mutuo	188
1.º Insufficiencia da maior parte das mestres	189
2.º Insufficiencia dos monitores	190
3.º Impossibilidade de desenvolver a intelligencia dos alumnos	191
4.º Impossibilidade de lhes dar a educação moral	192
— Conclusão	193
Art. 4.º Methodo mixto	193
Exposição deste methodo	193
Limites dentro dos quizes convem empregar-o	194
Secção II. Methodos particulares	195
Art. 1.º Instrução moral e religiosa	197
Principios que se devem seguir no ensino da Religião	198
1.º Dar a este ensino o character particular que lhe convem	198
2.º Gravar as verdades religiosas nas correções dos meninos	198
3.º Fazer-lhes conceber o sentido e a belleza d'elles	200
Art. 2.º Leitura	200
§ 1.º Exposição dos principaes methodos de leitura	200
1.º Antiga solletração	201
2.º Nova solletração (com dous elementos só por syllaba)	202
3.º Leitura sem solletração	203

§ 2.º Comparação dos tres methodos de leitura	206
§ 3.º Principios que se deve seguir no ensino da leitura	208
1.º Tornar cada alumno attento durante a lição dada em sua divisao	209
2.º Fazer com que os meninos comprehendão o que leem	210
3.º Fazer adquirir boa pronunciação	211
— Observações	212
Art. 3.º Escripta	213
§ 1.º Methodo de escripta	213
§ 2.º Principaes meios de ensino	215
1.º Demoustração dos principios	216
— Observação	217
2.º Corrección da escripta	218
§ 3.º Objectos materiaes	218
1.º Cadernos	219
2.º Pennas	220
3.º Pautas, regras, lapis	221
4.º Modelos ou traslados	221
5.º Ardosias	222
Art. 4.º Calculo	224
§ 1.º Calculo verbal	225
N. 1 Methodo de calculo verbal	225
N. 2 Processos de ensino	226
1.º Para o calculo verbal proprio	226
2.º Para o systema metrico	228
§ 2.º Calculo escripto	230
Principios, que se deve seguir no ensino das diversas partes do calculo escripto	230
1.º Numeração	231
2.º Operações fundamertaes	233
— Observação	233
3.º Fracções ordinarias	234
4.º Problemas	235
5.º Systema metrico	236
Art. 5.º Portuguez	237
§ 1.º Meios de ensinar a orthographia pratica	237
1.º Solletração	238
2.º Dictada	240
§ 2.º Meios de ensinar a Orthographia Grammatical	240
1.º Estudo da Grammatica	240

2.º Applicaçào das regras	242
3.º Analyse	344
TERCEIRA PARTE—Educaçào moral e religiosa	247
Cap. I Estudo das principaes differenças que apresenta o caracter dos meninos	248
Cap. II Defeitos particulares que se deve combater nos meninos	251
1.º Sensualidade	254
2.º Preguiça	253
3.º Mentira	254
4.º Inveja	255
5.º Desejo de dominar	257
Cap. III Virtudes essenciaes que se deve conservar ou estabelecer no coração dos meninos	260
Art. 1.º Virtude moraes proprias	261
1.ª Pureza dos costumes	261
2.ª Piedade filial	263
3.ª Amor fraterno	265
4.ª Probidade	267
5.ª Benevolencia e polidez	269
6.ª Respeito aos superiores e aos velhos	273
7.ª Respeito á lei e os magistrados	275
Art. 2.º Virtudes religiosas proprias	277
1.ª Piedade	277
2.ª Caridade	277
3.ª Humildade	277
Cap. IV Meios geraes de fortificar nos meninos o instincto moral e o sentimento religioso	277
1.º Exemplo do mestre	278
2.º Historias edificantes	278
3.º Contos moraes e canticos	278
4.º Exercicios religiosos	278
5.º Considerações sobre as maravilhas da natureza	278
6.º Lembrança viva da presença de Deus	278
7.º Temor de contradir e desagradar a Deus, e temor dos castigos, que amaação aos transgressores da lei divina	278
8.º Recompensas premettidas e asseguradas á virtude	278